

De uma série de adjetivos para definir este livro do importante pensador contemporâneo Hans Magnus Enzensberger talvez pudéssemos nos contentar com apenas um: inusitado. Sem ser ficção, apoiando-se em depoimentos, reportagens, documentos, *O Curto Verão da Anarquia* não é, entretanto, um documentário, mas sim um romance. Duas explicações para o aparente paradoxo são possíveis: uma delas evidente, a magistral montagem de fragmentos realizada pelo autor; a outra, fornecida à maneira de pista, é a própria vida do herói anarquista Buenaventura Durruti: tão aventureira que ninguém ainda ousara escrever sua biografia, com receio de que fosse confundida com ficção.

Tradução de Márcio Suzuki

Senado Federal



SEN00115412

LETRAS

H. M. ENZENSBERGER

O CURTO VERÃO DA ANARQUIA

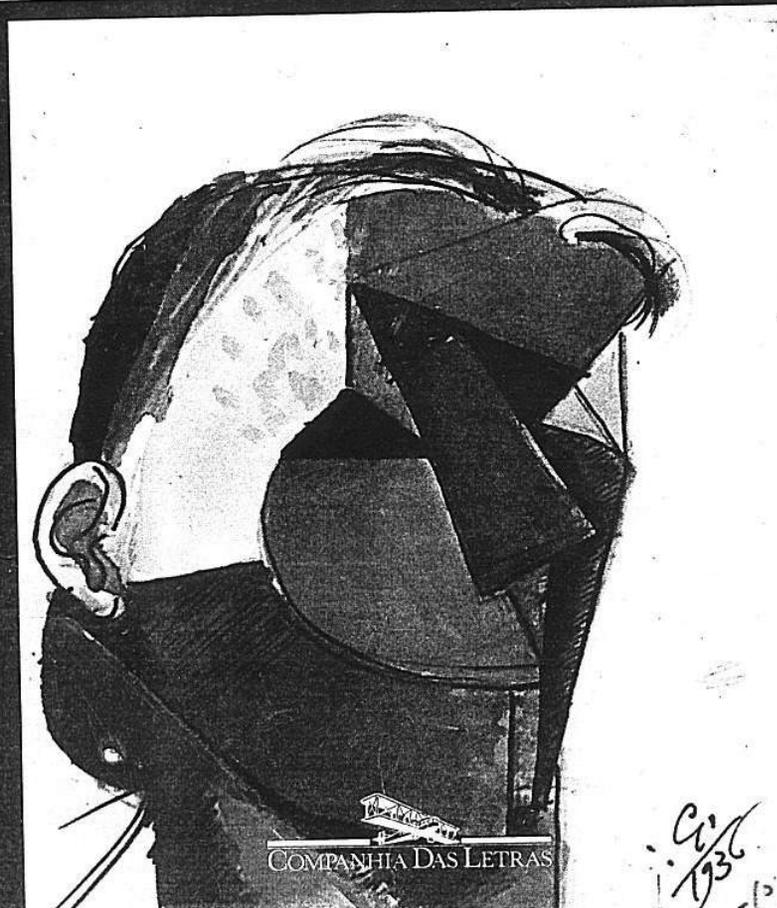
ISBN 85-85005-25-3

833

E61PS

CVD

Hans Magnus Enzensberger
★
O CURTO VERÃO
DA ANARQUIA
★
ROMANCE



COMPANHIA DAS LETRAS

C. C. / 1936

Para mi corazón, te extraño
besos.
Camille

HANS MAGNUS ENZENSBERGER

**O CURTO VERÃO
DA ANARQUIA**
BUENAVENTURA DURRUTI
E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Tradução:
MÁRCIO SUZUKI

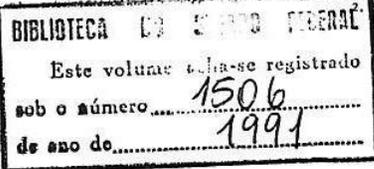

COMPANHIA DAS LETRAS

833
E61PS
EVD

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E52c	Enzensberger, Hans Magnus, 1929- O curto verão da anarquia : Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola / Hans Magnus Enzensberger ; tradução Márcia Suzuki. -- São Paulo : Companhia das Letras, 1987.
	Apêndice: Caderno de fotos. Bibliografia. ISBN 85-85095-25-3
	1. Durruti, Buenaventura, 1896-1936 - Ficção 2. Romance alemão I. Título. II. Título: Buenaventu- ra Durruti e a Guerra Civil Espanhola.
87-0886	CDD-833.91

Índices para catálogo sistemático:
Romances : Século 20 : Literatura alemã 833.91
Século 20 : Romances : Literatura alemã 833.91



Copyright © Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1972

Título original:

Der kurze Sommer der Anarchie
Buenaventura Durrutis Leben und Tod
Roman

Capa:

Ettore Bottini
Sobre a ilustração de Julio González,
Cara acolorida

Revisão:

Baby Siqueira Abrão
Jô de Mello
Lúcio Mesquita Filho

1987

Editora Schwarcz Ltda.
Rua Barra Funda, 296
01152 — São Paulo — SP
Fones: (011) 825-5286 e 67-9161

ÍNDICE

Prólogo: Os funerais	9
Primeiro comentário: A História como ficção coletiva	14
Balas perdidas. Duas vistas da cidade	19
Segundo comentário: Origens do anarquismo espanhol ..	30
Os Solidários	42
Terceiro comentário: O dilema espanhol (1917-1931)	56
O exílio: A fuga	62
Quarto comentário: O dilema espanhol (1931-1936)	85
A República. O retorno	89
A vitória	115
Os dois poderes	139
A campanha militar	151
A retaguarda	188
Os camponeses	210
Quinto comentário: Do inimigo	225
As milícias	231
Sexto comentário: Do declínio dos anarquistas	250
A defesa de Madri	256
Sétimo comentário: O herói	277
A morte	282
Oitavo comentário: O envelhecimento da Revolução	303
A posteridade	307
Fontes	317

PRÓLOGO
OS FUNERAIS

O cadáver chegou a Barcelona tarde da noite. Havia chovido o dia todo, e os automóveis que acompanhavam o féretro estavam cobertos de lama. A bandeira rubro-negra sobre o carro fúnebre era suja. Na Casa dos Anarquistas, que até a Revolução servira como sede da Câmara de Indústria e Comércio de Barcelona, os preparativos tinham começado um dia antes. O saguão de entrada fora arrumado para receber o catafalco. Extraordinariamente, tudo estava pronto. Os ornamentos eram simples, sem artifício ou pompa. As paredes tinham sido cobertas com panos rubro-negros. Havia ainda um dossel com as mesmas cores, alguns candelabros, flores, coroas e só. Nas duas portas laterais, pelas quais deveriam passar os visitantes, foram postas, segundo o costume espanhol, grandes placas com os dizeres: "Durruti convida-os a entrar" e "Durruti convida-os a sair".

Soldados da milícia guardavam o catafalco com os fuzis em posição de descanso. E então chegaram os homens que acompanhavam o esquife desde Madri, trazendo-o para dentro da casa. A ninguém ocorrera abrir os grandes batentes da porta principal, e por isso os carregadores foram obrigados a se espremer por uma pequena porta de fundos. Eles tinham dificuldade em caminhar em meio à multidão que se aglomerava diante da casa. Curiosos observavam por entre as colunas do saguão que tinham ficado sem enfeite. Como num teatro, o

ambiente era de expectativa. As pessoas fumavam. Algumas tiravam os bonés, enquanto outras não se preocupavam em fazê-lo. Havia muito barulho. Soldados da milícia recém-chegados da linha de frente eram saudados pelos companheiros. Guardas tentavam fazer toda aquela gente recuar, o que contribuía para aumentar o barulho. O chefe do cerimonial dava ordens. Um dos presentes tropeçou e caiu sobre uma coroa de flores. A tampa do caixão foi retirada enquanto um carrêgador acendia cuidadosamente o cachimbo. Sob uma moldura de vidro via-se a cabeça de Durruti repousada em seda branca, envolta por um xale também branco que dava a ele a aparência de um árabe.

A cena era ao mesmo tempo trágica e grotesca. Parecia uma gravura de Goya. Descrevo-a assim, tal como a vivenciei, porque ela mostra algo que comove os espanhóis. A morte, na Espanha, é como um amigo, um companheiro ou um trabalhador que se conhece no campo ou na fábrica. Quando chega, ninguém faz grande caso dela. As pessoas amam seus amigos, mas procuram não importuná-los. Todos têm liberdade de ir e vir quando bem entendem. Talvez seja o antigo fatalismo dos mouros, renascido depois de séculos de domínio dos rituais da Igreja Católica.

Durruti era um amigo. E tinha muitos companheiros. Tornara-se ídolo de todo um povo. Era amado com sinceridade, pois todos os que iam vê-lo lastimavam a perda e demonstravam afeto. No entanto, excluindo sua mulher, uma francesa, só vi uma pessoa chorando: uma velha faxineira que trabalhava naquela casa desde quando os industriais a freqüentavam e que provavelmente nunca deparara com Durruti. Os outros receberam aquela morte como uma perda terrível, irreparável, mas exprimiam seus sentimentos sem nenhuma solenidade. Manter silêncio, tirar respeitosamente o boné, apagar cigarros — tudo isso lhes teria parecido tão exagerado quanto fazer o sinal-da-cruz ou aspergir água benta.

Durante a noite, milhares de pessoas passaram diante do esquife de Durruti, depois de terem aguardado em longas filas e até debaixo de chuva. O amigo e líder estava morto. Não ousei dizer quanto de dor e quanto de curiosidade havia em seus sen-

timentos. No entanto, estou certo de que uma emoção lhes era totalmente estranha: o respeito pela morte.

O enterro foi realizado na manhã seguinte, e fez nascer a certeza de que a bala que matara Durruti tinha acertado também o coração de Barcelona. Calculava-se que um quarto da população da cidade acompanhava o féretro. Isso sem contar a massa que se apinhava nas ruas, ocupava janelas, terraços e mesmo as árvores das Ramblas. Todos os partidos e organizações sindicais tinham convocado seus filiados, a despeito das divergências que os norteavam. Por sobre a multidão, as cores de todos os grupos antifascistas da Espanha agitavam-se ao lado das bandeiras dos anarquistas. Era um espetáculo grandioso, sublime e bizarro, pois ninguém dirigira ou organizara aquela multidão. Nada dava certo. Reinava o caos.

O féretro estava previsto para as dez da manhã. Uma hora antes já era impossível chegar à casa do Comitê Regional dos Anarquistas. Ninguém se lembrara de interromper o trânsito nas ruas por onde deveria passar o cortejo. Trabalhadores de todos os setores de Barcelona convergiam para o local, misturando-se aos outros e transformando tudo numa massa humana. Um esquadrão de cavalaria e uma escolta de motocicletas, que deveriam encabeçar a comitiva, ficaram literalmente bloqueados pela multidão. Em toda parte podiam ser vistos automóveis com coroas de flores parados no congestionamento. Com muito esforço foi possível abrir espaço para que os ministros pudessem chegar até onde o corpo estava sendo velado.

Às dez e meia o esquife de Durruti, coberto com uma bandeira rubro-negra, pôde deixar a Casa dos Anarquistas nos ombros dos milicianos da coluna que comandara. O povo levantava o braço em sinal de despedida e cantava o hino anarquista *Hijos del Pueblo*. Foi um momento de muita emoção. No entanto, por um motivo qualquer ou talvez até por descuido, tinham sido convocadas duas orquestras. Uma tocava alto, a outra baixo demais. Além disso, não conseguiam manter o mesmo ritmo. Motocicletas roncavam, automóveis começavam a buzinar, oficiais da milícia apitavam, mas os carregadores não davam um só passo à frente. Era impossível pôr ordem

àquele tumulto. As duas orquestras tocaram a mesma música várias vezes até desistirem de entrar em acordo. Ouviam-se sons dispersos; já não era mais possível identificar melodia alguma. Por todo lado as pessoas mantinham os punhos erguidos. Finalmente a música cessou e baixaram-se os braços. Só se ouvia o rumor da multidão, no meio da qual Durruti descansava sobre os ombros de seus companheiros.

Somente meia hora depois a rua ficou livre o suficiente para que o cortejo se pusesse em movimento. Mas foram necessárias mais algumas horas para alcançar-se a Plaza de Cataluña, a poucos quarteirões dali. Os cavalarianos procuravam cada um por si o seu caminho. Perdidos na multidão, os músicos tentavam reagrupar-se. Os automóveis que tinham errado seus trajetos tentavam sair do engarrafamento dando marcha à ré. Nas ruas laterais, carros com coroas de flores buscavam desvios por onde pudessem passar para acompanhar o cortejo. Todos gritavam.

Não era o sepultamento de um rei: era um enterro que o povo executava com as próprias mãos. Ninguém dava ordens; tudo era espontâneo. O imprevisto tomara conta. Mas, tratando-se de um funeral anarquista, era exatamente aí que residia sua grandiosidade. O enterro tinha, claro, aspectos estranhos, mas não perdeu sua grandeza peculiar, lúgubre.

Os discursos fúnebres foram feitos ao pé das colunas de Cristóvão Colombo, não longe do lugar onde o melhor amigo de Durruti havia lutado e falecido a seu lado.

García Oliver, o único sobrevivente dos três companheiros, falou como amigo, como anarquista e como ministro da Justiça da República espanhola.

Depois o cônsul russo tomou a palavra. Terminou seu discurso em catalão com o brado "Morte ao fascismo!" Companys, o presidente da Generalitat, falou por último. "Companheiros", começou, terminando com um "Avante!".

Estava previsto que o cortejo seria desfeito depois dos discursos. Apenas alguns amigos de Durruti acompanhariam o carro fúnebre até o cemitério. Mas logo se constatou ser impossível manter o programa. A multidão não deixava o local. Já

havia, inclusive, ocupado o cemitério e bloqueado o caminho que levava ao túmulo. Era praticamente impossível encontrar uma passagem por ali, pois todas as alamedas estavam intransitáveis, repletas de coroas de flores.

Anoitecia. Começava a chover de novo. Logo depois caiu um temporal e o cemitério foi transformado num pântano onde as flores afundavam. No último instante decidiu-se pelo adiamento do enterro. Os carregadores fizeram meia-volta diante do túmulo e levaram o esquife de novo à câmara-ar-dente.

Durruti só foi enterrado no dia seguinte.

H. E. Kaminski



PRIMEIRO COMENTÁRIO

A HISTÓRIA COMO FICÇÃO COLETIVA

"Nenhum autor teria ousado escrever a história de sua vida: lembraria demais um romance de aventuras." Esta conclusão foi tirada por Ilya Erenburg em 1931, ano em que conheceu Buenaventura Durruti; logo depois pôs-se a escrever sobre ele. Em algumas poucas frases resumiu o que pensava sobre Durruti: "Desde muito jovem este operário metalúrgico lutou pela Revolução. Foi às barricadas, assaltou bancos, atirou bombas e seqüestrou juizes. Foi três vezes condenado à morte: na Espanha, no Chile e na Argentina. Passou por um número incontável de presídios e foi expulso de oito países". Ora, mas esta negação do "romance de aventuras" revela um receio antigo do narrador, o de ser talvez considerado um mentiroso justamente onde ele nada cria, mas fala da "realidade". Pelo menos dessa vez gostaria de que lhes dessem crédito. Além disso, sobrevém a suspeita que ele próprio lança sobre si por meio de sua obra: "Ninguém acredita em pessoas que mentiram uma vez, mesmo que estejam dizendo a verdade". Para narrar a história de Durruti, Erenburg tem que se negar enquanto narrador. Essa negação da ficção oculta, ainda e por fim, o desgosto do autor de saber que não conseguiria narrar mais nada sobre Durruti, de que, do romance proibido, nada mais restava senão um vago eco de conversas num café espanhol.

E no entanto Erenburg não consegue calar-se, não consegue esquecer na mesa do café os fatos que lhe foram contados.

Todas as coisas que ouviu o dominam e o transformam num recontador de histórias. Mas... quem as teria contado primeiro? Erenburg não fornece suas fontes. As poucas linhas que deixou abrigam uma confusão de vozes, um produto social. Desconhecidos e anônimos são os que falam aqui: um discurso coletivo. No entanto, o conjunto destas expressões anônimas, contraditórias, unifica-se e ganha uma nova qualidade: faz nascer a história. Foi assim que, desde os tempos mais antigos, transmitiu-se a História: como saga, como epopéia, como romance coletivo.

A História como ciência só existe a partir do momento em que não somos mais dependentes da tradição oral, a partir do momento em que existem "documentos": papéis diplomáticos, textos de contratos, protocolos, publicações de atas. Mas ninguém tem em mente a História dos historiadores. A antipatia em relação a ela é elementar e parece insuperável. Todos conhecem esta antipatia, desde os tempos de escola. Para os povos, a História é, e permanece sendo, um feixe de histórias. Ela é aquilo que se observa, que se recorda e que pode ser narrado vezes sem fim: um recontar da história. É por isso que a tradição oral não é superada por nenhuma lenda, nenhuma trivialidade e nenhum erro, contanto que seja uma representação concreta das lutas do passado. E daí também decorre a notória impotência da ciência diante da página ilustrada e dos livros "menores". "Aqui estou, não posso agir de outro jeito." "E, no entanto, move-se." Nenhuma investigação científica poderia apagar estas palavras. A prova de que nunca foram ditas não diz nada contra a superioridade delas. A Comuna de Paris e o ataque ao Palácio de Inverno, Danton na guilhotina e Trótski no México: a imaginação coletiva participa mais de todas estas imagens do que qualquer ciência. A Grande Marcha é para*

(*) *Ich kann nicht anders.* Dito atribuído a Lutero quando negou re-tratar-se na Dieta de Worms, em 18 de abril de 1521. O segundo dito é o conhecido *Eppur si muove!*, palavras que Galileu teria pronunciado depois de renunciar à própria teoria. Cf. RÔNAI, Paulo. *Dicionário universal de ciências.* (N. T.)

nós, no final das contas, aquilo que se conta da Grande Marcha. A História é uma invenção para a qual a realidade fornece os elementos. Não é, porém, uma invenção arbitrária. A curiosidade que desperta se baseia no interesse dos que a narram; permite àqueles que a escutam reconhecer e determinar melhor seus próprios referenciais como também os de seus inimigos. Sem dúvida, devemos muito à investigação científica desinteressada; no entanto ela é como um pobre-diabo,* uma figura artificial. Só o verdadeiro sujeito da História deixa sua sombra. E esta sombra é projetada como ficção coletiva.

O romance de Durruti deve ser entendido neste sentido: não como uma biografia que acumula fatos e muito menos como um discurso científico. Seu campo narrativo vai além do perfil de um personagem. Inclui um âmbito, uma troca de situações concretas, sem as quais o protagonista seria impensável. E este protagonista é definido por sua luta. É isso que produz a aura social presente em todos os seus gestos, declarações e atos. Tudo o que se conta de Durruti está sob o efeito dessa luz. Então já não é mais possível decidir o que deve ser atribuído ao próprio Durruti ou às recordações dos que dele falam, inclusive os inimigos. Não obstante, o método narrativo, o contar a história, existe. Parte do personagem, e sua dificuldade pode ser exposta da seguinte maneira: deve ser reconstruída a existência de um homem que está morto há trinta e cinco anos e cujo espólio se reduz a "um jogo de roupas de baixo, duas pistolas, um binóculo e um óculos de sol". Este era todo o seu inventário. Não existem obras completas do autor: as declarações por escrito do falecido são extremamente escassas. Sua vida baseou-se na ação. Esta ação era política e, em grande parte, ilegal. Trata-se, portanto, de encontrar-lhe os vestígios, não tão evidentes para a geração posterior: estão apagados, amarelecidos, prontos para cair no esquecimento. E no

(*) No original, *Schlemihl*: pobre coitado, azarado. No contexto, uma alusão à personagem de Adalbert von Chamisso no conto "Peter Schlemihl, ou o homem que perdeu sua sombra". (N. T.)

entanto são numerosos, ainda que confusos. A parte escrita da tradição está enterrada nos arquivos e nas bibliotecas. Mas há também a tradição oral. Muitos dos que conheceram o morto ainda vivem e vale a pena procurá-los, entrevistá-los. O material coletado é de uma diversidade desconcertante: o modo e o tom da fala, os gestos e a importância de determinado fato variam de um fragmento a outro. O romance como colagem apóia-se em reportagens, discursos, entrevistas e proclamações. Alimenta-se de cartas, descrições de viagens, anedotas, panfletos, polêmicas, notícias de jornal, autobiografias, cartazes e folhetos de propaganda política. No entanto, a contradição entre as formas apenas revela as falhas encontradas no próprio material. A reconstrução parece um quebra-cabeça cujas partes não se encaixam sem um certo esforço. É preciso insistir nas entrelinhas. Nelas talvez se oculte a verdade pela qual se continua narrando, mesmo que os próprios narradores não saibam por quê.

Talvez fosse melhor fazer-se de desentendido e afirmar que cada linha deste livro é um documento. Mas esta seria uma afirmação vazia. Basta um pouco de atenção para ver que a autoridade emprestada pelo "documento" se dissolve em nossas próprias mãos. Quem fala? Com que fim? Com que interesse? O que esconde? Do que quer nos convencer? Até que ponto conhece realmente a verdade? Quantos anos se passaram entre o momento narrado e o momento da narrativa? O narrador esqueceu algo? E como sabe o que diz? Quais suas fontes de informação? Conta aquilo que viu ou o que acredita ter visto? Ou se atém ao que lhe foi dito por um outro? Estas perguntas nos levariam longe demais, pois para respondê-las teríamos que fazer centenas de outras a cada testemunha que consultássemos. Cada passo neste exame nos distanciaria ainda mais da reconstrução e nos aproximaria da destruição da história. No fim, teríamos liquidado aquilo que nos esforçamos por encontrar. O problema das fontes é uma questão de princípios, e a diferença entre elas não pode ser resolvida por uma investigação crítica. Mesmo a "mentira" contém um momento de verdade, e a verdade dos fatos indubitáveis, supondo que exista,

não afirma nada além. A opalescência da tradição oral, seu matiz coletivo, provém do próprio movimento dialético da História. Ela é a expressão estética de seus antagonismos.

Aquele que observar este fenômeno não errará muito ao desempenhar sua função de reconstrutor. Ele não será mais do que o último (ou melhor, como veremos, o penúltimo) de uma longa série de recontadores daquilo que aconteceu de uma forma ou de outra e que se transformou em história no decorrer de diversas narrações. Como todos que o precederam, ele também quer pôr à luz e fazer valer um interesse. O recontador não é imparcial: ele intervém na narração. Sua primeira intervenção se dá no fato de escolher esta, e não outra história. O interesse revelado nessa busca não tem a completude como fim. O recontador deixa de lado, traduz, faz recortes, monta e transpõe sua própria ficção ao conjunto de ficções encontradas, e isso com plena consciência e talvez não sem algum contragosto. Ocorre que o interesse do recontador só se afirma quando deixa valer os direitos dos outros. O recontador obtém autoridade graças a sua ignorância. Ele não chegou a conhecer Durruti, não estava presente na época e, por isso, não sabe mais do que os outros. Da mesma forma, não é ele quem tem a última palavra. O próximo a transmitir a história, pelo fato de aceitá-la ou recusá-la, lembrar-se ou ter-se esquecido dela, não prestar atenção ou continuar a narrá-la, este próximo, e provisoriamente o último da série, é o leitor. Sua liberdade também é limitada, pois o que tem em mãos não é um mero "material", algo que surgiu espontaneamente diante dele com absoluta objetividade, untouched by human hands. Muito pelo contrário. Tudo o que aqui está escrito passou por outras mãos e mostra as marcas de seu uso. Este romance já foi escrito mais de uma vez e por um número muito maior de pessoas do que as citadas no final do livro. O leitor é uma destas pessoas, talvez a última a contar esta história que "nenhum escritor teria ousado escrever".

BALAS PERDIDAS. DUAS VISTAS DA CIDADE

León, bispado e capital da província espanhola do mesmo nome, está a 851 metros acima do nível do mar, numa colina na confluência dos rios Torío e Bernesga, que formam juntos o rio León. População: 15 580 habitantes (em 1900). A cidade está ligada à linha de trem Madri—Oviedo. Os bairros antigos, com a catedral e outras construções medievais, estão cercados por muralhas. Estas construções não perderam suas características nem mesmo depois das reformas ocorridas na segunda metade do século XIX. Nessa mesma época, surgiram, fora dos muros da cidade, novos bairros para receber a população recém-empregada no setor industrial, que se desenvolveu com a instalação de uma fundição, uma oficina para trens, uma indústria química e outra de produtos de couro. Assim, León compõe-se praticamente de duas cidades: uma antiga, de caráter clerical, e outra moderna, industrial.

Encyclopaedia Britannica

Santa Ana, onde Durruti nasceu, é um bairro proletário com casas antigas e simples. Seu pai era ferroviário, como quase todos os homens da família, inclusive o próprio Durruti.

O clima social da cidade era totalmente influenciado pela presença do bispado. As novas idéias ou ações que não agradassem ao clero eram sufocadas. Numa palavra: León era uma

cidadela da antiga Espanha clerical e monarquista. Quase não havia indústrias. Todos os moradores se conheciam. Uma forte guarnição do Exército, várias delegacias da Guardia Civil, diversos conventos, uma catedral, o palácio do bispado, um seminário, uma escola de veterinária e uma pequena burguesia poderosa, que desejava ordem e sossego: eis a cidade que não suportava nenhum pensamento ou temperamento divergente. A única alternativa era sair dela. Um Durruti jamais poderia viver em León, pelo menos na León de nossa juventude, que considerava os poucos e inofensivos republicanos do lugar como extremistas subversivos que causavam escândalo.

Diego Abad de Santillán

DEPOIMENTO DE UMA IRMÃ

1. Buenaventura Durruti nasceu a 14 de julho de 1896, em León.
2. Teve oito irmãos, dos quais sete homens e uma mulher. Hoje (1969) ainda vivem dois irmãos e a irmã.
3. Profissão: mecânico.
4. Currículo: ingressou com cinco anos na escola pública de León. Sempre foi bom aluno. Inteligente, um pouco travesso, mas sempre de bom caráter. Frequentava também a escola dominical dos capuchinhos, onde ganhou várias condecorações e diplomas que foram zelosamente guardados por minha mãe. Entre 1910 e 1911 trabalhou na oficina do sr. Melchor Martínez, recebendo uma diária de 25 centimos. Lembro-me de que isso o deixava descontente, pois o salário lhe parecia muito baixo. Minha mãe não tinha a mesma opinião. Achava o salário suficiente e dizia que ele estava aprendendo um ofício rendoso que lhe daria independência financeira. Nessa época Durruti estudava à noite. Ocupava a maior parte de seu tempo livre lendo e estudando. Depois começou a trabalhar na fundição do sr. Antonio Miaja. Ficou lá até 1916. Em seguida passou no concurso da Companhia Ferroviária do Norte da Espanha, onde ocupou um posto de mecânico em 1916. Foi despedido depois da greve de 1917. Deixou a Espanha e rumou para Pa-

ris, onde ficou até 1920. Voltou, trabalhou na montagem da carvoaria na mina de Matallana de Torío, na província de León. Na época do serviço militar, foi de novo para Paris. Assim entrou na lista dos desertores. Regressando à Espanha, acabou detido em San Sebastián. Como fosse alto e forte, designaram-no para a artilharia, onde logo o dispensaram por causa de uma hérnia.

5. Observações: sua juventude, assim como os anos posteriores, foi cheia de dificuldades e sofrimentos. Sua relação familiar era exemplar. Ele dizia aos irmãos que deviam procurar empregos honestos e não se meter em encrencas para que nossa mãe tivesse uma vida tranqüila. Sempre foi muito ligado à mãe, com grande respeito e profunda veneração. Em casa, nunca falou uma palavra sobre sua ideologia. Minha mãe e eu sempre tivemos o respeito e a simpatia dos moradores de León, de todas as classes sociais, inclusive depois da Guerra Civil. Meu pai era ferroviário. Trabalhava na oficina de reformas de trens em León. Morreu em 1931, e minha mãe em 1968, com 91 anos. Também meu pai era estimado na cidade. Sob a ditadura de Primo de Rivera, foi membro do Conselho Municipal, na gestão do prefeito Raimundo del Río.

Rosa Durruti

O COLEGA DE ESCOLA

Durruti e eu fomos amigos desde a infância, compreendem? Fomos companheiros, irmãos. Isso quando nem tínhamos muitos dentes, bem antes de entrarmos na escola. Éramos vizinhos. E, como minha mãe morreu muito cedo, quando eu tinha uns sete ou oito anos, a mãe de Durruti começou a cuidar de mim. Eu ia sempre à casa deles.

Ela dizia para o Pepe, pois nós o chamávamos assim:

— Pepe Durruti, o Florentino não tem mais mãe.

Talvez fosse por isso que ele gostava mais de mim do que de qualquer outro amigo, mais do que a um irmão. Eu era como um irmão para ele.

Na escola, Durruti mostrou-se ótimo aluno, estudava muito. Já éramos um pouco maiores naquela época. Um dia o professor mandou chamar a mãe dele e disse:

— Seu filho não tem mais nada a aprender aqui. Está perdendo tempo. Se a senhora me permite, acho que ele já está preparado para coisas muito mais avançadas. É um menino muito inteligente.

Mas ele não queria estudar. Queria mesmo era trabalhar. Além do mais, vocês sabem o que nós éramos? Balas perdidas. Os vizinhos diziam: para eles não há esperança. Não vão virar nada. São uns demônios, uns bandidos.

E por que falavam isso da gente? Porque éramos assim mesmo. Sempre entrávamos nos pomares dos outros, principalmente Durruti, que gostava de dividir tudo. Até que uma vez um senhor que possuía grandes pomares em León surpreendeu-nos e gritou:

— Ei, vocês aí! (ele nos chamou de vocês) Ei, vocês aí, desapareçam!

Então Durruti me disse:

— Olha só o velhote.

E ele:

— Não estão me ouvindo?

E Durruti respondeu:

— Claro!

Ele:

— Então, fora!

Durruti:

— Não estamos com pressa.

E o velho:

— Mas esta é minha propriedade!

E então Durruti lhe perguntou:

— E a minha propriedade, onde está? Por que não tenho propriedade?

— Ah, vocês vão levar uma surra.

— Tente nos pegar primeiro e depois veremos.

Juntamos as frutas e saímos, ele, eu e mais alguns amigos.

A maior parte era distribuída. Isso nos dava prazer. Durruti não sabia fazer de outro jeito: sempre distribuía tudo.

Ele nunca frequentou uma escola superior. O que pretendia fazer? Bem, naquela época, com quatorze anos, a gente tinha que trabalhar e ajudar a família com o pequeno salário que recebia.

O pai de Durruti era empregado da Companhia Ferroviária do Norte, e acontecia que às vezes levava seus filhos, de apenas dezesseis ou dezessete anos, até a linha de trem. Foi muito boa essa época! Trabalhar lá significava uma diária segura e um emprego seguro. E ainda por cima como mecânico.

Antes de começar na ferrovia, Durruti já havia trabalhado na fábrica de Miaja (com quatorze anos) e em outras oficinas de León. Mas foi na Miaja que conheceu os trabalhadores das Astúrias. Eles lhe falavam dos problemas da sociedade, e Durruti prestava muita atenção, pois já conhecia as injustiças. Estes homens vinham de muito longe e nos fins de semana tinham que ir e voltar correndo para casa se quisessem sentar-se à mesa com a mulher e a família.

Florentino Monroy

A GREVE GERAL

Então veio a greve geral de 1917, que se estendeu por toda a Espanha. Nós já compreendíamos um pouco as coisas e fazíamos parte do sindicato socialista de León. Bem, na época não havia outro.

Fomos os primeiros a levar ares novos para o sindicato, tentando fazer com que ele não se degenerasse por inteiro através da corrupção. Eles sempre diziam que a eleição resolveria todos os problemas. Nós, ao contrário, dizíamos: não é só isso. Vocês também têm que pensar em outras coisas.

Tínhamos dezenove anos quando a greve geral estourou. Se foi violenta? E como! Na verdade fomos nós que provocamos a violência. O governo pôs o Exército atrás de nós. A greve havia sido convocada para a meia-noite. Em toda parte a Guardia

Civil se prontara para reprimir os trabalhadores quando saíssem das fábricas. Mas nós tínhamos feito planos para impedir que nossa greve fracassasse. Possuíamos algumas armas; não muitas, mas o suficiente para afugentar os soldados que já tinham ocupado a estação (para quem vinha do centro da cidade, ela ficava do outro lado do rio). No escuro da noite, víamos brilhar as fardas militares. E então começou: bang! bang! bang! Foi quase uma pequena batalha, e nós nos divertimos muito.

Mas a Guardia Civil já estava no nosso encaicho. Com os pequenos revólveres que tínhamos, não podíamos fazer muita coisa. O jeito foi procurar, no centro de León, alguns postes de alta tensão que fossem bem altos e estivessem ocultos por árvores. Subimos neles e ficamos bem escondidos. Cada um de nós encheu bolsos e bonés com pedras, atiradas nos policiais. Estes ficaram feito loucos, pois não sabiam de onde vinha a carga. No escuro, nossa “munição” chegava a produzir faíscas na calçada. Era pedra pra todo lado! Os policiais atiravam os cavalos contra os manifestantes, mas não conseguiam nos descobrir.

Na verdade, isso não significou muito, mas serviu para que as pessoas percebessem que a luta passiva não levaria a nada. Pouco a pouco foi-se criando uma atmosfera revolucionária, semelhante àquela que mais tarde a CNT espalharia por todo o país.

Naturalmente, nessas lutas o comandante já era Durruti.

Florentino Monroy

OS SINDICATOS

Por causa da greve de 1917, Durruti e alguns de seus companheiros foram expulsos do sindicato dos ferroviários, uma instituição dominada e manipulada pelos social-democratas. Durruti e seus amigos tinham tomado a greve ao pé da letra, sem perceber, em seu entusiasmo juvenil, que o movimento paredista era um ardil dos pelegos. Largo Caballero, Besteiro, Anguiano e Saborit, os líderes da social-democracia, tramaram a greve apenas para recuperar o poder que por um tempo lhes

tinha fugido ao controle, entregando assim os trabalhadores de mãos e pés atados à direção das companhias ferroviárias.

Esta manobra sórdida e a comédia da punição dos culpados deram aos pelegos não só algumas cadeiras no Parlamento como também a possibilidade concreta de “limpar” os sindicatos ferroviários de seus filiados anarquistas. Em suas reuniões, os anarquistas se posicionavam contra a tática reformista e a influência dominante do partido social-democrata e lutavam por uma orientação realmente revolucionária no sindicato.

Durruti era um dos mais rebeldes e um dos mais militantes entre os anarquistas. Com alguns companheiros, recusou-se a capitular diante dos patrões. Seu grupo, como muitos outros, passou à sabotagem em grande escala. Locomotivas eram queimadas, armazéns e lojas incendiados, trilhos arrancados. Esta tática deu resultado e muitos trabalhadores aderiram a ela. No entanto, quando estes atos de sabotagem tomaram proporções assustadoras, os socialistas ordenaram o fim da greve.

Muitos organizadores do movimento, dentre os quais Durruti, perderam o emprego. Nessa época, o sindicato dos anarquistas, a Confederação Nacional do Trabalho, começou a crescer. Uma parte significativa do proletariado espanhol simpatizava com ela e era grande o número de filiações. Durruti rumou para o distrito mineiro das Astúrias, verdadeiro foco dos social-democratas, para fazer propaganda da linha anarquista pregada pela CNT, contra o sindicalismo neutro e reformista. Com isso, caiu na lista negra, perdeu de novo o emprego e teve de emigrar para a França.

V. de Rol

Fui eu que ensinei os primeiros princípios do anarquismo para Ascaso e Durruti. Na primeira vez que vi Durruti, ele me pareceu muito tímido. Ainda não tinha idéias próprias. Abara de chegar de León e apresentou-se em nosso sindicato em San Sebastián. Queria um emprego como mecânico, e nós o mandamos para uma fábrica. Passados alguns dias ele voltou, reclamando que lá o sindicato não tinha coragem para fazer frente aos patrões e dizendo que gostaria de tomar a luta nas

próprias mãos, caso a organização estivesse de acordo. Mas não estava, pois não podia nem queria empreender nada devido a sua fraqueza. Durruti foi advertido para não se sacrificar. Então deixou o emprego. Foi em San Sebastián que passou a assimilar nossas idéias, embora de maneira instintiva. Foi assim que Durruti começou...

Manuel Buenacasa

O PRIMEIRO EXÍLIO

Ele foi para Paris e lá começou a trabalhar como montador. A fábrica se chamava Berliet ou Breguet, se não me engano. Não estava sozinho. Alguns companheiros de León o acompanharam. Aliás, um deles, que chamávamos de "Boa Vida", foi morto pelos fascistas. Aprenderam muito na França. Quando voltaram para a Espanha, conheciam a luta de classes de cor e salteado. Esta experiência foi importantíssima para Durruti, para seu temperamento e seu jeito de olhar o futuro. Discípulo dos anarco-sindicalistas franceses, aproveitou ao máximo sua estadia em Paris.

Florentino Monroy

Em Paris ele trabalhou três anos como mecânico. Seus amigos espanhóis escreviam contando sobre a situação política e social em nosso país e prestavam-lhe informações tais como a de que o movimento anarquista adquiria amplitude cada vez maior; que mais de um milhão de trabalhadores haviam-se filiado à CNT; que um levante republicano estava sendo preparado; que muitos previam a iminente queda da Monarquia; que o governo e a burguesia organizavam bandos armados, os Pistoleiros, para liquidar os líderes dos anarquistas, da CNT e dos republicanos de esquerda.

Estas notícias não deixavam o revolucionário Durruti em paz. Ele voltou à Espanha atravessando clandestinamente a fronteira francesa. Em San Sebastián juntou-se aos grupos anarquistas que conspiravam e preparavam ações contra a Mo-

narquia. Foi ali também que encontrou Francisco Ascaso, Gregorio Jover e García Oliver.

Alejandro Gilabert

MR. DAVIS E SEU CRAVO BRANCO

Nunca esquecerei quando Durruti chegou a Matallana del Torío, no norte da província de León. Foi em 1920. Ele era mecânico na Companhia Minera Anglo-Hispana. Nessa aldeia mineira, que ficava nas montanhas, já havia um movimento organizado de trabalhadores dominado pelos socialistas. Quando Durruti chegou, um conflito acabara de estourar, e ele foi eleito para a comissão de greve.

Eu ia para a aldeia conduzido por meu pai, um anarquista que agitava os meios operários em prol de sua causa. Nesse exato momento vi Durruti subir num muro e discursar para a multidão que se encontrava ali. Ficou decidido que todos iriam até a direção da fábrica. Quando a passeata chegou aos escritórios da Companhia Mineira, o diretor, um engenheiro inglês de nome Davis, se não me engano, recusou-se a receber uma delegação de grevistas.

Mr. Davis era um homem requintado, muito bem-vestido, sempre com um cravo branco na lapela. Mas era um pouco fraco dos pulmões: parece que sofria de tuberculose. Provavelmente já ouvira falar de Durruti e talvez estivesse com medo. O certo é que mandou dizer, pelo contínuo, que não podia falar com ninguém.

Durruti foi ao encontro do contínuo, que estava armado, e lhe disse:

— Mande minhas saudações ao sr. Davis. E, se ele não estiver com vontade de sair pela porta, eu entrarei e o farei sair voando pela janela para se encontrar conosco na rua.

Minutos depois, Davis apareceu à porta e convidou gentilmente a delegação para entrar em seu escritório. Lá, houve uma longa discussão. As reivindicações dos trabalhadores foram aceitas, e a greve terminou vitoriosa. Alguns dias depois a

polícia expediu uma ordem de prisão contra Durruti. Mas ele já tinha sumido.

Julio Patán

DINAMITE

Seu temperamento inquieto e curioso, seu desejo e seu prazer pela confrontação levaram-no a La Coruña, a Bilbao, a Santander e a muitas outras cidades do norte. No regresso de uma dessas viagens, Durruti observou um movimento estranho diante da modesta hospedaria onde morava. A polícia tinha cercado a casa, e ele manteve-se a distância. A precaução se justificava, pois nessa época já estava em vigor a maldadada "lei contra os foragidos", que custou a vida de muitos trabalhadores.

Em San Sebastián, naquela época, um edifício luxuoso que se chamaria Gran Casino e deveria servir para cabaré e jogo ia ser inaugurado. O casal real é a nata da aristocracia espanhola, que costumava ir a San Sebastián no verão, participariam da festa. Acontece que a polícia descobriu um túnel que acabava nos alicerces do edifício. A empresa foi imediatamente atribuída aos anarquistas, que presumivelmente pretendiam mandar o cassino pelos ares no dia da inauguração e, junto com ele, o rei, os ministros e outras notórias autoridades.

Encontrar um culpado para o crime não era problema para a polícia. Dessa vez eles tinham em mira Durruti e mais dois de seus companheiros, que haviam trabalhado como carpinteiros na construção do cassino. Os três foram acusados de terem construído o túnel durante a noite. Sendo mecânico, Durruti provavelmente teria fabricado o explosivo, conseguindo grande quantidade de dinamite com seus amigos das minas de Astúrias e Bilbao.

Os carpinteiros, dois amigos chamados Gregorio Suberviela e Teodoro Arrate, foram assassinados pela polícia em Barcelona. Durruti conseguiu fugir a tempo para a França. As autoridades espanholas exigiam sua expulsão, caso fosse encontrado. Daí em diante começaram as calúnias contra ele. Queriam qualificá-lo como inimigo público, como delinqüente.

Essa campanha difamatória aumentava na medida em que Durruti conseguia levar adiante seu trabalho revolucionário, apesar de toda perseguição.

V. de Rol

Durruti sempre foi um rebelde, antes mesmo de se tornar anarquista. Buenacasa, que comandava o movimento na Catalunha naquela época, dizia-lhe que Barcelona era o único lugar onde ele poderia viver, pois "só em Barcelona há uma consciência proletária". Assim, o temível rapaz de León, que já tinha provocado pesados conflitos trabalhistas em Gijón e Rentéria e que chamava de tontos os companheiros que aceitavam as condições de trabalho impostas, seguiu o conselho de Buenacasa e partiu para Barcelona.

Manuel Buenacasa/Crónica

SEGUNDO COMENTÁRIO
ORIGENS DO
ANARQUISMO ESPANHOL

Num dia de outubro de 1868 chegou a Madri um italiano, Giuseppe Fanelli. Parecia ter uns quarenta anos, era engenheiro, tinha uma espessa barba preta, olhos chamejantes, grande estatura e demonstrava uma firmeza serena nos gestos. A primeira coisa que fez foi sair à procura de um endereço anotado em sua caderneta: um café, onde encontrou um pequeno grupo de trabalhadores. Quase todos eles eram tipógrafos de pequenas gráficas da capital espanhola.

"Sua voz tinha um timbre metálico, e sua dicção coincidia exatamente com o que dizia. Ele alternava tons de ira e ameaça para falar dos tiranos e exploradores, de tristeza, dor e alento ao referir-se aos sofrimentos dos oprimidos. O mais espantoso, no entanto, era que ele não sabia espanhol. Às vezes falava em francês, língua que alguns de nós compreendíamos um pouco, ou então em italiano, e aí tínhamos de ficar atentos às semelhanças entre essa língua e a nossa. Mesmo assim, seus pensamentos eram expressos com tanta clareza que um enorme entusiasmo tomava conta de nós logo que o discurso acabava. Trinta e dois anos depois da visita do italiano, Anselmo Lorenzo, um dos primeiros anarquistas espanhóis, ainda pôde citar palavra por palavra o apóstolo Fanelli e lembrar-se do frio que lhe percorria a espinha quando este gritava: Cosa orribile! Spaventosa!"

"Fanelli nos expôs sua doutrina durante três ou quatro noites. Conversava conosco durante os passeios ou nos cafés. Além disso, deu-nos os estatutos da Internacional, o programa da aliança dos socialistas democráticos e alguns números do La Campana, com artigos e discursos de Bakunin. Antes de se despedir, pediu-nos para posar com ele numa foto, na qual aparece no centro."

Nenhum dos ouvintes conhecia a organização de que Fanelli era emissário na Espanha: a Associação Internacional dos Trabalhadores. Fanelli era seguidor de Bakunin, fazia parte da ala "antiautoritária" da Primeira Internacional e foi o primeiro a trazer a mensagem anarquista para a Espanha.

O sucesso dessa doutrina revolucionária foi instantâneo e estrondoso: como o fogo pela estepe, ela difundiu-se rapidamente entre os trabalhadores agrícolas e industriais do oeste e do sul da Espanha. Já no seu primeiro congresso, em 1870, o movimento proletário espanhol decidiu-se por Bakunin, contra Marx, e dois anos mais tarde, numa reunião em Córdoba, a Federação dos Anarquistas reuniu 45 000 membros ativos. Os levantes camponeses de 1873, que se estenderam por toda a Andaluzia, foram inteiramente conduzidos pelos anarquistas. A Espanha é também o único país do mundo onde as teorias revolucionárias de Bakunin foram transformadas em poder real. Os anarquistas conseguiram manter até 1936 o controle do movimento operário espanhol. Eles não eram apenas a maioria: constituíam também a facção mais atuante.

Esse estado de coisas, único na História, já provocou toda uma série de tentativas de explicações. No entanto, nenhuma levou a cabo a façanha, e até agora não se encontrou para o fato nenhuma razão coerente tirada das regras do jogo da economia política. Mesmo assim, é possível determinar as condições sob as quais o anarquismo espanhol se desenvolveu, e essas condições possibilitar-nos-ão entender um desenvolvimento que até agora escapou às tentativas de explicação puramente econômicas.

Exceto algumas regiões, a Espanha foi um país exclusivamente agrícola até a Primeira Guerra Mundial. Numa sociedade assim, as contradições entre as classes eram tão extremas e indisfarçáveis que se poderia falar em duas nações separadas por um abismo. A classe política, que dominava o aparelho de Estado e estava intimamente ligada às Forças Armadas e à Igreja, compunha-se principalmente de grandes latifundiários. Era uma classe improdutiva, corrupta e incapaz de assumir o papel momentaneamente progressivo que fora desempenhado pela burguesia em outros países da Europa ocidental. Sua existência parasitária limitava-se a consumir os lucros dos arrendamentos; não havia interesse no desenvolvimento das forças produtivas através da expansão capitalista. A pequena burguesia também era subdesenvolvida. Além de pobres artesãos e pequenos comerciantes, compunham-na os lacaios dos "bananas de Estado", como os chamou Marx, e uma enorme e mal paga burocracia que, quando não inteiramente sem função, servia a fins mais repressivos do que administrativos.

A verdadeira Espanha, ou seja, a gigantesca maioria da população economicamente ativa, vivia no campo, e foi no campo também que mesmo depois da virada do século ocorreram os principais conflitos de classes em solo espanhol. A evolução da luta de classes espanhola está intimamente ligada à estrutura agrária. Nos locais onde foram mantidas as relações medievais de propriedade e produção, como nas províncias do norte, aldeias inteiras de pequenos e médios proprietários conservavam a terra comunal dos bosques e pastagens, e o solo era fértil e suficientemente irrigado. Era como se vivessem afastadas, no isolamento auto-suficiente de fórmulas sociais antiquadas, quase fora do sistema econômico capitalista.

No entanto, a partir de 1836 a nova burguesia latifundiária passou a usar a violência para abrir caminho em outras regiões, principalmente na costa do Levante e na Andaluzia. Na Espanha a palavra liberalismo não significou outra coisa senão o aniquilamento da antiga propriedade comunal, sua "livre" venda, o confisco de bens dos camponeses e a constituição de uma economia de latifúndios. A introdução do regime parla-

mentarista, em 1843, confirmou a dominação política dos novos latifundiários, que, naturalmente, moravam nas cidades e consideravam suas terras como colônias distantes, deixando-as, por isso, nas mãos de capatazes ou arrendatários.

Dessa forma surgiu um enorme proletariado no campo. Até a eclosão da Guerra Civil, três quartos dos habitantes de Andaluzia continuavam sendo braceros, diaristas que vendiam sua força de trabalho por um salário de fome. Nas épocas de colheita imperava a jornada de doze horas; na outra metade do ano o desemprego era quase total. Os resultados não poderiam ser outros: pobreza endêmica, subnutrição e êxodo rural.

Nas aldeias, o novo poder de Estado entrou em cena sobretudo como força de ocupação. Um ano após ter tomado a direção dos negócios estatais, a nova classe política dos latifundiários criou um verdadeiro exército de ocupação, a Guardia Civil. Este corpo de soldados distribuído em quartéis foi aparentemente formado para liquidar o modo mais primitivo de autodefesa no campo, o banditismo, mas na verdade serviu para coibir o proletariado camponês, que começava a descobrir novas formas de luta. A Guardia era composta por homens cuidadosamente escolhidos, que quase sempre serviam longe de sua terra natal. A essa tropa era proibido casar ou ter amizade com moças da região onde trabalhava. Os soldados não podiam jamais deixar seus quartéis desarmados ou sozinhos, e até hoje são chamados no campo de la pareja, pois sempre fazem patrulha aos pares. Por tudo isso, nas aldeias andaluzas o ódio contra a classe social adversária manifestou-se, até os anos 1930, como uma permanente guerra de guerrilhas primitiva que aumentava pouco a pouco até chegar a revoltas súbitas e espontâneas por parte dos camponeses. Estes levantes liberavam uma violência instintiva das massas e eram combatidos com um desprezo pela morte nunca visto. Eles transcorriam sempre segundo o mesmo estereótipo: primeiro, os camponeses matavam membros da Guardia Civil, prendiam padres e burocratas, incendiavam igrejas, queimavam cadastros de imóveis e contratos de arrendamento, aboliam o dinheiro, diziam-se livres do Estado e declaravam, por fim, independentes as comu-

nas, decidindo explorar a terra em conjunto. É espantoso comprovar como estes camponeses, em sua maioria analfabetos, seguiam à risca, sem sabê-lo, os ensinamentos de Bakunin. Mas, como as revoltas fossem estritamente locais e conduzidas sem nenhuma organização, em poucos dias viam-se derrotadas, não sem derramamento de sangue, pelas tropas do governo.

Foi ali, nas aldeias andaluzas, que o anarquismo espanhol fincou suas primeiras raízes. Quase que de uma só vez, ele propiciou ao movimento espontâneo do proletariado camponês uma base ideológica e uma estrutura firme e organizada, ao mesmo tempo que alimentava nas aldeias a expectativa ingênua, mas inabalável, de uma revolução muito próxima e total.

Por volta da virada do século, era possível encontrar em todo o sul da Espanha os "apóstolos das idéias", homens que percorriam a região a pé, no lombo de mulas ou em carroças, sem nenhum tostão no bolso. Eram recebidos nas casas dos trabalhadores, que também lhes davam comida. (Desde seu início e até os dias de hoje, o movimento anarquista espanhol jamais recebeu auxílio ou foi financiado pelo exterior.) Desta forma, um verdadeiro processo de aprendizagem de massa põe-se em andamento. Por toda parte começaram a ser vistos trabalhadores e camponeses que já conseguiam ler, e entre os analfabetos havia muitos que sabiam de cor artigos inteiros de jornais e panfletos do movimento. Em cada aldeia havia pelo menos um "ilustrado", um "trabalhador consciente", que podia ser reconhecido por não jogar, não fumar nem beber e por declarar-se seguidor do ateísmo; o "ilustrado" não se casava com a mulher, a quem era fiel, e não deixava que seus filhos fossem batizados. Lia muito e procurava transmitir tudo o que sabia.

O pólo econômico oposto a estas zonas áridas e pobres do sul e do oeste da Espanha ficava na Catalunha, desde sempre a região mais rica e industrializada do país. Barcelona, a metrópole da navegação, da exportação, dos bancos e da indústria têxtil, já se tinha tornado, na virada do século, a ponta-de-lança do capitalismo na Península Ibérica. O recolhimento de impos-

tos per capita na Catalunha era duas vezes maior do que a média espanhola. Com exceção do País Basco, esta foi a única parte do país que produziu uma burguesia de empresários eficientes. Ao contrário dos latifundiários, os industriais e banqueiros catalães não pensavam exclusivamente na dilapidação, mas também na acumulação de capital. Com isso, entre 1870 e 1930 surgiu em Barcelona e arredores um proletariado industrial numeroso e altamente concentrado.

No entanto, ao contrário do que aconteceu em regiões européias com processos semelhantes de industrialização, os trabalhadores catalães não se voltaram à social-democracia nem aos sindicatos reformistas, mas sim para o anarquismo, que pôde encontrar ali sua segunda base, a urbana. Já em 1918, 80% de todos os trabalhadores da Catalunha faziam parte de organizações anarquistas. Esta circunstância é mais difícil de explicar do que o sucesso dos bakunistas no campo. A sociologia pode nos fornecer uma primeira indicação. Apenas uma pequena parcela do proletariado do distrito industrial de Barcelona provém da região; metade do contingente deste proletariado era recrutada nas províncias áridas de Múrcia e Almeria, portanto na região sul, e esta migração interna persiste até hoje por causa do desemprego de origem estrutural existente no campo.

Um segundo motivo para isso pode ser encontrado nas forças centrífugas, que sempre desempenharam um papel importante na História espanhola. Muitas das províncias têm como característica um forte espírito regionalista, um ímpeto em direção à independência e à autonomia, uma resistência obstinada contra as pretensões dominadoras do governo central de Madri. E esse sentimento era mais forte na Catalunha do que em qualquer outro lugar. Sob muitos aspectos, a Catalunha pode ser considerada uma nação autônoma e já no século XVII promovera uma guerra de independência contra a Monarquia espanhola. Seu desenvolvimento econômico só fez acentuar esta tendência. O nacionalismo catalão tem dupla face. A ala direita representava os interesses da burguesia local, que usava a questão da autonomia para mistificar a luta de classes. No que dizia

respeito às massas, no entanto, a questão catalã atuava como momento essencialmente revolucionário. O anseio de autonomia administrativa, o ódio ao poder centralizador do Estado, a reivindicação de uma descentralização, todos esses eram motivos que confluíam no anarquismo.

Os anarquistas nunca se consideraram um partido político: entre seus princípios inclui-se não participar de eleições parlamentares e não aceitar cargos administrativos. Eles não querem apoderar-se do Estado, e sim aboli-lo. Mesmo em suas próprias ligas, os anarquistas combatem a concentração de poder no cume da organização, ou seja, na central sindical. Suas federações são orientadas pelas bases: cada grupo local goza de uma ampla autonomia, e, pelo menos na teoria, a base não é obrigada a curvar-se às decisões do comando. Isso depende, naturalmente, das condições concretas de como esses princípios são efetivados na prática. Na Espanha, o anarquismo só alcançou organização definitiva em 1910, com a fundação da confederação de sindicatos anarquistas, a CNT (Confederación Nacional del Trabajo).

A CNT era a única central revolucionária do mundo. Nunca se considerou "parceira social", que tivesse como função discutir com os patrões os meios de melhorar a situação material da classe trabalhadora. Seu programa e sua práxis consistiam em levar à vitória definitiva a guerra aberta e permanente dos assalariados contra o capital. A esta estratégia correspondiam sua estrutura e seu procedimento tático.

A CNT não era uma união de contribuintes e jamais acumulou reservas financeiras de qualquer espécie. Na cidade, a contribuição dos filiados era insignificante; no campo, quase sempre beirava o nada. Em 1936, a CNT tinha um único funcionário remunerado, apesar de ultrapassar um milhão de membros! Não existia nenhum aparelho burocrático. Os líderes do movimento viviam do próprio trabalho ou então do apoio direto dos grupos de base em que atuavam. Este não é um detalhe insignificante e sim um fator decisivo que explica por que a CNT jamais produziu "dirigentes trabalhistas" isolados das

massas, com todas as deformações tradicionais e inevitáveis da burocracia de pelegos. O controle permanente vindo de baixo não era apenas formal, ou seja, garantido por estatutos: provinha das próprias condições de vida dos militantes; que dependiam diretamente da confiança de suas bases.

As principais armas da CNT, no campo como na cidade, eram a greve e a guerrilha. Para os anarquistas, da greve à revolução não havia mais que um passo. Suas lutas eram orientadas ao máximo pelas condições de trabalho. Este movimento sindical sempre rejeitou a mera luta pelo aumento de salário, que acabava por expandir e consolidar um estado de coisas com o qual não concordava. Rechaçava as "conquistas sociais" e as "garantias", e se negou sistematicamente a concluir acordos salariais. As inúmeras melhorias que o movimento esperava alcançar só eram reconhecidas se existissem de fato. A CNT não respeitava os acordos trabalhistas nem o estabelecimento de responsabilidades fixadas nesses acordos, fossem eles de qualquer espécie. Também não dispunha de fundo de greve. Isso fazia com que seus movimentos paredistas não durassem muito e tornavam-nos violentos. Os meios eram revolucionários: iam da autodefesa à sabotagem, da expropriação à revolta armada.

Assim se colocou, para o movimento anarquista, a questão da militância legal e ilegal. Dadas as condições existentes na Espanha, esse não era de forma alguma um problema moral, pois a classe dominante nunca se dera ao trabalho de manter pelo menos a fachada burguesa de um estado de direito democrático na Península Ibérica. As eleições parlamentares foram verdadeiras farsas durante décadas: consistiam na compra de votos e em extorsões por parte dos coronéis, no campo, sem contar a falsificação descarada de votos. Na Espanha nunca houve uma divisão de poderes no sentido das teorias liberais do Estado. Até o fim da Primeira Guerra não havia nenhuma legislação social, e as leis aprovadas posteriormente nunca chegaram a ser aplicadas. A classe trabalhadora sofria injustiças e violências indistintas, tanto por parte dos patrões quanto do Estado. Por isso, para ela a questão da violência já estava respondida antes mesmo de ser colocada.

Na realidade, a CNT era uma organização de massas que não podia operar na clandestinidade nem ficar impune. Por isso, desde muito cedo grupos clandestinos como Os Solidários se encarregaram das atividades ilegais da organização: defesa, provisão de armas e dinheiro, libertação de detentos, terrorismo e espionagem. Em 1927, esta divisão foi formalizada com a fundação da Federación Anarquista Ibérica (FAI), que operava fundamentalmente com conspirações. Não se sabe exatamente o número de seus membros nem como funcionava sua organização interna, mas seu prestígio entre os trabalhadores espanhóis era enorme. Todos os seus membros eram também filiados à CNT. A FAI constituía, por assim dizer, o núcleo dos sindicatos anarquistas, além de oferecer verdadeira garantia contra os golpes oportunistas e o perigo de desvios em direção ao reformismo. Nesta estrutura, vem de novo à luz o modelo de Bakunin: a organização de um movimento de massas espontâneo dirigido por um grupo sólido de revolucionários profissionais atuando na clandestinidade.

Muitas histórias foram fabuladas em torno da FAI. Parece inevitável que boatos de toda espécie sempre venham a circundar o prestígio de uma organização clandestina. Sob este aspecto, não se deve fazer grande caso da propaganda atemorizadora promovida pela burguesia, pois ela é de uma ignorância manifesta (os porta-vozes dos latifundiários afirmavam, em 1936, que a FAI estava "a serviço de Moscou"). Mas merecem consideração as ambigüidades que resultam da origem e da estrutura de tais organizações secretas. Os inimigos do anarquismo sempre denunciavam a suposta entrada de "elementos criminosos" na FAI, especialmente em Barcelona. Ora, uma apreciação política deste fenômeno não pode contentar-se com o mero estudo do Código Penal. A classe trabalhadora espanhola jamais primou pelo respeito à propriedade privada, ao contrário dos trabalhadores alemães ou ingleses, e ao ser reprimida pelo poder das armas usava a resistência armada como meio normal de auto-afirmação. No entanto, a ambigüidade política dos grupos ilegais tem origens bem diferentes. Está em parte vinculada a um fator social que sempre desempenhou um

papel determinante em Barcelona: o subproletariado. O êxodo rural e o desemprego tinham sua quota de responsabilidade no crescimento deste subproletariado, mas não se pode esquecer também a subcultura internacional da cidade portuária. Os trabalhadores industriais catalães nunca se distanciaram desta camada social; ao contrário, sentiam-se ligados e solidários a ela por mais de uma razão. É também por este fato que se diferenciam dos trabalhadores especializados da Europa ocidental, que se sentem tão rigorosamente distantes do subproletariado como da classe imediatamente superior.

Naturalmente a polícia fazia de tudo para tirar proveito da contradição latente entre os trabalhadores industriais e o subproletariado. Sobretudo no início do século, fôilhe possível penetrar no movimento anarquista através de espões e agentes provocadores. Esse jogo é conhecido desde a história dos revolucionários e dos bolcheviques na Rússia. Tal como a Okrana, a polícia espanhola também financiava os grupos revolucionários. Das duas mil bombas que entre 1908 e 1909 explodiram em Barcelona diante de portas de fábrica e residências de empresários catalães, a maior parte ficou por conta da polícia, que, desta forma, agia contra as pretensões de autonomia dos catalães por ordem do governo central de Madri. No entanto, tal como na Rússia, acabou-se verificando que a polícia secreta jogara muito alto: ao invés de desarmar politicamente os anarquistas, suas provocações levaram na verdade ao crescimento da CNT e da FAI.

Não é fácil fazer o cômputo das vantagens e desvantagens da forma de organização dos anarquistas. O contato com as bases, seu zelo revolucionário e a solidariedade entre os militantes eram insuperáveis; mas estas vantagens eram obtidas graças a uma sensível falta de eficiência, coordenação e planejamento central. Assim, até bem pouco tempo antes da Guerra Civil ocorreram inúmeras tentativas de insurreições e revoltas espontâneas, isoladas, mas todas foram inteiramente sufocadas. "Exemplos de como", segundo as palavras de Engels, em 1873, "não se deve fazer uma revolução."

Historiadores burgueses e marxistas sempre forneceram uma explicação para a tentativa elementar e violenta de pôr um fim, aqui e agora, à opressão. Tentando explicar este fenómeno, reiterado com a maior obstinação durante mais de um século, estes historiadores concluem que o anarquismo espanhol teria sido fundamentalmente um movimento religioso. Seus seguidores teriam imaginado a Revolução como o dia do Juízo Final, ao qual se seguiria o milênio, o reino milenar da justiça divina. Segundo esta hipótese, o fanatismo e o espírito de sacrifício dos anarquistas espanhóis também caracterizariam traços messiânicos. Ora, é inegável que o movimento anarquista se alimentou de idéias e esperanças quase religiosas, principalmente nas aldeias. Mas o procedimento que tenta reduzi-las a formas religiosas não dá conta de explicar a sua amplitude, como toda tese de secularização. Como numa "ciência histórica do espírito", tal procedimento não leva em consideração o conteúdo político desta luta. Os anarquistas espanhóis fincaram pé nas promessas da religião de maneira consciente e resoluta. Pelo menos os historiadores materialistas deveriam reconhecer este fato.

Uma outra tese, defendida principalmente por Gerald Brenan e Franz Borkenau, parece bem mais interessante. Segundo ela, o movimento anarquista espanhol é a expressão de uma resistência profunda ao capitalismo, dirigida contra o progresso material tal como era entendido nos países industrializados da Europa. Mas com isso também ia contra o esquema marxista de compreensão do desenvolvimento histórico. Enquanto neste esquema a burguesia aparece como força momentaneamente revolucionária, o desenvolvimento capitalista das forças produtivas como fase necessária e a disciplina econômica e a acumulação como imperativos inevitáveis à industrialização, os trabalhadores e camponeses da Espanha recusam este "progresso" com uma violência elementar. Eles não admiravam de forma nenhuma as conquistas e os êxitos do proletariado inglês, alemão e francês; por isso recusavam-se a seguir seus passos. Interiorizavam tão pouco a racionalidade pragmática do desenvolvimento capitalista quanto seu fetichismo consumista, lutando

desesperadamente contra um sistema que lhes parecia desumano e contra a alienação que este sistema trazia consigo. Enfim, odiavam o capitalismo com uma fúria da qual nenhum outro trabalhador da Europa ocidental podia partilhar.

Creio que há muita verdade nessa explicação. Ela pode invocar a seu favor o fato de que, contra as expectativas de Marx e Engels, não foi nos países "mais desenvolvidos", ou seja, não foi nem na Inglaterra, nem na Alemanha, nem nos Estados Unidos, que a Revolução triunfou, mas em sociedades onde o capitalismo era algo estranho e exterior. No que diz respeito à Espanha, não se pode concluir de forma nenhuma que os anarquistas eram simplesmente "restos do passado": quem chama o movimento anarquista de arcaico apóia-se exatamente no esquema histórico que está em discussão aqui. Os revolucionários espanhóis não eram destruidores de máquinas. Seus desejos estavam dirigidos para o futuro, não para o passado: um futuro, aliás, diferente daquele com que o capitalismo lhes acenava. No curto espaço de tempo que durou o seu triunfo, os anarquistas não fecharam as portas das fábricas; sob sua direção elas foram transformadas para atender as necessidades dos próprios trabalhadores.

OS SOLIDÁRIOS

O TERROR DOS PISTOLEIROS

Foi o companheiro Buenacasa, então presidente do Comitê Nacional da CNT em San Sebastián, quem aconselhou Durruti a ir para Barcelona. Isso aconteceu em 1920, ano da repressão mais violenta. O governador Martínez Anido e o chefe de polícia Arlegui tinham organizado uma autêntica campanha terrorista contra os anarquistas da Catalunha. Qualquer meio utilizado era válido. Junto com alguns empresários da região, tentaram organizar falsos sindicatos, os chamados "sindicatos livres". É claro que nenhum trabalhador queria entrar por espontânea vontade nessas entidades. Por isso os empresários, com a ajuda de instituições oficiais, criaram grupos armados próprios denominados Pistoleiros. Essas tropas de assassinos deveriam liquidar os trabalhadores politicamente ativos de Barcelona.

Foi nessa época que Durruti travou conhecimento com Francisco Ascaso, Gregorio Jover e García Oliver, uma amizade que só a morte destruiria. Montaram juntos um grupo de combate e com suas pistolas punham em constante perigo os assassinos dos trabalhadores. A classe operária espanhola os tinha como os seus melhores defensores. Eles faziam propaganda política através de seus próprios feitos, mas com isso também arriscavam diariamente as suas vidas. O povo os ama-

va, pois sabia que eles não tinham nenhum interesse em enganar politicamente ninguém com tal atividade.

Nessa época, o primeiro-ministro era um homem de nome Dato. Ele foi considerado o principal culpado pela campanha repressiva que estava ocorrendo em Barcelona. Os anarquistas decidiram executá-lo num atentado. A decisão foi cumprida.

Mais tarde, voltaram suas atenções para o cardeal Soldevila, que residia em Zaragoza. Ele foi executado a tiros por Durruti e Ascaso. Com o dinheiro de uma sociedade anônima proprietária de uma cadeia de hotéis e cassinos, o eminente cardeal financiava os supostos "sindicatos livres" e sua central de homicídios em Barcelona.

Heins Rüdiger/Alejandro Gilabert

Conheci Durruti em 1922, em Barcelona. A CNT já era então uma gigantesca organização sindical. Não representava apenas a maioria dos trabalhadores; controlava também quase todas as empresas.

Foi por essa época que formamos o grupo Os Solidários, mais tarde tão famoso e temido. Éramos mais ou menos uns doze: Durruti, García Oliver, Francisco Ascaso, Gregorio Jover, García Vivancos, Antonio Ortiz... Em suma, no início éramos apenas uma dúzia.

Precisávamos desse tipo de organização para nos defendermos do terror branco. Com o consentimento de alguns órgãos oficiais, os empresários tinham formado suas próprias unidades de mercenários, tropas de assassinos muito bem armadas e pagas. Tínhamos de nos defender. Quando fundamos nosso grupo, só em Barcelona já tinham sido mortos pelo terror branco mais de trezentos anarquistas sindicalizados. Mais de trezentos mortos!

Não podíamos nem pensar, na época, em ações revolucionárias de ofensiva. Era a fase da autodefesa. Ainda não tínhamos a FAI, que só foi fundada mais tarde. Por isso nos organizamos regionalmente, ou seja, em grupos de pessoas que se

conheciam do bairro ou do trabalho. Tínhamos de nos armar e precisávamos também de dinheiro para sobreviver.

Ricardo Sanz

MEMBROS DO GRUPO OS SOLIDÁRIOS (1923-1926)

Francisco Ascaso, de Aragón. Garçon, nascido em 1901.
Ramona Berni, tecelã.

Eusebio Brau, fundidor. Morto pela polícia em 1923.

Manuel Campos, de Castela. Carpinteiro.

Buenaventura Durruti, serralheiro e montador de León.
Nascido em 1896.

Aurelio Fernández, das Astúrias. Mecânico, nascido em 1897.

Juan García Oliver, da Catalunha. Garçon, nascido em 1901.

Miguel García Vivancos, de Murcia. Estivador, pintor e motorista. Nascido em 1895.

Gregorio Jover, carpinteiro.

Julia López Mainar, cozinheira.

Alfonso Miguel, entalhador.

Pepita Not, cozinheira.

Antonio Ortiz, carpinteiro.

Ricardo Sanz, de Valencia. Trabalhador têxtil, nascido em 1898.

Gregorio Soberbiela ou Suberviela, de Navarra. Mecânico.

María Luisa Tejedor, modista.

Manuel Torres Escartín, de Aragón. Padeiro, nascido em 1901.

Antonio "El Toto", diarista.

Ricardo Sanz 2/César Lorenzo

ASCASO

Encontrei os irmãos Ascaso pela primeira vez em Zaragoza. Isso foi em 1919, quando a Revolução Russa ainda não tinha endurecido autoritariamente e propiciava uma sugestão

subversiva às massas trabalhadoras de todo o mundo, inclusive da Espanha.

Os irmãos Ascaso faziam parte do grupo Voluntad, que publicava um jornal muito bom com o mesmo nome.

Por essa época, houve um levante repentino dos soldados do quartel Carmen. Certa noite, sem ter prevenido os anarquistas, alguns soldados dominaram a guarda, mataram um oficial e um sargento e tomaram posse do quartel sob o lema: "Viva os soviets! Viva a Revolução social!". Depois foram para a cidade e ocuparam a central telefônica, a agência de correios e telégrafos e as redações dos jornais. Mas, como agissem ingenuamente em seu entusiasmo juvenil, sem nenhum plano, ficaram sem saber o que fazer ali, às quatro horas da manhã. Resolveram voltar para o quartel e entrincheirar-se. Quando a Guardia Civil entrou em ação, entregaram-se sem muita resistência.

Acabada a luta, a polícia tentou, naturalmente, extrair dos rebeldes pistas para saber quem eram os cabeças ou os instigadores da rebelião. Mas, como neste caso não havia nenhum mentor, o esforço revelou-se vão. A Justiça Militar estava diante do dilema de resolver se deveria mandar fuzilar todos os rebeldes ou nenhum deles. Mas nessas horas é sempre possível encontrar um alcagüete. Foi o redator-chefe do jornal local *Heraldo de Aragón* quem denunciou à polícia os sete soldados que tinham ocupado a sua redação. Seguindo a lei marcial, os acusados foram imediatamente fuzilados. O ódio a este deduro, que freqüentemente difamava os anarquistas e sindicalistas, fez com que um de nossos companheiros empunhasse sua pistola e o crivasse de balas.

Por causa desse fato, foram levantadas acusações contra os irmãos Ascaso. O mais velho, Joaquín, ainda teve tempo de fugir; o mais novo, Francisco, que era garçon, foi preso. Tanto o proprietário como os outros garçons e os hóspedes do hotel em que trabalhava foram unânimes em declarar que ele estava no serviço no momento do crime. Mesmo assim Francisco certamente teria sido condenado à morte, como queria o promotor público, se a população de Zaragoza não tivesse impedido, con-

vocando uma greve geral para o dia da promulgação da sentença. Nessas circunstâncias, o júri preferiu absolver Ascaso. Quando o jovem de dezoito anos chegou sorrindo à porta da prisão, a multidão que o aguardava começou a gritar: "Viva a anarquia!". E nós, que ainda estávamos presos, também juntamos lá de dentro as nossas vozes a este brado.

Ascaso foi para Barcelona, já que não conseguia arranjar emprego em Zaragoza e era freqüentemente detido pela polícia. Isso aconteceu em 1922. Em Barcelona ele se tornou um dos organizadores do sindicato dos trabalhadores das indústrias alimentícias. Também desempenhava um papel importante na comissão de contatos entre os anarquistas.

Certo dia veio me dizer que queria ir para La Coruña tentar trabalhar como garçom; as perspectivas eram boas, porque a distribuição de empregos junto à marinha mercante estava nas mãos dos anarquistas sindicalizados. Ele nem bem pôs os pés na cidade e já foi preso sob suspeita de planejar um atentado contra Martínez Anido, que por acaso se encontrava lá naquele dia. Como não houvesse provas, Ascaso teve que ser posto em liberdade. De volta a Zaragoza, onde vivia sua família, ele caiu numa nova cilada preparada pela polícia. O cardeal Soldevila, instigador de muitos crimes contra trabalhadores e "subversivos", tinha sido assassinado por um elemento não identificado quando voltava para casa depois de uma visita a um convento de freiras. Em consequência disso foram efetuadas inúmeras prisões entre sindicalistas e anarquistas. Numa dessas batidas, Ascaso também foi preso. Mas a polícia teve que soltá-lo porque um guarda e vários detentos afirmaram que ele fazia uma visita ao presídio na hora do atentado. No entanto, como as autoridades não tivessem mais como avançar na investigação e precisassem de um bode expiatório, Ascaso foi novamente detido, oito dias depois de libertado. O promotor público exigia pena de morte. Nesse meio-tempo, o ditador Primo de Rivera, que acabara de mandar enforcar dois anarquistas, subiu ao poder com um golpe de Estado. Os anarquistas temiam pela vida de Ascaso. Mas, antes mesmo do co-

meço do processo, ele e mais seis outros presos políticos conseguiram fugir da prisão.

V. de Rol

JOVER

Jover, o mais velho dos Solidários, era chamado de "o Sério". Vinha de uma família de camponeses pobres da província de Teruel. Para salvá-lo da miséria da vida de diarista no campo, seus pais mandaram-no para Valencia, onde passou a ganhar a vida trabalhando numa fábrica de colchões. Foi preso pela primeira vez quando sua categoria entrou numa greve na qual não foram poucos os casos de violência: fura-greves foram espancados, fábricas sitiadas e o proprietário de uma delas morto, em resposta às represálias dos patrões. Todo o comitê paredista foi preso. Jover recebeu pena de dois anos por instigar violência, causar lesões corporais etc. Pouco tempo depois de solto, foi novamente detido, desta vez por panfletagem de textos subversivos em quartéis.

Por fim, Jover rumou para Barcelona, onde se tornou um dos colaboradores mais ativos da proscrita CNT.

A burguesia iniciara uma violenta ofensiva contra os trabalhadores. A cada dia o terror branco aumentava. Prisões, torturas e disparos contra "foragidos" eram comuns. Para os trabalhadores anarquistas não restava outra alternativa senão apelar para a violência. Jover e seus melhores amigos pegaram em armas contra os bandos de pistoleiros pagos pelos capitalistas. Naquela altura, nenhum trabalhador militante saía de casa sem estar armado até os dentes, e nos locais de trabalho as pistolas ficavam bem perto das ferramentas, sempre prontas para serem empunhadas.

O milionário Graupera, presidente de um grupo de indústrias, foi morto a tiros por um comando armado. O mesmo destino tiveram os policiais assassinos Barret, Bravo Portillo e Espejo. Maestre Laborde, ex-governador de Barcelona, morreu em Valencia. Sob as balas dos revolucionários tombaram em Zaragoza o diretor da usina siderúrgica de Bilbao, o dono da

fábrica de vagões, o diretor do departamento de obras da cidade, um engenheiro da companhia elétrica e um soldado que fora reconhecido como denunciante e torturador de trabalhadores. A CNT também defendia-se desesperadamente em Barcelona. Todo dia morria um trabalhador; no seguinte, um burguês ou um policial. Esta guerra travada nas ruas durou três anos. Os comandantes da repressão, Martínez Anido e Arlegui, não ousavam sair de seus escritórios.

A polícia anunciou a descoberta de um complô dos anarquistas contra Martínez Anido. Segundo a versão policial, os conspiradores pretendiam primeiro assassinar o prefeito de Barcelona para depois matar com granadas os convidados presentes ao enterro. Entre eles certamente estariam Anido e Arlegui. Com isso, a repressão aumentou ainda mais. No entanto, a violência proletária contra-atacava. O clube de caça de Barcelona, onde se reuniam os magnatas da indústria, foi bombardeado com granadas de mão, apesar do forte esquema de segurança. Muitos empresários ficaram gravemente feridos. Durante um tiroteio, o prefeito da cidade foi atingido por disparos, o mesmo acontecendo com o vereador católico Anglada. Nesta atmosfera de luta e constante perigo de vida, Jover se destacou pela serenidade e pela energia encorajadora.

Após a morte do primeiro-ministro Dato, Anido e Arlegui tiveram que renunciar. Os sindicatos foram legalizados. As organizações puderam ser reconstruídas. Foi então que Jover conheceu Durruti e os irmãos Ascaso.

A primeira manifestação pública em Barcelona, depois de três anos de sangrenta repressão, foi um enorme sucesso. Só a convocação organizada pelo sindicato dos madeireiros foi suficiente para lotar o teatro Victoria, uma das maiores salas de espetáculo da Espanha. O evento foi iniciado com a leitura de uma longa lista: o nome dos 107 ativistas da CNT que tinham desaparecido.

A partir daí, os grupos anarquistas de Barcelona começaram a desenvolver atividades em ritmo verdadeiramente febril. Foram fundados centros culturais e escolas para trabalhadores. O jornal que publicavam, o *Solidaridad Obrera*, alcançou a

tiragem de cinquenta mil exemplares, batendo todos os jornais diários da imprensa burguesa na cidade.

V. de Rol

DINHEIRO PARA A ESCOLA

Meu primeiro contato com o movimento anarquista ocorreu em 1915, durante a Primeira Guerra, por influência de meu pai, um revolucionário que tinha participado das barricadas da Comuna de Paris, em 1871.

Quando a guerra eclodiu, eu não tinha nem dezenove anos e estava escrevendo meus primeiros artigos. Eu era internacionalista e não queria lutar. Fui para a Espanha, um país neutro, e logo entrei em contato com o movimento, tornando-me anarquista ativo.

Durante dez anos vivi precariamente, trabalhando como diarista, como ajudante numa forjaria e depois numa fundição; exerci mais ou menos uma dúzia de profissões diferentes até os vinte e oito anos, quando, meio sem querer, tornei-me professor. Não da universidade, mas de uma escola do povo, uma escola livre e gratuita em La Coruña, cidade que fica na Galícia, extremo noroeste da Espanha. Esta escola fora montada pelos sindicatos e pela CNT e era mantida pelos marinheiros, trabalhadores das docas e estivadores. O capital necessário para que iniciássemos as atividades fora conseguido por Durruti.

É claro que este capital não fora obtido legalmente. Hoje posso afirmar tranquilamente: o dinheiro veio de um assalto. Não a um banco, mas a uma casa de câmbio. Durruti foi até lá e exigiu o dinheiro, com a pistola na mão. Houve um tiroteio, mas o sindicato recebeu a quantia necessária para iniciar as atividades da escola. Foi tudo o que aconteceu.

Esse tipo de procedimento não pode ser julgado à luz do código penal burguês. O senhor veja bem, eu mesmo vivi situações em que estive a ponto de matar, se tivesse coragem para isso. É preciso ter visto a miséria, a terrível miséria que reinava

na Espanha, para compreender o desespero desses homens e o motivo de suas ações.

Gastón Leval

TRÊS RAZIAS

Uma nova onda de violência foi iniciada com a greve dos operários que trabalhavam na construção do metrô de Barcelona, contratados pela empreiteira Hormaeche. Esta firma era uma velha inimiga da CNT. Um grupo de criminosos foi especialmente contratado por ela para tirar de circulação os líderes da greve. Os anarquistas tiveram de se defender.

Em León foi morto a tiros o ex-governador de Bilbao, González Regueral. Como de costume, a polícia procurava os culpados entre os membros do grupo Os Solidários. A suspeita caiu primeiro sobre Durruti. No entanto, ele conseguiu provar que estava em Bruxelas no dia do crime, tentando tirar um passaporte. Depois, o acusado foi Ascaso, que também tinha um álibi: estava preso em La Coruña por ocasião do atentado. Por fim a polícia culpou os anarquistas Arrarte e Suberviola. Os dois se esconderam em Barcelona.

Por mero acaso, as autoridades de Barcelona acabaram descobrindo os horários e os locais de encontro de Suberviola, Arrarte, do Ascaso mais jovem e de Jover. A casa em que Suberviola se escondia foi cercada. Ao invés de se entregar, ele tentou romper o cerco partindo para cima dos policiais com uma pistola em cada mão e fazendo-os fugir, assustados; mas outros soldados que haviam se escondido nos cantos e corredores da casa mataram-no com vários tiros. Na casa de Arrarte apareceram também alguns policiais, à paisana, dizendo-se companheiros foragidos. Arrarte fingiu acreditar neles e afirmou que ia levá-los à casa de um amigo onde estariam em segurança. Na verdade, tentou levá-los à periferia da cidade para depois fugir. Mas os policiais não lhe deram tempo para isso: mataram-no ali mesmo, na rua. Surpreendido no quarto andar de um edifício, Ascaso jogou-se pela janela e conseguiu sair com vida, mesmo com seus perseguidores atirando pelas costas. Jover, por

sua vez, foi detido em seu quarto e levado à delegacia de polícia. Mais tarde, quando deveria ser apresentado ao delegado, conseguiu escapar por uma porta que dava para a rua. Com alguns golpes, desvencilhou-se dos guardas que o acompanhavam e saiu ileso da saraivada de balas disparadas contra ele.

V. de Rol

No verão de 1923, pouco depois da morte de Regueral pelo grupo Os Solidários, Durruti foi preso no trem que ligava Barcelona a Madri. A nota de imprensa distribuída pela polícia e publicada no dia seguinte pelos jornais não dava nenhuma razão para a prisão, a não ser a de "suspeita de que Durruti ia a Madri preparar um assalto a banco". Além disso, havia uma ordem de prisão contra ele, expedida na cidade de San Sebastián, que alegava assalto a mão armada nas dependências da firma Irmãos Mendizabal.

No dia seguinte um membro do grupo foi a San Sebastián procurar os srs. Mendizabal e sugerir-lhes que seria melhor deixarem Durruti fora da jogada. Quando a polícia conseguiu transferi-lo para San Sebastián para ser reconhecido, os srs. Mendizabal já não se lembravam mais dele. Com isso, o juiz teve de absolvê-lo.

No dia anterior, homens não identificados haviam matado a tiros o cardeal Soldevila, em Zaragoza, num lugar chamado El Terminillo.

Ricardo Sanz 2

Durruti, Ascaso, Jover e García Oliver trabalharam na organização do atentado contra o primeiro-ministro Eduardo Dato.

Durruti, na verdade, só participou de forma marginal na ação. "Os preparativos foram na realidade obra de Ramón Archs, que depois, vítima de torturas, veio a morrer. Um dos participantes do atentado ainda está vivo. Um outro, Ramón

Casanellas, fugiu para a União Soviética e lá foi convertido ao comunismo. Morreu num acidente de motocicleta.

Federica Montseny 2

Quase todos os membros de Os Solidários se reuniram nas Astúrias no final de agosto de 1923. No dia 1º de setembro a filial do Banco da Espanha foi assaltada em Gijón. Na hora não houve baixas. Alguns dias mais tarde, porém, a Guardia Civil de Oviedo conseguiu prender alguns companheiros que tinham tomado parte no assalto. Houve tiroteio, e nele morreu Eusebio Brau. Foi o primeiro membro do grupo a perder a vida sob as balas da polícia. Também foi preso Torres Escartín, posteriormente culpado pela polícia de responsável no atentado ao cardeal Soldevila. Torres Escartín foi torturado e ainda participou de uma tentativa de fuga da prisão de Oviedo, mas estava tão machucado pelos maus-tratos da Guardia Civil, durante o interrogatório, que não conseguiu escapar.

O corpo de Eusebio Brau jamais foi reconhecido pela polícia. Sua mãe, uma senhora de cinquenta anos, morava em Barcelona. Para mantê-la, o grupo arrendou uma banca no mercado de Pueblo Nuevo, bairro onde ela morava.

Ricardo Sanz 2

AS ARMAS

No que diz respeito a armas, possuíamos apenas espingardas e pequenos revólveres. Não era fácil comprar armas na Espanha. Mas em Barcelona tínhamos companheiros numa fundição que diziam que poderíamos comprar toda a empresa e produzir lá nossas próprias granadas de mão. Isso seria ótimo para a Revolução. A partir daí, só faltava a dinamite para carregar as granadas. Mas isso não era problema, pois também tínhamos companheiros nas pedreiras que poderiam conseguir a dinamite. O que faltava mesmo era dinheiro, guardado nos bancos. Muitos pensavam, naquela época, que seria uma verdadeira heresia se gente como nós, contra o capitalismo e o di-

nheiro, assaltasse bancos. Hoje, isso se tornou a coisa mais normal do mundo. Não precisávamos do dinheiro para nós. Roubávamos porque a Revolução necessitava dele. Fomos os primeiros na Espanha, por assim dizer os inventores deste tipo de ação. Na ocasião, isso era considerado imoral e injusto. Hoje, todos sabem que é moral e justo.

Um dia fui para a França com um contrabandista espanhol. Conseguimos armas em Marselha. O contrabandista era um especialista no assunto. Foi lá que consegui minha primeira metralhadora, de fabricação alemã. Foi com essa metralhadora que saí para as ruas em 1936, quando do golpe dos generais.

Ricardo Sanz

Em outubro de 1923, um mês depois do golpe de Estado de Primo de Rivera, Os Solidários conseguiram comprar cem rifles de doze tiros de repetição e duzentas mil balas junto à fábrica de armas Garate & Anitua, em Eibar. Por esta compra, feita graças a um intermediário, o grupo pagou a quantia de 250 mil pesetas.

Algum tempo antes, os Solidários tinham comprado uma fundição no bairro de Pueblo Nuevo, em Barcelona, por trezentas mil pesetas. Nesta oficina o grupo fundia suas próprias cápsulas para bombas e granadas de mão. Esse trabalho era comandado pelo fundidor Eusebio Brau. No bairro de Pueblo Seco, também em Barcelona, Os Solidários dispunham de um depósito de armas que tinha mais de seis mil granadas de mão no momento em que foi descoberto pela polícia, graças a uma denúncia.

Além destes, havia ainda por toda a cidade uma série de depósitos de armas cheios de pistolas e fuzis, quase todos comprados na França ou na Bélgica. Estas armas eram contrabandeadas para a Espanha através da fronteira francesa, geralmente em Font-Romeu e Puigcerdá, onde o grupo tinha intermediários. Outras remessas chegavam por via marítima.

Os Solidários mantinham-se fiéis a uma regra: só os participantes diretos na ação deveriam saber algo a respeito dela. Mas só saberiam o que fosse necessário para cumprir sua parte.

Nunca houve um chefe ou líder de grupo. Todas as decisões eram tomadas em conjunto por aqueles que deveriam executá-las.

Ricardo Sanz 2

O Comitê Nacional para a Revolução comprara armas em Bruxelas e as enviara por Marselha. Mas este arsenal mostrou-se insuficiente. Por isso, em junho de 1923, Durruti e Ascaso foram a Bilbao para conseguir uma provisão maior. A fábrica ficava em Eibar. Um engenheiro que trabalhava ali serviu de intermediário. Oficialmente as armas seriam enviadas de navio para o México, mas estava previsto que o capitão, tão logo tivesse alcançado mar aberto, receberia novas ordens e, pelo estreito de Gibraltar, tomaria a rota de Barcelona, onde o carregamento seria desembarcado à noite, bem longe do ancoradouro. O tempo urgia. A firma não conseguiu fazer a entrega no prazo, e as armas só chegaram a Barcelona em setembro, ou seja, tarde demais: nesse meio-tempo, Primo de Rivera já tinha concluído com sucesso seu golpe de Estado. O navio teve de voltar para Bilbao e devolver as armas à fábrica.

Abel Paz 2

A MÃE

Fazia tempo que não nos víamos, mas sabíamos o que se passava em Barcelona. Já tínhamos ouvido falar das lutas que estavam acontecendo lá quando Durruti veio a León visitar seu pessoal. Vinha ver sua mãe, compreendem, que tinha que remendar as roupas e consertar os sapatos dele.

Sua mãe dizia:

— Bem, neste caso eu acho que já não entendo mais o mundo. Nos jornais sempre dizem que Durruti fez isto ou aquilo, que estava aqui ou ali, mas toda vez que ele retorna para casa está vestido em trapos. Vejam só o estado dele! O que passa pela cabeça desses jornalistas? Tudo isso é mentira. Eles estão precisando de um bode expiatório.

E vocês querem saber de uma coisa? Tudo isso era assim mesmo. Durante anos Durruti foi um demônio pintado em todos os muros da Espanha logo que acontecia alguma coisa num banco ou alguém explodia bombas. E sua mãe gritava:

— Isso não pode ser verdade. Toda vez que ele volta para casa eu tenho que costurar seus trapos, e nos jornais escrevem que ele tem pilhas de dinheiro.

É certo que houve um monte de assaltos, mas o dinheiro que Durruti pegava com uma das mãos era passado adiante, com a outra, para as famílias dos prisioneiros e para a causa. Não há nada a esconder, vocês me entendem, não há nada de que nos envergonhar.

Florentino Monroy

Todos nós estivemos na prisão. Uma vez? Não me faça rir. Dúzias de vezes. Em 1923, quando o ditador Primo de Rivera subiu ao poder, todos nós fomos presos. Eles nos prendiam por qualquer coisinha, e não só sob a ditadura. Eu perdi cinco anos na prisão, em Barcelona, Zaragoza, San Sebastián e Lérida. Mas quando estávamos na prisão sempre havia um guarda que ficava do nosso lado. Eles nos traziam informações e contrabandeavam mensagens nossas para o lado de fora: tudo funcionava que era uma beleza! Muitos dos guardas faziam isso por convicção; os outros subornávamos. Os companheiros cuidavam de nossas famílias; quanto a isso podíamos dormir tranquilos. Algumas vezes chegamos até a fazer conferências políticas na prisão. Com Durruti, fiquei preso só uma vez; com García Oliver, várias. Muitos dos companheiros de cela da época depois tornaram-se ministros.

Ricardo Sanz

TERCEIRO COMENTÁRIO
O DILEMA ESPANHOL (1917-1931)

A Espanha foi um país neutro na Primeira Guerra. As antiquadas minas do norte, em grande parte nas mãos dos capitalistas estrangeiros, trabalhavam com a capacidade máxima; as indústrias catalãs introduziram os turnos da noite; a produção agrícola do país encontrava compradores, apesar dos preços elevados. A guerra trouxe à economia espanhola um boom repentino, sem que, no entanto, a estrutura anacrônica desta economia tivesse se alterado. Os salários permaneciam baixos. No dia do cessar-fogo, o Banco da Espanha alcançou reservas em ouro da ordem de noventa milhões de libras.

“Barcelona vivia um clima de festa. De noite as Ramblas pareciam um mar de luzes. De dia, sob o sol forte, elas se enchiam de pássaros e mulheres. Aqui também corriam rios de ouro ganho com a guerra. As fábricas trabalhavam com a capacidade máxima, fosse para vender aos aliados ou a seus inimigos. As firmas acumulavam capital. Sinais de alegria em todos os rostos, nas vitrines, nos bancos e até no jeito de andar! Era uma loucura!”

É assim que o revolucionário profissional Victor Serge descreve o inverno de 1916/1917 na Espanha. E prossegue:

“Quando ninguém mais parecia acreditar que fosse possível, a Revolução eclodiu. O inverossímil tornou-se realidade. Nós líamos os telegramas da Rússia e nos sentíamos transformados. As imagens que eles nos transmitiam eram simples,

concretas. Agora havia uma luz esclarecedora sobre as coisas. O mundo já não estava mais irremediavelmente louco. Os espanhóis, mesmo os trabalhadores da minha seção, que não eram nem um pouco ativos, compreenderam instintivamente o que se passava em Petrogrado. O espírito dos espanhóis imaginava esta experiência em Barcelona e Madri. A monarquia de Afonso XIII não era nem mais amada nem mais estável do que a de Nicolau II. A tradição revolucionária da Espanha, como a russa, remontava à época de Bakunin. Aqui como lá, causas sociais parecidas estavam em jogo: o problema agrário, a industrialização tardia e um regime descompassado em mais de um século e meio com o Ocidente. O boom industrial e comercial da época da guerra fortaleceu a burguesia, sobretudo a catalã, que se opunha com hostilidade à velha aristocracia latifundiária e ao poder real, já completamente esclerosado. Mas este boom aumentou também a força e as pretensões de um proletariado jovem, que ainda não tinha tido tempo para formar uma aristocracia de trabalhadores, quer dizer, que ainda não tivera tempo de aburguesar-se. O espetáculo da guerra acendia o espírito de violência. Os baixos salários (eu, por exemplo, recebia quatro psetas por dia, ou seja, mais ou menos oitenta cents de dólar) faziam nascer reivindicações que precisavam ser atendidas com extrema urgência.

“O horizonte se aclarava a cada semana que passava. Em três meses, o ânimo dos trabalhadores em Barcelona tinha-se modificado completamente. Novas forças afluíam à CNT. Eu fazia parte de um minúsculo sindicato de tipógrafos. Ora, sem que o número de filiados ao sindicato tivesse aumentado — éramos cerca de trinta —, aumentou o nosso poder de pressão. Era como se toda a categoria tivesse acordado. Três meses depois de a Revolução Russa ter eclodido, uma comissão de trabalhadores começou a preparar uma greve que deveria ser também um levante.

“No Paralelo, esse boulevard que sempre fica cheio de gente e que de noite parece flamejar com tanta luz, havia um lugar chamado Café Espanhol, bem perto do temível barrio chino (cujas ruas da moda ficavam, à noite, tomadas por pros-

titutas, escondidas atrás das portas). Pois bem, neste Café Espanhol encontrei um dia ativistas que se armavam para um combate próximo. Falavam entusiasmados dos que deveriam morrer, dividiam entre si as pistolas Browning e escarneciam dos receosos agentes da polícia sentados à mesa ao lado. A decisão de ocupar Barcelona estava tomada. Agora faltava apenas estudar os pequenos detalhes. Mas e Madri? E as outras províncias? Será que uma rebelião levaria realmente à queda da Monarquia?"

A greve geral de 1917 foi sufocada com sangue: setenta trabalhadores morreram sob os disparos das Forças Armadas. Dois fatores foram decisivos para o fracasso da ação das massas: o papel dominante do Exército na sociedade espanhola e a cisão dentro do movimento operário espanhol.

A partir de 1880/1890 cresceu na Espanha um oponente à anarquia, encarnado na figura da social-democracia. O partido, fundado em 1879, empenhava-se pela ação parlamentar dentro do âmbito legal. Mas, face às fraudes manifestas do sistema eleitoral, permaneceu pequeno e fraco durante anos. Também o seu braço sindical, a Unión General de Trabajadores (UGT), quase nada cresceu até a Primeira Guerra. Com elevadas taxas para os filiados, uma direção pequeno-burguesa composta de funcionários pagos e uma moderação política que quase não se diferenciava da covardia, a social-democracia imitava fielmente seus modelos da Europa ocidental. Era, sob todos os aspectos, a antítese da CNT. As duas rivais se opunham inclusive em termos de distribuição geográfica, o que dividiu o movimento operário espanhol até a Guerra Civil. Enquanto os anarquistas tinham suas bases na Catalunha e na Andaluzia, os social-democratas firmavam-se principalmente nas Astúrias, em Bilbao e Madri. O reformismo só se tornou um movimento de massas durante a Primeira Guerra Mundial, numa conjuntura que favorecia amplamente as ilusões econômicas e parlamentares dos social-democratas. O antagonismo entre a UGT e a CNT era tão arraigado que só em raros momentos foi possível uma unidade de ação entre elas: em 1917, em 1934 e na Guerra

Civil. Era sempre a pressão das bases que obrigava as organizações a uma ação comum. Mas esta unidade também era sempre quebrada pela desconfiança e pelo antigo ressentimento. Não podia haver união duradoura entre as duas alas enquanto a social-democracia insistisse em integrar os trabalhadores na sociedade, e a CNT, por sua vez, em solapar as bases desta mesma sociedade.

Em 1917, a queda da Monarquia era ao mesmo tempo necessária e impossível. O velho regime estava à bancarrota política, mas as forças militares e econômicas que o apoiavam ainda eram consideráveis. Os partidos políticos, os "conservadores" e os "liberais", eram na realidade um único cartel de poder e ainda formavam gabinetes de governo como outrora, mas eram incapazes de fazer as manobras políticas e desenvolver a tática adequada à nova situação. A única emenda de importância política feita pela administração madrilenha foi um arranjo com a burguesia catalã: a ela foram feitas, no início dos anos 1920, certas concessões alfandegárias, o que teve como consequência o impulso do nacionalismo catalão em direção à esquerda. As pretensões dos catalães à autonomia, insatisfeitas, cristalizaram-se numa nova força política, o partido pequeno-burguês Esquerra Catalana, que logo se tornou um aliado potencial, embora incerto, do movimento operário. Por detrás dos bastidores, as forças de direita se agrupavam numa aliança inerte, ininteligível: no primeiro plano, como outrora, uma classe de latifundiários completamente impotentes e de uma falta de capacidade mental inimaginável, flanqueados por uma burocracia enorme e parasitária; no segundo plano, cada vez mais misturados aos latifundiários, a crescente burguesia de empresários e também o alto clero, principalmente os jesuítas, que já em 1912 controlavam um terço do capital financeiro e industrial espanhol; e por último o capital estrangeiro, que afluía ao país sobretudo desde a Guerra e que iria desempenhar um papel importante em 1936 (o capital francês girava em torno de três, o inglês em cinco, e o americano em três milhões de marcos, respectivamente). Em que pesem as

contradições internas e o imobilismo, esta coalizão de forças permaneceu intacta até 1936. Ela não perturbava o movimento operário revolucionário com seus instrumentos políticos, mas com os militares.

Já no século XIX, com os soldados vivendo em regime de quartel, o Exército havia conseguido afastar-se da sociedade civil e alcançava, com isso, uma importância considerável dentro do Estado. O corpo de oficiais era enorme: para cada seis soldados havia um oficial. Embora essas forças fossem mal dirigidas, tecnicamente atrasadas e despreparadas para a formação de seus contingentes, devoravam mais da metade do orçamento estatal no início dos anos 1920. A *raison d'être* do Exército era a de uma força de ocupação em seu próprio território. Até a Guerra Civil, as classes dominantes dependeram inteiramente dele e de outros instrumentos de repressão (Guardia Civil, Guardia de Asalto, Cuerpo de Seguridad, Mozos de Escuadra). E até hoje a situação parece não se ter modificado.

A confrontação era inevitável. A alternativa para a Revolução era a ditadura militar. Em 1917 a Espanha já estava madura para ela, mas o rei hesitava. Ele temia a República, e a oligarquia agrária mantinha-se presa à forma tradicional de governo. Enquanto a social-democracia se contentava com promessas vagas e concessões mínimas, um compromisso com a CNT era impensável. Com isso, a prova de fogo foi decidida no campo dos anarquistas, em Barcelona: cinco anos de uma paralisação marcada pelo sangue, onde os inimigos, engalfinhados, quase não saíam de suas posições. Esta guerrilha tomou conta da cidade entre 1917 e 1923. O status quo era o paroxismo, um ensaio geral para a Guerra Civil. Os patrões, apoiados pelo Exército e pela polícia, passaram a contra-atacar a CNT. O limite entre criminalidade e violência estatal foi desfeito. O comandante do Exército da Catalunha, general Martínez Anido, e o chefe de polícia, general Arlegui, eram ao mesmo tempo figuras do submundo e representantes do poder de Estado. Não foi a Gestapo, mas a administração espanhola que introduziu o fuzilamento de prisioneiros "foragidos" como regra normal da polícia, e foi ela também que sancionou legalmente a "Ley de

Fugas". Ao mesmo tempo, o capital catalão criava, na figura do grupo paramilitar Pistolerros, um SA *avant la lettre*. Além dos tiroteios, sabotagens, provocações, demissões, prisões em massa, aumento da espionagem, assassinatos, torturas e chantagens, a guerra permanente no bosque de Barcelona ia levando a cidade à beira do caos.

Em 1923 a guerra colonial no Marrocos, que levou o Exército espanhol a uma derrota vergonhosa, deu o golpe mortal no antigo regime. A única saída era a ditadura. Primo de Rivera era, antes de mais nada, o candidato da burguesia industrial: defendia um programa de "modernização" extraído quase inteiramente dos discursos de Kemal Atatürk e Mussolini. Para realizar esta modernização, ele dependia, naturalmente, do apoio do Exército, ao qual teve de fazer concessões de toda espécie. A CNT foi proscrita. A social-democracia decidiu-se pela colaboração: seu líder Largo Caballero aceitou tomar parte no ministério do ditador. Tentativas de ajustes e acordos de trabalho deveriam resolver o "problema social". Isso significava praticamente a estatização dos sindicatos e a formação de uma "frente de trabalho". A oposição intelectual foi reprimida. Primo de Rivera ignorou a questão catalã. As reformas ficaram no papel. As contradições da sociedade espanhola não podiam ser "sanadas" a partir da mesa do ditador. Com a crise econômica de 1929, fracassou a experiência autoritária de Primo de Rivera. Os militares vacilavam. A Monarquia chegava ao fim. Os interesses do capital industrial espanhol impunham uma nova forma de governo: a República. Em março de 1931, Afonso XIII abdicava.



O EXÍLIO: A FUGA

Em 1923, quando o ditador Primo de Rivera subiu ao poder, Ascaso e Durruti tiveram que ir para o exílio, pois os reacionários os teriam assassinado se ficassem na Espanha. Naquela época, Ascaso se encontrava na prisão por causa do atentado ao arcebispo de Zaragoza, o cardeal Soldevila. Mas nossos companheiros organizaram uma fuga, e entre os fugitivos estava Ascaso. Mas ele não fez como tantos outros, que ficaram perambulando por aí e freqüentavam os cafés até serem levados de novo para a cadeia. Tomou um trem de carga que toda noite levava gado do norte para Barcelona. Neste trem sempre havia boiadeiros cuidando para que o gado não fosse roubado no caminho. Ascaso vestiu uma camisa preta de boiadeiro e subiu no trem durante a noite, em Zaragoza. Na manhã seguinte, ele estava batendo à porta de minha casa em Barcelona.

De Barcelona, Ascaso foi para a França. Em Paris, encontrou-se com Durruti, García Oliver e Jover. Todo o dinheiro que possuíamos foi mandado para eles. Os Solidários continuaram trabalhando na França. A primeira coisa que fizeram em Paris foi tentar reerguer a Livraria Internacional, localizada à rue Petit, número 14. Doaram a ela trezentas mil pesetas, e logo foi fundada a Enciclopédia Anarquista, que até hoje não está pronta — novos volumes são sempre editados e não há nenhuma previsão para o futuro.

Ricardo Sanz I

Os quatro sobreviventes do grupo Solidários reencontraram-se em Paris: Jover, Durruti e os irmãos Ascaso. Durruti encontrou trabalho como mecânico na fábrica de automóveis Renault, o irmão mais velho dos Ascaso numa oficina de pedras e ladrilhos; seu irmão mais novo tornou-se ajudante numa fábrica de tubos e placas de chumbo. Jover trabalhava numa fábrica de colchões, onde, devido a sua habilidade, foi chamado para ser mestre e vigiar os outros operários. Ele recusou: isso ia contra seus princípios.

V. de Rol

Eu o conheci nos primeiros anos da ditadura, 1923 ou 1924, durante uma reunião de conspiração, em Bilbao. Durruti chegara clandestinamente de seu exílio em Paris. Ele passeava tranqüilamente pela praça central de Bilbao ao lado de Jover, um de seus amigos mais íntimos. Foi uma reunião importante, quase um congresso, com vários companheiros e pessoas de outras organizações. Também havia socialistas. Lembro-me de como Durruti discutiu com Largo Caballero, então líder dos social-democratas e que mais tarde se tornaria primeiro-ministro da República.

Juan Ferrer

TENTATIVA INGÊNUA

Entre os anarquistas espanhóis, que do exílio parisiense ainda se mantinham em contato com os amigos na pátria, começou a ser ventilada a idéia de derrubar a odiosa ditadura pela luta armada. Enquanto em Barcelona os grupos de ação deveriam atacar os quartéis e erigir barricadas, os companheiros que viviam na França planejavam atravessar a fronteira espanhola com armas empunhadas e ocupar os postos de controle.

De várias cidades chegavam notícias sobre o crescente descontentamento das tropas. Os soldados deveriam ser enviados para o Marrocos a fim de reprimir os africanos. Aumentava o

número de desertores, que fugiam para a França. A situação parecia favorável. Os anarquistas em Paris decidiram enviar um emissário a Barcelona. Jover foi o encarregado da tarefa. Depois de sua chegada foi convocada em todo o país uma reunião na qual deveriam participar os delegados da CNT e dos grupos de ação a fim de planejar e organizar o levante. Os companheiros de Barcelona deveriam ocupar o quartel e tomar o parque onde a artilharia estava estacionada. Alguns soldados e um suboficial declararam-se prontos para abrir o portão do quartel e apoiar a ocupação. Afirmavam também que a maioria dos soldados iria aderir ao levante.

Retornando a Paris, Jover fez um relato da situação a seus companheiros. Um outro emissário foi enviado a Barcelona. Ficou decidido que seriam os anarquistas da cidade que deveriam marcar o dia da ação. Na data combinada, o grupo vindo de Paris atacaria as estações fronteiriças de Hendaya, Irún, Vera de Bidadosa, Perpiñán e Figueras.

Uma semana antes do dia marcado ocorreu em Barcelona um último acerto. Os dois delegados da CNT, que na reunião anterior haviam concordado com as decisões tomadas, mostravam agora receio e hesitação. Pessoalmente, eles se colocariam à disposição e tentariam conseguir toda a ajuda possível, mas a organização não poderia tomar parte na ação. Eles estavam assustados com o fantasma da "responsabilidade", fantasma que lhes fora pintado por algumas pessoas influentes durante as reuniões dos colegiados. Mesmo assim os participantes desta última reunião acreditavam que a ação da base iria arrastar consigo aqueles "notáveis" e decidiram levar o plano adiante. Um dos presentes foi enviado a Paris, pois Jover, que tinha sido indicado para a tarefa, recusou a missão. Embora corresse perigo em Barcelona, ele achava que poderia fazer mais na pátria do que na fronteira. Assim, um outro companheiro viajou a Paris.

Lá ele confirmou que em Barcelona tudo estava pronto para o levante e que o dia do ataque seria anunciado por telegrama ao grupo na França. O código era: "Mãe está doente". Em Paris, Lyon, Perpiñán, Marselha e em todas as outras

idades onde havia grupos anarquistas, este telegrama era esperado com impaciência.

Quem vivenciou aqueles momentos jamais os esquecerá. Sabíamos que assim que recebêssemos o telegrama teríamos que alcançar a fronteira sem demora e lutar duro com a polícia. A guarda, lá, era muito superior a nós em número, organização e armamento.

Finalmente o telegrama chegou. Partimos imediatamente em pequenos grupos de dez a doze homens, armados apenas com revólveres. Para economizar o dinheiro que os compramos passamos até por privações. Os companheiros de Paris estavam na Estação d'Orsay. Ascaso, o mais velho, distribuiu os bilhetes e foi o último a subir no trem com suas malas pesadas. Levava consigo vinte e cinco espingardas Winchester, as armas de maior calibre de que dispúnhamos.

Ao mesmo tempo, os companheiros de Barcelona preparavam o ataque ao quartel da artilharia de Atarazanas. Para não dar na vista, eles se dividiram em pequenos grupos e ocuparam os pontos determinados já na noite anterior. O ataque deveria começar às seis horas da manhã, com granadas de mão.

Atarazanas fica no quinto distrito de Barcelona, região sempre muito vigiada, pois ali eram erguidas as primeiras barricadas, ali estavam a gráfica do *Solidaridad Obrera*, as redações do *Tierra y Libertad* e do *Crisol*, a sede dos sindicatos dos madeireiros e dos pedreiros, e ali também moravam muitos dos companheiros que atuavam nessas organizações.

Apesar de todas as medidas de segurança, a polícia não deixou de farejar cheiro de caça: um dos grupos de combate foi interceptado por uma patrulha ao tentar aproximar-se do quartel. Houve uma intensa troca de tiros, onde um patrulheiro foi morto e outro ferido. O alarme soou, reforços foram chamados e a polícia cercou o quartel com metralhadoras. Com isso o ataque foi cortado pela raiz. Perto dali, dois companheiros foram presos e fuzilados.

Depois do fracasso da ação em Barcelona, o ataque às estações fronteiriças não tinha mais a menor chance de êxito. Para infelicidade ainda maior, os grupos que se dirigiam a Vera e

Hendaya chegaram a seus destinos dezoito horas antes dos outros, pois o trajeto não tinha sido bem calculado. Conseguiram vencer o primeiro combate, mas logo foram acionadas novas forças contra eles. Tiveram que bater em retirada, lutando numa longa e fatigante marcha pelas montanhas. Dois companheiros foram mortos e um outro ficou gravemente ferido. Alguns perderam-se nas montanhas e muitos acabaram presos dois dias mais tarde: quatro foram executados em Pamplona e o resto, supõe-se, foi levado a tribunal.

Quando os grupos que deveriam atacar Figueras e Gerona chegaram a Perpiñán, puderam ler no jornal o que ocorrera em Vera. Tinham chegado tarde demais. A polícia já estava de sobreaviso há muito tempo. Como havia quase mil homens em Perpiñán, eles tiveram que se dispersar para não dar na vista. No entanto, muitos foram detidos. Só um grupo de cinquenta homens conseguiu escapar ileso e levar consigo as bagagens com armas e munições para um lugar seguro. Em marcha acelerada, esse grupo chegou às encostas dos Pirineus, onde encontrou, como fora combinado, um companheiro de uma aldeia espanhola que deveria servir-lhe como guia até Figueras, através das altas montanhas. Em Figueras, eles deveriam atacar o presídio e, segundo o plano, libertar os companheiros encarcerados. Mas o guia tinha más notícias. Vários regimentos do Exército tinham tomado posição na fronteira e contavam ainda com artilharia e armas automáticas. Sem o elemento surpresa, nosso ataque, com forças inferiorizadas, ficava sem sentido. Chorávamos de ódio, raiva e vergonha por ter que bater em retirada sem nem mesmo haver lutado. Um dos que estavam conosco era Ascaso. Durruti ficara no grupo que deveria atravessar a fronteira em Vera. Jover encontrava-se em Barcelona entre os que atacariam o quartel.

Tudo isso não passou de uma tentativa inútil e ingênuas. Vocês podem dizer o que quiserem, mas mesmo assim ela merece respeito. Havia pessoas que riam da nossa cara, considerando-nos politicamente equivocados. Até mesmo muitos dos que se diziam anarquistas faziam isso. Na realidade, nosso empreendimento não tinha sido nada mais do que uma derrota, e nós já

sofrêramos muitas derrotas. Mas esta não era razão para apagar da memória os mortos e desprezar o gesto daqueles que agora estavam em Pamplona aguardando julgamento. Outros, como Ascaso, Durruti e Jover, iriam levar adiante essa luta.

V. de Rol

A polícia fazia de tudo para aniquilar o trabalho revolucionário do grupo anarquista Os Solidários. Acusava, por exemplo, os membros do grupo de ter empreendido um assalto armado à filial do Banco da Espanha em Gijón. É fácil provar que isso não é verdade, pois, no dia do assalto, Durruti se encontrava na França e os irmãos Ascaso na prisão: um em Zaragoza, onde estava sendo incriminado pelo atentado ao arcebispo Soldevila, e outro em Barcelona. Nessa cidade, inclusive, a polícia tentou invadir a sede do sindicato dos madeireiros, mas o ataque foi rechaçado pelos companheiros, que feriram um policial e mataram dois outros.

Com essa história de assalto ao banco, a polícia pretendia ter razões que justificassem um pedido de extradição de Durruti e de Francisco Ascaso, pois este último também conseguira fugir da prisão e encontrava-se presumivelmente na França. Mas como isso não foi suficiente, as autoridades espanholas enviaram fotos e ordens de prisão dos foragidos para todos os países, principalmente para as repúblicas latino-americanas de língua espanhola. A partir daí era só acontecer um roubo ou um assalto espetacular em algum lugar do Chile ou da Argentina que as autoridades espanholas já remetiam um dossiê com o intuito de imputar a culpa a Ascaso e Durruti. A polícia latino-americana não hesitava em apontar os dois como culpados, mesmo quando não havia a menor prova. Assim, soldados de vários países trabalharam de mãos dadas para que Durruti, Ascaso e Jover aparecessem aos olhos do público como bandidos legendários, cuja extradição era extremamente necessária.

V. de Rol

A AVENTURA LATINO-AMERICANA

Durruti, Ascaso e Jover agiram como puderam em Paris, mas, quando se deram conta de que não havia mais nada para fazer na França, partiram para a América Latina.

Vamos em busca de países novos, diziam. E assim viajaram para Argentina, Cuba, Chile... Mas não encontraram espaço para a militância, pois a classe operária ali era fraca, mal-organizada e os fazia sentir-se como peixes fora d'água. Depois de longas andanças, disseram: isto aqui não dá nada. Perceberam que tinham agido como quixotes e voltaram para a França.

Ricardo Sanz 1

No final de 1924 Durruti e Ascaso chegaram de navio a Cuba, onde iniciaram uma campanha pública em prol do movimento revolucionário na Espanha. Em Cuba fizeram sua primeira aparição pública como oradores, e Durruti impressionou como tribuno do povo. Mas logo a polícia começou a persegui-los como agitadores perigosos, e eles tiveram que deixar o país. A partir de então levaram uma vida bastante conturbada. Sempre tinham que arrumar as malas e partir. Foi assim que permaneceram durante algum tempo no México, no Peru e em Santiago do Chile, até chegarem a Buenos Aires, onde a estadia foi mais longa. Mas isso não significava que não corriam perigo em terras argentinas. De lá rumaram para Montevideú, onde tomaram um navio que deveria levá-los a Cherbourg. Mas nem bem alcançaram o mar e começaram a haver mudanças de rota por problemas técnicos. Mais tarde nós chamaríamos este vapor de "navio-fantasma". Mas ele conseguiu aportar nas Ilhas Canárias.

Abel Paz 2

As autoridades policiais de toda a América Latina procuravam Durruti, que a seus olhos era o expoente mais perigoso dos grupos anarquistas espanhóis. Sua foto foi colocada em toda parte: nas estações, nos trens, nos bondes. No entanto, ele

e seus companheiros atravessaram o continente inteiro sem que a polícia conseguisse capturá-los.

Cánovas Cervantes

Posso garantir que vi Durruti em Buenos Aires. Ele estava viajando por toda a América Latina. Junto com seus companheiros, assaltou vários bancos a fim de conseguir dinheiro para o movimento revolucionário.

Gastón Leval

Viajando certa vez num bonde em Buenos Aires, Ascaso e Durruti de repente notaram que estavam sentados bem abaixo de suas próprias ordens de prisão. O governo havia até estipulado um prêmio por suas cabeças. Tiveram que deixar o país o mais rápido possível.

Compraram passagens de primeira classe e por isso não tiveram problemas para embarcar. Mas trabalhadores na primeira classe são sempre um problema, principalmente Durruti, um sujeito ótimo, corajoso, mas sem o menor jeito para a etiqueta. Na entrada do refeitório, por exemplo, havia um rapaz que guardava os chapéus das pessoas. Durruti simplesmente passou por ele com o boné na cabeça.

— Ei, meu senhor, espere!

Durruti continuou avançando e depois colocou o boné no bolso. Na sobremesa, quando era preciso descascar maçãs e laranjas com garfo e faca, ele passava por cima desse detalhe e deixava os talheres intactos.

Então seu amigo lhe disse:

— Tome cuidado, eles já estão de olho em você. Estão tramando alguma coisa. Precisamos inventar uma história. Vamos dizer que somos artistas!

— O quê? Artistas? Devo sair dançando por aí como um bailarino?

— Não, não. Nada disso. Mas o que faremos então?

— Já sei! Vamos dizer que somos atletas. Astros do futebol basco!

E assim agiram, como se fossem jogadores, uma idéia fantástica. Os passageiros caíram na história. No desembarque, a terceira classe naturalmente teve que passar pelo pente fino, mas na primeira exigiram apenas passaporte, carimbaram-no e devolveram-no com um "por aqui, senhor". Logo eles estavam fora do navio.

Eugenio Valdenebro

A BIBLIOTECA IDEAL

O grande sonho de Durruti e Ascaso era fundar editoras anarquistas em todas as grandes cidades do mundo. A maior empresa deste gênero teria sua sede em Paris, o centro do mundo intelectual, se possível na Place de l'Ópera ou na Place de la Concorde. Lá deveriam ser editadas as obras mais importantes do pensamento moderno. Para esse fim foi fundada a Editora Internacional Anarquista, que publicava inúmeros livros, panfletos e jornais em todas as línguas. O governo francês, como o espanhol e todos os outros regimes reacionários do mundo, perseguia esse trabalho com todos os meios policiais possíveis. Não lhes agradava nada que o grupo de Ascaso e Durruti se tornasse conhecido também no terreno cultural. Prisões e exílios acabaram levando a editora à ruína. A criança diletta desses dois filhos de Dom Quixote teve de ser provisoriamente enterrada. Ascaso e Durruti voltaram a pegar em armas, como o Cavaleiro da Triste Figura tomara da lança "para acabar com a injustiça, salvar os aflitos e introduzir o reino da justiça na Terra".

Cánovas Cervantes

Durruti levantara a soma de meio milhão de francos para auxiliar a Librairie Internationale. Após a proclamação da República, os anarquistas desejavam transferir a sede da editora para Barcelona. Este empreendimento consumiu milhares de pesetas. Mas todo o material foi queimado pelos gendarmes franceses na alfândega de Port-Bou. Desta forma, o resultado de muito investimento e sacrifício ficou perdido.

Alejandro Gilabert

Numa pequena marcenaria de Paris trabalhava o famoso anarquista e guerrilheiro russo Nestor Makhno. Como Durruti, Makhno era um homem de ação. Os camponeses ucranianos veneravam-no como a um deus. Com um exército de camponeses, ele venceu a Guarda Branca da contra-revolução. Trótski, como comissário de guerra do Exército Vermelho, tentou eliminá-lo quando percebeu que Makhno queria dar uma orientação libertária à Revolução Russa. Makhno teve que fugir.

Durruti tinha grande admiração por ele, chegando a ficar seu amigo. Ambos eram muito parecidos, em caráter, e tinham idéias semelhantes sobre os objetivos da Revolução.

Alejandro Gilabert

O ATENTADO AO REI

Conheci Ascaso e Durruti na casa de uma amiga parisiense chamada Berthe. Um dia os dois disseram que estavam precisando de uma mala. Prontifiquei-me imediatamente a emprestar-lhes a minha. Ascaso pegou-a e disse, sorrindo:

— Não é forte o suficiente.

Retruquei, afirmando que era boa, da melhor fibra vulcanizada. Ao dizer isso, eu parecia um vendedor tentando passar adiante a sua mercadoria. Em vão: Ascaso não queria ficar com ela. Só bem mais tarde vim a saber por quê. A mala seria usada para transportar alguns rifles desmontados e mais algumas outras armas.

Naqueles dias, estávamos em 1926, Paris preparava-se para a visita oficial do rei Afonso XIII da Espanha. Esse homem tinha mais crimes na consciência do que toda a sua família, os Bourbon. Durruti e Ascaso propunham-se a acompanhar com alguns tiros os acordes da *Marselhesa*, acordes com os quais a Terceira República receberia o assassino de Francisco Ferrer. Eles faziam seus preparativos com a maior frieza.

É da natureza de todo espanhol, mesmo que seja um proletário, saber como se comporta um grande senhor, um monarca. Nossos dois companheiros também possuíam este dom, e nos dias que precederam a visita fizeram largo uso dele. Para

despistar a rede de espões da polícia, começaram a freqüentar os mesmos lugares a que ia a alta sociedade da capital francesa. Jogaram tênis num clube e chegaram até mesmo a adquirir um automóvel de luxo, para não dar na vista quando entrassem no desfile ao lado dos coches que levariam os homens de Estado à recepção solene. Tudo havia sido organizado nos mínimos detalhes. Na noite anterior à visita, jantamos na casa de Berthe. Lembro-me de que ela preparou uma sopa de sagu que não agradou nem a mim nem a Ascaso. Nós caçoávamos da arte culinária de Berthe. Quando Durruti e Ascaso foram embora, ela começou a chorar.

“Onde dois homens conspiram, meu homem é o terceiro”, disse alguém, provavelmente Maniscalao, o famoso agente provocador dos Bourbon. Dessa vez, o terceiro homem estava no volante do automóvel que deveria levar Ascaso e Durruti ao local do crime. Ele se vendera à polícia francesa. Os dois foram presos, e Paris pôde receber Afonso XIII com os acordes da *Marselhesa*. Sem perder o compasso.

O fato de a polícia francesa não ter entregue seus prisioneiros à vingança das hienas dos Bourbon se deve aos protestos veementes dos companheiros de Paris. Eles não deram sossego enquanto Durruti e Ascaso não foram soltos e levados até a fronteira belga.

Da Bélgica, onde encontrou trabalho numa oficina mecânica, Francisco Ascaso mandou-me uma última saudação.

Embora muita coisa lhe devesse passar pela cabeça, nunca vi o jovem Ascaso acabrunhado. Ele parecia estar sempre de bom humor, pronto para brincadeiras. Era um homem de baixa estatura, lépido e decidido, cujo rosto não negava a origem árabe: a cor era escura. Não tinha barba. Seus cabelos negros estavam sempre penteados com cuidado.

Durruti era mais alto, mas reservado, quase lacônico, a não ser que a ocasião pedisse energia e decisão. Acho que naquela época ele usava uns óculos grandes, pois devia ser um pouco míope. Os dois eram amigos inseparáveis, um não podia ficar sem o outro: o homem do pensamento não prescindia do homem da ação e vice-versa.

Ideologicamente, não eram individualistas. Acreditavam na importância da organização, mas consideravam que cada indivíduo era necessário para pôr as massas em movimento. Não esperavam nada das massas, não lhes exigiam coisa alguma; ao contrário, eram eles que tinham algo para lhes dar e comunicar.

Nino Napolitano

Ascaso também me contou como foi preparado o atentado a Afonso XIII, em Paris. Eles queriam liquidar o rei da Espanha; sabiam exatamente por onde o desfile oficial passaria e de onde deveriam atirar. Mas o homem que iria levá-los de táxi os denunciou. A partir da denúncia, a polícia começou a vigiá-los, e certa manhã, quando iam comprar jornal, foram presos. E então veio o grande processo contra Durruti, Ascaso e Jover. Todos os três no banco dos réus.

Eugenio Valdenebro

O PROCESSO

Defendi vários anarquistas espanhóis no tribunal: alguns com menor sucesso, mas a maioria com êxito. Os mais altivos e corajosos foram Ascaso, Durruti e Jover.

No dia 2 de julho de 1926, as autoridades francesas informaram que a polícia estava na pista de uma conspiração cujo objetivo era o assassinato do rei da Espanha. O rei deveria ser recebido com grande pompa no dia 14 de julho. Num quarto mobiliado da Rue Legendre, foram presos três homens que também estavam sendo procurados na Espanha: Ascaso, Durruti e Jover. Em outubro eles se apresentaram ao Tribunal de Justiça. A acusação versava sobre resistência ao poder de Estado, falsificação de passaportes, violação de determinações da delegacia de estrangeiros — infrações que pareciam relativamente irrelevantes. Na defesa, os acusados argumentaram, mais em tom de desafio do que propriamente para se eximir de qualquer culpa, reivindicando o direito de poderem fazer tudo que estivesse ao alcance para derrubar um regime execrável. Ad-

mitiram que queriam raptar o rei, mas tão-somente com o intuito de fazer eclodir a revolução na Espanha.

Os três foram condenados à prisão e levados ao Tribunal de Justiça. Lá, havia coisas muito piores contra eles: dois pedidos de extradição. Um do governo argentino, “por suspeita de serem os autores do assalto ao Banco de San Martín”, e outro do governo espanhol. Madri afirmava que Durruti participara de um assalto ao Banco da Espanha em Gijón e Ascaso do atentado em que fora vítima o cardeal-arcebispo de Zaragoza, em 1923.

O governo francês recusara o pedido espanhol, mas transferiu o argentino para ser julgado no Tribunal de Justiça. Berthon, Guernut, Corcos e eu ficamos com a responsabilidade da defesa. A polícia compareceu com um contingente incomum na sala do tribunal. O palácio da Justiça parecia mais apropriado para um desfile militar. Ascaso, Durruti e Jover não se deixaram impressionar pelo aparato policial. Com suas bastas cabeleiras negras, as faces queimadas de sol, as sobranceiras hirsutas e as bocas rijas, poderiam servir de modelo para Goya. A favor destes *pistoleros* selvagens, Berthon desdobrou toda sua arte do eufemismo. Entre palavras e gestos amáveis, disse:

— Senhores, tenho a honra de defender três homens que fazem parte do pólo mais extremo da oposição liberal espanhola.

O tribunal pronunciou-se pela extradição. A sentença, no entanto, não precisava ser acatada pelo governo. Pela lei, o conselho ministerial podia não levá-la em conta. Por isso, não nos demos por derrotados. Iniciamos uma campanha pública e nos dirigimos, em conversas privadas, a pessoas como Herriot, Painlevé e Leygues.

Henri Torrès

Durruti ficou preso mais de um ano na Conciergerie. Na mesma cela, aliás, em que Maria Antonieta esperou a decapitação. Depois de posto em liberdade, foi levado pela polícia à fronteira belga, e ali forçaram-no a atravessá-la ilegalmente. O governo francês pretendia, desta forma, subtrair-se aos incô-

modos causados pelos pedidos de extradição por parte de Primo de Rivera.

Cánovas Cervantes

A CAMPANHA

Há muito tempo eu dirigia, em nome do Comitê Sacco e Vanzetti, uma ampla campanha para salvar esses dois anarquistas americanos da cadeia elétrica. Então um dia meus companheiros cobraram: “E Ascaso, Durruti e Jover? Você também tem que defendê-los”.

Esses três anarquistas espanhóis haviam combatido politicamente nas fileiras da CNT e tiveram de fugir para a Argentina depois que Martínez Anido, o carrasco da Catalunha, e Primo de Rivera, o primeiro lacaio de Afonso XIII, proscreram a organização. Um dia retornaram a Paris para, no sentido mais preciso da palavra, encontrar “seu rei”, que fazia uma visita oficial à cidade.

Em Buenos Aires havia ocorrido um crime: um assalto a banco no qual um caixa fora morto. Um motorista de táxi, pego à força pela polícia, fez a suspeita cair sobre Ascaso, Durruti e Jover. A partida precipitada dos “três mosqueteiros”, como eram chamados na Espanha, também despertou uma certa desconfiança, embora eles fossem inocentes.

A Argentina requereu a extradição dos três junto às autoridades francesas, e em princípio o pedido foi deferido. Antes, porém, Ascaso, Durruti e Jover teriam que cumprir uma pena de seis meses, a que foram condenados num tribunal parisiense por posse irregular de armas. Eles tinham sido presos num automóvel, esperando a chegada do rei da Espanha com os fuzis engatilhados.

Assim, fiquei envolvido simultaneamente com dois casos e cinco combatentes, mas valia a pena defender todos eles. Às vezes podia parecer que eu não ligava para o Comitê de Defesa dos Direitos dos Exilados Políticos, que trabalhava a favor dos companheiros espanhóis. E então eu ouvia censuras dos emigrados espanhóis. Se, ao contrário, eu prestasse pouca atenção

ao Comitê Sacco e Vanzetti por algum tempo, eram os italianos que ficavam bravos. Por fim, vi-me envolvido com os representantes da "linha pura", para os quais parecia inconcebível que eu deixasse de lado meus negócios particulares para tentar salvar cinco condenados. Um destes "puros" chegou até a escrever uns versos, em parte ridículos, em parte descabidos, que terminavam com: "O que nos importa a morte! Viva a morte!". Com isso, naturalmente, não se tinha em vista a morte daquele "poeta". Ele não era o primeiro nem o último a extrair suas frases da pele dos outros.

A ditadura espanhola pedia, em vão, a extradição de Ascaso, Durruti e Jover (acusando-os por diversos atentados políticos). O governo francês queria manter sua fachada liberal. No final das contas tudo isso não passava de uma comédia hipócrita, um jogo de cartas marcadas entre os governos espanhol e argentino. Tudo bem se os três não recebessem o garrote espanhol, contanto que fossem destinados à prisão perpétua nas terríveis ilhas da Terra do Fogo.

Não se pode dizer que as circunstâncias em que assumimos a defesa dos "três mosqueteiros" fossem favoráveis. A polícia tinha poderes ilimitados para decidir sobre a sorte, neste caso, a extradição, de estrangeiros considerados "suspeitos". Também não havia chances de os acusados apelarem da sentença. Nesse caso, só o governo podia contestar as determinações da polícia. Mas o governo tinha um primeiro-ministro chamado Poincaré e um ministro do Interior chamado Barthou. Eram homens covardes e teria sido uma leviandade confiar neles. Era preciso meter-lhes medo, acenando com a possibilidade de mexermos com a opinião pública. Desde o início pensei em trazer para o nosso lado a influente Liga pelos Direitos Humanos, embora esta organização de frouxos estivesse ocupada na reabilitação de mortos da Primeira Guerra e na proteção de liberais que tivessem ousado ir muito longe em suas convicções. Mas... anarquistas? Estes fora-da-lei cujos nomes as pessoas sempre ouviam falar com arrepios na espinha?

Primeiro fui visitar uma *grande dame*, minha conhecida, Mme. Séverine. Ela me recebeu com benevolência: "O que posso

fazer por você, Lecoin?". Expliquei-lhe em poucas palavras do que se tratava. Ela não pediu nenhuma prova de inocência dos companheiros.

— Está bem, Lecoin, eu vou lhe dar um bilhete de recomendação a Mme. Mesnard-Dorian. Ela é a todo-poderosa na Liga e será bastante amável, você verá.

Madame Mesnard habitava um palacete à Rue de la Faisanderie. No seu salão transitavam todas as pessoas de nome e posição da República. Ela telefonou imediatamente ao presidente da Liga, Victor Basch. Em seguida, fui visitá-lo. Ele me recebeu de modo estranho: "Seus amigos são culpados", afirmou, gritando. "Já sei de tudo. O representante de nossa Liga em Buenos Aires já me pôs a par do assunto".

Respondi-lhe que ele julgava mais rápido que o pior juiz da Terra, ou seja, com base em autos inexistentes. Então ele disse, de súbito:

— Quero ver quando estes anarquistas estiverem no poder!

— Seu desejo demonstra um desconhecimento absoluto do pensamento anarquista — respondi.

Ele ficou furioso. Eu tinha esquecido que Basch era professor na Sorbonne e publicara há alguns anos um livro sobre a anarquia.

Fui embora sem que ele tivesse se acalmado. Já estávamos convencidos do nosso fiasco, mas nos enganamos. Naquela mesma noite, Guernut, secretário-geral da Liga, telefonou para minha casa e pediu-me para enviar-lhe nossa documentação do caso "Ascaso & Co.". Este "& Co." parecia-me não prometer muita coisa, mas de qualquer forma a Liga era um apoio de que precisávamos. A simples referência a esse apoio abria-nos todas as portas.

O ministro do Interior esforçava-se pessoalmente junto a Basch e Guernut para que ficassem contra nós. Afirmava que a culpa dos três espanhóis estava acima de qualquer suspeita e que abusaríamos da Liga.

Fui chamado por Basch e Guernut. Até hoje ouço suas vozes: "Lecoin, diga-nos a verdade! Confesse que seus amigos

não são inocentes! Se você ainda tiver alguma dúvida, não comprometa a Ligal!”.

Nesse meio-tempo cinco ou seis jornais diários já estavam do nosso lado. Mas outros informativos também inseriam notícias sobre a nossa atividade. O Comitê de Defesa dos Direitos dos Exilados transformou-se num verdadeiro poder e a extradição de Ascaso, Durruti e Jover num *affaire* de Estado em que o governo se via metido. Os três prisioneiros iniciaram uma greve de fome e foram levados para o hospital militar de Fresnes. Como já estivessem bastante fracos, Barthou teve que ceder, prometendo uma revisão judicial. Com esta notícia, fui para Fresnes. O diretor do presídio e seus subordinados me receberam em formação: foi a primeira vez em minha vida que fiz uma entrada triunfal num presídio. Encontrei os três grevistas deitados em seus leitos, cada qual num quarto individual. Ficaram muito contentes em me ver.

Dali foram levados para o juiz competente. Mas este juiz protegia-se atrás de seus parágrafos e não ousava entrar na questão, limitando-se a perguntas formais sobre se o pedido de extradição era lícito ou não. Apesar da defesa de quatro advogados notáveis — Corcos, Guernut, Berthon e Torrès — ele respondeu afirmativamente à questão. Era como se o ministro do Interior tivesse ganho a batalha. O delegado interino da polícia de Buenos Aires estava em Paris para receber os prisioneiros e já esfregava as mãos, satisfeito.

A questão parecia perdida. Redobrei meus esforços. Seis mil pessoas reuniram-se numa manifestação no Paço de Dança Bullier. Ficou decidido enviar uma delegação aos ministros Painlevé e Herriot. Painlevé mostrou-se confuso. Murmurava: “Certamente... naturalmente...”. Ele era tão confiável quanto uma pinguela podre. Herriot teve uma postura melhor. Mandou trazer toda a documentação sobre o *affaire* e prometeu, num prazo de quarenta e oito horas, apresentar a situação ao ministério. Consegui fazer com que a sentença fosse adiada até uma nova revisão. O delegado interino de polícia retornou para Buenos Aires, agastado. A imprensa argentina publicou o

fato com grandes chamadas: “Bando de gângsteres dá xeque-mate no governo francês!”.

Pela opinião pública, Ascaso e Durruti já deveriam ter sido libertados há muito tempo. Mas o governo estava sob a pressão da casa real espanhola. E mais uma vez preferiu ceder, decidindo-se finalmente pela extradição.

Só uma crise no poder conseguiria abalar esta decisão, e só o Parlamento poderia provocar essa crise. Tentávamos encontrar parlamentares influentes que estivessem dispostos a enviar uma moção de urgência à Assembléia Nacional.

Consegui arranjar uma carteirinha, sem data, que permitia o acesso à Assembléia, e ali montei meu quartel-general. Cinco deputados apoiavam a moção de urgência e respondiam por mais duzentos outros. Faltavam-me ainda cinquenta votos para que pudesse derrotar a maioria do governo. Mas isso exigia certos arranjos, feitos com muito cuidado. De resto, ninguém melhor para esta tarefa do que um inimigo encarniçado do parlamentarismo!

Toda a França só falava de Ascaso, Durruti e Jover. A Argentina enviara um navio de guerra para buscar os prisioneiros, mas por causa de uma avaria mecânica o cruzador teve que ficar no Atlântico. O prazo para a extradição já havia expirado, mas os “três mosqueteiros” ainda permaneciam na Conciergerie. Evocávamos as prescrições legais e exigíamos a libertação imediata deles. Naturalmente, riam na nossa cara.

Afinal chegou o dia da interpelação na Assembléia. Para muitos parlamentares tratava-se realmente de fazer justiça; para outros, no entanto, era a oportunidade de derrubar o governo Poincaré. Isso estava prestes a acontecer, caso o primeiro-ministro precisasse recorrer ao voto de confiança. Nos corredores ouviam-se boatos e especulações. Mas Poincaré não era nenhum iniciante e previra o resultado. Pouco antes do intervalo para o almoço, enviou-me um mediador, seu fiel cão de guarda e confidente Malvy, presidente da comissão de finanças.

— Muito bem, sr. Lecoin, o que é que o senhor quer? Está tão interessado assim na queda do governo?

— Eu não tenho o menor interesse nisso. Nós queremos apenas uma coisa: a liberdade de Ascaso, Durruti e Jover.

— Conversarei com o primeiro-ministro. Por favor, esteja aqui de novo às duas horas. Comunicarei ao senhor o que ele decidiu.

Não houve mais votação. Barthou e Poincaré preferiram capitular. Isso foi em julho de 1927.

No dia seguinte todos nós fomos para a porta da Conciergerie, na Quai des Orfèvres, cercados por uma multidão de jornalistas e fotógrafos. A porta se abriu. Lá estavam eles: Ascaso, Durruti e Jover.

Louis Lecoin

O perseverante Lecoin, que tinha um pouco do mago Merlin e um pouco do pregador capuchinho, superou todos os obstáculos com sua energia. Em julho de 1927, as portas da Conciergerie foram abertas. Meu colega foi o primeiro a levar a boa nova aos prisioneiros:

— Em menos de uma hora vocês estarão livres. O que pretendem fazer lá fora?

Depois de um instante de silêncio, Durruti respondeu, pensativo:

— Continuaremos nosso trabalho... na Espanha.

Henri Torrès

A COMPANHEIRA

É claro que Durruti e eu nunca nos casamos. Acho que o senhor está enganado. Ir a um cartório de registro civil não é muito comum entre anarquistas. Nós nos conhecemos em Paris. Deve ter sido em 1927. Ele tinha acabado de sair da prisão. Em toda a França houve uma gigantesca campanha, e o governo teve que ceder, libertando os “três mosqueteiros” — esse era o nome que a imprensa usava quando se referia a eles. Durruti foi solto e na mesma noite visitou uns amigos. Eu também estava na casa desses amigos. Nós nos olhamos e nos apaixonamos. Foi assim que aconteceu.

Emilienne Morin

Depois que Bélgica e Luxemburgo se recusaram a acolhê-los, seus amigos tentaram encontrar-lhes asilo político na União Soviética, o que também não deu resultado devido às imposições do governo russo: elas eram inadmissíveis para os anarquistas. Não lhes restava outra alternativa senão retornar a Paris, com nomes falsos. Alguns companheiros conseguiram mantê-los escondidos durante meses. Finalmente encontraram trabalho em Lyon. Depois de meio ano a polícia os descobriu. Foram levados a tribunal e condenados a seis meses de prisão por terem desrespeitado a ordem de expulsão.

José Peirais I

Voltamos a nos encontrar em Lyon. Nessa época o segundo processo já estava correndo. Eles tinham conseguido descobrir que Buenaventura vivia em Lyon sem documentos. Lembro-me de que fui para lá com a companheira de Ascaso. Foi a primeira vez que vi uma prisão por dentro. Depois nos separamos de novo, porque os dois foram levados para a Bélgica após a libertação. Lá, é claro, tudo correu da mesma forma: muitas discussões com a polícia e nada de visto de permanência. Então tiveram que ir um tempo para a Alemanha. Eu não lembro exatamente quando isso aconteceu.

Emilienne Morin

ESTRANGEIROS INDESEJÁVEIS

Em 1928 Durruti veio para Berlim junto com seu amigo Ascaso. Ilegalmente, é claro. O problema era encontrar alojamento para os dois. Durruti ficou morando durante algumas semanas em meu apartamento, na Augustastraße, 62, 4º andar, no bairro Berlin-Wilmers.

A outra questão era que Durruti teria que se apresentar à polícia, se quisesse encontrar trabalho. Por isso tentei conseguir um visto de permanência para ele.

Naquela época o governo prussiano era formado por uma coalizão dos social-democratas com os partidos do centro. Eu conhecia, por acaso, o ministro da Justiça, Kurt Rosenfeld. Fui

procurá-lo e pedi-lhe para legalizar a permanência de Durruti. Ele explicou-me que isso não era possível, pois sem dúvida nenhuma os centristas iriam aproveitar politicamente a história do atentado, o senhor sabe, o suposto atentado ao arcebispo de Zaragoza.

Nas semanas em que Durruti esteve em minha casa, discutimos muito. Ele também chegou a conhecer Rudolf Rocker, Fritz Kater e Erich Mühsam. Algumas vezes a comunicação ficava difícil, pois Durruti não falava alemão. Algumas das discussões giraram em torno da revolução. Durruti sempre insistia no fato de que ela não deveria ser a ditadura de um partido, que era preciso que a nova sociedade fosse construída a partir de baixo e não por decretos que viessem de cima. Era justamente por isso que os anarquistas não podiam contentar-se com os resultados da Revolução Russa.

Augustín Souchy 1

Durruti me impressionou muito. Ele era grande, de complexão atlética, com uma cabeça vigorosa: uma espécie de Danton. Sua voz era imponente. É claro que, quando queria, também se tornava bondoso e até carinhoso.

Eu sabia muita coisa sobre ele e seus amigos, sua peregrinação pela América Latina, os golpes que aplicaram. Mas uma coisa é certa: Ascaso e Durruti podem ter sido, se o senhor quiser, gângsteres políticos e até terroristas de primeira hora — hoje os jornais estão cheios deles, não é? —, mas nunca ficavam com nenhum tostão do que conseguiam.

Federica Montseny 1

DIAS TRANQUÍLOS EM BRUXELAS

Em 1930 eles finalmente conseguiram um visto de permanência belga. Viveram dois anos em Bruxelas. Foi lá que Ascaso e Durruti se tornaram meus amigos.

Ascaso era um companheiro muito agradável, irônico e sensato, afável e enérgico ao mesmo tempo. A mim me parecia estar sempre doente. Durruti, ao contrário, era robusto, atlético.

Tinha uma cabeleira densa e um sorriso de rapina. Só o olhar era bondoso e inteligente. Ascaso foi quem conheci primeiro. Trabalhávamos no mesmo lugar, uma oficina de peças de automóveis. Logo na nossa primeira conversa o assunto girou em torno dos problemas sociais. Ainda hoje ouço como ele afirmava, com sua voz suave:

— Nenhum homem tem o direito de governar o outro.

Fiquei fascinado.

Quem passou os anos de 1930 e 1931 em Bruxelas certamente irá se lembrar do grande número de companheiros estrangeiros que moravam na cidade, principalmente espanhóis e italianos. E certamente irá se lembrar também, não sem saudades, do refúgio dos estrangeiros: o bizarro e aconchegante ninho, a livraria em Mont des Arts, construída pelo bom Hem Day. Lá era o ponto de encontro de todos os “elementos subversivos”.

No primeiro andar havia dois inquilinos: eu e a firma Barasco. Esta estranha empresa produzia todo tipo de quinqui-lharias, passadas diretamente para vendedores ambulantes. A “fábrica” era composta de um único cômodo que servia ao mesmo tempo de refeitório, sala de estar, cozinha e quarto de dormir, ou melhor, dormitório — pois o número de hóspedes à noite era ilimitado. Mais de meia dúzia de pessoas respondiam pelo nome da Barasco e, entre elas, Ascaso e Durruti.

Léo Campion

Deixei meu emprego de estenógrafa e viajei para encontrá-lo em Bruxelas. Os foragidos espanhóis viviam, por assim dizer, semilegalmente na Bélgica, com passaportes e nomes falsos. É claro que a polícia belga sabia de tudo. Durruti não podia viajar para lugar nenhum sem que seu dossiê fosse junto, enviado para as delegacias. Mas em Bruxelas eles nos deixaram em paz.

Emilienne Morin

Ascaso e Durruti se completavam. Durruti era o homem da ação, do ímpeto, do entusiasmo, o homem que conquistava a confiança das pessoas; Ascaso, o homem da calma, da reflexão, da persistência, da amabilidade e do cálculo. Era um estrategista perfeito. Era ele quem planejava as ações revolucionárias. Suas estimativas eram tão precisas que na hora marcada até os detalhes estavam corretos. A força de Durruti, por sua vez, estava na rapidez e na irreverência com que sabia agir: ele punha a força a serviço de um ânimo decidido e de um saber superior. Um precisava do outro e juntos eram quase imbatíveis.

Cánovas Cervantes

QUARTO COMENTÁRIO

O DILEMA ESPANHOL (1931-1936)

A classe operária espanhola comemorou a proclamação da República como uma vitória política. Após cada período de repressão, a CNT estruturava-se de novo, e rapidamente: sua forma específica de organização permitia-lhe longas hibernações e reaparições em cena com forças renovadas. No entanto, o regime republicano não devia sua existência a nenhum movimento revolucionário, mas a uma rendição sem sangue, embora não muito convicta. Começava então a girar o carrossel dos partidos liberais e burgueses, das crises de governo e das convocações para novas eleições. O peso decisivo na balança era dado agora pelos partidos "de centro", ou seja, da pouca numerosa e economicamente fraca pequena burguesia, que governava geralmente com a aprovação tácita, mas passiva, da social-democracia. Em outras palavras: a base social da República era ridiculamente frágil. Sua força política vinha única e exclusivamente do fato de que o cartel de interesses da direita e o movimento operário bloqueavam-se um ao outro. A capacidade de manobra do novo regime era muito pequena: não se podia nem pensar em reformas estruturais. A questão da terra permaneceu sem solução: as leis da reforma agrária foram sabotadas. Além de uma ou outra iniciativa com vistas à separação de Igreja e Estado, só houve mais um único passo construtivo que poderia caracterizar os primeiros anos da República: a aprovação de um estatuto de autonomia para a Catalunha.

Os problemas dos operários e camponeses também continuaram sem resposta. A sua maior força organizada, o movimento anarquista, boicotava o Parlamento. As massas desiludidas foram de novo para as ruas. Greves, revoltas camponesas, saques, guerrilha nas cidades: o governo não conhecia nenhuma outra forma de responder à ação direta da classe trabalhadora senão utilizando as armas de seus predecessores, ou seja, a polícia, a Guardia Civil e, caso necessário, o Exército. O estado de sítio tornou-se rotina.

No terceiro ano da República o dilema espanhol voltou à cena. Sem o menor esforço e de forma inteiramente legal, o poder governamental caiu nas mãos da reação, como consequência da não-participação dos anarquistas nas eleições: uma recém-formada coligação da direita, a CEDA, conseguiu entrar no Parlamento. Com isso, o governo de Gil Robles começou imediatamente a revogar as poucas conquistas da República. Foi assim que se iniciou o bienio negro (1933 a 1935). O objetivo estratégico da direita era, naturalmente, aniquilar o movimento operário. Mas Gil Robles não era um fascista. Enquanto Hitler modificava a sociedade alemã a ponto de descaracterizá-la com sua contra-revolução, enquanto os monopólios alemães modernizavam brutalmente a estrutura econômica do país e o Reich se armava para a ofensiva de conquista do domínio mundial, a direita espanhola estava interessada apenas na restauração de um passado que há muito já tinha-se tornado anacrônico. O único movimento que a direita espanhola parecia ser capaz de executar era o passo de caranguejo, e mesmo este só podia ser dado com violência.

Nesta situação, os social-democratas viam-se diante da questão vital de sua sobrevivência. Sua velha política de colaboração havia fracassado, e insistir nela seria quase o suicídio. Crescia a pressão da base sobre a direção do partido reformista. Nessas circunstâncias, o líder social-democrata Largo Caballero decidiu-se por uma súbita mudança de direção: renunciou à coligação com os partidos republicanos da burguesia liberal e começou a preparar seus seguidores para a resistência armada. Imediatamente a sindical social-democrata UGT foi inflamada

por discursos leninistas. Em outubro de 1934, as Astúrias, verdadeira cidadela da UGT, fizeram um levante de deixar na sombra as ações armadas dos anarquistas. A "Revolução de Outubro" asturiana caiu injustamente no esquecimento. Desde os dias da Comuna de Paris a Europa ocidental não tinha visto nada igual. "Irmãos proletários, uni-vos!" Com este lema insurgiram-se províncias inteiras do norte da Espanha. A formação de conselhos de trabalhadores não tardou. A direção sindical em Madri perdeu o controle sobre o movimento. Velhas rivalidades foram esquecidas: nas Astúrias, social-democratas, anarquistas e comunistas uniram-se no combate às tropas do governo.

O trágico da revolução asturiana reside no fato de ela ter ficado isolada desde o início, restrita a uma região afastada dos grandes centros do país. Em Madri o levante foi sufocado na raiz. Em Barcelona os trabalhadores das Astúrias só tiveram um fraco apoio: a Esquerda catalã, liderada por Luis Companys, que estava interessada única e exclusivamente em defender o estatuto de autonomia da Catalunha. Os anarquistas da Andaluzia e da Catalunha agiram de forma passiva. Não foram poucas as vezes que Largo Caballero difamara e pressionara os anarquistas, nem as que a social-democracia pôs a polícia contra a CNT. No final das contas a profunda cisão do movimento operário foi a razão da derrota de 1934. Depois de o levante asturiano ficar isolado politicamente, foi possível ao governo derrotá-lo em poucas semanas, apesar da resistência desesperada da gente do lugar. Os focos da revolução foram bombardeados e os trabalhadores das Astúrias massacrados pela legião estrangeira e por regimentos mouros, sob as ordens de um general de nome Francisco Franco. A repressão foi terrível. Em fins de 1935 havia mais de trinta mil presos políticos.

Depois desse "êxito", a arrogância da reação não teve mais limites. Ela superestimava de tal forma a sua força que marcou novas eleições para fevereiro de 1936. Na campanha eleitoral ficou provado quanto este passo era arriscado. A partir da derrota asturiana, a social-democracia concluiu que não fora feita para a revolução. Com remorsos, retomou sua velha tática par-

lamentar e fez uma coalizão com os partidos republicanos de centro. Os comunistas, grupo numericamente insignificante, também aderiram a esta coalizão.

Assim nasceu a Frente Popular, que alcançou uma vitória esmagadora nas eleições de fevereiro de 1936. Mas este estrondo político foi provocado, em última análise, por uma força que não iria entrar em cena no Parlamento. Ou seja, a CNT, com seus milhões de filiados, foi quem decidiu a luta eleitoral, na medida em que abandonou tacitamente o discurso do boicote às eleições.

E no entanto o novo governo estava tão pouco habilitado para realizar reformas decisivas quanto o de 1931. Os novos governantes contentaram-se em colocar de novo em vigor as leis revogadas por Gil Robles. De resto, tudo permanecia como antes. O povo não era defendido na Frente Popular. Os republicanos eram impotentes para acabar com o dilema espanhol.

O golpe que deveria pôr abaixo a velha sociedade veio da direita. A direita estava decidida, desde a fundação da Frente Popular, a derrubar à força o governo eleito. Para isso eram necessários preparativos de ordem ideológica e na forma de organização. Os modelos de como a reação poderia abandonar seus sonhos de restauração e passar à ofensiva foram tirados da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini. Além disso, as potências do Eixo prometiam auxílio material e de propaganda. A Falange espanhola começava a crescer. O Exército preparava o golpe de Estado. O confronto era mais do que previsível. O governo hesitava. Os generais atacaram: em 17 de julho, Franco pôs-se à frente de uma revolta militar no Marrocos espanhol. Em 18 de julho, o putsch se alastrou pelo continente. Três dias depois, um terço do país estava nas mãos dos generais: a ultracatólica Navarra, uma parte de Aragón, Galiza, León, Castela Velha, Sevilha, Cádiz e Córdoba. Os golpistas não contavam com nenhuma resistência mais séria. Mas fizeram seus cálculos sem contar com o povo espanhol.

A REPÚBLICA. O RETORNO

Alguns dias depois da proclamação da República, em abril de 1931, Durruti, Ascaso e García Oliver apareceram em minha casa.

Ficamos discutindo durante muito tempo, principalmente sobre o problema mais importante dos anarquistas naquela época. Alguns achavam que era preciso dar uma chance à República; outros (e esta era a ala radical do movimento anarquista, da qual Durruti, Ascaso e García Oliver faziam parte) afirmavam que não se poderia dar tempo para que a República se estabelecesse. Isso colocaria em risco o desenvolvimento da sociedade espanhola e interromperia o processo de mudança revolucionária das estruturas.

Dessa forma, estávamos em lados diferentes. Confesso que naquela época eu temia que uma precipitação muito grande de nossa parte pudesse pôr tudo a perder. Depois, em vista da evolução política da República, tive de concordar que Durruti, Ascaso e García Oliver tinham razão. Ela caiu num reformismo medonho: não conseguiu nem mesmo realizar a reforma agrária, o principal problema da Espanha de então.

Federica Montseny I

Em 1931, quando proclamaram a República na Espanha, foi uma correria, um delírio... Os emigrantes em Bruxelas pro-

curavam seus documentos por todo lado, pois queriam retornar o mais depressa possível. Durruti e Ascaso foram os primeiros a partir. Nós ficamos para trás, com as malas e as bagagens.

Eu só pude viajar um mês depois. Minha primeira impressão de Barcelona foi contraditória. Todos me tinham dito que lá nunca chovia. Por isso dei meu impermeável de presente a uma amiga de Bruxelas. Quando chegamos à Espanha, chovia a cântaros. Era junho. O clima político também era completamente diferente do de Paris. Eu conhecia o movimento anarcosindicalista na França, mas lá a coisa era outra. Havia uma diferença como da noite para o dia. Mesmo a mentalidade dos companheiros espanhóis... Eles pareciam, o senhor me desculpe a expressão, eles pareciam um pouco simplórios, um pouco elementares demais.

Uma outra coisa me assombrou: as mulheres não tinham nenhum papel para desempenhar. É claro que havia mulheres nas manifestações, nas reuniões. Mas nunca acompanhadas dos maridos. Os homens costumavam encontrar-se no café. Ficavam sentados horas e horas diante de uma única xícara. Devo confessar que não eram beberrões, mas, como essa história estava indo longe demais, um dia eu disse a Buenaventura: "O que há com teus companheiros? Será que são todos celibatários?". Mas não dava para fazer nada. O senhor entende, não é? Lugar de mulher é em casa, e basta!

Emilienne Morin

Fiquei conhecendo Durruti na primeira vez em que fui à Espanha depois da proclamação da República. Foi no Café Tranquilidad, o ponto de encontro dos anarquistas e naturalmente também da polícia, que visitava o local com frequência e sempre levava algumas pessoas presas. Mas os anarquistas não se perturbavam. Eu já tinha ouvido muitas histórias sobre Durruti. Ele era bem diferente do que eu imaginava ao ouvir aqueles feitos incríveis. Encontrei um homem bastante tranquilo e amável, e a enorme energia que por vezes externava quase não era visível.

Arthur Lehning

Entre os "três mosqueteiros", Ascaso era o mais discreto. Se García mostrava maior flexibilidade e Durruti braço firme e força de vontade, Ascaso era por sua vez a cabeça fria e perspicaz do grupo. Seu rosto era delicado e inteligente; em torno da boca havia um quê melancólico e sarcástico; o olhar era penetrante e irônico. Externava uma graça um tanto quanto indiferente, sob a qual se ocultava uma energia sobre-humana. Comparado a Durruti, que se comportava como um plebeu buliçoso, havia em Ascaso algo quase aristocrático. Quando víamos os dois juntos, Buenaventura com seus punhos enormes sobre a mesa, gritando com toda a força de seus pulmões, e Franciso ao lado dele, descontraído, malicioso, com um eterno sorriso nos lábios, sentíamos a força de um e o espírito do outro. Um era o complemento perfeito do outro.

Federica Montseny I

O PRIMEIRO DE MAIO

Depois da proclamação da República espanhola fui a Barcelona visitar meus amigos Ascaso, Durruti e Jover. Cheguei na noite anterior ao Primeiro de Maio. Os comunistas tinham marcado uma manifestação para o dia seguinte, e os muros da cidade estavam repletos de cartazes. Mas, do lado da CNT-FAI, nada, nem ao menos um panfleto! Será que eles iriam deixar passar as chances de agitação daquela data? Durruti me acalmou:

— Ao contrário, vamos organizar uma passeata pelas ruas principais da cidade. Contamos com mais de cem mil participantes.

— Mas onde vocês puseram a propaganda? Não vejo nenhuma convocação.

— Anunciamos a passeata no nosso jornal diário, o *Solidaridad Obrera*.

De fato, no dia seguinte os anarquistas puseram cem mil pessoas na rua, enquanto os comunistas colocavam seis ou sete mil. No entanto eu ainda achava que a autoconfiança deles quase tocava o descuido. Tinha a impressão de que menospre-

zavam o perigo que os comunistas representavam. Os “três mosqueteiros” e seus companheiros espanhóis riam de mim. Diziam que eu estava vendo fantasmas. Alguns anos depois, essa despreocupação lhes custaria muito caro.

Louis Lecoin

Todo domingo a FAI realizava uma reunião nos grandes salões do Parque Montjuich. Os oradores eram quase sempre Cano Ruiz, Francisco Ascaso, Arturo Parera, García Oliver e Durruti. Nas primeiras sessões apareceram apenas algumas centenas de ouvintes. Mas os salões começaram a ficar pequenos quando se espalhou o boato de sobre o que versavam os discursos, principalmente os de García Oliver e Durruti. Depois, todo domingo compareciam milhares e milhares de trabalhadores.

Durruti não era um orador extraordinário. Seus discursos pareciam um tanto incoerentes porque ele não entendia nada da arte da retórica. Não obstante, as pessoas apareciam sobretudo para ouvi-lo. Sua voz clara e forte agia sugestivamente sobre a massa. Ele falava de maneira simples, sem nenhum floreio. Era seu sentimento impetuoso e exaltado que atraía a multidão.

Um dia, companheiros de Gerona convidaram Durruti para uma manifestação. Depois de ter discursado, ele foi levado diretamente para a prisão, ainda sob a acusação de ter planejado um atentado contra Afonso XIII em Paris. A promotoria pública não tinha notado que a Monarquia já fora abolida e que estava em vigor a anistia geral. A população de Gerona se insurgiu. Houve várias tentativas de invadir a prisão e libertar Durruti. Os trabalhadores convocaram uma greve geral por tempo indeterminado. Três dias depois Durruti foi libertado.

Também em Barcelona houve uma revolta no dia 1º de maio de 1931. No Paço das Belas Artes foi realizada uma concentração da qual participaram vários presos políticos, postos em liberdade graças à anistia. Nessa concentração foram tomadas resoluções que deveriam ser levadas ao presidente da Catalunha, Francisco Maciá. Uma gigantesca passeata foi formada,

tendo à frente García Oliver, Durruti, Ascaso, Santiago Bilbao e outros líderes da CNT-FAI: o primeiro grande desfile de tropas do proletariado desde a proclamação da República. A passeata seguiu pelas ruas centrais da cidade. Quando chegou diante do palácio do governo da Generalitat da Catalunha, a polícia abriu fogo. Houve troca de tiros entre policiais e trabalhadores. A situação tornou-se tão grave que o Exército foi obrigado a intervir. Um destacamento surgiu na Praça da República. Durruti fez imediatamente um discurso aos soldados. Quando a Guardia Civil e a polícia investiram de novo contra os manifestantes, os soldados apontaram suas armas contra os policiais, evitando um massacre.

O incidente mostra bem a política perversa da República em 1931. Na burocracia estatal ainda se conservavam as mesmas pessoas que serviram à Monarquia. O comando das Forças Armadas continuava nas mãos dos reacionários. A República era incapaz de realizar uma política social que servisse aos interesses dos trabalhadores. O regime mudara de forma, mas tudo permanecia como antes, como no tempo de Afonso XIII. A insatisfação do povo aumentava a cada dia.

Alejandro Gilabert

TRISTE REPÚBLICA

Sob a República, a luta revolucionária foi marcada por uma série de conflitos encarniçados entre classes rivais. Em 1932 os mineiros de Figols entraram em greve nas minas da Catalunha. Essa greve tomou as proporções de um verdadeiro levante.

Em janeiro de 1933 os trabalhadores se rebelaram de novo, principalmente na Catalunha, mas também na Andaluzia. Entre todas estas revoltas eu gostaria de lembrar a tragédia de Casas Viejas. Em dezembro do mesmo ano uma rebelião eclodiu em Aragón e numa parte de Castela. Em 1934 houve a revolução asturiana, o primeiro movimento revolucionário em que anarquistas, socialistas e comunistas trabalharam juntos e onde as duas maiores organizações sindicais da Espanha, a CNT e

UGT, agiram em comum acordo sob o lema "Irmãos proletários, uni-vos".

As eleições de fevereiro de 1936 trouxeram, finalmente, maioria para a esquerda. A questão da anistia para inúmeros presos políticos teve um papel importante nessas eleições. Mesmo a CNT, que sempre se opusera ao parlamentarismo, entrou dessa vez com a palavra de ordem: cada um deve votar ou não, conforme achar melhor. Quase ninguém boicotou as eleições. Até Durruti era da mesma opinião.

Durruti participou ativamente de todos esses levantes e lutas do tempo da República. Ele achava que as coisas sempre deveriam ser levadas adiante. Entrou em ação tão logo retornou à Espanha. Por isso, em 1932 foi deportado, com Añscaso, para Villa Cisneros, na África. Mesmo depois continuava sendo preso: mal era posto em liberdade, por uma anistia ou mudança tática do governo, logo tinham de capturá-lo de novo, pois ele jamais dava sossego, sob nenhuma circunstância.

Federica Montseny 1

Durruti costumava dizer aos trabalhadores que os republicanos e os socialistas tinham traído a revolução e que era preciso começar tudo de novo. Com Pérez Combina e Arturo Párrera, ele percorreu a região carvoeira de Figols. Dizia aos mineiros que a democracia burguesa estava à bancarrota e que era chegado o tempo da revolução. A burguesia tinha que ser expropriada e o Estado abolido. Só assim a emancipação da classe trabalhadora poderia ser completa. Aconselhava os mineiros a irem se preparando para a batalha final, ensinando-lhes como construir bombas com latas de ferro e dinamite.

A agitação se alastrava por toda a Espanha. Os camponeses lutavam diariamente contra a Guardia Civil, que defendia os latifundiários. Havia greves por toda parte. O governo tinha que escolher entre intervir em favor da burguesia ou colocar-se do lado dos trabalhadores. É claro que optou pela burguesia.

No dia 19 de janeiro de 1932 os mineiros de Figols deram início a um levante armado contra os capitalistas. O movimento

avançou até os vales de Cardoner e Alto Llobregat. Figols, Berga, Suria, Cardona, Gironella e Sallent tornaram-se os lanças-chamas da Revolução. Nessas regiões, o comunismo libertário foi introduzido pela primeira vez na História.

O Exército sufocou o movimento depois de oito dias de luta. A repressão foi relativamente moderada, pois as tropas do governo estavam sob as ordens do capitão Humberto Gil Cabrera, um oficial bonachão que logo depois foi promovido a tenente-coronel e tornou-se um verdadeiro amigo da CNT. Isso porque conseguiu impedir que houvesse represálias, seguidas de derramamento de sangue, contra os trabalhadores da região.

Alejandro Gilabert

No dia 18 de janeiro de 1932 os trabalhadores da região mineira de Figols, no vale do Alto Llobregat, iniciaram um levante armado, declararam abolidos o dinheiro e a propriedade privada e proclamaram o comunismo libertário. O governo central chamava os insurretos de "bandidos com títulos patrimoniais" (da CNT), e o primeiro-ministro Manuel Azaña ordenou ao comandante militar da região:

— Depois de reunir as tropas, o senhor terá mais quinze minutos para acabar com o levante.

Na realidade, os soldados precisaram de cinco dias.

José Peirats 1-2

Cinco dias da anarquia — eles não duraram mais do que a vida de uma flor.

Federica Montseny 3

O DESTERRO

Nesse meio-tempo a greve geral foi deflagrada em Barcelona. Os costumeiros choques e tiroteios voltaram. Centenas de detentos da região das minas foram levados ao porto da cidade e postos em navios transformados em prisões flutuantes. A onda de repressão atingiu toda a Catalunha, a costa de Levante

e a Andaluzia. Os prisioneiros mais importantes foram levados a bordo do navio *Buenos Aires*, que partiu no dia 10 de fevereiro com 104 deportados, entre os quais Durruti e Ascaso, em direção à África espanhola do oeste (Río de Oro) e às Ilhas Canárias (Fuerteventura).

Como despedida, Francisco Ascaso escreveu a seus companheiros:

“Pobre burguesia, que precisa utilizar esses métodos para prolongar sua curta vida! Seu procedimento não nos espanta. Torturar, deportar e matar fazem parte de sua natureza. Ninguém morre sem se defender com um último golpe, nem mesmo um animal. Pena que esta convulsão final tenha causado vítimas, principalmente quando estas vítimas são nossos irmãos, que morreram lutando. Mas isso corresponde a uma lei contra a qual nada podemos fazer. A agonia desta classe não vai durar muito, e, quando pensamos nesta agonia, nem o casco deste navio de aço é forte o suficiente para calar nossos gritos de alegria. Nossos sofrimentos são o início do fim de nosso inimigo. Alguma coisa está desmoronando por dentro e sucumbindo. Sua morte será nossa vida, nossa libertação!

“Saudações a todos. Esta não será uma despedida definitiva. Logo estaremos de novo com vocês. Francisco Ascaso”.

José Peirats 2

Quando os companheiros foram deportados para a África, eles os levaram num cargueiro de banana para Bata, no golfo da Guiné. Naturalmente foram colocados no porão, cento e sessenta homens para uma pequena escotilha. Queriam sair dali de qualquer jeito e subir ao convés. Ascaso disse então:

— Estou cheio disso — e subiu a escada.

O vigia sacou a pistola e gritou:

— Para trás!

Mas vocês conhecem Ascaso, ele não era homem de recuar sem mais nem menos. Continuou caminhando. O vigia fez pontaria, mas Ascaso lhe disse:

— Vamos, atire. Seu porco covarde! Se você não me matar agora, nós vamos nos cruzar na rua, e aí serei eu que acabarei com você como um cachorro!

O sargento ficou inseguro. Começou a tremer. Não sabia bem o que poderia acontecer se matasse Ascaso e por isso deixou-o passar. Mas daí em diante não deu para segurar mais ninguém. Todos correram para o convés. O comandante teve que avisar o contratorpedeiro que acompanhava o navio. Os marinheiros chegaram junto ao cargueiro com as armas engatilhadas, prontos para acabar com o motim. Pois o incidente tinha se transformado num verdadeiro motim.

Durruti adiantou-se, rasgou a camisa (devia estar pesando pelo menos uns noventa quilos) e gritou aos marinheiros:

— Podem arriscar, pois estamos desarmados. Mas, se vocês nos matarem, verão o que acontecerá na Espanha.

Os oficiais então preferiram negociar. Durante as negociações ficou decidido que não sealaria mais em motim, mas os prisioneiros poderiam ficar o tempo que quisessem no convés. Assim chegaram a Bata.

Manuel Buizán

Quando o *Buenos Aires*, um barco que mais parecia um ferro-velho e que quase afundara durante a viagem, aportou em Río de Oro, o governador de Villa Cisneros recusou-se a acolher Durruti. Ninguém conseguia entender por que agia desta forma. Junto com alguns companheiros, Durruti foi separado dos outros deportados e levado para Fuerteventura, nas Ilhas Canárias. Depois foi constatado que o governador de Villa Cisneros, um homem chamado Regueral, era filho de um ex-governador de Bilbao. Esse funcionário do Estado usava de meios atroz para combater o movimento anarquista e acabou morto a tiros nas ruas de León, quando retornava à cidade depois de um feriado. Seu filho disse estar certo de que fora Durruti, com mais alguns companheiros, que matara seu pai, e por esta razão recusou-se a recebê-lo na colônia.

Ricardo Sanz 3

A AGITAÇÃO

A CNT respondeu às deportações com uma nova greve. Na cidade de Tarrasa os anarquistas invadiram a Câmara Municipal e hastearam a bandeira rubro-negra. Ocuparam o quartel da cidade até a chegada de reforços vindos de Sabadell. Depois de violento combate, os anarquistas tiveram que se render. No processo, receberam penas de quatro a vinte anos de prisão.

No entanto, os protestos contra as deportações continuaram. Estes protestos atingiram seu ponto máximo com as manifestações de massa, os choques armados e os atos de sabotagem do dia 29 de maio. Os presídios ficaram completamente lotados. Em Barcelona, os presidiários fizeram um motim e incendiaram a casa de detenção. O diretor do presídio, que conseguiu acabar dias depois com a rebelião, foi morto em plena rua.

José Peirats I

No final de novembro de 1932 os deportados retornaram da África. O governo social-democrata e republicano continuava a perseguir a CNT. Por isso, a FAI organizou uma assembléia no Paço das Belas Artes, localizado no Parque Montjuich, em Barcelona. Ali Durruti fez seu primeiro discurso após o regresso do desterro. A estimativa era de que havia cem mil pessoas presentes. Durruti falou abertamente que esperava a revolução a cada dia que passava. A polícia cercou o Paço com metralhadoras.

A burguesia catalã tremia. A imprensa burguesa exigia que o governo tomasse medidas enérgicas contra os anarquistas. Os sindicatos ligados à CNT foram fechados e o jornal diário *Solidaridad Obrera* proibido. Centenas de ativistas políticos foram presos. Entre os anarquistas, o pensamento de que a repressão deveria ser respondida com violência ganhava cada vez mais adeptos. Os ferroviários convocaram uma greve. Uma paralisação desse porte levaria a economia e a política do país ao caos; por isso, o governo ameaçava colocar os ferroviários sob controle militar. García Oliver havia esboçado um plano de rebelião: a greve dos ferroviários deveria desencadear a revolu-

ção em toda a Espanha. Ascaso, Durruti, Aurelio Fernández, Ricardo Sanz, Dionisio Eroles, Jover e outros concordaram com o plano. Um incidente precipitou a ação. Dois anarquistas, chamados Hilario Esteban e Méler, que depois desempenhariam papéis decisivos durante a Guerra Civil na frente de Aragón, tinham construído uma fábrica de bombas no bairro de Clot, em Barcelona. A polícia descobriu onde ficava localizado o depósito, porque por descuido acabou havendo uma explosão no local. O levante teria que ser tentado a todo custo e sem demora para que a polícia não se apoderasse de todo o arsenal dos anarquistas. Por isso, os grupos de ação e defesa da FAI atacaram os quartéis de Barcelona no dia 8 de janeiro de 1933.

Em todas as partes da Espanha ocorreram ações armadas. Todavia o governo conseguiu, mais uma vez, sufocar a rebelião.

Alejandro Gilabert

Depois do fracasso da rebelião de janeiro, Durruti e Ascaso foram presos de novo. Desta vez passaram seis meses no presídio de Puerto de Santa María. Mas, mal foi libertado, Durruti se pôs a trabalhar com sua persistência costumeira.

Diego Abad de Santillán

Após a proclamação da República, a CNT e a FAI passaram a sofrer uma avalanche de difamações e insultos. Ainda hoje é difícil esquecer a chamada do jornal comunista *La Batalla*: "Fai-ismo = Fascismo" e as explicações de Fabra Rivas, um líder social-democrata e primeiro conselheiro de Largo Caballero:

— Anarquistas como Ascaso e Durruti são loucos varridos. É preciso livrar-se desses insanos. Não é possível discutir com eles. Para mim o melhor mesmo seria mandar fuzilar estes restos do passado.

Luz de Alba

Lembro-me do dia em que, já sob a República, oficiais de Justiça confiscaram os bens de nossa gráfica, as rotativas do jornal *Solidaridad Obrera*. Nem me recordo mais por quê: algumas denúncias, incitamento à ação. O jornal não podia mais ser publicado. As máquinas foram a leilão judicial. Muitos comerciantes compareceram, dispostos a fazer suas ofertas. Só que não eram os únicos. Nós também fomos à licitação com pelo menos vinte homens, inclusive Durruti e Ascaso. Durruti foi o primeiro a levantar-se e oferecer vinte *pesetas* pela rotativa. É claro que vinte *pesetas* e nada eram a mesma coisa. Os comerciantes levantavam e gritavam:

— Mil *pesetas*!

Mas nem bem o primeiro fez sua oferta e sentiu alguma coisa gelada nas costas, recuando rapidamente da proposta. Então foi a vez de Ascaso:

— Quatro *duros*!

O que equivalia a vinte *pesetas*.

Quem quisesse oferecer mais sentia o revólver encostado no corpo e preferia ficar calado. Por fim, nada mais restava ao leiloeiro senão pegar o martelo e vender-nos as máquinas pela bagatela de vinte *pesetas*.

Entre aquela época e hoje não há nem comparação. O que fazemos aqui em Paris, na gráfica da CNT no exílio, é muito pouco. Falta-nos quase tudo. Nossas máquinas são quase sucata. Precisamos de um equipamento moderno. Mas hoje temos a vantagem de trabalhar na legalidade, e trabalhar na legalidade significa trabalhar com sucata. Se ainda tivéssemos um Durruti ou um Ascaso não seria difícil conseguir uma impressora nova. Seria nossa saída!

Juan Ferrer

O TRABALHO NA FÁBRICA

Ela se autodenominava “República dos Trabalhadores”, mas o que fez com Durruti? Deportou-o para Bata, por vadiagem. Ascaso, Durruti e uma centena de outros foram deportados; eles, que ganharam seu pão trabalhando nas fábricas du-

rante toda a vida. Nunca foram como esses funcionários que ficam sentados o dia inteiro num escritório e recebem seus salários dos sindicatos. Durruti era a antítese do pelego: ele nunca recebeu nenhum tostão nem da CNT nem da FAI.

Manuel Hernández

Certa vez os trabalhadores da cervejaria Damm, em Barcelona, decidiram entrar em greve, pois eram muito mal pagos. Os patrões não cediam; ao contrário, chegaram a fazer algumas demissões. Nessa altura a CNT convocou um boicote à cervejaria. Alguns comerciantes não quiseram aderir e continuaram servindo a cerveja Damm. Um dia receberam uma visita. Durruti e alguns companheiros entraram nos lugares e quebraram as vidraças, os copos, o bar. Logo depois, em todos os estabelecimentos de Barcelona havia um cartaz com os dizeres: “Não temos cerveja Damm”. Passadas algumas semanas, a cervejaria pagou os dias da paralisação, readmitiu os grevistas despedidos e negociou com a CNT um novo acordo salarial.

Ramón García López

Durruti achava que a emancipação da classe trabalhadora estava vinculada à aliança e à ação direta dos trabalhadores sobre a economia. Desde 1933 ele fazia questão de frisar, nas propagandas, a importância da criação de comissões de fábrica. Via a garantia da revolução social no trabalho construtivo destas comissões. Numa grande assembléia antiparlamentarista, no outono de 1933, afirmou:

— A fábrica é a universidade do trabalhador.

Heinz Rüdiger

Ele concordava que representantes da classe média, estudantes e escritores, também entrassem para o nosso movimento, mas exigia que deixassem de lado seus privilégios e se juntassem ao povo. Um dia, quando conversávamos no pátio da prisão, ele criticou a estima absoluta com que os técnicos e especialistas eram recebidos. Os metalúrgicos, por exemplo, tam-

bém eram capazes de pôr qualquer fábrica em funcionamento, da mesma forma como os pedreiros eram capazes de planejar e construir uma casa. E isso valia para todos os outros setores.

Liberto Callejas

O DIA-A-DIA

O dia-a-dia na Espanha era muito duro, muito difícil para mim. Eu não podia exercer minha profissão, pois quase não falava espanhol. Trabalhei então como faxineira, até que, com a ajuda dos sindicatos, consegui um serviço como lanterninha num cinema. Naquela época, era o maior luxo. E as mudanças! Nós sempre estávamos mudando: foram cinco ou seis vezes só em Barcelona. E além disso Buenaventura sempre estava na prisão. Eu não podia pagar os aluguéis sozinha e então tinha que mudar para a casa dos amigos. Em suma, vivi toda a miséria das mulheres que têm revolucionários profissionais como maridos.

Em 1931 nasceu minha filha Colette, em Barcelona, e isso significava que minha vida não ficaria mais fácil. Como Durruti já estava há muito tempo na prisão, nossos companheiros resolveram fazer uma cotização: cada um contribuiria com algumas pesetas até que pudéssemos pagar de novo o aluguel.

Emilienne Morin

No início de 1936 Durruti morava num apartamento alugado no bairro de Sans, bem perto de minha casa. Como os patrões tinham colocado seu nome na lista negra, ele não conseguia trabalho em lugar nenhum. Assim, era sua companheira Emilienne quem ganhava o sustento da família.

Uma tarde fomos visitá-lo e o surpreendemos na cozinha. Ele estava com um avental lavando a louça e preparando o jantar de sua pequena filha Colette e da mulher. O companheiro que tinha vindo comigo tentou fazer uma brincadeira:

— Escute aqui, Durruti, o que você está fazendo é trabalho de mulher.

Durruti lhe respondeu, de modo grosseiro:

— Que isso sirva de exemplo. Além de lavar e cozinhar, sou eu quem limpo e troco a roupa da minha filha. Se você acha que um verdadeiro anarquista tem de ficar sentado o dia inteiro num café ou num bar, então você não entendeu nada de anarquia.

Manuel Pérez

Bem, é verdade que os anarquistas gostavam de falar sobre o amor livre. Mas no fundo eles eram espanhóis, e é engraçado ver espanhóis falando nesse assunto. Não combina com o temperamento deles. Amor livre é coisa que só existe nos livros. Eles nunca fizeram nada, absolutamente nada, pela emancipação da mulher. Eu os conhecia muito bem e uma coisa posso afirmar: eles se livravam rapidamente dos preconceitos que atrapalhavam, mas conservavam com todo o cuidado os que convinham. Lugar de mulher é no fogão! Eles gostavam muito deste dito. Certa vez um companheiro de idade avançada me disse:

— Essas teorias de vocês são muito boas, mas a anarquia é uma coisa e a família é outra. Sempre foi assim e assim há de permanecer.

Com Buenaventura eu tive muito mais sorte. Ele não era tão atrasado quanto os outros. Mas no fundo também sabia com quem estava lidando!

Emilienne Morin

Eu gostava dele. Posso afirmar ao senhor que era um homem como já não se encontra hoje em dia. Jamais cometeu alguma injustiça. Não era orgulhoso, sempre viveu da maneira mais simples. Mas era muito forte, pode acreditar em mim: ele era forte como o demônio.

Josefa Ibáñez

Conheci Ascaço na gráfica do *Solidaridad Obrera*. Era lá que, em 1934, pegávamos os panfletos de propaganda, pequenos cadernos em língua alemã enviados ilegalmente para a Ale-

manha. Eram arrumados como se fossem papéis para embrulhar bombom. Eu ainda não me acostumara ao sol de Barcelona e, por isso, tinha sempre que usar um chapéu. Para os anarquistas, o chapéu de mulher era a essência de tudo o que havia de burguês e, só por este fato, Ascaso me tratou com alguma desconfiança. Estendi minha mão (sem nenhum vestígio de calosidade) a ele, que a apertou e cumprimentou-me, curvando a cabeça.

— Como? — perguntei. — O senhor é Ascaso?

Ele parecia tão pequeno. Meu espanto o agastou. Eu não devia ter perguntado naquele tom. Não se deve rir de um espanhol, menos ainda quando se é mulher. Eu tinha vinte e um anos, mas aparentava dezessete. Ascaso dava-me a impressão de ser extremamente vaidoso. Além disso, era um daqueles anarquistas que não tinham o menor interesse por estrangeiros tão ridículos quanto nós. Os outros me aceitaram logo e até me perdoaram o chapéu. Os homens da CNT eram proletários, mas tinham grande dignidade e confiança no trato. Um amigo meu, ferroviário, parecia um aristocrata em todos os seus hábitos. E ele não era o único.

Durruti não tinha nada disso. Era tão simples que todos pensavam nele quando se tratava de modéstia. Uma tarde encontrei-o no cinema onde sua mulher trabalhava como caixa e lanterninha. Emilienne gostava de conversar com todo mundo; só quando Durruti se aproximava é que ficava quieta. Eu tinha que fazer algumas compras nas Ramblas, e Durruti me acompanhou. Eu disse:

— Tenho medo de bombas e tiroteiros.

Naquela época, em Barcelona, quase toda semana havia uma greve, um assalto ou uma ação policial. Nas Ramblas, em cada árvore sempre havia um policial de plantão, com a baioneta empunhada, e até tropas regulares podiam ser vistas com frequência. Os mouros, com seus sabres curvos, eram os que tinham o aspecto mais medonho. E no entanto tudo tinha também um ar de opereta: as senhoras passeavam diante das vitrines até que, de repente, se ouvia um apito. Granadas de mão eram lançadas dos terraços dos edifícios. As portas de aço bai-

xavam, provocando grande impacto. As senhoras abanavam seus pequenos lenços brancos e atiravam-se para dentro das lojas ou no próprio chão do passeio. Alguns minutos depois, voltava o silêncio, e os apitos davam o sinal de que o perigo já passara. E então todos se levantavam e tiravam a poeira da roupa como se nada tivesse acontecido.

Durruti passava comigo pelos policiais sem demonstrar a menor alteração na expressão.

— Eu tenho tanto medo quanto você — me disse. — Medo e valentia estão muito próximos. Em geral eu não sei onde um começa e o outro termina.

As crianças o reconheciam na rua. E comigo ele também era sempre muito amável; até me levava a sério. Os anarquistas nunca foram levianos no trato com as mulheres. Não eram mulherengos, muito pelo contrário. Às vezes pareciam calvinistas: todo o seu pensamento era devotado à revolução.

Durruti não conhecia a vaidade. Levava todo mundo a sério. As pessoas de Barcelona se espelhavam nele. Foi por isso que o enterraram como um rei.

Madeleine Lehning

O BOICOTE ÀS URNAS

Antes das eleições parlamentares de novembro de 1933, a CNT iniciou uma campanha sem igual, pregando a “greve” eleitoral com uma ênfase e força sem precedente. Os jornais e panfletos dos anarquistas levavam a palavra de ordem do boicote às urnas aos lugarejos mais distantes. O lema “Recusamos a dar nosso voto” encontrou grande ressonância entre camponeses e operários espanhóis. Fazia muito tempo que eles estavam cansados dos partidos governamentais, da política dos liberais “de esquerda” e social-democratas e da permanente repressão. A campanha atingiu o ápice em 5 de novembro, com a realização de uma grande manifestação na Arena de Touradas de Barcelona, onde participaram de 75 a 100 mil trabalhadores. Os oradores favoritos da CNT falaram sobre o tema: “Revolução social: a saída para as urnas”.

— Trabalhadores — clamou Durruti a seus ouvintes —, da última vez vocês deram seu voto de apoio à República. Se soubessem que esta República colocaria nove mil trabalhadores na cadeia, teriam votado nela?

— Não — grita a multidão.

Depois foi a vez de Valeriano Orobón Fernández, um jovem anarquista. A Revolução dos republicanos, disse, estava falida: era iminente uma contra-revolução por parte dos fascistas. O que acontecera na Alemanha? Os socialistas e os comunistas sabiam muito bem quais eram os planos de Hitler e, no entanto, foram às eleições e assinaram sua sentença de morte. E o orgulho dos social-democratas na Áustria? Lá o partido social-democrata podia contar com 45% do eleitorado. Eles esperavam alcançar mais 6%, o que os levaria ao poder.

— Mas eles se esqueceram de um fato muito simples: mesmo que suas contas dessem certo, no dia seguinte à vitória eles teriam que defender o poder na rua, com armas nas mãos, pois a reação não deixa que lhe tomem o poder assim tão facilmente.

José Peirats 2/Stephen John Brademas

Índice de abstenção nas eleições parlamentares de 19 de novembro de 1933:

Província de Barcelona: 40%
Província de Zaragoza: mais de 40%
Província de Huesca: mais de 40%
Província de Tarragona: mais de 40%
Província de Sevilha: mais de 45%
Província de Cádiz: mais de 45%
Província de Málaga: mais de 45%
Total na Espanha: 32,5%

César Lorenzo

Nas eleições de 1933, os anarquistas espanhóis realizaram a maior campanha de boicote às urnas que já houve na história do movimento operário. O boicote foi eficaz na medida em que

a maioria dos trabalhadores ficou em casa. Todavia, o resultado foi a vitória dos partidos conservadores de direita. O governo de Gil Robles não era um regime fascista no sentido próprio da palavra, mas era extremamente reacionário.

Arthur Lehning

O LEVANTE DE ZARAGOZA

Pouco depois das eleições, a CNT realizou uma conferência secreta em Madri. Eu estive presente a esta reunião e ainda me lembro de como eram feitas as argumentações. A CNT possuía uma estrutura federativa: cada província tinha seu comitê regional, que por sua vez defendia uma linha própria. Dessa forma, as decisões nem sempre eram unânimes. Naquela reunião os representantes de Aragón diziam: nós não participamos das eleições e é nossa culpa termos um governo de direita. Nós não podemos simplesmente engolir o resultado. Temos que agir. É hora da revolta armada!

Os representantes de Barcelona retrucavam: isso não é possível. Nós não temos armas, não estamos preparados, além disso, já sofremos derrotas demais nestes últimos anos.

Mas os aragoneses não desistiram do levante. No norte da província, o índice de abstenção tinha chegado a quase 99%, e os anarquistas se sentiam muito fortes na região. Zaragoza tinha ficado por dias inteiros nas mãos da CNT, e o comunismo libertário fora proclamado em todas as aldeias do norte. Nas outras regiões, a CNT fazia de tudo para apoiar o levante, embora fosse contrária a ele. O governo decretou estado de sítio. Depois de algumas semanas, tudo foi por água abaixo. Durruti, Mera e os outros foram presos e processados por crime de lesa-pátria.

Arthur Lehning

Durante uma assembléia na Plaza Monumental de Barcelona, Durruti afirmou que a única resposta à vitória eleitoral da reação seria a revolução armada. A CNT tomou como lema esta frase. Só García Oliver, que ainda não esquecera a derrota de

janeiro de 1933, foi contra. Ele achava que esse tipo de política era aventureiro. Era a primeira vez que havia uma diferença de opinião entre ele e Durruti, depois de anos de amizade. Durruti foi para Zaragoza cuidar dos preparativos para o levante. O movimento foi deflagrado no mesmo dia em que o Parlamento deu início aos trabalhos, em Madri, com a nova maioria de contra-revolucionários. Era o dia 8 de dezembro de 1933.

Alejandro Gilabert

De manhã bem cedo ocorreu uma fuga sensacional de presos políticos em Barcelona. Eles conseguiram cavar um túnel que desembocava na canalização da cidade.

O Comitê para a Revolução, da CNT, tinha sua sede em Zaragoza, e lá também estava instalado o Comitê Nacional dos Anarquistas. À tarde, diversas bombas fizeram a cidade tremer. A violência estatal respondeu de imediato, prendendo quase uma centena de revolucionários, entre os quais Durruti, Isaac Puente e Cipriano Mera, todos membros do Comitê. Os choques de rua duraram toda a noite e pelo menos o dia seguinte inteiro. Os trabalhadores erigiram barricadas. Um convento foi incendiado. O trem expresso que vinha de Barcelona entrou na estação central em chamas, incendiado por bombas. O Exército reforçou a vigilância nas ruas, inclusive com tanques.

Em Alcalá de Gurrea, Alcampel, Albaleta de Cinca e outras aldeias da província de Huesca, foi proclamado o comunismo libertário, tal como em muitas outras partes da província de Teruel. Em Valderrobles, por exemplo, os camponeses aboliram o dinheiro e queimaram todos os documentos da prefeitura, do fórum e do cartório de registros.

O levante foi derrotado em pouco tempo. A convocação para a greve, feita pela CNT, só foi seguida em algumas partes do país. Os combates ficaram restritos à região de Aragón e Rioja. Nas regiões mais importantes da Catalunha e da Andaluzia, as feridas da derrota de janeiro ainda não tinham cicatrizado. Uma forte facção dentro do movimento achava o levante aventureiro e equivocado.

José Peirats I/Stephen John Brademas

NOVAS PRISÕES

Lembro-me das horas amargas, mas também das alegres, que passamos junto com ele na prisão de Zaragoza. Mesmo detido ele ainda tinha disposição para brincadeiras. Sempre conservou uma certa ingenuidade, um certo traço infantil. Foi ele também quem nos mostrou como devíamos lutar.

Ainda o vejo diante de mim, discursando na famosa reunião do sindicato dos metalúrgicos de Zaragoza, onde foi decidido o levante de 8 de dezembro. Naquela época ele usava óculos; seu olhar nos eletrizou. Seria uma luta desigual, na qual não tínhamos muito mais do nosso lado além de nossa esperança. Fomos para a rua, com Durruti caminhando a meu lado. Muitos dos que estiveram presentes àquela reunião logo foram mortos; os que restaram fizeram a guerra contra o fascismo.

Naquele dia cheguei a ver Durruti pela última vez na Rua Convertido. Depois nos separamos. Quando o combate terminou, voltei a encontrá-lo na prisão.

Manuel Salas

Como um dos principais responsáveis pelo levante, Durruti deveria ser condenado a seis meses de prisão. Quando ele ainda estava em Zaragoza, cumprindo prisão preventiva, desapareceram, da noite para o dia, todos os documentos do inquérito instaurado contra ele.

Diego Abad de Santillán I

Até 1935 fui secretário da Internacional Sindicalista, AIT, na Espanha. Pouco antes de ir embora, vi Durruti ainda uma vez. Estava preso novamente, agora em Barcelona, e fui visitá-lo. Eu tinha ouvido que ele queria falar comigo, e então disse a sua mulher:

— Quer dizer que ele quer me ver, hein? Bem, mas para mim é impossível ir até a prisão. Vivo quase na ilegalidade aqui e estou representando uma organização internacional. Também posso ser preso a qualquer momento, e ir visitá-lo seria

muito perigoso. Tenho que pensar na minha função e não posso cometer essa imprudência.

Então ela me respondeu:

— Isso não é problema. Você vem comigo e não diz nada. Vamos falar que é um primo meu, e aí você assina a lista com o nome que quiser. O negócio todo é muito simples.

Bom, disse para mim mesmo, estas pessoas conhecem a Espanha melhor do que eu. Fiquei convencido de que não haveria problema. Fomos juntos à prisão. Durruti atrás de uma grade, e nós atrás de outra: no espaço entre estas duas grades, um soldado marchava de um lado a outro. Durruti começou logo a gritar para mim em francês. Falava aos berros sobre questões políticas, o que deveria acontecer com a organização, coisas assim.

Pensei comigo: o que eles estarão achando dessa discussão em francês aqui na prisão, e ainda por cima com um estrangeiro? Logo irão me prender também. Mas fazer isso era possível na Espanha. Tanto que consegui sair do presídio sem maiores dificuldades.

Arthur Lehning

Numa das vezes em que foram presos, Durruti e Ascaso ficaram no presídio da polícia em Barcelona. Como todo mundo só falava neles, os policiais resolveram trazer suas companheiras para ver os prisioneiros. Na cela, Durruti mexia com os cabelos até ficarem completamente desgrenhados, e, quando as senhoras chegaram, começou a gritar como um orangotango: “uh! uh! uh!”. As mulheres quase morreram de susto, e o guarda lhe perguntou:

— Mas que idéia é essa?

Durruti respondeu:

— Elas pensam que somos uma espécie de macacos. Só falta nos jogarem amendoim. Se querem se divertir, que vão ao circo!

Eugenio Valdenebro

A FRENTE POPULAR

Depois da revolução asturiana de outubro, em 1934, Durruti foi detido de novo, e desta vez ficou encarcerado por vários meses na prisão de Valencia. Ali ele tentava tirar conclusões favoráveis aos caminhos do movimento operário espanhol a partir da derrota dos marxistas nas Astúrias.

Todos estavam de acordo que a democracia burguesa fraquejava. Fazia-se necessária a união dos trabalhadores revolucionários. García Oliver deu a palavra de ordem: “Todos os marxistas na UGT, todos os anarquistas na CNT: as duas organizações contra o capitalismo”. No último congresso da CNT em Zaragoza, em maio de 1936, ficou acertada uma unificação das ações com a sindical social-democrata UGT. A única condição imposta pela CNT era a de que os trabalhadores social-democratas teriam que revogar publicamente sua colaboração com os partidos burgueses. Com isso estaria livre o caminho para a revolução proletária.

No entanto, outro problema surgiu antes do congresso. Em fevereiro de 1936 haveria novas eleições. Nas prisões espanholas o número de presos políticos era superior a trinta mil, na maioria anarquistas. Os partidos de esquerda prometeram então, em caso de vitória nas urnas, libertar os anarquistas. A direita, por sua vez, ameaçava com uma repressão mais forte. Ora, se a CNT convocasse, como antes, o boicote, ameaçaria a liberdade de trinta mil presos; se, ao contrário, recomendasse a participação nas eleições, estaria reconhecendo o direito de voto universal e o parlamentarismo, coisas que os anarquistas combateram desde sempre. Durruti encontrou uma saída para esse dilema. A campanha eleitoral foi-se tornando tão acirrada que nenhuma das duas partes ficaria satisfeita com uma derrota. A esquerda afirmava que responderia com meios revolucionários a uma vitória da direita; a direita dizia que uma vitória da esquerda levaria à guerra civil. Durante as manifestações, Durruti fazia o seguinte raciocínio:

— Portanto estamos diante ou da revolução ou da guerra civil. Todo trabalhador que votar e depois ficar sentado tran-

qüilamente em casa será um contra-revolucionário. E não será melhor do que ele o que não votar e também ficar em casa.

A CNT evitava assim lutar pelo boicote. A maior parte dos trabalhadores compareceu às eleições. Com isso, houve vitória dos partidos de esquerda. A direita transformou sua advertência em verdade e preparava-se para a guerra civil. A participação de Durruti para que as eleições tivessem este desfecho foi considerável.

Alejandro Gilabert

A CNT tem que permanecer como uma força viva e forte na sociedade. Só ela pode garantir que um único homem, seja de direita, seja de esquerda, não se sobreponha jamais como ditador, acima do país.

Buenaventura Durruti I

Durruti vivenciou a vitória eleitoral da Frente Popular em 16 de fevereiro de 1936 no presídio de Puerto de Santa María. Lá também estavam encarcerados Companys, o futuro presidente da Catalunha, e outros membros dos conselhos da Generalitat. Logo depois das eleições, todos foram libertados pela anistia.

Crónica

A DECLARAÇÃO DE GUERRA

Depois das eleições a CNT de Barcelona teve que lidar com duas greves que já duravam vários meses: a nos transportes públicos e a dos trabalhadores têxteis. Em 28 de fevereiro, o novo governo baixou um decreto segundo o qual todos os trabalhadores que haviam sido demitidos por motivos políticos ou participação em greves deveriam ser readmitidos. No entanto, vários empresários negavam-se a respeitar o decreto. Os anarquistas exigiam que o governo tomasse medidas enérgicas. Em 4 de março, um dia após a posse de Companys como presidente, Durruti afirmava no Grande Teatro de Barcelona:

“Viemos comemorar o dia em que alguns novos senhores sobem ao poder. Estamos aqui para dizer a estes senhores, todos de partidos de “esquerda”, que têm de agradecer a nós pela vitória nas urnas. A CNT e os anarquistas foram às ruas no dia da eleição. Com isso, evitaram um golpe de Estado por parte daqueles que ocupavam os ministérios e as instituições públicas e que não queriam respeitar a vontade do povo.

“Estes senhores do atual governo são os grandes culpados pelo que está acontecendo nos conflitos trabalhistas do setor de transporte e da indústria têxtil. Desde muito antes das eleições estamos observando suas manobras e sabemos muito bem que eles queriam tirar a CNT do caminho da revolução. Antes das eleições mantivemos nossas bocas caladas para que não nos acusassem caso os prisioneiros não fossem soltos. O povo não deu seu voto aos políticos, mas aos presos. Em relação ao problema das greves, devemos dizer a estes senhores daqui de Barcelona e aos de Madri: deixem-nos em paz. Nós conseguiremos resolver sozinhos os conflitos com as fábricas têxteis e com a companhia dos transportes. O governo não deve se intrometer!

“Os homens da Generalitat devem agradecer à generosidade do povo, que os tirou da prisão. Mas, se eles não deixarem a CNT em paz, acabarão voltando para lá! Exigimos que o governo nos dê liberdade de agir contra a ofensiva dos capitalistas! Isso é o mínimo que exigimos! Em relação ao fechamento das fábricas e à evasão de capital para o estrangeiro, diremos à burguesia: por nós, podem fechar todas as fábricas. Vamos ocupá-las, vamos conquistá-las, pois é a nós que elas pertencem!”

Francisco Ascaso também discursou. Disse:

“As pessoas andam dizendo por aí: nós vencemos! nós vencemos! Mas o que aconteceu na realidade? Os partidos de esquerda ganharam as eleições, mas a economia permaneceu, como antes, nas mãos da burguesia reacionária. Se dermos carta branca à burguesia, de nada adiantará nossa vitória, pois então os partidos de esquerda também terão de fazer uma política de direita.

“E não estamos indo longe demais nisso tudo? Os capitalistas espanhóis fizeram um acordo com seus aliados no estran-

geiro. Eles vão declarar uma guerra econômica contra nós, e o governo não pode ficar neutro nesta guerra, esteja nas mãos dos partidos de esquerda ou não. Como agirá o governo? Tentará fazer com que paguemos o pato. O capital foge para o estrangeiro. As fábricas são fechadas, mas o governo não irá expropriar os patrões, pois isso não está previsto no seu programa.

“E nós? Talvez sejamos um pouco ingênuos, mas não somos tontos. Até hoje trabalhamos sossegados, mas isso vai mudar. Vamos nos reunir nos galpões das fábricas e, com todos os companheiros, iremos eleger os comitês por setor de produção. E, se as fábricas forem fechadas, então expropriaremos os patrões e cuidaremos nós mesmos dos negócios. Organizaremos a produção de forma melhor e mais segura do que os capitalistas. Na verdade, eles só servem como fardo à produção.

“A vitória política é um engano, um auto-engano, se não for acompanhada da vitória na economia, da vitória nas fábricas.”

Solidaridad Obrera/Stephen John Brademas

A VITÓRIA

PRELÚDIO

Em casa ele falava muito pouco de seu trabalho. Havia uma porção de gente que sabia de tudo, menos eu. Por exemplo, dos exercícios militares, dos treinamentos com armas antes de julho de 1936. Posso afirmar ao senhor que eles previam há muito tempo o golpe de Franco e tinham-se preparado para ele. Tinham até um campo de tiro na região. Só eu não sabia de nada. Para mim isso tudo era o maior segredo, mas todos os vizinhos já tinham conhecimento. A mulher é sempre a última a saber. Sempre o silêncio, os segredos. Bom, pode haver alguém que ache isso romântico!

Emilienne Morin

No dia 16 de julho, a pedido da Generalitat e por decisão de uma assembléia convocada com urgência pela CNT-FAI da Catalunha, fora formado um Comitê de Defesa em que Santillán, García Oliver e Ascaso representavam a FAI e Durruti e Asens a CNT. A primeira questão tratada nas discussões dos anarquistas com o governo de Companys foi o problema do armamento. Com ele, teve início uma dura batalha: toda vez que os anarquistas faziam sua exigência — e eles nem pediam o que realmente precisavam, ou seja, vinte mil fuzis, mas apenas mil — recebiam como resposta que o governo não dispunha de ne-

nhuma provisão de armas. Os políticos temiam o fascismo, mas temiam ainda mais o povo armado.

Desde 12 de julho pequenos grupos da CNT-FAI agiam discretamente na vigilância dos quartéis de Barcelona. Ao invés de equipar os sindicatos para o dia do golpe, o governo tentava desarmar esses pequenos grupos. A toda hora o Ministério do Interior recebia chamadas das delegacias da cidade comunicando a prisão de militantes anarquistas de quem a polícia queria apreender as armas. A rotina da repressão chegou a tal ponto que se pretendia levar os presos a tribunal por porte ilegal de armas!

Diego Abad de Santillán 2/Abel Paz 1

Três dias antes do 19 de julho, no dia 14 ou 15, assaltamos um navio carregado de armas no porto de Barcelona. O governo da Catalunha, a Generalitat, queria as armas para si. Mas Durruti e alguns outros tinham conseguido levá-las para o sindicato dos transportadores. No dia seguinte, lá estava a polícia, a Guardia de Asaltos. Busca domiciliar. Mas Durruti já se encontrava na rua: "Um caminhão, rápido!". Eles conseguiram um caminhão de leite e encheram-no de armas. O governo encontrou apenas umas quatro, talvez cinco espingardas velhas. O resto estava em nossas mãos, na CNT.

Eugenio Valdenebro

Já faz dias que o comissário-geral de segurança pública da Catalunha, Federico Escofet, está terrivelmente atarefado. Há algum tempo ele tem em mãos provas inequívocas de que um golpe militar está em andamento na Espanha e de que a guarnição de Barcelona inclui-se nesses planos. Nas gavetas de sua escrivaninha amontoam-se pilhas de papéis: relatos confidenciais de contatos (oficiais republicanos), listas com os nomes dos golpistas, manifestos, senhas, planos e ordens de operação. A tentativa de golpe era esperada para o dia 16 de julho. Hoje é 18, e Escofet está certo de que pode acontecer a qualquer momento.

Há dias que mantém contato telefônico permanente com o ministro do Interior, José María España. Com o ministro e seu colaborador mais próximo no comissariado, o major Vicente Guarner, Escofet toma as medidas necessárias para combater o golpe de Estado a tempo. Mas este não é o único problema que preocupa o comissário. O comissariado de segurança pública também tem que pensar nos anarquistas da FAI e na CNT, que há muitos anos estão em conflito com o governo autônomo da Catalunha, com o governo central de Madri, com o partido socialista — em suma, estão contra Deus e o mundo. Apesar disso, há alguns dias os anarquistas colaboram com o poder, numa junta convocada pelo presidente da Catalunha, Companys, tendo em vista a gravidade da situação. Esta junta agrega todos os partidos e organizações antifascistas. Ocorre que os anarquistas estão pleiteando armas. Ora, mas Escofet sabe tão bem quanto o presidente e o ministro do Interior quanto seria perigoso entregar armas nas mãos dos homens da CNT, conhecidos pela ousadia com que combatem nas ruas. Se houver realmente o golpe militar e se o Exército e a polícia se defrontarem num combate armado, um como inimigo, a outra como defensora da República, isso levará a um enfraquecimento das duas forças, e a cidade será entregue de mão beijada aos anarco-sindicalistas. Para a estabilidade política e social da Catalunha isso seria tão perigoso quanto o próprio golpe militar.

O telefone toca.

— Alô, aqui é Escofet. José María? Bom dia. Como? Ah, a CNT. Eles estão protestando, certamente. Desde o início isso já estava mais do que claro para mim. Naturalmente eles também irão reclamar junto ao presidente. Mas não dava para ter agido de outra forma. As pistolas ficaram com eles, mas se dependesse de mim teriam sido apreendidas até as armas portáteis. Em todo caso, os fuzis estão conosco. Guarner os confiscou.

Tratava-se de um incidente perigoso ocorrido na noite anterior. Os militantes anarquistas do sindicato dos transportadores assaltaram alguns navios ancorados no porto e levaram um número considerável de fuzis e pistolas.

— Isso é tudo que sei. Foi o que Guarner me informou. Foi ele quem entrou na sede do sindicato, comandando um destacamento depois de ter posto guardas em todos os telhados da redondeza. Mas é claro que estavam armados! Foi uma sorte terem ficado apenas no bate-boca e ninguém ter apertado o gatilho por descuido. Sim, Durruti e García Oliver apareceram para acalmar os ânimos e protestar.

Guarner se inclina na direção de Escofet, que põe a mão sobre o fone por alguns segundos.

— Diga-lhe que o pessoal do sindicato estava tão furioso que até ameaçou Durruti com armas. Seus próprios companheiros!

— Guarner está acabando de me dizer que os próprios companheiros de Durruti o ameaçaram. Imagine o senhor! Queira informar o presidente. Como? Sim, será feito! Está certo, eu aviso o Guarner.

Escofet põe o fone no gancho. Tem trinta e oito anos, seus cabelos negros ondulados brilham, seus gestos são vivos e sua voz, cheia de entusiasmo. Ele diz a Guarner:

— Não confio nem um pouco nos homens da FAI. Com armas nas mãos, eles são verdadeiros selvagens.

— Ele disse mais alguma coisa?

— Sim, tudo indica que o golpe está planejado para amanhã cedo. Ele tem informações de fontes seguras.

— O senhor quer saber o que eu penso? Gostaria que isso tudo acontecesse logo, para ver em que pé estamos.

Luis Romero

O COMITÊ DE DEFESA

Para quem não observasse com atenção, poderia parecer que aquele 18 de julho era um sábado como outros. E, no entanto, havia poucos ociosos na rua e quase nenhum banhista nas praias, embora fizesse muito calor. O que chamava a atenção era o grande número de donas-de-casa indo às compras. Logo depois do almoço o pão já tinha acabado.

Na sede do comitê regional da CNT reinava um alvoroço enorme. Mensageiros chegavam de todas as partes da cidade. A junta vinculada à Generalitat permanecia em assembléia permanente. Num canto do edifício, Durruti falava a mineiros de Figols que queriam informações sobre a situação. Durruti tinha que se apoiar numa cadeira, pois acabara de ser operado de uma hérnia e não estava completamente curado. Também não se excluía a hipótese de uma complicação, pois ele continuava sentindo dores.

A alguns passos dali, Marianet ligou para Madri. Ascaso fora procurado em toda parte: ele devia ir imediatamente ao Café Pay-Pay, era urgente... Os ativistas do sindicato dos metalúrgicos detiveram-no ainda por um instante, perguntando o que deveriam fazer e sugerindo todo tipo de ação. Francisco respondeu:

— Ainda não é preciso ir tão longe. Temos que manter a calma.

Abel Paz I

Uma metralhadora Hotchkiss, dois fuzis tchecos de reposição rápida, inúmeras Winchester e grandes provisões de munição estão guardados num apartamento da Rua Pujadas 276, na esquina com a Espronceda, no bairro de Pueblo Nuevo. Ali, no apartamento de Gregorio Jover, está reunido o comitê de defesa dos anarquistas.

Juan García Oliver, Buenaventura Durruti e Francisco Ascaso chegam com um atraso de duas horas. A reunião, a última, uma espécie de vigília armada, estava convocada para a meia-noite. O tenente-coronel da aviação Servando Meana tinha posto à disposição dos três um automóvel que os apanharia no Ministério do Interior. Eles saíram apressadamente do local, pois sabiam que um atraso iria inquietar os companheiros que já estavam de prontidão no apartamento. Mas aconteceu um imprevisto: havia uma manifestação em frente ao edifício do Ministério, com os militantes da CNT exigindo armas. García Oliver, Durruti e Ascaso tiveram que subir à sacada do prédio e pedir que a multidão acampada no jardim do palácio se

acalmasse. García Oliver aconselha-os a cercar o quartel de San Andrés e a esperar o momento combinado. Se tudo corresse de acordo com o plano, no dia seguinte 25 000 fuzis, metralhadoras e talvez até canhões estariam nas mãos da CNT-FAI. Seus contatos na aviação, Meana e outros oficiais, já tinham conversado com o primeiro-tenente Díaz Sandino, comandante da base aérea de Prat de Llobregat. Ficou acertado que logo que as tropas se sublevarem e saírem dos quartéis, os aviões deixarão a base e atacam. Durante o bombardeio do quartel de San Andrés, continua García Oliver, deverá ser tomado o cuidado para que a aviação não atinja o depósito de armas, mandando todo o arsenal pelos ares. Os membros do comitê dos bairros de Santa Coloma, San Andrés, San Adrián de Besós, Clot e Pueblo Nuevo atacam os quartéis e, se necessário, jogarão dinamite para abrir os portões. Díaz Sandino estava de acordo com este plano. No arsenal de San Andrés há milhões de balas para fuzis.

Enquanto García Oliver presta estes esclarecimentos, Gregorio Jover vai distribuindo pão com salsicha e um pouco de vinho para os companheiros. Todas as medidas estão tomadas: os grupos de ação e os comitês de bairros permanecem de prontidão. Cada militante sabe exatamente o que tem de fazer no momento da ação. Nas fábricas, a bordo dos navios ancorados no porto, os foguistas vão ficar de prontidão: suas sirenes darão o sinal para o ataque. Os membros do comitê não precisam fazer mais nada senão esperar até que os militares deixem os quartéis. Pelas últimas informações, os golpistas irão atacar de madrugada.

Nervoso e extenuado pelo dia de trabalho intenso, García Oliver senta-se numa cadeira. Devia aproveitar as poucas horas que restavam para descansar, antes de entregar-se a novos esforços. Mas não conseguia pegar no sono.

Durante semanas, meses, os companheiros trabalharam com vistas ao êxito desta noite. Já antes da eleição de fevereiro estavam convencidos de que a guerra civil viria em pouco tempo. Muitos adeptos da CNT inclinaram-se então a fazer um teste com o boicote, postura tradicional dos anarquistas diante de

eleições, votando excepcionalmente nos partidos da esquerda burguesa ou nos socialistas. A direção da CNT não aconselhava nem desaconselhava o boicote, deixando a decisão como escolha de cada um. Afinal de contas, não faria a menor diferença se as eleições fossem vencidas pela direita ou pela esquerda. Se o fascismo subisse ao poder pela via legal, através da abstenção dos trabalhadores anarquistas, este seria o sinal para o levante armado. A CNT previa também que uma vitória eleitoral da esquerda levaria, ao contrário, à tentativa dos fascistas de chegar ao poder por sua via habitual, ou seja, o golpe de Estado. Em qualquer dos dois casos, a resistência teria de ser feita com armas nas mãos. Os acontecimentos deram razão a essas reflexões; a análise dos anarquistas estava mais de acordo com a realidade do que a dos partidos, feita por políticos tradicionais.

Como a CNT fosse uma estrutura federalista, consistindo de associações regionais que trabalhavam de forma quase independente, não podia planejar o contragolpe a nível nacional: tinha que se restringir à Catalunha, e isso significava principalmente Barcelona. Madri é de fato a capital política da Espanha, mas Barcelona é a capital industrial e proletária do país. A grande força dos trabalhadores junto à população e sua tradição revolucionária deixam à cidade uma reputação especial, um primado político. Se as massas proletárias triunfassem aqui, ainda teriam que levar o movimento a outras cidades do país.

Por isso, os anarquistas começaram a construir um comitê de defesa em cada bairro da cidade. Coordenavam essas juntas de tal forma que havia um contato permanente entre os delegados, e cada um dos quais conhecia as senhas para as ações combinadas. A união da juventude anarquista, as Juventudes Libertárias, e a organização feminista Mulheres Livres também estavam incluídas no plano. Ficara estabelecido com a Liga dos Sindicatos e com o Comitê Regional que dessa vez a greve geral não seria convocada, para não alarmar o adversário.

O mapa da cidade sobre a mesa mostra a posição dos quartéis, onde estão estacionadas as tropas do Exército e qual seu

contingente. Informações confidenciais recebidas diretamente dos quartéis ajudam a completar, na última hora, o quadro do inimigo. O comitê também estudou a rede de canalizações e conhece as passagens subterrâneas e os entroncamentos das linhas. Mais importante ainda é a rede de energia elétrica: foram tomadas medidas para que, a cada momento, determinado setor da cidade fique sem luz. Os grupos armados foram instruídos para deixar as tropas saírem para as ruas. Este êxito inicial aparente dará aos soldados a certeza de que não encontrarão resistência. Cada um deles levará, presumivelmente, no máximo cinqüenta balas de munição. Tão logo estiverem afastados dos quartéis, serão recebidos pelos disparos. Quando a munição acabar e eles se sentirem isolados, começarão a aparecer os primeiros sinais de baixa do moral. Então será o momento da agitação. Esta agitação fará com que eles se voltem contra os oficiais ou, pelo menos, desertem. No que diz respeito à Guardia de Asaltos, a polícia preventiva, devemos pensar que tomará o partido do governo constitucional contra os golpistas. Portanto, os grupos de ação devem trabalhar junto a ela. A posição da Guardia Civil, no entanto, é duvidosa e só se deve atirar se os trabalhadores forem atacados. Neste caso, ela deve ser combatida tão implacavelmente quanto os militares.

Tudo isso é pensado, discutido, investigado e finalmente aprovado. Agora os membros do comitê de defesa dos anarquistas estão em silêncio. Bebem grandes goles de café para se manterem acordados, lutando contra a impaciência. Cada um volta a rememorar todos os detalhes. Eles se conhecem há muitos anos; há muitos anos combatem juntos. São tão próximos um do outro que é como se fossem irmãos, ou até mais que isso. Pode ser também que esta noite seja a última que se vejam. Francisco Ascaso fuma, nervoso. Pálido como sempre, mantém o mesmo sorriso cético nos lábios estreitos e frios. Durruti também parece estar sorrindo e, apesar das espessas sobrancelhas escuras, da profunda ruga abaixo do nariz e da terrível testa, sua expressão conserva algo de infantil. Os olhos vivos e acinzentados fitam com freqüência e cuidado a arma. Ricardo Sanz, alto, loiro, de constituição forte, fica sentado, impassível,

quase indiferente. Gregorio Jover, chamado de Chinês por causa das maçãs do rosto, parece mais chinês do que nunca, brincando com a cartucheira presa à cintura. Como num termômetro, Aurelio Fernández tenta ler no rosto de Jover a gravidade da situação. Aurelio tem olhos salientes, está sempre alinhado, mas também é o único que dá importância para o fato de andar bem-vestido. Todos eles são combatentes de rua experientes, guerrilheiros urbanos que tratam a pistola com muita intimidade. O comitê tem também dois membros mais jovens, Antonio Ortiz e Valencia. O primeiro, de cabelos encaracolados, tem vontade de falar e tenta puxar conversa com os colegas silenciosos, mas o esforço é inútil. Já Valencia está cheio de orgulho por ter sido convidado a tomar parte no grupo. O quartel-general foi montado aqui porque a maioria dos membros do comitê mora neste bairro. Do apartamento de Jover pode-se ver, embora meio de lado, o estádio de futebol do Júpiter. As ruas ao redor do edifício são vigiadas por pessoas especialmente escolhidas. Dois caminhões estão preparados na Rua Pujadas, ao lado do campo de futebol. García Oliver mora a apenas cinqüenta metros, na Rua Espronceda 72, e Ascaso na Rua San Juan de Malta, ao lado do bar La Farigola, onde há poucos dias ocorreu a plenária dos comitês de bairros, junto com o Comitê de Defesa de Barcelona. Durruti mora em Clot, a menos de um quilômetro de distância.

Um velho relógio de parede, adquirido num bazar de bugiangas, arrasta o seu tique-taque numa morosidade torturante. Uma metralhadora Hotchkiss, dois fuzis tchecos de rápida reposição e inúmeras Winchesters...

Luis Romero

Entre onze horas e meia-noite, alguns grupos deixam o comitê regional para resolver o problema do transporte. É absolutamente necessário encontrar automóveis para que o comando de ação possa se locomover o tempo todo. Uma hora mais tarde já se vêem nas Ramblas os automóveis requisitados, desfilando com grandes letras escritas a giz: CNT-FAI. Nas cal-

çadas, os trabalhadores saúdam os carros e gritam para os motoristas: — Viva a FAI!

Na mesma noite, as lojas de armas de Barcelona são roubadas. Os grupos anarquistas esvaziam vitrines e armários, roubando pistolas pequenas e espingardas de caça.

Diego Abad de Santillán 2/Abel Paz 1

Às duas horas da manhã, Durruti e García Oliver aparecem no presídio da polícia. Ali exigem categoricamente que o comissário de segurança, Escofet, desarme metade da Guardia de Asalto e ponha as armas apreendidas à disposição dos trabalhadores. Escofet se nega a fazê-lo. Afirma que seus comandados cumprirão seu dever até o último instante. Não pode desfazer-se de nenhum fuzil.

Por volta das quatro e meia o telefone do presídio toca.

— Está tudo pronto. As tropas em Montesa e Pedralbes deixaram os quartéis.

Ascaso e Durruti pegam suas armas e deixam o presídio. Santillán e García Oliver agarram o oficial de serviço.

— Onde estão as pistolas? Vamos, depressa!

Abel Paz 1

Às cinco horas tem início um grande tumulto diante do palácio do governo. Os guardas estão nervosos. Uma multidão vinda de Barceloneta força a entrada pelo portão. A situação é crítica. Durruti, que acaba de chegar, sabe o significado da manifestação. Aparece na sacada. Os portuários o reconhecem e pedem que os guardas deixem uma delegação entrar no palácio para conversar com o comitê vinculado à Generalitat. Nesse momento ocorre algo espantoso. A forte tensão entre manifestantes e guardas palacianos, em sua maioria policiais da Guardia de Asalto, arrefece. A disciplina militar começa a vacilar. Trabalhadores e policiais confraternizam. Um guarda desata a cartucheira e passa sua pistola a um trabalhador. Logo depois, os rifles também são distribuídos à multidão. Um aconteci-

mento surpreendente se passa diante dos olhos dos oficiais: soldados se transformam em seres humanos.

Abel Paz 1/Diego Abad de Santillán 2

AS SIRENES

O primeiro raio de sol do novo dia ilumina as fachadas simples das ruas Pujadas, Espronceda e Llull. Um grande contingente de homens armados mantém ocupadas as redondezas do campo de futebol. Quase todos vestem macacão azul. Vinte ativistas escolhidos deverão acompanhar o comitê de defesa dos anarquistas. Cada um conhece perfeitamente a luta de rua. As armas foram transportadas para dois caminhões. Ricardo Sanz e Antonio Ortiz colocam uma metralhadora no capô do primeiro caminhão.

— Companheiros, o comitê do bairro de Sans acaba de telefonar. As tropas estão deixando os quartéis!

O mensageiro está sem fôlego. Nas sacadas da vizinhança já podem ser vistos os primeiros madrugadores. Rostos de expectativa, de solidariedade, mas também de medo. Os militantes do bairro reúnem-se no campo de futebol. Os que têm pistolas exibem-nas. O resto exige armas. A provisão é distribuída.

— O que faremos? Vamos esperar pelas sirenes? — pergunta Durruti.

Os motoristas deixam os carros ligados. Ao longe, ouve-se um apito prolongado. Ninguém emite uma palavra. O apito aumenta e vem se aproximando; cada vez mais as sirenes tocam. Muita gente corre para as sacadas. Os membros do comitê e as escoltas sobem nos caminhões.

— Viva a FAI!

— Viva a CNT!

— Avante!

Os caminhões arrancam, enquanto os ocupantes levantam as armas. A bandeira rubro-negra, presa num sarrafo, se desdobra com o vento. A primeira passagem é descer a Ramblas de Pueblo Nuevo. O número de automóveis vai aumentando. Os líderes mostram as metralhadoras, que para a multidão repre-

sentam a autodeterminação. Durruti, Ascaso, García Oliver, Jover e Sanz são saudados com aclamações vindas dos telhados e das sacadas. As sirenes continuam apitando, sua voz vem dos bairros residenciais pobres do cinturão industrial de Barcelona: uma voz proletária que arrasta consigo os trabalhadores. Voz de mobilização.

Os militantes anarquistas tinham passado a noite nas sedes dos sindicatos, nos comitês e em diversos outros lugares. Agora acorrem ao centro da cidade. Os grupos vindos de Sans, Hostafrancs e Collblanc, os "murcianos" de Torrassa e os membros da CNT de Casa Antúnez atravessam a Plaza de España e a Paralelo: seu objetivo é o quartel de Lepanto. Os trabalhadores têxteis da firma La España Industrial, os metalúrgicos da Escorsa, Siemens e fábricas de lâmpadas Z, que no momento estão em greve, pedreiros e trabalhadores de curtumes, açougueiros e lixeiros, diaristas, alguns cantores do coro Clavé, subproletários da periferia de Montjuich e alguns pistoleiros de Pueblo Seco: todas essas pessoas também comparecem. Os horticultores de Gracia, de tradição revolucionária e anarquista, estão presentes, assim como os fiandeiros, os trabalhadores das garagens de bonde e os vendedores. E não há só anarquistas, mas também socialistas, catalanistas, comunistas, membros do POUM, e todos vão avançando pela Cinco de Oros, pelas ruas diagonais e cruzamentos. Os lumpemproletários do morro Carmel descem à cidade e juntam-se aos moradores de ruas sem infra-estrutura dos bairros afastados e aos velhos companheiros de Poblet e Guinardó, que ouviram o grande mestre dos anarquistas Federico Urales discursar e conheceram sua filha, Federica Montseny, ainda pequena. Os trabalhadores da Fabra y Coats y Rottier, os mecânicos da indústria Hispano-Suiza, os operários especializados da fábrica de máquinas El Maquinista reúnem-se com os serventes e desempregados e com eles tentam alcançar os quartéis e o arsenal de San Andrés, onde haverá armas suficientes para garantir o domínio de toda a cidade. Também não há que esquecer os trabalhadores da fundição Girona, das centrais elétricas, das fábricas de papel, das indústrias químicas de Clot, Provencals, Llacuna e Pueblo

Nuevo, que se juntam aos moradores de Barceloneta, aos pescadores, aos estivadores, metalúrgicos das indústrias Vulcan, aos ferroviários da Companhia Norte e aos ciganos de Somorrostro. Todos eles atenderam ao chamado das sirenes.

Os dois caminhões chegam à Rua Pedro IV. Também aqui há entusiasmo nas calçadas. Nas casas, porém, moram pessoas de bem, comerciantes, artesãos "em melhor situação financeira". Eles observam, cheios de medo, a passagem dos automóveis. Ninguém ousa fazer um sinal de reprovação. Até o silêncio lhes parece perigoso. Por isso gritam também:

— Viva a CNT! Morte ao fascismo! Abaixo a Igreja!

No centro, na parte velha da cidade, será travada a batalha decisiva. Lá os anarquistas também podem contar com apoio. Mesmo nos quarteirões burgueses moram muitos companheiros, e os porteiros, engraxates, garçons e garis são simpatizantes.

Luis Romero

A LUTA NAS RUAS

Juan García Oliver, Francisco Ascaso, Antonio Ortiz e Valencia dirigem a operação contra os golpistas que haviam se posicionado no cruzamento da Paralelo com a Ronda de San Pablo. Junto a um número cada vez maior de trabalhadores, mais ou menos bem armados, lutam também um suboficial e dois soldados do quartel de Atarazanas, que tinham se amotinado contra os oficiais e traziam consigo uma metralhadora. Do terraço do edifício de esquina da Rua San Pablo eles conseguiram fazer recuar os soldados entrincheirados na Porta de San Pablo. Simultaneamente, Jover e Ortiz entraram com cinquenta homens pela porta do fundo do Café Pay-Pay, de onde abriram fogo. Os soldados em fuga recuaram até a Paralelo. Esconderam-se atrás da banca de frutas, em frente ao cabaré Moulin Rouge, e no terraço do Café Sossego, de onde dominavam, com suas metralhadoras, toda a avenida. Causaram muitas baixas num grupo comandado por Francisco Ascaso, que tentava cruzar a Paralelo através da Rua Conde del Asalto.

García Oliver, Ascaso e Durruti tinham se encontrado de manhã bem cedo nas Ramblas. Ficara combinado que Durruti e seu grupo deveriam invadir o Hotel Falcón, em cujas janelas operavam francos-atiradores inimigos. Depois disso, Durruti deveria ainda, caso a praça do teatro estivesse limpa, avançar em direção ao restaurante Casa Juan e lá posicionar as metralhadoras contra os fascistas que se tinham entrincheirado no quartel Atarazanas e na Porta da Paz. Do meio das Ramblas eles controlariam todas as ruas transversais do centro velho. O fato de as tropas golpistas terem se alojado no cruzamento da Paralelo com a San Pablo, ponto estratégico de importância vital para o combate, é uma ameaça imprevista para o plano de García Oliver. Por isso ele emprega todas as forças disponíveis para desfazer o ninho de metralhadoras dos fascistas. Na investida, o comando teve que passar por momentos difíceis ao longo da Rua San Pablo, pois ali fica o quartel da guarda-fronteira. García Oliver mandou que observassem toda a região para não cair em alguma armadilha e, depois de certificar-se de que não havia nada, foi ter com um oficial e alguns soldados. Perguntou de que lado eles estavam. Responderam que a guarda-fronteira era leal ao governo: ela não tinha nenhuma função policial e servia apenas para combater o tráfico e garantir as tarifas aduaneiras. O destacamento do forte deu sua palavra de honra que não atacaria o grupo de García Oliver pelas costas. Depois houve uma nova parada, na prisão de mulheres da Rua Amália. O lugar precisava ser revistado, pois não se excluía a hipótese de os fascistas também estarem escondidos ali. Não era o caso. Mesmo assim o presídio teve que ser evacuado para servir de abrigo, se houvesse algum revés. As prisioneiras deixaram suas celas chorando, não se sabe se de medo ou alegria. Muitas delas ficaram histéricas por causa da agitação.

Neste momento, Ascaso e seus homens aproximam-se do grupo de García Oliver pela Rua Abad Zafont. Ascaso veste um terno marrom apertado, calça sandálias e vem com as pistolas engatilhadas.

— Eles estão recuando para o Moulin Rouge! Agora eles estão fritos!

— Vocês aí, ocupem o telhado do Bar Chicago e abram fogo de lá de cima. Mas não atirem a torto e a direito! É preciso mirar com toda precisão! Quando ouvirmos as metralhadoras, atacaremos pela Paralelo e os encheremos de balas.

Os outros ficam esperando, enquanto o grupo segue pela rua Flores até o Bar Chicago. Fazem uma pausa para fumar. Os soldados continuam atirando, mas só porque estão na defensiva e não têm mais nenhum alvo preciso. Embora os tiros venham de todos os lados, ainda há alguns curiosos no caminho. Eles se mantêm próximos das entradas das casas para proteger-se, caso necessário.

Finalmente uma saraivada de balas, partindo de cima do telhado, é ouvida. Agora o fogo das metralhadoras responde de todos os cantos, entrecortado pelo estampido mais fraco das pistolas.

— Viva a FAI! Avante!

Os líderes anarquistas começam o ataque, atravessando a Paralelo. Uma senhora, vestida num roupão cor-de-rosa, com o rosto pálido e sem pintura demonstrando a noite maldormida, eleva os braços e grita:

— Viva os anarquistas!

Luis Romero

Na Plaza de Cataluña os trabalhadores armados avançam, das ruas transversais e das entradas do metrô, contra os soldados. A Guardia Civil também abre fogo contra os golpistas. Até um canhão foi posicionado. Apesar disso, os direitistas ainda dispõem de algumas metralhadoras no Hotel Colón e de lá disparam às cegas contra a multidão de atacantes. A luta dura mais de meia hora. Depois, a praça fica coberta de mortos. Quando finalmente o compartimento térreo é dominado pela Guardia Civil, aparecem as primeiras bandeiras brancas nas janelas do Colón. Os fascistas agora só oferecem resistência no prédio da Companhia Telefônica. São os anarquistas que irão invadir o edifício, tendo Durruti à frente. Eles vêm vindo da parte alta, onde terminam as Ramblas. Na metade da rua a calçada está repleta de cadáveres, entre os quais o do secretário

da Federação de Barcelona, Obregón. Os atacantes chegam finalmente à Puerta de Angel. Durruti é o primeiro a entrar no foyer da telefônica, que é libertada andar por andar. A Plaza de Cataluña e o centro de Barcelona estão nas mãos dos trabalhadores.

Abel Paz 1/Diego Abad de Santillán 2

Nas Ramblas fora posicionado um canhão de 7,5 cm que atirava de uma distância cada vez menor e deixava buracos enormes nos muros do Forte Atarazanas. Enquanto isso, centenas de trabalhadores vinham nessa direção. A população de Barcelona também passara a atirar contra o quartel. Mulheres e crianças traziam munição para perto do forte e levavam alimento e provisões para os homens nas barricadas.

Ricardo Sanz 1

A MORTE DE ASCASO

Nos combates finais em torno do quartel Atarazanas e do comando das Forças Armadas, que ficam na baixada onde começam as Ramblas, a iniciativa é toda dos anarquistas. Eles já investiram até a Ramblas de Santa Mónica. Pouco além do quartel, na Porta da Paz, policiais e antifascistas de todas as organizações estão lutando lado a lado com os combatentes de rua da CNT. Comandados por Francisco Ascaso (sempre com sua Astra 9mm nas mãos), os membros do comitê de defesa dos anarquistas vão se dirigindo cuidadosamente para o sul, ocultando-se atrás das grandes árvores nas calçadas das Ramblas. Além de Durruti, Ortiz, Valencia e García Oliver, estão também ativistas de sindicais anarquistas: Correa, da construção civil, Yoldi e Barón, dos metalúrgicos, García Ruiz, dos condutores. Os irmãos de Ascaso, Domingo e Joaquín, também estão com eles. Lá está também o caminhão com a metralhadora na cabine, ocupado por Ricardo Sanz, Aurelio Fernández e Dorroso. E não estão sozinhos: centenas de trabalhadores se puseram em marcha.

Quanto mais os atacantes se aproximam do quartel, mais difícil e perigoso vai ficando cada passo. Os militares golpistas se entrencharam muito bem. Os tiros contra eles partem da sacada do Sindicato dos Transportadores e da Casa dos Empregados. Franco-atiradores estão de plantão nos postos avançados improvisados durante a noite com móveis, colchões e enormes rolos de papel. Esses rolos vêm da gráfica do *Solidaridad Obrera*.

Os anarquistas vão deixando seus esconderijos atrás das árvores e atravessam as Ramblas. Na Rua Santa Madrona o ataque é interrompido: os dois lados desta rua ficam no campo de tiro do quartel e do comando das Forças Armadas. O único abrigo seguro é oferecido pelas bancas de livros usados, no meio da calçada.

Durruti e seus homens só vêem uma possibilidade para continuar avançando. A parte mais antiga do quartel, já destruída pelos tiros e pelas granadas de mão, era cercada por um muro: partes deste muro ainda estão em pé e oferecem proteção. Mas neste meio-tempo Durruti acerta um soldado que de uma janela voltada para a Rua Santa Madrona dominava, com sua metralhadora, todo o campo de tiro por onde deveriam passar os companheiros que queriam atravessar as Ramblas.

Luis Romero

Para alcançar esta posição é necessário deixar o abrigo e percorrer uma distância que fica toda ela no campo de tiro do comando das Forças Armadas. Enquanto os companheiros estão discutindo acerca do melhor procedimento tático, Durruti é ferido de raspão no peito. Os amigos o mandam para um ambulatório improvisado. Lola Iturbe, uma ativista de primeira hora, faz nele alguns curativos precários. Enquanto isso, uma pequena tropa de assalto, composta por Ascaso, García Oliver, Justo Bueno, Ortiz, Vivancos, Lucio Gómez e Barón, dá início a uma corrida contra a morte, indo em ziguezague da barricada até as bancas de livros no meio das Ramblas. Estes quiosques são o melhor ponto de partida para um ataque pela Rua Santa Madrona. Mas os revolucionários ficam à mercê dos ti-

ros, pois oferecem um bom alvo tanto para as pequenas torres do quartel quanto para o comando das Forças Armadas.

Abel Paz 1

Seguido por Correa e alguns outros ativistas, Francisco Ascaso alcança as bancas de livros. Durruti e os companheiros gritam, mas Ascaso repele as advertências, fazendo um sinal para que não se preocupem, senão, inclusive, atrairão a atenção sobre ele. O abrigo da metralhadora na janela tem que ser destruído de qualquer jeito. Ascaso estuda a situação: quase em frente à janela está estacionado um caminhão; entre a última banca de livros e o caminhão não há nenhum abrigo. Ele está convencido de que, a curta distância, pode atingir o soldado da metralhadora com um único tiro, isto é, se conseguir chegar ao caminhão.

Agacha-se e começa a correr. Atrás dele, marcas de bala na parede mostram que o atirador o tinha visto.

Luis Romero

Durruti, que observava a operação da barricada, diz a Pablo Ruiz:

— Vocês me enganaram. Foi só um tiro de raspão que poderia muito bem ter esperado.

Ele ordena que concentrem fogo sobre a pequena torre do quartel que Ascaso tinha em vista. Mas o atirador inimigo já descobriu seu plano.

Abel Paz 1

Um pouco antes de chegar ao caminhão, Ascaso faz pontaria e atira. Quando se levanta e faz menção de continuar correndo em direção ao veículo, uma bala o atinge no meio da testa. Ele cai.

Os companheiros ainda o vêem jogar os braços para cima antes de tombar no solo. Ascaso fica deitado, o rosto contra o chão, e não se mexe mais.

Luis Romero

García Oliver, o primeiro a entender o que aconteceu, quer saltar o parapeito que o protege para ir ajudar Paco (Francisco Ascaso), mas um gesto instintivo de Barón o detém. Passam-se ainda alguns minutos até que o atirador inimigo seja silenciado. Só depois é que Ricardo Sanz e Ortiz conseguem recolher o cadáver de Ascaso.

Abel Paz 1

Vivenciei de muito perto os dias de julho em Barcelona. Não fui para as ruas e não atirei porque os homens não deixaram. Mas do interior do sindicato dos metalúrgicos vi Ascaso morrer, nas Ramblas. Vi também quando trouxeram o cadáver para dentro, inteiramente vazado por balas. Uma verdadeira peneira!

Ninguém soube explicar seu gesto. Ele saiu correndo sozinho; o quartel que ficava em frente ainda estava nas mãos das tropas de Franco. Também sozinho ele foi na direção em que a morte era certa. Não sei o que lhe passou pela cabeça. Mais pareceu um suicídio.

Emilienne Morin

O último encontro do grupo “Nosotros” aconteceu em 20 de julho, em frente ao quartel Atarazanas. O matraquear das metralhadoras e o assobio das bombas da FAI, ruídos já tão familiares a todos nós, convocaram-nos para o combate. Durruti comandava o ataque na linha de frente; Ascaso e García Oliver ficaram com a metralhadora, quase em chamas de tão quente; Sanz com um cesto cheio de bombas que arremessava contra o quartel sitiado. Também estavam postados Aurelio Fernández, Antonio Ortiz e Gregorio Jover. Francisco Ascaso morreu nesse combate.

Sua morte foi o fim do grupo. Nunca mais tornamos a nos ver, todos juntos, nem mesmo no enterro de Ascaso. E talvez este tenha sido o nosso maior erro: o grupo se dispersou, dissolveu, foi dissipado pela brisa.

Ricardo Sanz 2

A ANARQUIA

- Viva a FAI! Viva a Anarquia! Viva a CNT!
- Companheiros! Derrotamos os fascistas. Os trabalhadores de Barcelona deram cabo do Exército.
- Viva a República!
- E por que não? Um viva também à República.

A luta em Barcelona chega ao fim. O comando das Forças Armadas acabou se rendendo, e logo depois o quartel sitiado de Atarazanas também capitulou. Os combatentes de rua agora se abraçam, suados, sorridentes, com gritos que demonstram rouquidão. Levantam as armas, os braços, e dão vivas a seus líderes.

Esfarrapados, enfraquecidos, com os rostos preteados, em mangas de camisa e com os olhos cheios de temor, os prisioneiros vão sendo trazidos para fora, cercados por armas ameaçadoras e por uma multidão exaltada que os insulta. Ninguém sabe para onde devem ser levados, muito menos seus guardas. García Ruiz, do sindicato dos condutores de bonde, interpela García Oliver:

- O que devemos fazer com eles?

Nesta cidade não há mais nenhum oficial ou policial da Guardia de Asaltos, nem mais um político que possa dar ordens. Aqueles que vestiam uniformes imponentes; os senhores com condecorações, medalhas e patentes, os homens de espaldas cingidas e chapéus de feltro escuro foram arruinados, derrotados. Quem mostrou poder e ganhou o jogo foram aqueles que antes não tinham nada a dizer, que eram perseguidos e presos e tinham que viver escondidos.

- Levem os prisioneiros para o Sindicato dos Transportadores e mantenham-nos sob vigilância. Nós ainda vamos decidir o que fazer com eles.

De sobranceiras franzidas, Durruti segura a arma ainda quente na mão. Seus olhos se enchem de lágrimas. Jover fica calado. Eles não sabiam o que fazer. A alegria pela vitória é sufocada pela lembrança de Ascaso, o companheiro de tantos anos de luta.

- Pobre Paco...

Mas não há tempo para sentimentos de dor e melancolia. É hora de agir.

- Bem, vamos indo — disse García Oliver.

Luis Romero

Durruti foi ferido duas vezes no dia 20 de julho, na testa e no peito. Ele também deve ter chorado muito diante do cadáver de Ascaso.

Quando os combates terminaram, Durruti, que a imprensa burguesa chamava de terrorista e assassino, foi ao palácio do bispado. Ali salvou a vida do bispo de Barcelona, cuja cabeça era exigida por uma multidão furiosa. Durruti conseguiu sair da casa com o prelado envolto num avental, sem ser notado por ninguém. Os bens que tinham sido acumulados no palácio e que eram estimados em milhões de *pesetas*, Durruti os transferiu, intactos, à Generalitat.

Alejandro Gilabert

O arcebispo de Barcelona pôde fugir depois do dia 20 de julho sob a proteção e garantia dos anarquistas. Talvez com isso eles estivessem saldando uma dívida, pois certa vez o primaz se declarou disposto a assinar um pedido de clemência em favor de Durruti e Pérez Farvas, depois que os dois foram condenados à morte por causa dos acontecimentos de outubro de 1934.

Marguerite Jouve

Todas as igrejas de Barcelona foram incendiadas, com exceção da catedral, pois a Generalitat conseguiu salvar as obras de arte, de valor inestimável, que estavam guardadas nela. As paredes dos templos ainda estão em pé, mas os interiores foram completamente destruídos. Alguns ainda estão fumegando. Na esquina da Ramblas com o Paseo Colón, o edifício da companhia de navegação Cosulich, que faz as linhas para a Itália, está em ruínas. Segundo se comenta, ali teriam-se entrincheirado franco-atiradores italianos; os trabalhadores, em resposta,

invadiram a casa e atearam fogo. Com exceção das igrejas e deste edifício, não houve incêndios em nenhuma outra parte.

Franz Borkenau

Quando a vitória estava assegurada, teve início a caçada humana em Barcelona e na província: caça aos padres, monges e freiras, aos aristocratas, burgueses ricos, enfim a todos aqueles com quem havia contas a acertar. Os conventos e as igrejas foram incendiados, e as residências dos ricos, saqueadas.

Mas a responsabilidade por essa onda de terror não deve ser atribuída apenas aos anarquistas. Muitas dessas ações nasceram espontaneamente do ódio à classe exploradora e à Igreja, ódio que ficou por muito tempo entalado na garganta do povo. Além disso, as prisões foram abertas. Ladrões, assaltantes e assassinos juntavam-se em quadrilhas e agiam como bem entendiam.

Jamais se conseguirá fazer o balanço dos primeiros dias da revolução. Só na Catalunha, setecentos padres, monges e freiras foram assassinados, torturados ou cruelmente castigados. Ocorreram cenas atrozes. Calcula-se que o número de mortos chegue a 25 mil e o de presos a dez mil.

Jean Reynaud

Um industrial estrangeiro, amigo de empresários espanhóis, me diz:

— De uma forma ou de outra, um estrangeiro pode estar em segurança aqui. Mas os espanhóis...

Naturalmente ele estava pensando nos espanhóis que conhecia e que pertenciam, em grande parte, à Associação Industrial da Catalunha. "Centenas, milhares deles foram mortos só nos primeiros dias. Com a derrota dos militares, os trabalhadores começaram a prestar conta com seus *inimigos pessoais*." Logo depois de ouvir estas frases, comecei a averiguar os fatos. Constatei que aquela prestação de contas talvez pudesse ter sido de natureza pessoal. Mas o que ocorreu na realidade me parece o seguinte: os padres foram mortos não porque fossem odiados

enquanto pessoas (isso é o que se poderia chamar de "prestação de contas com inimigos pessoais"), mas porque eram padres. Os empresários, principalmente os do setor têxtil da região de Barcelona, eram assassinados pelos trabalhadores se não conseguissem fugir a tempo. Os diretores de grandes firmas, como a Companhia de Bondes de Barcelona, conhecidos como inimigos do movimento operário, eram mortos por comandos especiais de cada sindicato em questão. Os líderes políticos da direita também foram vítimas dos comandos especiais dos anarquistas.

É muito natural que meu amigo esteja horrorizado, já que perdeu amigos, talvez até íntimos, nesse massacre:

— Um quadro assombroso! — exclama. — Homens fuzilados sem processo, sem apelação judicial, única e exclusivamente por sua identidade, sua posição social ou suas opiniões políticas e religiosas. Assassinados por seus inimigos pessoais! Esses anarquistas! Essa gente do POUM! Esses gângsteres! Os socialistas e os comunistas têm pelo menos a seu favor o fato de se comportarem muito melhor. Até o governo da Generalitat, que é do partido Esquerda, está horrorizado com tudo isso!

Franz Borkenau

A Guardia de Asalto era cada vez mais influenciada pela anarquia. Os alojamentos se esvaziavam e os policiais iam para as ruas. Até a Mozos de Escuadra, a guarda de província do governo catalão, estava desmoralizada.

Na sacada de uma residência, a apenas algumas quadras da sede do governo da Catalunha, três ou quatro homens estão ocupados em jogar móveis para a rua. O incidente é banal: em toda insurreição acontece de casas de inimigos serem invadidas. Quando o inimigo não é encontrado, a indenização é paga com seus pertences. No entanto, o que realmente incomoda o presidente Companys é a circunstância de que se age abertamente contra a propriedade privada não muito longe do palácio do governo, e bem à vista da Guardia de Asalto, que observa tudo de braços cruzados. O perigo não está justamente no fato de os frutos da vitória poderem ser perdidos quando os guardas

da ordem pública quebram a disciplina? Companys liga para o comissário de segurança Escofet e pergunta-lhe até que ponto ele ainda pode responder pela ordem das fileiras a seu comando: a Guardia de Asalto, a Guardia Civil e a Mozos de Escuadra.

Escofet responde:

— Eu não posso responder por mais nada. As tropas estão fugindo de mim e passando para a FAI.

Manuel Benavides

OS DOIS PODERES

A QUESTÃO DO PODER

Da noite para o dia todo o poder da Catalunha tinha caído nas mãos da CNT e da FAI. Os anarquistas não precisavam mais tomá-lo. A organização devia decidir o que fazer. Seus líderes só viam duas possibilidades: ou uma ditadura anarquista ou a colaboração com um governo que existia de fato, mas era impotente. Foi um momento crítico. Talvez os anarco-sindicalistas estivessem em melhores condições de defender sua Revolução nos meses seguintes se tivessem destruído o aparelho de Estado da Generalitat. De fato, não há nenhum fundamento para aceitar a hipótese de que a destruição da máquina estatal na Catalunha teria mudado alguma coisa no desenrolar da guerra. O fato de os anarco-sindicalistas não terem tomado o poder é apenas um dos muitos fatores que contribuíram para tirar de órbita o cometa da Revolução.

Stephen John Brademas

Naquela noite, Juan Comorera, social-democrata e futuro secretário do Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC), fusão dos partidos comunista e social-democrata, tentava esclarecer a situação ao presidente:

— A FAI e o POUM são senhores das ruas e podem fazer ou deixar de fazer o que bem entenderem. Este é o início de

uma guerra que nós poderemos perder se não fizermos de tudo para que estas organizações sejam destruídas em algumas semanas ou, no máximo, em alguns meses... Para nós, isso significa reunir todas as nossas forças e construir a sindical socialista UGT para fazer oposição à CNT. O senhor, presidente, terá que evitar agir com qualquer tipo de violência. Terá também que tentar assegurar a ordem revolucionária, financiando a formação de tropas leais ao governo. Nossa tarefa agora é montar um exército. Os anarquistas e os trotskistas farão o maior estardalhaço se souberem disso. Mas nós vamos simplesmente fingir que somos surdos. Logo que dispusermos de uma força armada e tivermos reorganizado o movimento de operários e camponeses, iremos levar a guerra à linha de frente e defender a economia na retaguarda, ao invés de fazer uma revolução que, no momento, não está na ordem do dia.

Manuel Benavides

A Casa Cambó, sede da Associação Industrial de Barcelona, é um sólido edifício que fica na Via Layetana 32, e parece a sede de um grande banco. Muito próxima dele, numa casa velha e escura da Rua Mercader, ficava a sede do poderoso Sindicato da Construção Civil, filiado à CNT. Durante os combates, os trabalhadores deste sindicato decidiram em assembleia tomar de assalto a Casa Cambó. Isso ocorreu primeiro por razões puramente militares, na medida em que um único soldado de metralhadora podia dominar uma importante via de tráfego a partir do último andar do prédio. Mas, nem bem o edifício foi invadido, o número de grupos que se mudaram para lá aumentou. Por pouco a Casa Cambó não se transformou numa espécie de estado-maior da Revolução. Até o comitê regional da CNT transferiu-se para lá durante os combates. Após a vitória da Revolução, o edifício já tinha outro nome: toda Barcelona o chamava de Casa da CNT-FAI.

Onde anteriormente ficavam os escritórios da direção das altas finanças e da indústria, agora deliberavam em regime permanente conselhos, juntas e comissões do operariado de Barcelona. A transformação podia ser percebida desde a entrada:

o semicírculo diante do grande portal estava bloqueado por uma barricada de sacos de areia equipada com duas metralhadoras. Nas largas sacadas da fachada foram penduradas enormes faixas. Nesta casa, a plenária da CNT da Catalunha fez uma reunião no dia 20 de julho para decidir a linha política a ser adotada em relação ao governo.

Abel Paz I

A CONVERSA COM O PRESIDENTE

A casa do Sindicato da Construção Civil, onde acaba de se encerrar a reunião do comitê regional da CNT, fica a poucos quarteirões do palácio da Generalitat da Catalunha. Mesmo assim, os membros do comitê de defesa resolvem percorrer o trajeto de carro. Uma pequena coluna de automóveis com homens armados os acompanha. Com seus fuzis, pistolas automáticas e granadas de mão, eles demonstram força e garantem-se, ao mesmo tempo, contra uma cilada quase inverossímil, mas não impossível. Embora tenha discursado em inúmeras assembleias, Durruti se considera antes de tudo um homem de ação. Confia menos nos seus dotes oratórios do que na pistola presa ao cinto e no fuzil entre os joelhos. Ao lado dele, no lugar do falecido Ascaso, senta-se o irmão Joaquín.

Nos últimos três dias os membros do comitê jogaram tudo numa única cartada. A vitória superou todas as expectativas. A cidade é deles. Como o governo irá reagir? Durruti e seu grupo exigirão o que lhes pertence de direito: caminho livre para a revolução proletária. Eles não têm nenhuma vontade de formar um novo governo, mas o poder que alcançaram será defendido na mesa de negociações, se preciso com armas em punho. Ninguém poderá contestar a sua vitória: a Guardia Civil só havia tomado o partido do governo no último instante e agora os destacamentos estão desorientados; a polícia aquartelada perdeu sua eficácia enquanto instrumento de repressão; a maioria dos soldados da Guardia de Asalto está do lado do povo. O Exército foi aniquilado: os oficiais antifascistas não têm a menor condição de montar uma nova força armada combativa com as pou-

cas unidades que permaneceram leais ao regime. A Mozos de Escuadra é fraca e mal serve para proteger o palácio do governo. Os nacionalistas catalães e os partidos pequeno-burgueses, os únicos que poderiam fazer oposição, não preocupam nem um pouco os anarquistas. O proletariado de Barcelona está muito bem armado; postos de controle e barricadas asseguram as posições-chaves. As sedes dos sindicatos e os centros de trabalhadores foram fortificados. Os políticos burgueses se vêem em completo isolamento.

O comitê regional estava em plena discussão com Marianet, Santillán, Augustin Souchy e outros ativistas, no Sindicato da Construção Civil, quando tocou o telefone. Marianet Vásquez atendeu ao chamado:

— Sim, aqui é o secretário do comitê regional.

Seu rosto demonstrava quanto estava surpreso. Todos ouviram quando disse, em tom meio irônico:

— Entendo. Está bem, logo conversaremos sobre isso. — Colocou o fone no gancho, fez meia-volta e comunicou aos outros: — O presidente Companys pede ao comitê para enviar uma delegação. Ele quer negociar. — Antes que a estupefação tomasse conta, o secretário continuou, como se nada tivesse ocorrido: — Companheiros, está aberta a sessão do comitê regional com a participação dos membros do comitê de defesa aqui presentes.

Foi uma discussão longa e acirrada. Uns achavam melhor recusar o convite; a outros parecia que chegara o momento de depor o presidente e proclamar o comunismo libertário em toda a Catalunha; terceiros temiam que tudo não passasse de uma armadilha. Os oradores falavam com voz rouca, só refortalecida com café e tabaco. García Oliver expunha abertamente o dilema: ou colaboração com os partidos ou ditadura dos anarquistas. A sugestão por fim aceita era a de que se deveria primeiro conhecer a posição de Companys, não se intimidando nem se engajando. Certamente contribuiu para isso o fato de que os grupos de combate estavam precisando de descanso, nem que fosse por um curto espaço de tempo, para recuperar as energias. Era preciso ter em vista, inclusive, os companheiros

de Zaragoza, surpreendidos pelo golpe dos fascistas e envolvidos em duros combates.

A coluna de veículos subiu a Rua Jaime I em direção ao palácio, chegando à Praça da República. Uma grande bandeira catalã tremulava na sacada da Generalitat. No portão do palácio estava estacionado um destacamento da Mozos de Escuadra. Nas ruas laterais postavam-se soldados da Guardia de Asalto e também podiam ser vistos civis com braçadeiras dos nacionalistas catalães. Fortemente armados, os representantes da CNT-FAI descem dos veículos. O oficial da guarda aproxima-se do grupo em frente à entrada do edifício: Durruti, García Oliver, Joaquín Ascaso, Ricardo Sanz, Aurelio Fernández, Gregorio Jover, Antonio Ortiz e Valencia.

— Somos os delegados da CNT-FAI. Companys quer falar conosco. Trouxemos nosso corpo de guarda.

Luis Romero

Fomos para o palácio armados até os dentes, com fuzis, pistolas e metralhadoras. Estávamos sem camisa e nossos rostos continuavam enegrecidos de pólvora.

— Somos os representantes da CNT-FAI — dissemos ao chefe do gabinete —, e este é o nosso corpo de guarda. Companys quer falar conosco.

O presidente nos recebeu de pé. Estava visivelmente emocionado. Apertou nossas mãos, quase nos abraçou. A apresentação foi rápida. Sentamo-nos. Cada um de nós tinha um fuzil entre os joelhos. Companys fez para nós uma pequena exposição:

— Antes de mais nada, devo dizer aos senhores o seguinte: até agora a CNT e a FAI nunca foram tratadas conforme sua importância. Vocês sempre foram perseguidos da maneira mais violenta, e, para a minha infelicidade, eu, que em outras épocas estive do lado de vocês, me vi obrigado pelas necessidades políticas a combatê-los e a persegui-los. Hoje vocês são os senhores da cidade e de toda a Catalunha, pois venceram sozinhos os fascistas. Espero que não me levem a mal se, entretanto, eu lembrar que homens do meu partido, da mi-

na guarda e do meu secretariado, sejam poucos ou muitos, não lhes recusaram apoio nesses últimos dias...

Ficou refletindo por um instante e depois continuou:

— Mas a verdade é uma só: anteontem ainda perseguidos, hoje vocês vencem os militares e os fascistas. Sei quem e o que são vocês, e por isso tenho que falar com toda a sinceridade: vocês venceram. Tudo está em suas mãos. Se não precisam mais de mim como presidente da Catalunha, ou se não me querem mais neste cargo, que digam agora, e irei combater os fascistas como um soldado regular. Se pensam o contrário, que poderei ser útil neste lugar (que em caso de vitória do fascismo eu teria deixado sem vida), se pensam que aqui poderei ser útil à luta que há de continuar por toda a Espanha e que nós não sabemos quando irá terminar, então podem contar comigo, com as pessoas de meu partido, com o meu nome e o meu prestígio. Vocês poderão confiar na minha lealdade como na de um homem que está convencido de que, com o dia de hoje, todo um passado afundou em sua própria ignomínia, de um político que deseja sinceramente que a Catalunha caminhe lado a lado com os países socialmente mais avançados do mundo.

Juan García Oliver 1

Companys reunira numa outra sala representantes de todos os partidos políticos da Catalunha. Eles ficaram aguardando o fim da negociação com os anarquistas. Depois os delegados da CNT-FAI foram convidados a ir para a outra sala, e por sugestão do presidente foi fundada uma comissão mista, que posteriormente entraria para a História como o Comitê Central das Milícias Antifascistas. Esta comissão devia restaurar a ordem na Catalunha e organizar operações contra os militares golpistas em Zaragoza.

José Peirats 2

O COMPROMISSO

No dia 19 de julho, todas as estruturas políticas da Catalunha e da Espanha estavam desfeitas. O governo legal levava

uma existência de sombra. A situação dos fatos políticos exigia a formação de um novo órgão de poder. Assim nasceu em Barcelona o Comitê das Milícias Antifascistas.

A iniciativa para a formação deste conselho militar partiu provavelmente dos anarquistas. Eles não tinham a menor vontade de entrar no gabinete do governo, o que ia contra seus princípios. Assim, deixaram-no continuar trabalhando, mas quem de fato detinha o poder de Estado eram as Milícias e o seu comitê.

Porém, outros grupos antifascistas também se faziam representar no Comitê das Milícias. Estive presente às sessões como representante da Esquerda, um partido liberal de esquerda. Nestas sessões, parecíamos típicos intelectuais burgueses: terno, gravata, caneta-tinteiro, e de repente estávamos diante de uma tropa de anarquistas que chegavam com barba por fazer, com suas roupas de combate, revólveres, pistolas automáticas e cartucheiras onde carregavam bombas de dinamite. Seu líder era um homem que, pela presença, pelos discursos e no comportamento, parecia um gigante: Buenaventura Durruti.

Jaume Miravittles 1

Há algum tempo eu havia escrito um artigo onde afirmava que não existia grande diferença entre os fascistas e os militantes da FAI. Durruti, um guerreiro violentíssimo, lembrava-se muito bem daquele artigo. Ele veio na minha direção, pôs seus grandes punhos nos meus ombros e disse:

— Quer dizer que o senhor é Miravittles. Tome cuidado! É melhor não brincar com fogo! Isso pode lhe custar muito caro.

Foi assim, numa atmosfera de tensão e ameaças, que começaram os trabalhos do Comitê Central das Milícias Antifascistas.

Jaume Miravittles 2

No dia 21 de julho houve uma plenária regional dos comitês anarquistas para analisar a nova situação. Ficou decidido por unanimidade que o problema do "comunismo libertário" deveria ser adiado provisoriamente até a vitória sobre o fascismo. A plenária ratificou ainda a decisão em favor do trabalho da CNT-FAI junto a outras organizações sindicais e partidos políticos no Comitê Central das Milícias. Só um comitê anarquista, o da comarca de Bajo Llobregat, votou contra esta cooperação.

O Comitê Central das Milícias, dominado de fato pelos anarquistas, deu início imediato a seus trabalhos no antigo edifício do Iate Clube de Barcelona.

Stephen John Brademas

Agora a CNT-FAI se via inevitavelmente diante da questão do poder: "Somos senhores da Catalunha. Devemos tomar o poder sem levar em conta republicanos, socialistas e comunistas, ou devemos trabalhar junto com a Generalitat?". Os conselhos supremos do movimento anarquista se debatiam com esta questão, e deveriam ainda discuti-la meses, sem chegar a uma solução.

Mariano Vázquez, García Oliver, Durruti e Aurelio Fernández eram de opinião de que uma ditadura anarquista não era um caminho viável, tendo em vista o jogo de forças do momento. Se tomarmos o poder, argumentavam, teremos contra nós o governo central de Madri e todos os outros governos estrangeiros. Por isso, temos que optar pela colaboração, mas também não devemos deixar formar-se um governo sem a nossa participação.

Federica Montseny, Esgleas, Escorza e Santillán objetavam: a questão do poder já estava resolvida a partir do momento em que ele caíra praticamente nas mãos da CNT-FAI, que domina as Milícias na frente de Aragón, a segurança pública e a economia na retaguarda. Por que pactuar com o regime?

Escorza, a figura mais extravagante entre os membros da FAI, dizia com um sorriso maquiavélico:

— Vocês têm a galinha no galinheiro e ainda discutem de quem é o ovo. Esta questão já está resolvida há muito tempo. O mais importante agora é prestar atenção nas raposas. E, contra raposas, a melhor solução é a espingarda. Precisamos usar o governo da Generalitat no sentido de coletivizar a terra e pôr as indústrias nas mãos dos sindicatos. Os trabalhadores da cidade passarão a ser automaticamente membros da CNT e os trabalhadores do campo, membros das comunas coletivas. Com isso, eliminaremos todas as organizações e partidos políticos tradicionais. O sindicalismo será a base da nova sociedade.

Santillán, que tinha tanta ambição quanto falta de escrúpulo, foi um opositor ferrenho da colaboração com o governo, mas começou a defendê-la incondicionalmente assim que se tornou ministro. Federica Montseny, apoiada por Esgleas e Escorza, também combatia com eloquência a colaboração.

Nos dois meses em que essas discussões se deram, o *élan* da Revolução se esgotou.

Manuel Benavides

Os líderes responsáveis pela CNT naquela época estavam tão seguros de seu poder, sua autoconfiança era tão grande, que acabavam levando a generosidade a extremos. Com isso, permitiram que instituições onde a CNT era minoria tomassem conta da Revolução, dirigida e executada pela CNT, e que só ela, CNT, poderia levar adiante. Este procedimento era defendido da seguinte maneira: "Desta vez, não vamos deixar que o peixe grande devore os menores". Na realidade, esta frase ingênua tornou-se uma arma utilizada pelos políticos para neutralizar os homens da CNT e, com isso, dar cabo da Revolução Espanhola.

Cánovas Cervantes

No palácio encontrava-se o mesmo gabinete de antes, uma espécie de governo de sombras que assistia impotente à situação revolucionária. Claro que com uma exceção: o presidente da Catalunha, Luis Companys, um homem de muita coragem.

Defendera freqüentemente os anarquistas e agora possuía muitos amigos na CNT. Quando visitou pela primeira vez uma sessão do Comitê das Milícias, todos nós ficamos de pé. Os anarquistas continuaram sentados. Eram freqüentes e violentas as discussões entre os membros da CNT-FAI e Companys, que lhes censurava por estarem pondo em perigo a vitória da Revolução com seus atos de violência. Um dia Durruti ficou muito aborrecido e disse aos representantes do governo:

— Mandem um grande abraço ao presidente e digam que será melhor se não der as caras por aqui. Se ele quiser continuar nos dando lições, é melhor preveni-lo para o que lhe pode acontecer mais tarde.

Jaume Miravittles 1

Após a primeira sessão do Comitê das Milícias, Durruti e García Oliver disseram a Comorera, representante do Partido Socialista Unificado:

— Nós sabemos muito bem o que os bolcheviques fizeram com os anarquistas russos, e fiquem sabendo que jamais permitiremos que os comunistas façam o mesmo conosco.

Manuel Benavides

O Comitê das Milícias estava pronto para tudo, tinha que resolver tudo: manutenção da ordem revolucionária na retaguarda, formação de tropas para a linha de frente, escola de cadetes, escola para formar técnicos em transmissões e sinais a distância, alimentação, vestuário, reorganização da economia, legislação, justiça, adaptação da produção industrial às necessidades da guerra, propaganda, contatos com o governo central de Madri, relações com o Marrocos, problemas com agricultura, saúde, proteção das fronteiras territoriais e marítimas, finanças, pagamento de soldo à Milícia e de pensões a viúvas e dependentes. Mesmo com seu número reduzido de membros, o Comitê trabalhava vinte horas por dia. Para cumprir as mesmas tarefas, qualquer governo empregaria normalmente uma burocracia dispendiosa. Além de Ministério da Guerra, o Co-

mitê era ao mesmo tempo Ministério do Interior e do Exterior, e também expressão da vontade popular.

Diego Abad de Santillán 3

O JUÍZO DE TRÓTSKI

Os anarquistas demonstraram sua fatídica incompreensão das leis e problemas da Revolução quando tentaram limitar seu trabalho a seus próprios sindicatos, presos à rotina dos tempos de paz. Os anarquistas ignoraram o que se passava fora destes sindicatos, ou seja, nas massas, nos partidos políticos, no aparelho governamental. Se fossem realmente revolucionários, teriam sido os primeiros a convocar a formação de sovietes, de conselhos onde todos os trabalhadores da cidade e do campo estivessem representados, inclusive os mais pobres, que nunca fizeram parte de um sindicato. É claro que os trabalhadores revolucionários teriam a direção destes sovietes, mas com isso o proletariado se conscientizaria de sua força imbatível. O aparelho de Estado burguês teria ido pelos ares, pois um único golpe o pulverizaria.

Ao invés disso, os anarquistas procuraram nos sindicatos um refúgio às exigências da “política”. Mostraram ser a quinta roda no veículo da democracia burguesa. Mas logo perderam também esta posição, pois ninguém precisa de uma quinta roda.

Basta esta justificativa: “Não tomamos o poder não porque não estivéssemos em condições, mas porque somos contra toda a espécie de ditadura”. Esta argumentação demonstra suficientemente bem que a anarquia é uma doutrina contra-revolucionária. Quem recusa a tomada do poder alinha-se nas fileiras dos que sempre detiveram este poder, ou seja, nas fileiras dos exploradores. A essência de toda revolução consiste e sempre consistiu no fato de guinar uma nova classe ao poder e permitir que esta classe realize seu programa. É impossível levar as massas à revolta sem tê-las preparado para a tomada do poder. Se o tivessem tomado, ninguém poderia ter impedido os anarquistas

de fazer o que achassem necessário. Ocorre que nem seus líderes acreditavam mais que seu programa pudesse ser realizado.

Lev Trótski

UM HOMEM IMPACIENTE

Não passou muito tempo para Durruti perceber que o Comitê Central era um órgão de poder. Ali se discutia, negociava, votava, havia atas e trabalho burocrático. Mas Durruti não tinha paciência para isso. Lá fora havia tiroteios, e ele não podia agüentar aquilo por muito tempo: montou uma divisão própria, a Coluna Durruti, e foi com ela para a frente de Aragón. Presenciei quando passaram marchando pelas ruas de Barcelona. Era algo extraordinário: uma verdadeira confusão de uniformes, voluntários de todas as partes da Terra, roupas remendadas com panos de várias cores. Aqueles milicianos já tinham alguma coisa de *hippies*, mas eram *hippies* com granadas e metralhadoras, dispostos a lutar até a morte.

Jaume Miravittles I

A CAMPANHA MILITAR

A PRIMEIRA COLUNA

A primeira tarefa do Comitê das Milícias consistia em armar tropas para combater na Frente de Aragón. Quatro dias após a derrota dos militares em Barcelona, três mil voluntários se reuniram no Paseo de Gracia e nas Diagonales. Sob o comando de Durruti e Pérez Farrás (um oficial da Mozos de Escuadra leal ao regime), marcharam para Aragón. No caminho, a legendária Coluna Durruti cresceu ainda mais. A imprensa anarquista acompanhava o avanço de seu herói com enormes manchetes.

É difícil precisar exatamente o número de homens mobilizados nas Milícias. Os próprios anarquistas se contradizem sobre este ponto. Rudolf Rocker fala em vinte mil trabalhadores, dos quais treze mil pertencentes à CNT-FAI, dois mil à sindical socialista UGT e três mil aos partidos da Frente Popular. Nestes números não estão incluídos os oito mil homens da Coluna Durruti.

Abad de Santillán afirma que poucos dias após a partida de Durruti 150 000 voluntários teriam se apresentado em Barcelona e entrado nas colunas dos diversos partidos e organizações sindicais.

Stephen John Brademas

Nos jornais daquela época podia-se ler: "O Comitê das Milícias antifascistas decidiu pôr em marcha contra Zaragoza brigadas de trabalhadores a fim de atacar os militares golpistas. O Comitê planejou o envio de seis mil voluntários, mas o entusiasmo era tão grande que não menos de dez mil se encontraram na Plaza de Cataluña, querendo ir para Zaragoza".

Abad de Santillán constata, contra isso: "Apesar da febre generalizada, a Coluna Durruti-Pérez Farrás não alcançou nem de longe a força prevista. Desde o início faltou compreensão da gravidade da situação. A opinião geral era de que a primeira coluna posta contra Zaragoza não iria encontrar nenhum obstáculo e que, portanto, seria exagero mobilizar todas as forças disponíveis (homens, armas, trabalho e preparação) para a guerra. Quando ela partiu, contava com três mil milicianos".

José Peirats 2

Bem antes da hora marcada para a partida, cerca de dois mil homens já estavam na Avenida 14 de Abril, a Gran Vía Diagonal de Barcelona. Destes dois mil, alguns eram da artilharia: traziam canhões de diferentes calibres e armas automáticas. Outros poucos eram telefonistas, com todo o sortimento possível de material para transmissão. Mas a grande maioria era de trabalhadores, armados apenas com fuzis. Na tarde de 24 de julho, a Coluna pôs-se em marcha.

Ricardo Sanz 4

No momento em que estavam partindo para Aragón, tive vontade de ir junto e subi num caminhão. Em toda Barcelona circulavam veículos com alto-falantes pedindo à população para trazer alimentos, pois as Milícias tinham partido sem nenhum pedaço de pão. Foi fantástico ver pessoas vindo de toda parte, deixando de almoçar para trazer tudo o que possuíam: cozidos, carnes, legumes e sardinha em lata. Os caminhões ficaram cheios num instante, e então partimos atrás das Milícias. Sem isso os soldados teriam morrido de fome. Até as pes-

soas mais corajosas têm que se alimentar, não é verdade?, senão não adianta nada a coragem. Consegui ir para Aragón num carro de sardinha: foi assim que os milicianos apelidaram nosso veículo. Durruti não sabia de nada, mas alguém deve tê-lo informado, porque ele desceu do seu carro e lançou um olhar para a caminhonete; depois fitou-me por um instante e partiu de novo. Sem dizer uma palavra.

Emilienne Morin

A MARCHA PARA ZARAGOZA

Durruti estava obcecado pela idéia de tomar Zaragoza. O fato de a capital de Aragón ter caído nas mãos dos fascistas representava um golpe terrível para a CNT, para a Revolução e para o desenlace da Guerra Civil. Zaragoza era o centro de gravidade da anarquia aragonesa: o levante dos anarquistas em dezembro de 1933 mostrara o potencial daquela cidade. Além disso, ela era, para os revolucionários, a ligação natural entre sua base na Catalunha e seus pontos de apoio no País Basco, na Biscaia e nas Astúrias.

Dois meses e meio antes da Revolução havia sido realizado em Zaragoza o Congresso Nacional da CNT, uma demonstração de força sem precedentes na história do movimento operário espanhol. Dezenas de milhares de trabalhadores, homens e mulheres de toda a Espanha, foram para a reunião de encerramento na Arena de Toros, lotando trens extras que ficaram cobertos por cartazes e bandeiras rubro-negras. Naqueles dias, Zaragoza ficou inteiramente nas mãos da CNT e da FAI. A partir desta manifestação, o inimigo pôde tirar suas conclusões.

Seja como for, à cidade estava reservado um papel todo especial nos planos estratégicos dos fascistas. A contra-revolução concentrou todas as suas forças ali: uma forte guarnição do Exército regular e as unidades dos *requetés* de Navarra (uma tropa de voluntários fanáticos cujos precursores tinham combatido pela causa da reação já nas guerras civis do século passado). Além disso, papéis decisivos para o destino da cidade foram desempenhados pelo governador civil, um típico frouxo

da Segunda República, e pelo comandante-geral da guarnição, o velho e astuto Cabanellas, que sempre se fez passar por republicano e maçom, até pular para o lado de Franco. Como recompensa, foi chamado para primeiro presidente da Junta de Burgos.

A Coluna Durruti avançava em marcha acelerada para Zaragoza, na esperança de salvar do extermínio os anarquistas da cidade. Acreditava-se que ainda estivesse havendo lá uma luta de vida e morte. Mas na verdade os fascistas já tinham sufocado toda resistência. Quando Durruti chegou aos arredores de Zaragoza, ela já era um cemitério cercado por canhões e metralhadoras.

José Peirats 1

Depois de sua passagem por Lérida, Durruti chegou com seus homens a Bujaraloz, um lugar a apenas quarenta quilômetros de Zaragoza. Ali, na casa de um vigilante rodoviário, em pleno campo aberto e à vista do inimigo, ele instalou seu posto de comando. O terreno ganho, que pelo flanco esquerdo chegava até o Ebro, foi rapidamente limpo de todo e qualquer elemento inimigo. Os postos avançados de Durruti ficavam a vinte quilômetros de Zaragoza e podiam ser avistados da cidade.

Era lamentável que Durruti não pudesse ser apoiado pelas forças revolucionárias de Zaragoza. Na verdade, os sitiados estavam muito mal-armados e, por isso, contentaram-se em esperar por uma libertação vinda de fora. Os golpistas eram senhores absolutos da cidade e podiam organizar a defesa com toda a calma.

Se Durruti tivesse tomado Zaragoza, a guerra logo estaria terminada em favor dos republicanos. A guarnição instalada na cidade era de vital importância, pois contava com recursos humanos e materiais consideráveis. Sua derrota teria aberto a Durruti o caminho que, passando por Logrono e Vitória, leva até Bilbao, já na costa atlântica. Teruel também não poderia defender-se por mais de vinte e quatro horas depois da queda de Zaragoza.

A displicência e a sabotagem na Frente de Aragón foram sem dúvida as grandes culpadas por termos perdido a guerra. Desde o início, tanto Durruti quanto os comandantes de outras colunas em Aragón ficaram impossibilitados de tentar qualquer tipo de ofensiva. Eles não dispunham de destacamentos de reserva e sofriam com frequência a falta de armas e munição.

Durruti contava com um bom número de mensageiros que conseguiam penetrar em Zaragoza através da linha inimiga. Estes mensageiros relatavam que a cidade estava mais do que despovoada e que só poderia contribuir com reforços relativamente pequenos. O estado-maior em Barcelona estava a par deste estado de coisas, mas recusava-se a passar para a ofensiva, negando-se a dar as instruções necessárias para prepará-la. Para os comandantes na frente de Aragón, o procedimento do estado-maior era incompreensível.

Ricardo Sanz 3

DO DIÁRIO DE UM PÁROCO

Quando eclodiu a Guerra Civil, eu era vigário em Aguinaliu, na província de Huesca. Desde a proclamação da República estava claro para mim que os membros da Igreja não eram muito benquistos por pessoas que nos chamavam de "corvos". Depois do famoso discurso de Companys, que acompanhei pelo rádio, tive a impressão de que logo haveria perseguições a sacerdotes. E, embora a gente da aldeia fosse cordial para comigo, veio o dia em que tive de fugir. Foi a 27 de julho. Vi quando um automóvel cheio de jovens armados parou na praça do mercado. Não esperei mais: sentei-me em minha motocicleta e desapareci nas montanhas.

Depois ficou comprovado que minha idéia tinha sido boa, pois os soldados da Milícia chegavam a todas as aldeias e prendiam os padres. Muitos deles foram fuzilados ou afogados nos rios, sem julgamento. Os culpados eram geralmente os comitês locais, que entregavam listas negras para as Milícias. As pessoas eram executadas com base nestas listas.

Um dia fui detido ao tentar passar por um bloqueio perto da aldeia de Barbastro. Eu tinha que tentar tudo numa única jogada e, por isso, afirmei que era motorista das milícias do povo: quer dizer, eu tinha que gritar mais alto do que os que gritavam comigo. Desta forma obtive até um passe provando minha condição de motorista. Depois disso desapareci o mais rápido possível. Ou seja, agora eu já não era apenas um padre em fuga, mas também um desertor...

Depois de muitas peripécias, cheguei a Candanos, aldeia onde nasci. Refugiei-me na casa de minha família. Por sorte, o presidente do comitê da aldeia era um bom sujeito. Mas pouco a pouco foi deixando de sê-lo, pois não conseguia se impor contra tropas armadas. Alguém deve ter-me denunciado e fui preso. Meu amigo do comitê ainda conseguiu que eu não fosse fuzilado de imediato, mas passasse antes por um tribunal. Timoteo, esse era o nome do meu amigo, puxou-me até a sacada da Câmara Municipal e perguntou para toda a aldeia ali reunida o que deveria acontecer comigo. Houve uma enorme gritaria. Os moradores, muitos dos quais pertencentes a organizações de esquerda, disseram que eu não deveria ser morto. Foi este o processo judicial.

Mas mesmo assim eu ainda não estava em segurança, pois os forasteiros armados que tinham chegado à aldeia não ficaram satisfeitos com o fato de que eu pudesse ir embora dali em liberdade. Timoteo decidiu então ir falar com Durruti em Bujalaroz, deixando o caso nas mãos dele.

Durruti disse a Timoteo:

— Ouça, se você quer pôr este homem num lugar seguro, não lhe resta outra alternativa senão trazê-lo para cá, para minha Coluna!

A essa altura, já estávamos em meados de agosto. Partimos para Bujalaroz e fui levado até Durruti. Ele me perguntou:

— O que você prefere? Ir para casa ou ficar aqui na Coluna?

— Posso escolher?

— Naturalmente. Mas que fique bem clara uma coisa: se voltar para casa, mais cedo ou mais tarde será morto por um

desses grupos que fazem o que bem entendem. Você não terá tanta sorte quanto desta vez. Se ficar, eu pelo menos posso garantir que aqui estará em segurança.

É claro que escolhi entrar para a Coluna. Durruti disse-me então que estava precisando de um copista e levou-me ao escritório onde já trabalhava uma moça ruiva.

— Ela vai lhe ajudar, mas não a toque por debaixo das saias, entendido?

Desde então comecei a fazer as listagens dos soldados da Coluna, principalmente dos voluntários recém-chegados. Alguns logo me reconheciam, mas ninguém ousava falar nada contra mim, pois a notícia de que eu estava sob a proteção de Durruti já se tinha espalhado.

Jesús Arnal Pena 1

UMA GUERRA SEM GENERAL

Durruti tinha-se tornado um homem influente quando o reencontrei, em 1936. No entanto, eu jamais podia tê-lo imaginado como um líder político de grande calibre: para mim, faltava-lhe o indispensável horizonte intelectual. Sem dúvida que era um bom agitador quando aparecia em público, mas não era um orador de peso. Possuía um razoável bom senso e capacidade de apreciar as outras pessoas pelo valor que tinham. Também era relativamente modesto. Seu poder advinha sobretudo do fato de cativar a imaginação das massas, principalmente na Espanha. Como o senhor sabe, a fantasia meridional produz seus próprios mitos. A habilidade militar dele era limitada, não era um general. Não entendia absolutamente nada de estratégia. Como comandante das tropas, demonstrava tanta coragem quanto discernimento, além de uma surpreendente sensibilidade para a justa medida. Não era daqueles que mandavam executar às cegas fascistas e supostos fascistas: sabia muito bem que nessas situações obscuras são as suspeitas mais confusas que geralmente afloram. Lembro, por exemplo, que salvou da execução um companheiro estrangeiro que protestava contra os abusos de poder. Durruti também não aceitava todos os

que se apresentavam como voluntários. Várias vezes eu o vi dizendo a anarquistas comprovados:

— Combater, qualquer um que se ache valente pode. Mas você vai voltar para a sua aldeia, para a sua fábrica. Pessoas capazes de organizar coisas é que estão fazendo falta. Aqui na linha de frente, por enquanto, não estamos precisando de vocês.

Gastón Leval

Um general não, ele não era um general. Nenhum de nós era. Sabíamos muito bem o que era a guerrilha na cidade, em Barcelona ou em qualquer outra, a guerrilha em meio à população que conhecíamos, na rua onde podíamos dizer: bem ali há um esconderijo, mais acima, na esquina, o jornaleiro é nosso camarada; depois há a delegacia de polícia, o depósito de armas e as docas; em suma, conhecíamos cada palmo de terreno. Mas no campo, tantos e tantos metros de profundidade, trincheiras, mensagens do estado-maior etc., nós não tínhamos muita idéia do assunto, não era o nosso ramo. Mas, também, para que tudo aquilo? Antes do golpe militar não precisávamos de nada daquilo. Nem Durruti nem nós éramos grandes estrategistas.

Ricardo Sanz

Meu companheiro de viagem (não se pode dizer que é propriamente um amigo dos anarquistas) foi visitar a Coluna Durruti e voltou indignado: claro que ela foi muito mais longe do que todas as outras colunas que se dirigem a Zaragoza. Também ele não fez o menor esforço para tentar poupar a sua vida e a de seus subordinados, confiando nas reservas ilimitadas que o proletariado anarquista pode pôr a sua disposição. Ainda bem que o estado-maior, sob o comando do coronel Villalba, deu ordens para que ele ponha um fim neste desperdício de vida humana, e depois de muito vaivém conseguiram fazer com que Durruti aceitasse manter as armas quietas por algum tempo.

Este foi o relato do meu amigo, bastante ligado aos socialistas. Tive que me contentar com essa descrição, embora tenha

minhas dúvidas quanto às conclusões. A partir de tudo aquilo que eu próprio tive oportunidade de ver na linha de frente, acho que na verdade as outras colunas não demonstram nenhuma vontade mais forte de arriscar a vida: prova disso é que elas não tiveram praticamente nenhuma baixa. Ora, mas dessa maneira os catalães jamais conseguirão tomar Zaragoza. É possível que Durruti tenha caído no extremo oposto. Mas neste caso teria sido necessário encontrar um meio-termo entre o sacrifício insensato e a pusilanimidade. Em todo caso, pode-se dizer também que a investida fanática da Coluna Durruti seria um fator favorável para a posição estratégica de toda a frente de Aragón, caso fosse utilizada de forma militarmente correta.

Depois de ter visitado a linha de frente, fiquei espantado com a falta de sentido de realidade demonstrada nos cálculos dos grupos políticos. Todos eles contam como certa a queda iminente de Zaragoza. Na verdade, não há a menor condição de se falar nisso. Considero um absurdo que gente do POUM culpe de repente o governo de ter sabotado as operações militares com a intenção de trair a Revolução. Isso seria natural se o governo pensasse, com medo, no que os anarquistas fariam depois da tomada de Zaragoza. Mas isso não vai acontecer. O responsável pelo fracasso militar não é a traição dos que estão no comando, mas puro desleixo, incapacidade em todos os níveis. Para superar as visíveis fraquezas das Milícias, seriam necessários esforços heróicos de um grupo de oficiais e políticos extraordinários.

Franz Borkenau

O ANJO VINGADOR

Os moradores de muitas aldeias e pequenas cidades por onde passamos vigiam com paixão seu próprio terreno, mas não enviam nenhum homem à linha de frente. A maior parte das Milícias é recrutada em Barcelona.

Na antiga e decadente cidade interiorana de Cervera havia um seminário. Pergunto a um dos guardas do lugar, um jovem de boa aparência, provavelmente com não mais de 16 anos, o

Eu não podia suspeitar a impressão que minhas palavras causariam em Durruti. Ele se levantou e gritou:

— Levem essa garrafa embora. Tragam água do poço! — Depois ficou por algum tempo tentando se justificar: — Não fui eu que pedi água mineral. Os senhores sabem que eu não posso com vinho, e então eles conseguiram esta caixa de água mineral. É claro que isso é um absurdo. Você tem toda razão. — Continuamos comendo em silêncio. De repente, ele acrescentou: — É muito difícil transformar tudo de uma só vez. Os princípios e a vida não se encaixam direito.

À noite, observamos as posições. Havia um barulho terrível no ar, com uma coluna de caminhões passando perto de nós.

— Por que não pergunta o que pretendo com esses caminhões? — sugeriu Durruti. Respondi que não tinha a intenção de bisbilhotar seus segredos militares. Ele riu: — Segredos? Todo mundo sabe que amanhã iremos atravessar o Ebro! É só isso! — Alguns minutos depois recomeçou: — Não quer saber por que tomei a decisão de atravessar o rio?

— Você deve ter suas razões — falei. — Afinal, é o comandante da Coluna. — Durruti deu outra risada:

— Isso nada tem a ver com estratégia. Ontem chegou correndo aqui um pequeno garoto, talvez de uns dez anos, vindo do território dos fascistas. Ele perguntou: “O que há com vocês? Na nossa aldeia todos estão estranhando por que vocês não atacam. Todo mundo diz: numa hora dessa, Durruti já fez nas calças!”. Você entende? Se uma criança diz estas coisas, é o povo quem fala. Isso significa que temos de atacar. A estratégia vem assim, por si mesma...

Olhei para seu rosto alegre e pensei: “Você também é uma criança!”.

Depois, ainda estive mais algumas vezes com Durruti. Sua Coluna contava com cerca de dez mil homens. Ele continuava acreditando em suas idéias tanto quanto antes, mas não era dogmático, pois tinha que fazer concessões à realidade quase todos os dias. Foi o primeiro anarquista a compreender que a guerra não pode ser feita sem disciplina.

— A guerra é uma sacanagem — opinava, cheio de amargura. — Ela não destrói apenas as casas, mas também os princípios.

Naturalmente ele não confessava isso a seus soldados.

Um dia, alguns milicianos abandonaram seus postos e foram encontrados mais tarde numa aldeia vizinha bebendo pacificamente o seu vinho. Durruti ficou furioso:

— Vocês não entendem que estão sujando a honra da Coluna? Devolvam as carteirinhas da CNT. — Com toda a tranquilidade, os infratores tiraram do bolso suas carteiras de filiados à sindical. Isso o enfureceu ainda mais: — Vocês não são anarquistas, são uns bostas! Vou pô-los para fora da Coluna e mandá-los de volta para casa!

Talvez fosse exatamente isso o que os rapazes desejavam. Em vez de protestar, responderam apenas:

— De acordo.

— Vocês sabem de quem são as roupas que estão usando? Tirem imediatamente as calças! Elas pertencem ao povo!

Os milicianos desfizeram-se tranquilamente de suas calças. Durruti ordenou então que fossem levados para Barcelona, só de ceroulas, “para que todos vejam que não são anarquistas, mas uns bostas!”.

Ilya Ehrenburg 1

Em toda parte os anarco-sindicalistas contam com oficiais do Exército ou da polícia que se mantêm leais à República. Ora, mas não há lugar para oficiais numa coluna que invoca o princípio da “indisciplina organizada” e, portanto, o posto de conselheiro militar é simplesmente ignorado. Os oficiais fazem o trabalho de simples mecânicos cuja função é manter em funcionamento a máquina militar. Se há combates regulares, eles dão as instruções necessárias e, quando lhes sobra algum tempo, tentam distribuir corretamente o poder de fogo, instalar o arame farpado e tomar outras medidas que estão fora do campo de conhecimento de seus companheiros. Quando as tropas de Franco atacam, os anarquistas não têm quase mais nada para lhes opor além de sua coragem e seu entusiasmo. Mas no fundo

a retomada de uma aldeia insignificante não oferece nenhuma vantagem estratégica aos fascistas, e para eles dá na mesma se os moradores de Santa María continuam discutindo o comunismo livre e alimentando as Milícias.

Ao contrário, se uma posição militar de importância está ameaçada como é o caso agora da linha Zaragoza — Huesca, ocorrem pesados combates e enormes perdas de vida humana. Para um correspondente inglês é humilhante ver que o lado republicano tem que se defender apenas com armas de artilharia leve (pois ele está desarmado pelo pacto de não-intervenção) contra metralhadoras, bombas e aviões financiados pelo fascismo internacional.

John Langdon-Davies

Bujalaroz, 14 de agosto de 1936.

— Como está a situação agora? — perguntei.

Durruti tomou um mapa nas mãos e mostrou a posição das unidades.

— O que nos está atrapalhando é a estação de trem de Pina. O povoado está em nossas mãos, mas a estação ainda é do inimigo. Amanhã ou depois atravessaremos o Ebro, e aí atacaremos e limparemos a estação. E então todo o flanco direito ficará livre para tomar Quinto, Fuentes de Ebro e chegar aos muros de Zaragoza. Belchite terá que se entregar, pois ficará para trás, na nossa retaguarda. E o senhor — disse, apontando para Trueba —, o senhor ainda estará em Huesca?

— Nós estamos dispostos a deixar Huesca esperando para podermos apoiar seu ataque pelo flanco direito — declarou Trueba com simplicidade. — Isto é, se sua operação for preparada com seriedade.

Durruti ficou calado. Então respondeu, a contragosto:

— Se quiser, ajude; se não quiser, não precisa! O ataque a Zaragoza está sob meu comando, tanto do ponto de vista militar quanto político, e até do político-militar. Sou responsável por este ataque. Acha que dividiríamos a cidade com o senhor se nos desse mil homens? Em Zaragoza, ou dominará o comunismo libertário ou o fascismo. O senhor pode ficar com toda a Espanha, contanto que deixe Zaragoza comigo!

Logo depois Durruti já estava bem mais calmo e continuou conversando conosco sem nenhum rancor. Sabia muito bem que as pessoas não iam até ele com más intenções, mas achava que a ironia devia ser respondida com ironia ainda maior. (Nesse ponto ninguém ousava discutir com ele, apesar de toda a igualdade pregada.) Durruti se informou em pormenores e com bastante interesse acerca da situação internacional, das possibilidades de obter ajuda para a Espanha e das questões estratégicas e táticas. Perguntou-me também como fizéramos o trabalho político durante a Guerra Civil russa. Depois disse que a Coluna estava bem armada e tinha bastante munição. A dificuldade estava apenas na direção. O “técnico” tinha função de mero conselheiro militar; era o próprio Durruti quem decidia tudo. Segundo nos disse, fazia quase vinte discursos por dia, o que o cansava muito. Com relação à preparação militar os progressos eram muito lentos, pois os soldados não gostavam de instruções, embora fossem inexperientes e só tivessem combatido nas ruas de Barcelona. As deserções eram freqüentes. A unidade contava no momento com 1 200 homens.

De repente perguntou se já tínhamos almoçado e pediu-nos para esperar até que trouxessem as marmitas. Nós não aceitamos, pois não queríamos privar os soldados de nenhuma porção. Mas Durruti deu a Marina um vale-refeição.

Eu disse a ele com toda sinceridade, na hora de nos despedirmos:

— Até logo, Durruti. Volto para vê-lo em Zaragoza. Se o senhor não morrer aqui, se também não morrer em Barcelona lutando com os comunistas, quem sabe se torne um bolchevique dentro de uns seis anos.

Ele sorriu e virou rapidamente suas largas costas para mim, falando com alguém que casualmente se encontrava ali.

Mikhail Koltsov

NOTAS DE UMA VOLUNTÁRIA DE GUERRA

Domingo 16 de agosto. Durruti em Pina.

(Guardia Civil — Guardia de Asalto — camponeses.) Homem de Sevilha.

que foi feito do seminário, e ele responde com um sorriso entusiasmado: "Ah, demos um fim nele, e como!". Todas as igrejas, sem exceção, foram incendiadas: só as paredes ainda estão em pé. Os incêndios foram executados sob orientação da FAI ou de colunas que passavam pelas aldeias. Em toda a região quase não houve combates efetivos entre os seguidores de Franco e os da Generalitat.

Há poucos sinais visíveis de que nos aproximamos da linha de frente. A estrada está em muito bom estado. O tráfego é menor do que em tempos de paz: alguns caminhões com mantimentos e outros poucos com munição passam por nós em direção ao *front*; outros voltam de lá vazios. Não chegamos a ver nenhuma ambulância.

Como todas as estradas de importância para o setor sul da frente de Zaragoza se localizam em Lérida, esperei encontrar a cidade na maior agitação. No entanto, quase não havia movimento ali: trinta ou quarenta caminhões e automóveis estacionados na Plaza e alguns soldados da Milícia encontrados pelas ruas. Ao todo, devem ser no máximo uns cem. Na sede do governo da província há uma multidão. Os soldados falam com emoção e entusiasmo de Buenaventura Durruti, o líder anarquista, e de sua Coluna: para o povo da Catalunha, ele e seus companheiros são os heróis da guerra, pouco importando as outras colunas catalãs. Durruti tem fama de anjo vingador dos pobres. Sua Coluna é conhecida por não hesitar, como outras, na hora de fuzilar os fascistas, padres e milionários. Todos os soldados das milícias catalãs elogiam o avanço em direção a Zaragoza, levado a cabo apesar de todos os sacrifícios e das inúmeras baixas. Alguns guardas do palácio do governo da província tinham lutado sob o comando de Durruti. Com um sorriso ingênuo e sem a menor ponta de sadismo ou, antes, com aquela expressão satisfeita de crianças que falam de suas travessuras, eles me mostram suas balas de dundum, produzidas em cartuchos normais. Um deles explica: "Para os prisioneiros!", e com isso quer dizer que cada um dos projéteis espera um prisioneiro. É esse o aspecto da Guerra Civil na Espanha. Suponho que não é diferente entre as tropas de Franco. Nos dois lados os

correspondentes internacionais neutros têm que se calar sobre muita coisa para não correr riscos mais sérios.

Franz Borkenau

— Na Rússia vocês têm um Estado típico, mas aqui nós somos a favor da liberdade — disse-me um soldado de camisa rubro-negra, examinando meus documentos. — Queremos introduzir o comunismo libertário.

Comunismo libertário! Essas palavras ainda hoje soam em meus ouvidos. Quantas vezes cheguei a ouvi-las como um desafio, como uma jura!

Para explicar o comportamento incompreensível dos anarquistas era comum apontar para o fato de que suas colunas estavam repletas de bandidos. Sem dúvida, muitos delinqüentes e ladrões comuns foram pouco a pouco penetrando nas fileiras anarquistas: o partido que se encontra no poder não atrai apenas os homens honrados, mas toda a canalha. Naquela época qualquer um podia se dizer anarquista. Quando estive em Valência, em setembro de 1936, chegou à cidade uma centena de anarquistas da Coluna de Ferro, vinda da frente de Teruel. Eles diziam que seu comandante havia sido morto em combate e que não sabiam o que fazer. Em Valência acharam ocupação: queimaram os arquivos do fórum e tentaram invadir o presídio para libertar os que cumpriam pena: provavelmente havia muitos cúmplices dos prisioneiros entre os anarquistas.

Apesar disso, os criminosos eram peças de pouca importância. No outono de 1936, a CNT agregava em suas fileiras um terço dos trabalhadores da Catalunha. Os líderes da CNT e da FAI eram, em sua maioria, homens honestos e trabalhadores. O defeito era que, embora açoitassem o dogmatismo, eram dogmáticos de nascença. Tentavam fazer a vida entrar em suas teorias.

Os mais inteligentes perceberam a discrepância que havia entre os panfletos cheios de belas frases e a realidade nua e crua. Agora, sob a chuva de bombas e disparos, tinham que

reformular aquilo que até pouco tempo consideravam verdade irrefutável.

Ilya Ehrenburg 1

Todas as igrejas de Lérida foram incendiadas nos primeiros dias da Revolução. Quando a Coluna Durruti passou pela cidade, a caminho da frente de Aragón, os milicianos puseram fogo na catedral, depois de terem xingado de covardes os companheiros de Lérida que não tiveram coragem de destruí-la. A catedral ardeu em chamas por dois dias.

Anônimo 1

“O padre vermelho”, “secretário de Durruti” ... Essas calúnias ainda pesam sobre mim, embora não sejam verdadeiras. Nunca fiz nada pela anarquia, e Durruti nunca teve um secretário. Eu era simplesmente copista no escritório da Coluna. Porém, tenho de admitir que Durruti era um homem justo, e, se muitas pessoas dizem que foi assassino e ladrão, é porque são caluniadores e tenho de defender meu amigo contra essas mentiras.

Por exemplo: costuma-se afirmar que ele e sua Coluna teriam ateado fogo na catedral de Lérida. Mas quando a catedral foi incendiada? No dia 25 de agosto. Ora, a Coluna passou por Lérida em 24 de julho, e posso garantir ao senhor que ela não fez meia-volta para incendiar uma igreja um mês depois. Na realidade aconteceu o seguinte: uma centena de ultra-radicalistas tinha partido de Barcelona em direção à linha de frente e, chegando a Lérida, nada melhor lhes passou pela cabeça a não ser incendiar a Casa de Deus. A notícia de seu feito heróico já havia chegado até nós quando eles bateram à porta do quartel-general de Durruti; este, que era bastante astuto, deixou-os entrar e gritou:

— Os heróis que executaram corajosamente a ação em Lérida, um passo à frente!

Os responsáveis foram duramente castigados.

Jesús Arnal Pena 1

TRÊS JORNALISTAS

Entre o final de agosto e o início de setembro fui com Carmen e Makasseev até o posto de comando de Durruti. Seu sonho, na época, era conquistar Zaragoza. O posto ficava às margens do Ebro, e eu havia contado a meus acompanhantes que Durruti era meu conhecido. Eles estavam esperando uma recepção calorosa, mas, quando chegamos, Durruti sacou o revólver e disse que eu tinha caluniado os anarquistas no meu artigo sobre o levante das Astúrias e que por isso ia me mandar fuzilar imediatamente. Ele não costumava fazer afirmações vazias.

— Muito bem. Faça o que quiser — retruquei —, mas acho que você tem um modo bastante estranho de lidar com as regras da hospitalidade.

Durruti era anarquista e, além disso, colérico, mas acima de tudo espanhol. Minha resposta o deixou embaraçado:

— Está bem. Aqui você é meu hóspede. Mas vai pagar pelo artigo. Não aqui: em Barcelona!

Como não podia me matar devido às regras da hospitalidade, começou a praguejar ferozmente. Gritava, dizendo que a União Soviética não era uma comuna livre, mas um Estado como manda o figurino, com uma infinidade de burocratas, e não era por acaso que esses burocratas não quiseram saber dele em Moscou.

Carmen e Makasseev percebiam que estava havendo alguma coisa errada. O revólver sacado de súbito não precisava de tradução. Uma hora depois eu lhes disse:

— Está tudo bem. Ele nos convida para jantar.

Na mesa havia soldados da Milícia, alguns com camisas rubro-negras, outros com macacões azuis, mas todos armados com revólveres de grossos calibres. Sentavam-se, comiam, bebiam e riam. Um deles servia a comida e as canecas de vinho. Ao lado do prato de Durruti, porém, pôs uma garrafa de água mineral. Brinquei:

— Você sempre fala de igualdade absoluta. Mas, enquanto os outros tomam vinho, é o único que bebe água mineral.

Discurso de Durruti aos camponeses: sou trabalhador como vocês. Quando tudo isso acabar, voltarei à fábrica para trabalhar.

Durruti em Osera.

Ordem: não exigir comida nem pernoitar na casa de camponeses. Obedecer ao *expert* militar. Discussões violentas.

Organização: delegados escolhidos. Falta de conhecimento das questões. Falta de autoridade. A autoridade dos *experts* militares não é respeitada pela tropa.

Na casa do companheiro de Oran (Marquet), um camponês se queixa que os milicianos adormecem à noite.

Retorno ao quartel-general.

Um companheiro que conseguiu fugir de Zaragoza. Era proprietário de um pequeno escritório de despachos. Nasceu em Sevilha. Um miliciano não quer se separar de um amigo; um outro quer devolver sua arma.

Trezentos homens de Lérida mandados para o *front* sem armas. Cinco canhões emprestados para a Coluna em Huesca (quer dizer, enviados de Lérida para lá com o consentimento de Durruti). García Oliver viaja de avião para Valencia. Oficial desaparecido: busca feita por telefonistas e telegrafistas.

Reforço prometido: dois mil homens armados, um esquadrão de cavalaria, duas baterias de 15 cm, dois veículos blindados.

Conversa telefônica entre Durruti e Santillán. Sem a artilharia, a tomada de Quinto custaria 1200 homens. Com canhões a Coluna poderia bater às portas de Zaragoza.

Enérgico: por que Zaragoza não está sendo bombardeada? (Um velho: “*Si, señor...*”)

Segunda-feira, 17 de agosto.

O quartel-general é transferido para a casa de um camponês; em frente fica um milharal (mudança engraçada!). Antes do almoço, de carro para Pina. O pequeno motorista traz junto sua noiva e os dois trocam beijos durante todo o trajeto. Encontro nosso grupo aquartelado na escola. Fabulosa (livros patrióticos... O hospital também está instalado ali). Almoço de

novo nos camponeses do número 18. Recebo uma arma: uma bela carabina curta. Depois do almoço: disparos sem alvo fixo. Grito a Boris:

— Ainda não ouvi nenhum tiro nesta guerra.

(Correto. Exceto nos exercícios de tiro.) No mesmo instante ouvimos um estalo. Explosão assustadora. “São aviões de bombardeio!” Pegamos os fuzis. Ordem: todos para o milharal. Ficamos escondidos. Jogo-me contra a sujeira do chão e dou tiros para o alto. Depois de alguns minutos, todos estão de novo em pé. Os aviões voam muito alto, inatingíveis. Metade dos espanhóis continua dando tiros. Um deles atira na horizontal, na direção do rio (tiros de revólver também?). Encontram uma bomba. Muito pequena. O buraco provocado pela explosão tem meio metro de diâmetro. Não fiquei emocionada.

Ainda camponeses ociosos na Plaza, mas em menor número do que antes.

Louis Berthomieux (delegado do Comitê):

— Vamos atravessar o rio.

É preciso incinerar três cadáveres de inimigos. Atravessamos o rio num barco (depois de quinze minutos de discussão). Busca. Finalmente um cadáver azulado, carcomido, horrível. É queimado. Os outros continuam procurando. Descanso. Alguém tem a idéia de formar uma tropa de assalto. A maior parte retorna à outra margem do rio. Decide-se (?) adiar a discussão sobre a tropa de assalto para amanhã. Voltamos à beira do rio, quase sem proteção. Uma casa de camponês isolada. Pascual (do comitê de guerra):

— Por que não vamos procurar melões? (sério).

De novo embrenhados na mata. Um calor forte, um pouco de medo. Acho tudo meio estúpido. Mas de repente percebo que é sério: é ataque (à casa do camponês). Fico nervosa (não vejo a razão de estar nervosa, mas sei que os prisioneiros são fuzilados sem exceção). Separamo-nos em dois grupos. O delegado, Ridel e três alemães rastejam até a casa. Nós ficamos nas trincheiras (depois o delegado nos repreende: devíamos ter atacado a casa junto com eles). Ficamos esperando. Escutamos vozes... Tensão, cansaço. Vemos os camaradas do outro grupo

retornando; vamos na direção deles. Atravessamos tranqüilamente o rio. Nossa atitude errada de não ter atacado em conjunto poderia ter custado a vida dos outros. O responsável por isso era Pascual. (Carpentier e Giral estão conosco.)

Dormimos sobre a palha ("Duas botas na entrada dão retaguarda"). Todos gritam com o enfermeiro, que quer apagar a luz.

Foi a primeira e única vez que tive medo desde minha chegada a Pina.

Terça-feira, 18 de agosto.

Novas sugestões para atravessarmos o rio. No final da manhã ficou decidido que a travessia será tentada no meio da noite: nosso grupo manterá a posição na outra margem até a chegada da Coluna Sastano, daqui a alguns dias. Ficamos ocupados com os preparativos. O problema mais urgente: metralhadoras. O comitê de guerra em Pina recusa-se a nos fornecer algumas das que possui. Depois de muita discussão conseguimos pelo menos uma, com a ajuda do coronel italiano que comanda a tropa "Banda Negra". No final, são duas. Elas nem foram testadas.

Na verdade, a idéia tinha partido do próprio coronel. Por fim, o comitê de defesa acabou aceitando a nossa tropa de assalto, que nascera espontaneamente.

Ontem, às 18 h, Berthomieux nos convocou para uma reunião e perguntou a nossa opinião. Silêncio. Ele insistiu para que todos dissessem o que pensavam. Novo silêncio. Finalmente Ridel:

— Qual é o problema? Todos nós estamos de acordo.

Foi assim que nossa tropa surgiu.

Fomos dormir. O enfermeiro quer apagar a luz de novo... Durmo com as roupas do dia, quase não fecho o olho. Acordar às duas e meia da manhã. Minha mochila já está arrumada. Medo por causa dos óculos. Divisão da carga (para mim, mapas e panelas). As ordens são dadas.

Marcha sem conversa, mas um pouco agitada. A travessia é feita em dois turnos. Louis fica nervoso por nossa causa. Grita

(quando os companheiros já estão na outra margem). Caminho por terra. Amanhece. O alemão fará a sopa para nós. Louis descobre uma cabana e dá ordens para que as coisas sejam postas ali dentro. Sou eu quem fica de guarda. Permaneço ali, cuidando da sopa. A cabana é arrumada: cozinha de campanha, barricadas nas janelas para não sermos vistos.

Enquanto isso, os outros vão até a casa do camponês. Lá encontram uma família. Um filho de dezesseis anos (belo!). Informações: já tínhamos sido vistos durante a patrulha. Desde então a margem do rio estava sob observação. Os soldados se retiraram no momento em que aportamos: 112 homens. O tenente prometera nos capturar. Eles vão voltar. Traduzo as informações para o companheiro alemão. Pergunta: "Devemos atravessar o rio de volta?". Resposta: "Não, vamos ficar aqui". (Talvez fosse melhor ir a Pina telefonar para Durruti.)

Ordem: todos devemos recuar, levando a família do camponês. (Enquanto isso o alemão, transformado por nós em cozinheiro, reclama a falta de sal, óleo e legumes.) Berthomieux, furioso (é um perigo voltar àquela casa), reúne toda a tropa de choque. Ele me manda ir para a cozinha. Não ousou protestar. De resto, aliás, não tenho mesmo muito jeito para essas coisas... Cheia de medo, observo quando partem... (no fundo não corro menos perigo que eles).

Pegamos os fuzis. Dali a pouco, o alemão propõe procurar a pequena trincheira sob a árvore onde se postam Ridel e Carpentier (os dois estão de novo conosco). Escondemo-nos na sombra, com os fuzis (descarregados). Espera. De tempos em tempos, um suspiro do alemão. Ele tem medo; eu não. Com que intensidade tudo existe à minha volta! Guerra sem prisioneiros: se alguém cai nas mãos do inimigo é logo executado.

Os camaradas retornam. Um camponês, seu filho e um outro moço... Fontana saúda com o punho para o alto, observando a reação dos rapazes. Eles respondem à saudação; o filho, naturalmente, pois nada mais lhe resta fazer. Pressão atroz... O camponês retorna mais uma vez a sua casa, para buscar os outros familiares. Sentamos. Um avião de reconhecimento. Ir para o abrigo. Louis se manifesta aos gritos contra

a displicência. Deito-me de costas, observo as folhas, o céu azul. Belo dia. Se me apanharem, vão me fuzilar... Não farão isso à toa; os nossos também derramaram muito sangue. Sou cúmplice deles, pelo menos moralmente. Silêncio absoluto. Levantamo-nos, mas os ruídos recomeçam. Bombardeio. Corro para fora da cabana, em direção à metralhadora. Louis diz que que não é preciso ter medo (!). Ele me manda voltar para a cozinha com o alemão e ficar com a arma preparada. Espera.

O camponês finalmente retorna com seus familiares (três filhas e um filho de oito anos), todos com medo (bombardeio violento). Eles também estão com receio de nós e só aos poucos vão tendo mais confiança. Estão preocupados com o gado no curral (ainda enviaremos os animais para eles em Pina). Pode-se ver que estão politicamente do-nosso lado.

Simone Weil

FAITS DIVERS

Certa vez trouxeram-nos um homem que tinha uma posição social de destaque em Zaragoza. Prefiro não mencionar seu nome. O fato é que em circunstâncias como aquela ele devia ser fuzilado. Durruti mandou chamar seus guardas e perguntou:

— Como agia esse homem nas fazendas dele? Como tratava os trabalhadores rurais? — A resposta foi:

— Nada mal.

— Então o que vocês querem? Devemos matá-lo só porque foi rico um dia? Isso é absurdo! — Pôs o homem sob meus cuidados e disse: — Cuide para que ele se torne um professor do povo aqui na escola da aldeia e faça com que seu trabalho seja respeitado.

Jesús Arnal Pena 1

Numa tarde de agosto, um grupo de mulheres artistas de Barcelona apareceu no quartel-general de Durruti, na rodovia Lérida—Zaragoza. Elas queriam fazer um recital de canto para os soldados da Milícia. Emilienne, a mulher de Durruti, tam-

bém estava com elas. Durruti mandou as moças de volta para Barcelona. Ele disse a sua mulher:

— Temos muito o que fazer aqui. Deixe-nos primeiro ganhar a guerra. Quando os outros puderem trazer suas mulheres para cá, você vem também. Agora não dá.

Ramón García López

Durante o cerco de Huesca, Durruti fez um vôo de reconhecimento sobre a cidade num pequeno avião Breguet. Era feriado, e as pessoas estavam saindo da igreja naquele momento. O piloto, tenente Erguido, também apelidado de Diabo Vermelho, perguntou se Durruti não queria jogar algumas granadas de mão. Ele recusou-se a bombardear a população.

Jesús Arnal Pena 3

Em agosto um veículo da intendência estacionou em frente ao quartel-general. Um barril de vinho foi descarregado. Durruti estava no pátio quando viu o barril:

— Se vocês não têm vinho para toda a linha de frente, o comando também não precisa dele — disse, sacando a pistola e atirando no barril até que o vinho escorresse pelas lajotas.

Ramón García López

Outro problema para a Coluna eram as prostitutas de Barcelona que tinham viajado para a frente de Aragón atrás dos anarco-sindicalistas. Logo as doenças venéreas começaram a causar mais baixas do que as balas inimigas. Por fim Durruti teve que providenciar uma enfermaria especial para esses casos no hospital militar de Bujaraloz. Era ele quem de fato cuidava de tudo. Lembro-me ainda quando ordenou que déssemos um vidro de Blenocol para cada soldado da Milícia que fosse tirar uns dias de folga em Barcelona.

Ele me disse:

— Temos de pôr um fim, de uma vez por todas, nesta encenação com as mulheres que tomou conta da Coluna.

— É uma boa idéia, chefe. Mas como?

— Você liga para a garagem e manda vir quantos veículos precisar. Os automóveis devem passar em todas as unidades e carregar as moças. Que não sobre nenhuma! Então você irá com a caravana para Sariñena. Lá as embarca num vagão blindado e as despacha para Barcelona!

— Ah, entendi. E para este trabalho ninguém mais apropriado do que um filho de Cristo. O senhor não gostaria também que eu fizesse um pequeno sermão sobre o Sexto Mandamento durante a viagem?

— Eu não gostaria de nada. Desejo apenas que você se livre delas.

Era uma ordem. Eu não tinha opção.

De fato não obtive um êxito duradouro, pois dali a alguns dias outras mulheres suspeitas voltaram a aparecer nas unidades. Talvez até fossem as mesmas que eu tinha feito embarcar para Barcelona.

Jesús Arnal Pena I

O REVERSO DA MEDALHA

Após um ligeiro combate em Aragón, uma pequena tropa internacional composta de 22 milicianos de diversas nações prendeu um jovem de quinze anos que lutava do lado dos fascistas. Ainda estava trêmulo, pois vira camaradas morrendo ao lado dele. No primeiro interrogatório deu a entender que tinha sido levado à força para as tropas de Franco. Ao ser revistado, encontraram uma medalha da Virgem Maria e uma carteira de membro da Falange. Levaram-no a Durruti, que durante uma hora lhe expôs as vantagens do ideal anarquista e depois lhe deu a opção de morrer ou entrar imediatamente para as fileiras dos que o tinham prendido, e assim lutar contra seus antigos camaradas. Durruti deu 24 horas para o jovem pensar. Ele respondeu não e foi fuzilado. Durruti era um homem admirável sob muitos aspectos, como neste caso. A morte do jovem nunca deixou de me intrigar, embora só tivesse tido notícia dela muito tempo depois.

Outro incidente: numa aldeia perdida e reconquistada sei lá quantas vezes pelos vermelhos e pelos brancos, foi encontrado, depois que o lugar caiu definitivamente nas mãos das Milícias, um grupo de pessoas assustadas, amedrontadas, famintas. Na taberna onde estavam amontoadas havia também três ou quatro rapazes mais moços. Os milicianos puseram-se a fazer suposições: ora, se estes jovens não nos seguiram em nossa última retirada, mas esperaram a chegada dos fascistas, isso significa que também são fascistas. Era razão de sobra para que fossem fuzilados imediatamente. E foram. Depois os milicianos deram comida às outras pessoas, e assim tinham a impressão de ser humanitários.

Uma última história, esta já na retaguarda. Dois anarquistas contaram-me um dia como prenderam dois padres. O primeiro deles foi morto imediatamente com um tiro de pistola, aos olhos do outro; a este disseram que poderia ir para onde bem entendesse. Depois de ter caminhado uns vinte passos, este outro padre também foi morto. O narrador desta história se espantava de que eu não risse dela.

Numa atmosfera em que fatos assim são corriqueiros, fica logo enfraquecida a finalidade pela qual a guerra está sendo feita. Pois o objetivo de uma guerra não pode ser expresso sem que se recorra ao bem comum, ao bem da Humanidade. Mas na Espanha uma vida humana não vale absolutamente nada. Num país onde os pobres, em sua grande maioria, são do campo, a melhoria das condições de vida tem que ser o objetivo principal de qualquer grupo de extrema esquerda. A Guerra Civil talvez fosse, desde o início, uma guerra a favor (ou contra) a distribuição de terras aos camponeses. O que aconteceu? Estes miseráveis, mas admiráveis homens do campo de Aragón, que apesar de toda a humilhação souberam conservar o orgulho, não eram sequer objeto de curiosidade para os milicianos da cidade. Sem que tivessem ocorrido apropriações indevidas, desacato ou ofensas — eu, pelo menos, não vi nada disso e sei também que os casos de furto e violência eram condenados com pena de morte nas colunas anarquistas —, um abismo separava os soldados e a população civil, quase tão profundo quanto o

que existia entre pobres e ricos. Isso era percebido claramente no jeito quase sempre humilhado, submisso e temeroso de uns e no desembaraço, superioridade e displicência de outros.

Simone Weil

Em setembro de 1936 a frente de Aragón estancara numa guerra de trincheiras. Mas as colunas anarquistas estavam bem preparadas para isso, na medida em que não dependiam do governo central de Madri. Os reforços ficavam a seus próprios cuidados: quando havia dificuldades, acionavam os sindicatos na Catalunha. Nossa Coluna era independente até em termos financeiros. O abastecimento de gêneros alimentícios era feito da seguinte maneira: depois da colheita do trigo, nossa tropa passava pelos comitês das aldeias comprando toda a produção a preços normais e em seguida levávamos as sacas em nossos caminhões até a Costa do Levante, na província de Valencia. Ali o preço do trigo estava bem acima do normal. Com isso, nossos caminhões voltavam carregados de frutas e verduras, além de dinheiro, que era suficiente para novas compras de trigo.

Assim a Coluna tinha tudo de que necessitava para a guerra de trincheiras: alimentação, lenha, vestuário e cigarros. A frente estava calma, bem mais calma que a retaguarda, onde os bombardeios aumentavam a cada dia. Muitos milicianos passaram a achar que a guerra era um passatempo. Deixavam frequentemente seus postos e iam passar alguns dias na retaguarda. Isso naturalmente quase não ocorria na Coluna Durruti, pois nosso chefe sabia como manter o controle da situação.

A caminho da retaguarda, os soldados sempre passavam por Lérida. Ali começaram a fazer “requisições” de tudo o que desejassem dos depósitos e armazéns. No fundo isso não passava de uma forma meio legal de fazer saques. As autoridades se viam impotentes ante a situação. Aos poucos os “confiscos” atingiram uma proporção tal que ninguém mais se sentia seguro em Lérida. A ação dos milicianos foi contagiante: dali a pouco, qualquer um que tivesse uma arma na mão passava a

“requisitar”. Formaram-se grupos inteiros de “incontrolados”* que agiam por conta própria. Todas as organizações imagináveis tinham representantes em Lérida: os partidos, a CNT, a UGT, o POUM, o controle rodoviário, e todas elas assinavam bônus, que na realidade nada mais eram do que passes-livres para o saque da cidade. Tudo isso era encoberto com o nome da Coluna Durruti, embora ela não tivesse nada a ver com esse tipo de ação. Durruti jamais assinou ou mandou fazer tais “requisições”.

Tudo isso começou a aborrecê-lo. Ele mandou me chamar e foi logo dizendo:

— Estas pilhagens vão acabar desonrando a Coluna. Temos que pôr um fim nisso. Você irá para Lérida como delegado da Coluna e restabelecerá a ordem na cidade. Terá dois homens experientes para auxiliá-lo no comando. Telefone-me todas as noites para me pôr a par da situação.

— Entendido — respondi. — Mas por que logo eu? Será quase impossível para mim. Em Lérida existem muitas pessoas que me conhecem. Quando se espalhar o boato de que um padre pretende acabar com as requisições, não perderão tempo: encherão minha cabeça de balas.

— Neste caso, você vai com uma guarda. Por mim até com um batalhão, se fosse possível. Além disso, terá plenos poderes.

Parti com os dois homens do comando e mais dois guardas para Lérida. Cada um deles levava consigo uma pistola automática e um revólver. Instalamos nosso quartel no Hotel Suizo. Primeiro falei com os delegados da Generalitat, ou seja, do governo da Catalunha, e eles nos garantiram todo o apoio possível. O escritório da Generalitat estava abarrotado de “recibos” das mercadorias confiscadas. Comerciantes e donos de depósitos os apresentavam com a vaga esperança de conseguir algum dia reembolso dos prejuízos. Alguns destes papéis eram realmente curiosos. Num deles, por exemplo, estava escrito: “Re-

(*) Em espanhol, no original. (N. T.)

cibo de entrega de tantos e tantos batons. Para a divisão de cavalaria Farlete. Assinatura: ilegível”.

Procuramos os recibos mais importantes, fizemos uma lista e fomos visitar os locais onde tinham sido passados. Onde houvesse sobrado alguma coisa útil das mercadorias confiscadas, o material era enviado para a linha de frente. E, nos locais onde tinham sido emitidas aquelas notas, deixávamos a advertência: “A Coluna Durruti irá impedir abusos como esse, feitos em nome dela. Esta é a última advertência. Se as requisições não cessarem, deslocaremos um destacamento inteiro para Lérida. Não iremos atrás das mercadorias, mas atrás dos ladrões. A Coluna fará a sentença deles depois”.

Havia um criminoso especial na minha mira: o delegado da nossa Coluna para questões de abastecimento, que também começara a agir por conta própria. Na tabacaria, por exemplo, ele encomendou alguns pacotes de cigarros “loiros”, mas não enviou sequer um pacote para a Coluna. Este delegado não era encontrado em parte alguma. Apesar disso, eu tinha idéia de onde o encontraríamos. Chamei meu corpo de guarda e, armados com as pistolas automáticas, começamos a procurar pelos bordéis da cidade um homem que distribuía a então raríssima mercadoria para as garotas. E de fato logo o encontramos, num hotel de alta rotatividade na Calle de Caballeros.

Ele ainda teve a audácia de nos oferecer alguns “loiros”. Mostrei-lhe a carta de Durruti outorgando-me plenos poderes. O homem ficou paralisado.

— Você tem até amanhã cedo, às nove horas, para me trazer tantos pacotes de cigarros. Aqui está o endereço. Se faltar um único maço, você será levado sob escolta até o quartel-general de Durruti. Nem imagina o que vai acontecer depois.

Com nossa expedição, os “confiscos” em Lérida cessaram quase por completo. Os contraventores tinham verdadeiro pavor de Durruti e a simples menção do seu nome pôs um fim aos saques.

Jesús Arnal Pena 2

AS METRALHADORAS

A manhã já despontava quando nosso carro foi detido na entrada de Bujaraloz. Um jovem alto e forte surgiu da névoa, vindo em nossa direção. Tinha um rosto cor-de-oliva e o olhar de mouro. Posicionou-se no meio da rodovia com o dedo no gatilho, enquanto um outro soldado da Milícia examinava os passaportes. Este nos advertiu que nossos documentos não permitiam que fôssemos adiante. Para entrar e deixar a linha de frente era preciso uma autorização especial, que tinha que ser assinada pelo próprio Durruti. “Obrigado! Boa viagem!” Demos partida e atravessamos a aldeia, que ainda dormia, em direção à casa do vigilante rodoviário, onde sabíamos estar instalado o quartel-general.

Aproximamo-nos de um grupo que rodeava uma série de metralhadoras espalhadas pelo chão. Um homem alto, robusto, faces queimadas de sol, cabelos negros e olhos pequenos, mas extremamente vivos, andava no meio do pessoal e dava ordens para que as metralhadoras fossem posicionadas e testadas, a fim de poderem ser utilizadas o mais rápido possível na linha de frente. Alguns minutos depois as armas estavam prontas para os disparos. Durruti (o gigante do grupo, que depois se dirigiu para onde estávamos) escolheu um alvo e as metralhadoras matraquearam por alguns segundos. O alvo, postado a uns cinquenta metros ao pé de uma colina, ficou em frangalhos.

— É assim que vocês precisam mirar o inimigo: sem tremer — disse Durruti. — É preferível morrer a abandonar uma arma. Se algum de vocês perder a metralhadora e não for morto pelos fascistas, serei obrigado a fuzilá-lo com minhas próprias mãos. A liberdade de todo um povo depende da precisão dos disparos de vocês. Uma metralhadora perdida fatalmente vai se voltar contra nós. É com essas armas que vamos tomar Zaragoza e marchar para Pamplona. Quero entrar lá com a cabeça do traidor Cabanellas no radiador do meu automóvel. E não pararemos até que a bandeira rubro-negra seja hasteada em todas as aldeias da Península Ibérica! Quando deixamos Barcelona, juramos vencer. Um homem tem que manter a palavra. Por isso,

peguem estas armas e conservem-nas com todo carinho. Não recuaremos um passo enquanto ainda tivermos bala.

Dez minutos de fala de Durruti eram suficientes para contagiar as pessoas de otimismo. Era esse otimismo que atraía as massas. A ele se somavam uma coragem incomparável, uma sinceridade levada às últimas conseqüências, uma enorme solidariedade e um bom senso de estratégia. Foram estas qualidades que proporcionaram a vitória à Coluna Durruti.

Carrasco de la Rubia

Naquela época eu era o responsável pela intendência das Milícias na Catalunha e instalara meu escritório no quartel Pedralbes, em Barcelona, agora chamado de quartel Mikhaïl Bakunin.

Todo dia eu entrava em contato telefônico com os líderes das diversas colunas e recebia as requisições. Eles pediam homens, material de guerra, medicamentos e roupas. Eu enviava diariamente aquilo que conseguia para a linha de frente, fosse de trem ou através de caminhões.

Entre todos os líderes, Durruti era o mais exigente. Sempre me ligava à noite, por volta de oito horas.

— É você, Ricardo?

— Sim, qual é o problema?

— O problema? Não há nenhum problema! Só as peças de reposição para as metralhadoras que eu pedi ontem é que ainda não chegaram.

— Não pude enviá-las porque já não temos mais nenhuma no depósito. Fiz uma encomenda na Hispano-Suíza. Mas eles precisam entregá-la primeiro.

— Preciso das peças com urgência. Dê uma pressionada neles. Quantas carabinas você ainda tem?

— Mais ou menos umas duzentas.

— Muito bem, então me mande as duzentas.

— E as outras colunas?

— Veja onde elas ficaram.

— Eu enviarei uma parte, mas não as duzentas.

— E ambulâncias?

— Ainda temos seis.

— Mande-me umas quatro.

— Não, no máximo uma. Mais não dá. Em compensação posso mandar duzentos voluntários que se inscreveram para a sua Coluna.

— Posso muito bem passar sem eles. Todos os dias chegam aqui centenas de pessoas das aldeias, e eu não sei o que fazer com elas. Estou precisando de metralhadoras, canhões e todo tipo de munição.

— Está bem, vou cuidar disso.

— Olha, não se esqueça da ambulância. E tantas carabinas quanto for possível.

— Entendido. Até amanhã.

— Um momento! As peças de reposição para as metralhadoras, antes que você se esqueça.

— De jeito nenhum! Você é pior do que padre pedindo díizimos. Até amanhã!

Com insistência, Durruti conseguia equipar sua Coluna com tudo o que era indispensável para dar continuidade à guerra. Ele tinha uma divisão hospitalar própria, um estado-maior, uma cozinha ambulante, uma estação de transmissão, equipada com um rádio potente que emitiu notícias e comentários durante toda a guerra e que era recebido em toda a Europa. Além disso, tinha também uma gráfica que imprimia um semanário, o *El Frente*, distribuído gratuitamente entre os soldados da Coluna.

Ricardo Sanz 3

Quando eclodiu a Guerra Civil, nossa organização, a CNT, costumava afirmar: façam o favor de permanecer aqui! Não é interessante que todo mundo vá à frente de combate no momento em que as fábricas estão nas mãos dos trabalhadores e o comércio e todo o resto têm de ser organizados. Vocês devem ficar aqui, na retaguarda. Foi só por isso que fiquei o primeiro mês em Badalona. Mas mais que um mês não dava, porque muita gente queria se meter em tudo; um desejava participar

desta organização, outro daquela, pois tinha um amigo ali etc. Isso não me agradava nem um pouco.

Sempre fui homem de ir direto ao problema e dessa vez eu queria ser enviado para o *front* de qualquer jeito. Nós ainda tínhamos 24 metralhadoras e uma porção de fuzis, conseguidos no ataque ao quartel de San Andrés. Eu e mais alguns companheiros nos reunimos, encaixotamos as armas, arranjamos dois caminhões e dois automóveis, e partimos para a linha de frente, pelo caminho que nos levasse o mais rápido até Durruti. Ele ficou muito contente em nos ver, pois gritou, assim que chegamos:

— Estou vendo tudo o que ficou escondido na retaguarda. Onde vocês conseguiram estas metralhadoras?

— No quartel. Em volta havia uma parede que conseguimos derrubar com bombas de dinamite. Todos os oficiais foram mortos.

— Você não vai para as trincheiras — disse-me Durruti. — Preciso da sua presença aqui, pois tudo o que chega tem que passar por Bujaraloz. Vamos organizar o recebimento e a distribuição: você será meu tenente e ficará na Coluna.

De fato fiquei ali, a uns cinco ou seis quilômetros do posto de comando. Eu tinha o meu telefone, e ele o dele. Quando acontecia alguma coisa, um ligava para o outro.

Certa vez estávamos numa sacada, Durruti e eu. De repente, o pátio embaixo ficou tomado de gente.

— Meu Deus — disse ele —, o que estas pessoas estão fazendo aqui?

Elas gritavam:

— Queremos falar com Durruti.

E ele falou a elas, ali da sacada:

— Os que estavam na retaguarda devem retornar para lá (muitos tinham vindo de Barcelona) e nós devemos ficar aqui, na frente. Cada um no seu lugar. Vocês não precisam ter medo: não vamos baixar nossas armas enquanto não tivermos vencido. Depois nos submeteremos à sentença do povo e aí veremos se estávamos certos ou não. Mas hoje nem mais uma palavra, en-

tendido? Vamos deixar todo o resto de lado, pois só uma coisa nos interessa agora: a guerra.

Esta última frase me pareceu forte demais. Perguntei:

— O que você disse? Vamos deixar todo o resto de lado? Quer dizer que chegamos a esse ponto? Se vocês deixarem a Revolução de lado, então eu posso arrumar minhas malas e mandar esta guerra para o inferno.

— Você não está me entendendo. Levei anos a fio pensando única e exclusivamente na Revolução, e naquela época nós não tínhamos sequer armas. E, agora que as temos, você acha que vou deixar a Revolução de lado? Então não me conhece.

As pessoas gritavam e aplaudiam como se estivessem enlouquecidas. Os jornais reproduziram à farta estas palavras de Durruti.

Ricardo Rionda Castro

OS PRINCÍPIOS

Eu viajava, certa noite, de Bujaraloz a Pina. Os destroços de máquinas destruídas pelos aviões alemães emergiam da escuridão. Combatentes de boné rubro-negro perguntavam a senha. Aqui está estacionada a Coluna dirigida pelo anarquista Durruti.

Há cinco anos eu discutira com Durruti sobre justiça e liberdade. Naquela época os anarquistas costumavam se encontrar num pequeno café de Barcelona. Chamava-se Café Tranquilidad. Durruti não era um anarquista de salão: era operário, passava o dia inteiro diante da máquina. Quatro países o tinham condenado à morte. Ele era inteligente e conhecia as fraquezas humanas. Não desejo falar de suas idéias: já não sei mais discutir com o passado. Eu o encontrava e acreditava no instinto dos trabalhadores. Voltei a revê-lo em Pina. Pelo telefone, ele falava com alguém sobre reforços. Mostrou-me as trincheiras. E então começou a falar daquilo que chamo passado.

Os soldados bebiam água numa caneca. Na parede tinham pregado um cartaz: “Beba vinho Negus. Abre o apetite”.

Durruti organizou um exército. Fuzilava bandidos e desertores sem piedade. Se alguém começasse a falar de princípios nas reuniões do conselho de guerra, ele batia a mão na mesa, furioso:

— Não estamos aqui para discutir programas. Estamos aqui para combater!

Exigia a unidade com os comunistas e republicanos. Dizia a seus milicianos:

— Não é hora de brigar. Precisamos primeiro aniquilar o fascismo.

Na cidadezinha de Madri era publicado o periódico *Frente*, órgão da Coluna Durruti, composto e impresso em meio ao fogo da artilharia. Neste jornal li certa vez um artigo sobre defesa da pátria: “Os fascistas receberam bombas do exterior. Eles querem destruir o povo espanhol. Companheiros, precisamos defender a Espanha”.

A Coluna Durruti recebia caminhões dos trabalhadores das indústrias Ford de Barcelona, onde havia filiados tanto da CNT quanto da UGT. Cheguei a ver operários anarquistas abraçando jovens comunistas. Eles aprenderam muito, estes eternos Quixotes. Já não falavam mais na “organização da antidisdisciplina”. Agora martelavam a palavra de ordem “disciplina!”.

Durruti tinha uma expressão facial terna e indulgente. Seus olhos eram tão negros que brilhavam. Ele falava com muita emoção:

— Precisamos organizar um exército de verdade.

Em seu quartel-general havia muitos anarquistas estrangeiros que vinham para este casebre rodeado por sacos de areia porque aqui estava instalada a máquina de escrever. Faziam nebulosas declarações para os anos noventa. A certa altura, um deles interrompeu Durruti:

— Mas estamos seguindo nosso princípio da guerra de guerrilhas!

Ao que Durruti respondeu, gritando:

— Não! Se for preciso vamos convocar reservistas. Estamos introduzindo uma disciplina de ferro. Podemos renunciar a tudo, menos à vitória.

Na estrada, caminhões cheios de armas arrastavam-se lentamente, com as luzes apagadas.

Ilya Ehrenburg 2

Ele entendia que não havia como discutir sobre princípios, em se tratando de combater fascistas. Defendia um pacto com os comunistas e com o partido Esquerda; chegou a escrever uma mensagem de saudação aos trabalhadores soviéticos. Quando os fascistas estavam chegando a Madri, ele decidiu que seu lugar era lá, onde havia o maior perigo:

— Vamos mostrar que os anarquistas também sabem fazer a guerra!

Conversei com Durruti pouco antes de sua partida para Madri. Encontrei-o alegre e bem-disposto como sempre; achava que a vitória estava próxima.

— Está vendo — disse-me —, nós dois somos amigos. É por isso que podemos nos aliar. Quer dizer, temos que nos aliar. Assim que tivermos ganho a guerra, veremos... Cada povo tem seu caráter. Os espanhóis não se parecem nem com os franceses nem com os russos. Alguma coisa acontecerá... Mas antes é preciso derrotar os fascistas de uma vez por todas. — Já quase no fim da conversa, ele não conseguiu mais dominar seus sentimentos: — Diga-me, você sabe o que é estar dividido interiormente? Você pensa uma coisa e faz outra: não por covardia, mas por necessidade.

Respondi que compreendia muito bem o que aquilo significava. Em sinal de despedida, deu-me tapinhas nas costas, como é de costume na Espanha. Seus olhos ficaram gravados na minha memória. Neles, uma vontade de ferro mesclava-se a uma desorientação infantil — uma mistura bastante incomum.

Ilya Ehrenburg 1

Durruti: Não, ainda não pusemos os fascistas para correr. Como antes, eles ainda detêm Zaragoza e Pamplona, e ali estão

os arsenais e as fábricas de munição. Temos que conquistar Zaragoza a qualquer preço.

As massas se armaram, pois o antigo exército já não vale mais nada. Cada trabalhador sabe o que significaria um triunfo do fascismo: fome e escravidão. Mas os fascistas também sabem o que os espera, se forem vencidos. Por essa razão, esta é uma luta sem misericórdia. Para nós, trata-se de acabar com o fascismo de uma vez por todas. Mesmo que isso não agrade ao governo.

Sim, mesmo neste caso. Digo isso porque nenhum governo na Terra combaterá o fascismo até a morte. Quando a burguesia percebe que o poder lhe está escapando das mãos, recorre ao fascismo para se afirmar. Há muito tempo o governo liberal da Espanha já poderia ter reduzido o poder dos fascistas à impotência. Ao invés disso, vacilou, manobrou e procurou ganhar tempo. Mesmo hoje, ainda existem pessoas no nosso próprio governo que desejam tratar os golpistas com luvas de pelica. Nunca se sabe o que poderá acontecer, não é verdade? (*Durruti ri.*) Talvez um dia o nosso governo irá precisar dos militares rebeldes para destruir o movimento operário...

Van Paasen: Quer dizer que o senhor prevê dificuldades mesmo depois de sufocado o golpe dos generais?

Durruti: Sim. Isso não ocorrerá sem resistência.

Van Paasen: Resistência de que lado?

Durruti: Do lado da burguesia, naturalmente. Se a revolução vencer, é claro que a burguesia não vai se dar assim, sem mais, por derrotada.

Somos anarco-sindicalistas. Lutamos pela revolução e sabemos o que queremos. Para nós significa muito pouco que em algum lugar da Terra exista uma União Soviética, na medida em que Stálin comprou a paz e a tranquilidade desta União Soviética vendendo trabalhadores alemães e chineses à barbárie fascista. Queremos fazer a revolução aqui na Espanha não depois da próxima guerra européia, mas agora, neste momento. Com nossa Revolução, damos mais dor de cabeça a Hitler e a Mussolini do que todo o Exército Vermelho. Com o nosso

exemplo mostramos à classe trabalhadora alemã e italiana como se deve tratar o fascismo.

Não tenho a menor esperança de que algum regime do mundo ofereça qualquer tipo de ajuda para a revolução do comunismo libertário. Talvez as contradições no seio do imperialismo tenham conseqüências para a nossa luta. Isso é perfeitamente possível. Franco faz o melhor que pode para colocar toda a Europa no conflito. Ele não hesitará em colocar os alemães contra nós. Mas nós não esperamos ajuda de ninguém, nem mesmo do nosso próprio governo.

Van Paasen: Mas, se o senhor vencer, sentará sobre um monte de ruínas.

Durruti: Nós fomos acostumados a habitar casebres e cárceres. Durante algum tempo teremos que morar em lugares assim. Mas o senhor não se esqueça de que também sabemos construir. Fomos nós que construímos todos estes palácios, todas estas cidades na Espanha, na América e em todo o mundo. Nós, os trabalhadores, podemos construir tudo de novo. Construções novas e melhores do que as atuais. Não temos medo das ruínas. A Terra será nossa herança; disso não resta a menor dúvida. A burguesia tem que mandar seu mundo pelos ares antes de deixar o palco da História. Trazemos um mundo novo dentro de nós, que cresce a cada momento. Ele está crescendo neste instante, quando estou falando com o senhor.

Buenaventura Durruti 2

A RETAGUARDA

A NOVA CIDADE

Barcelona, 5 de agosto. Chegada pacífica. Nenhum táxi na estação de trem: no lugar deles, velhos coches nos levam ao centro da cidade. Poucas pessoas no Paseo de Colón. No entanto, quando dobramos a Ramblas, a rua principal de Barcelona, vem a grande surpresa: de repente a Revolução estava diante de nós. Era impressionante, era como se tivéssemos aportado num novo continente. Eu jamais tinha visto algo parecido.

A primeira impressão: operários empunhando fuzis. Cerca de um terço dos homens nas Ramblas carregava armas, embora não se visse nenhum policial ou soldado raso uniformizado. Armas, armas e mais armas. Pouquíssimos desses operários vestiam o novo e vistoso uniforme azul-escuro das Milícias. Ficavam sentados nos bancos ou passeavam no meio da Ramblas, para cima e para baixo, com o fuzil no ombro direito e, em geral, a namorada no braço esquerdo. Formavam patrulhas para vigiar os bairros periféricos da cidade e montavam guarda em frente a hotéis, repartições e armazéns. Alguns ficavam escondidos atrás das poucas barricadas que ainda estavam de pé (impecavelmente construídas com pedras e sacos de areia). Dirigiam a toda velocidade inúmeros automóveis de luxo que tinham sido desapropriados e agora traziam, em letras brancas, as iniciais das organizações a que pertenciam: CNT-FAI, UGT,

PSUC, POUM ou todas elas juntas. Muitos carros traziam simplesmente a abreviatura: UHP (*iUníos, hermanos proletarios!*), a famosa divisa do levante asturiano de 1934. O fato de que estes homens armados passeassem, marchassem e dirigissem em trajes comuns apenas tornava mais impressionante sua demonstração de força. Os anarquistas, identificáveis pelos distintivos e emblemas rubro-negros, eram a maioria arrasadora. Em parte alguma havia o menor rastro da “burguesia”! Nada de jovens senhoras e nada de *señoritos* vestindo roupas da moda nas Ramblas! Nem sequer chapéus eram vistos, só trabalhadores e trabalhadoras. O governo havia advertido para que não se usassem chapéus, pois poderia parecer “burguês” e causar péssima impressão. As Ramblas não estão menos cheias de cores do que antes: é o efeito multicolor dos distintivos azuis, vermelhos, pretos, dos cachecóis, dos uniformes matizados da Milícia. Mas que diferença em relação ao antigo esplendor de cores das ricas senhoras catalãs que por aqui passeavam!

Franz Borkenau

Seria quase impossível acreditar que Barcelona é a capital de uma região em plena guerra civil. Quem conheceu a cidade nos tempos de paz e desce agora na estação de trem não tem a sensação de que muita coisa mudou. As formalidades burocráticas da fronteira ficam em Port-Bou; a seguir, pode-se deixar a estação da capital como um turista qualquer, passeando pelas ruas alegres e tranquilas. Os cafés, como as lojas, estão abertos, embora menos cheios do que o normal. O dinheiro continua desempenhando sua antiga função. Se houvesse mais policiais e menos jovens passeando com fuzis, ninguém diria que alguma coisa aconteceu. É preciso acostumar-se à idéia de que aqui houve realmente uma revolução, de que estamos vivendo realmente um daqueles períodos históricos que encontramos nos livros e com os quais sonhamos desde nossa infância: 1792, 1871, 1917. Que desta vez os resultados possam ser mais felizes!

De fato, nada se alterou aqui, com uma pequena exceção: agora o poder pertence ao povo. Os homens de macacão azul

assumiram o comando. Está-se iniciando uma época extraordinária, um daqueles períodos que até hoje não duraram muito, onde os que sempre obedeceram são agora os responsáveis por tudo. É claro que isso não se dá sem dificuldades. Quando se entregam fuzis carregados a jovens de dezessete anos em meio a uma população desarmada...

Simone Weil

8 de agosto de 1936.

O automóvel partiu a toda velocidade do aeroporto em Prat, a dez quilômetros de Barcelona. Na saída, uma faixa atravessada por sobre a rua: "¡Viva Sandino!". Na estrada, aumentava cada vez mais o número de sacos de algodão cheios de pedra e areia. Nas barricadas, bandeiras vermelhas e rubro-negras; ao lado delas, soldados armados com chapéus de palha grandes e pontiagudos, boinas, lenços na cabeça, vestidos de forma diferente uns dos outros, muitos quase nus. Alguns vicram correndo até o motorista, pedir documentos; outros apenas saudavam, acenando com seus rifles. Em algumas barricadas almoçava-se a comida trazida pelas mulheres, os pratos sobre o monte de pedras. Depois de duas ou três colheradas, as crianças voltavam a engatinhar por entre as canhoneiras, brincando com os cartuchos de bala e as baionetas.

Assim que nos aproximamos da cidade, já nas primeiras ruas do subúrbio, caímos numa verdadeira torrente humana, um inimaginável caldeirão de bruxa em plena metrópole, que vivia agora dias de suprema elevação, felicidade e coragem.

Já houve antes uma Barcelona tão agitada, tão embriagada com uma vitória? Barcelona é a Nova York espanhola, a mais bela cidade do Mediterrâneo, com seus magníficos bulevares cheios de palmeiras, suas gigantescas avenidas e passeios à beira-mar e suas velhas mansões que fazem lembrar a pompa dos palácios bizantinos e turcos do Bósforo. Infundáveis bairros industriais, gigantescos galpões para os estaleiros, fundições, indústria eletrônica e automobilística, tecelagens, fábricas de sapatos e confecções, gráficas, armazéns e garagens da companhia ferroviária. Agências bancárias instaladas em arranha-

céus, teatros, cabarés, parques de diversões. Moradias miseráveis e lúgubres, o sinistro e perigoso "bairro chinês", ruelas estreitas, calçadas de pedra bem no centro da cidade, mais sujas e escorregadias do que todos os esgotos dos portos de Marselha e Istanbul. Tudo isso agora está atulhado, entupido por uma massa humana densa e agitada. Tudo fervilha, aflora, atinge sua máxima tensão, como se tivesse chegado ao ponto de ebulição. Eu também me sinto contagiado por esta paixão que para no ar; escuto as batidas fortes de meu coração. Com esforço, consigo avançar em meio a esta multidão, cercado por jovens com fuzis, mulheres com flores no cabelo e sabres reluzentes nas mãos, senhores de idade com tarjas da Revolução nos braços, retratos de Bakunin, Lênin e Jaurés, tudo isso acompanhado pelo som das canções, das bandas de música e dos gritos dos vendedores de jornais. Passo em frente a um cinema e vejo um tiroteio a poucos metros dali. Sigo adiante e presencio assembleias em plena rua, um desfile solene da Milícia Operária e, um pouco mais à frente, ruínas de uma igreja cercadas por faixas das mais diversas cores. Em meio à confusão de luzes dos anúncios em neon, da enorme lua e dos faróis dos automóveis, vou trombando de tempos em tempos com os frequentadores dos cafés, cujas mesas tomam conta de todo o passeio. Com muito esforço consigo chegar ao canteiro central da Ramblas de las Flores. Do lado oposto, fica o Hotel Oriente.

Mikhail Koltsov

Antes os anarquistas viviam fora da realidade, para os mitos do século passado e pela sabedoria legada por estes mitos. Jamais esquecerei o camponês semi-analfabeto de Fernán Núñez repetindo:

— Por que vocês brigam pela II ou III Internacional? Já não existe a Primeira...

Para ele o *compañero* Mikhail Bakunin era um contemporâneo.

Em Barcelona havia muitos anarquistas entre os trabalhadores. No dia 19 de julho, eles invadiram o Hotel Colón, lado a lado com comunistas e socialistas. Diante das casas e nas pe-

dras das calçadas, pilhas de flores: aqui tinham caído os heróis de Barcelona. O povo quase sem armas havia derrotado o Exército.

“Vamos para Zaragoza” — era a palavra de ordem que reluzia nas carrocerias dos táxis. Moças delicadas tinham deixado agulha e linha e agora carregavam com dificuldade pesados fuzis. Trabalhadores cobriram um automóvel Hispano-Suiza com colchões e partiam para o combate, armados de revólveres. Com seus violões, acompanhavam hinos revolucionários e deixavam-se fotografar vestindo seus chapéus de abas largas: havia centenas de panchos-villas entre eles. Em Zaragoza, os fascistas contavam com tanques e aviões.

O século XIX ainda vivia nos bares e armazéns de Barcelona. Nas paredes dos estabelecimentos havia cartazes: “Organização da antidisciplina”. Entre uma estocada e outra os anarquistas falavam da recriação da Humanidade. Um deles disse-me:

— Você sabe por que nossa bandeira é rubro-negra? O vermelho é a luta, e o negro é porque o espírito humano é negro.

Ilya Ehrenburg 2

A DESAPROPRIAÇÃO

O número de desapropriações realizadas nos dias subsequentes ao 19 de julho é quase incalculável. Com uma ou duas exceções, todos os grandes hotéis foram requisitados por organizações da classe operária (e não incendiados, como muitos jornais anunciaram). O mesmo aconteceu com os grandes magazines. Muitos bancos foram fechados, e no restante tabuletas anunciavam que estavam sob o controle da Generalitat. Da mesma forma, todos os proprietários de fábricas ou devem ter fugido ou foram mortos. Suas empresas passaram para o controle dos trabalhadores. Em toda parte eram vistas fachadas de casas comerciais cobertas com enormes cartazes avisando sobre a desapropriação ou informando que a CNT havia tomado

a direção do estabelecimento ou ainda que tal organização transformara o edifício em sede de seu comitê.

Franz Borkenau

As organizações da classe operária instalaram-se em escritórios e mansões. Livres dos parasitas, os conventos servem agora de escolas; num deles até uma nova universidade está funcionando. Restaurantes populares montados por comitês camponeses estão à disposição da Milícia e dos trabalhadores das diversas organizações. As provisões de mantimento confiscadas de comerciantes que trabalham à base da especulação são distribuídas à população.

Mas a maior modificação diz respeito à esfera da produção. Muitos empresários, técnicos, diretores, latifundiários e gerentes fugiram. Outros foram presos por trabalhadores e levados a tribunal. O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis estima que mais da metade dos empresários do setor fugiu; 40% foram “afastados da esfera social”; os 10% restantes declararam-se dispostos a continuar trabalhando sob as novas relações, como empregados dos trabalhadores. Os conselhos e comitês operários controlam e confiscam firmas e sociedades do capital privado. Sindicatos, cooperativas agrícolas e administrações municipais assumem a direção dos principais meios de produção. Só as pequenas empresas do setor de bens de consumo permanecem nas mãos da propriedade privada.

Também foram socializadas empresas de transporte, ferrovias, indústrias de óleo, montadoras da Ford e da Hispano-Suiza, instalações portuárias, usinas, entrepostos, teatros e cinemas, indústrias metalúrgicas (importantes para os armamentos), exportadoras de produtos agrícolas e grandes vinícolas. A forma jurídica do confisco diferia conforme as circunstâncias. Parte das empresas tornou-se propriedade comunal; em alguns casos houve acordo com o antigo proprietário; em outros aconteceu simplesmente a desapropriação. Firms estrangeiras foram estatizadas e os trustes dissolvidos. Em todos estes casos os trabalhadores assumiram a direção da empresa através de uma comissão de controle em que estavam representadas as duas

maiores centrais sindicais, ou seja, a anarquista e a comunista. Também foram elaborados planos para o aumento da produtividade, construídas instalações sanitárias e escolas nas empresas. A venda da produção era feita através de um acordo entre as centrais sindicais.

Henri Rabasseire

A indústria que visitei hoje fala francamente a favor do êxito da CNT na coletivização das empresas. Passadas apenas três semanas do início da Guerra Civil e duas do fim da greve geral, a fábrica parece funcionar como se nada tivesse acontecido. Visitei a oficina, onde tudo parecia estar no devido lugar; os operários trabalhavam regularmente nas máquinas. Desde a socialização, aqui foram reformados dois ônibus; um outro, já iniciado, foi terminado; um quarto veículo foi inteiramente construído. Todos vinham com a inscrição "Produzido sob controle dos trabalhadores". A direção da empresa informou-me que o novo veículo tinha ficado pronto em cinco dias, dois a menos do que o habitual.

Embora possa ser precipitado generalizar a boa impressão causada por esta fábrica, é preciso admitir no entanto que, mesmo em condições favoráveis, é um êxito extraordinário quando um grupo de trabalhadores assume o controle de uma empresa e consegue colocar a produção em dia num período tão curto de tempo. Isso prova a eficiência dos trabalhadores catalães e a capacidade de organização dos sindicatos de Barcelona. Não se deve esquecer também o fato de que a fábrica perdeu todo o pessoal de chefia. Pude observar a lista de salários e gratificações, e nela estava escrito que o diretor-geral, os chefes de seção, o engenheiro-chefe e seu subalterno tinham "desaparecido" (o que era um eufemismo para dizer que haviam sido mortos). Com toda a tranqüilidade, os membros do comitê de fábrica explicaram-me que isso significava uma economia importante para a empresa, sem falar na eliminação do "pagamento de pensões" para amigos dos antigos diretores e da introdução de um salário de no máximo mil *pesetas* mensais. Os vencimentos não foram aumentados depois da socialização.

Franz Borkenau

A CONTRADIÇÃO

Às vezes não confio em meus próprios ouvidos. Membros representativos do Partido Socialista Unificado da Catalunha disseram-me ainda hoje que não há Revolução na Espanha. Estas pessoas, com quem tive uma longa discussão, não são, como era de se esperar, velhos social-democratas catalães, mas comunistas estrangeiros. Segundo eles, a Espanha se encontra numa posição única: o governo combate seu próprio Exército, e isso é tudo. Limitei-me a indicar alguns fatos: os trabalhadores tinham-se armado, o poder de Estado havia passado para as mãos do comitê revolucionário, centenas de pessoas foram mortas sem processo judicial, fábricas e latifúndios acabaram desapropriados e agora estavam sob a direção dos assalariados. Se isso não era uma Revolução, o que entendiam então sob o nome "Revolução"?

Responderam-me que eu estava enganado: tudo aquilo não tinha a menor importância política ou eram apenas medidas de emergência sem conteúdo político. Aludi à central do Partido Comunista em Madri, que considerava o movimento como "revolução burguesa", ou seja, havia ali pelo menos uma indicação de que se tratava de um processo revolucionário. Mas os comunistas do PSUC não hesitaram em contradizer a central. Não entendo como comunistas que nos últimos quinze anos descobriram situações revolucionárias em toda parte da Terra, onde na verdade não havia o menor sinal delas (causando enormes desastres com isso), não entendo como esses comunistas não percebem o que aconteceu aqui, onde pela primeira vez, desde a Revolução Russa de 1917, eclodiu uma Revolução na Europa.

Franz Borkenau

10 de agosto de 1936.

Visitei García Oliver ao meio-dia. Àquela hora ele estava passando ordens para todas as divisões da Milícia catalã. O estado-maior está instalado no edifício do Museu Marítimo. É um prédio maravilhoso, com grandes galerias e salas espaçosas,

revestido de vidro e cheio de modelos gigantes de velhos navios, armas e baús de munição, tudo engenhosamente reproduzido. Um sem-número de pessoas.

Oliver está confortavelmente instalado num gabinete em meio a tapetes e estátuas. Foi logo me oferecendo um havana e conhaque. Rosto trigueiro, belo, com uma arranhadura na face fotogênica, mas um tanto sombria, e uma enorme pistola Parabélum na cintura. No começo manteve silêncio e parecia um pouco lacônico, mas de súbito irrompeu um monólogo enfurecido e impetuoso que revelava um orador experiente, efusivo e habilidoso. Demorados elógios à coragem, principalmente dos trabalhadores anarquistas: Oliver asseverava que tinham sido eles que salvaram a situação durante os conflitos de rua em Barcelona e são os que estão agora na vanguarda das Milícias Antifascistas. Os anarquistas sempre sacrificaram a vida pela Revolução e continuavam dispostos a fazê-lo. Sacrificariam até mais que a vida: estavam dispostos a colaborar com um governo burguês antifascista. Para Oliver, seria difícil levar os contingentes anarquistas a concordar com este compromisso, mas ele e seus companheiros fariam de tudo para disciplinar os trabalhadores anarquistas, para subordiná-los à direção geral da Frente Popular, e isso, tinha certeza, conseguiriam. Oliver já tinha sido acusado de fazer compromisso e trair os princípios anarquistas. Os comunistas deveriam considerar todos estes fatos e não fazer tanta pressão; puxavam demais o poder para o lado deles. Se continuasse assim, a CNT e a FAI não responderiam pelas conseqüências. Depois disso ele começou a desmentir o que dissera, nervoso, até um pouco mais que nervoso. Não era verdade que os anarquistas tinham escondido armas. Não era verdade que os anarquistas trabalhavam junto com o POUM. Não era verdade que os anarquistas saqueavam lojas e residências; era possível que bandidos o fizessem, disfarçados sob a bandeira rubro-negra. Era uma inverdade que os anarquistas estavam contra a Frente Popular: a lealdade deles fora comprovada nas palavras e nos gestos. Era uma inverdade que os anarquistas se posicionavam contra a União Soviética. Eles amavam e respeitavam os trabalhadores russos; jamais tiveram

dúvida de que iriam ajudar a Espanha. Se fosse necessário, os anarquistas até ajudariam a União Soviética. Que em seus planos a União Soviética não desprezasse uma força como a dos trabalhadores anarquistas espanhóis. Não era correto que nos outros países não houvesse movimentos anarquistas, mas o centro era certamente a Espanha. Por que não honram Bakunin na União Soviética? Aqui na Espanha, Bakunin tem as distinções que merece e deveria tê-las também lá. Não era correto que os anarquistas não aceitavam Marx. Eu digo a ele que precisava falar com seu amigo Durruti; ah, Durruti está na linha de frente. Quase nos muros de Zaragoza. Se eu tinha a intenção de visitar a linha de frente?

Claro que eu tinha a intenção de visitar a frente. Amanhã mesmo, se obtivesse uma autorização. Talvez Oliver pudesse fornecer-me uma. Sim, ele teria todo o prazer em fazer isso. Conversou com seu ajudante, que em poucos minutos preparou um certificado na máquina de escrever e, ainda na minha presença, passou-o para que o chefe o assinasse. Oliver despediu-se de mim com um aperto de mão e pediu para que os trabalhadores russos fossem informados corretamente sobre os anarquistas espanhóis. Não era verdade que os anarquistas tinham feito saques às adegas Pedro Domecq no dia anterior; isso possivelmente fora obra de alguma turba que se apropriara indevidamente do nome da FAI. Não era verdade que os anarquistas recusavam a colaboração com o governo...

Mikhail Koltsov

SITUAÇÃO INTOLERÁVEL

As experiências feitas por nós desde os dias de julho confirmam a velha tese de que uma revolução só pode realizar o que já estava como necessidade e meta na consciência das massas. Só uma consciência clara, uma cultura social das massas pode impedir que nas grandes transformações predominem insignificâncias como a vingança pessoal e a cobiça dos recém-libertados.

Já algumas semanas antes da Revolução nós discutíamos

estas questões em reuniões internas da FAI. García Oliver defendia a opinião de que a Revolução destruiria todas as barreiras da moral e transformaria o povo numa besta perigosa que iria saquear, atear fogo e matar livremente se não fosse coibido por forças organizadas. Eu afirmava o contrário, dizendo que a ação das massas produziria um grande reforço dos sentimentos morais; descrevia um povo em armas tal como o tinha visto nos livros. Desde os dias de julho tive de modificar minha opinião e dar razão a García Oliver. No que diz respeito aos três dias de luta, não há nada de que nos censurar: eles foram fantásticos. Mas depois, face ao desregramento e desperdício inconseqüente do povo, falhamos. Carente de bom senso, o país vivia para o dia presente, sem considerar as conseqüências previsíveis e irreversíveis deste processo. Víamos a catástrofe se aproximando, mas éramos muito fracos para detê-la. É verdade que a partir do Comitê das Milícias tentamos pôr as coisas nos eixos. Mas, para ser eficaz, uma reação dessa espécie só pode partir direta e espontaneamente das bases, e isto só é possível num povo com um grau mais elevado de conscientização.

Exemplos disso foram os refeitórios populares, improvisados em todos os bairros da cidade e que forneciam comida a qualquer um, e o tanto que se quisesse. Eles funcionaram durante várias semanas e consumiam toda a provisão de alimentos encontrada na cidade e no campo. De nós, exigiam cada vez mais suprimento, e, quando não podíamos dá-lo, eles próprios cuidavam de arranjar o que precisavam nas vendas e armazéns. Não deixaram nada para as Milícias na linha de frente. Seus "confiscos" arruinaram a economia de toda a região. Para o Comitê, eles eram um pesadelo constante que nos trazia aborrecimentos e grandes inimizades. A falta de consciência não se limitava a partidos ou organizações específicas, mas era um fenômeno generalizado. Para muitas pessoas a Revolução consistia principalmente em dividir e usufruir os produtos dos saques. Eram poucos os que pensavam em reabastecer os depósitos saqueados e em intensificar o trabalho na indústria e na agricultura.

Diego Abad de Santillán

"A FAI fará frente à situação intolerável"

Barcelona, 30/7 — Somos inimigos de qualquer forma de dominação violenta e arbitrária. Consideramos repugnante todo derramamento de sangue, feito em nome da justiça, que não emane da vontade do povo. Entretanto prometemos cumprir, com toda a frieza, serenidade e inflexibilidade, aquilo que aqui anunciamos, a saber: se estas ações irresponsáveis não cessarem, iremos colocar Barcelona em pânico, pois *fuzilaremos, sem exceção*, aqueles contra quem ficar provado que cometeram crime de lesa-pátria.

A honra de Barcelona e a dignidade da CNT e da FAI exigem que se ponha um fim nesta baderna. E ela terá um fim!

Solidaridad Obrera

O que está acontecendo na Espanha? Cada um que vem de lá tem algo a dizer, uma história para contar, um juízo a emitir. Tornou-se moda, hoje, ir dar uma espiada lá embaixo, fazer uma visita à Revolução e à Guerra Civil e voltar para casa com a mala cheia de artigos. Não se pode mais folhear um jornal ou revista sem encontrar uma reportagem sobre os acontecimentos espanhóis. Mas o que pode vir à luz além de superficialidade? Antes de mais nada, uma transformação social só pode ser julgada corretamente segundo a maneira pela qual ela atua no dia-a-dia de cada cidadão. Ora, não é fácil entrar no dia-a-dia do "povo". Além disso, este cotidiano se modifica a cada minuto que passa. Coerção e espontaneidade, ideal e necessidade misturam-se ali de tal forma que uma confusão enorme surge não só nas situações objetivas como também na consciência daqueles que, como agentes ou observadores, estão envolvidos nos acontecimentos. Nisso reside o caráter específico e talvez também o grande mal da Guerra Civil. Esta é a primeira conclusão que se pode tirar a partir de um exame rápido do que aconteceu na Espanha. Esta conclusão, aliás, não é mais do que confirmada por tudo aquilo que sabemos sobre a Revolução Russa. Simplesmente não é verdade que a revolução produz automaticamente uma consciência mais elevada, clara e intensa do

processo social. É o contrário que ocorre, pelo menos quando a Revolução toma a forma de guerra civil. No calor da guerra civil perde-se todo parâmetro entre princípios e realidade; desaparece todo critério para que se possa julgar as ações e instituições; a transformação da sociedade torna-se um jogo de mero acaso. Como é possível então um relato coerente dos acontecimentos a partir de uma curta estada, passada por observações fragmentadas? Na melhor das hipóteses, podemos reproduzir algumas impressões e tirar algumas poucas lições.

Simone Weil

Irei chocar muitos de meus bons companheiros. Sei que provocarei um escândalo. Mas, quando se evoca a liberdade, é preciso ter coragem para dizer o que se pensa, mesmo que não agrade a ninguém. Com a respiração suspensa, todos nós acompanhamos dia após dia a luta que se desenrola do outro lado dos Pirineus. Tentamos ajudar nossos companheiros. Mas isso não nos impede de ter tirado lições de uma experiência que custou a vida de tantos operários e camponeses.

Uma experiência desse gênero já foi feita uma vez na Europa: a russa. E também custou muito sangue. Diante de todo o mundo, Lênin reivindicava um Estado no qual não deveria mais haver um exército, uma polícia e uma burocracia que estivessem distantes da população. Quando ele e seus companheiros chegaram ao poder, construíram durante a longa e penosa Guerra Civil a mais repressiva máquina burocrática, militar e policial já experimentada por algum povo oprimido.

Lênin era líder de um partido político, de um aparelho para a conquista e o exercício do poder. Naquela época, muitos já suspeitavam da sinceridade dele e de seus companheiros. Em todo caso, não era difícil entrever a contradição que havia entre os objetivos que Lênin proclamava e a estrutura de seu partido. Quanto a isso, ninguém poderá colocar em dúvida a sinceridade dos nossos companheiros anarquistas da Catalunha. E, não obstante, o que estamos vendo na Espanha? Vemos como

se desenvolvem formas de repressão e como ocorrem casos desumanos que se opõem diretamente ao ideal humanitário e libertário dos anarquistas. As necessidades e a atmosfera da Guerra Civil têm preponderância sobre os desejos que, para se realizarem, foram uma das causas da Guerra Civil.

Nós odiamos aqui, em nossa própria sociedade, a coerção militar, a polícia, a repressão nos locais de trabalho, as mentiras difundidas pela imprensa e pelo rádio. Odiamos a diferença de classes, o arbítrio e a crueldade.

Na Espanha, porém, o que domina é a coerção militar. Embora o fluxo de voluntários seja contínuo, a mobilização dos reservistas teve de ser decretada na forma do serviço militar obrigatório. O Conselho de Defesa da Generalitat, onde companheiros nossos da FAI atuam em cargos de chefia, decretou que o antigo código marcial deve ser aplicado às Milícias.

Nas fábricas também reina um regime de coerção. Há pouco tempo o governo catalão (no qual nossos companheiros colaboram, ocupando ministérios importantes da área econômica) decretou que os trabalhadores têm que fazer tantas horas extras sem remuneração quanto o governo achar necessário. Outro decreto prevê que todo operário que não cumprir as normas será considerado traidor e receberá tratamento adequado. Isso significa simplesmente a aplicação da pena de morte no âmbito da produção industrial.

A polícia tradicional, tal como existia no século XIX, perdeu quase inteiramente o seu poder. Em compensação, nos três primeiros meses da Guerra Civil, os serviços de investigação fuzilaram acusados políticos e também um grande número de indivíduos inocentes, executados sem a menor possibilidade de controle por parte dos sindicatos ou de qualquer outra instância. Só há alguns dias é que foram instalados júris populares que têm a tarefa de julgar rebeldes ou suspeitos. Mas ainda é muito cedo para dizer que efeito terá esta reforma.

Até a mentira organizada resolveu ressuscitar depois do 19 de julho...

Simone Weil

Desde minha infância simpatizei com os grupos políticos que estão do lado dos mais pobres, do lado daqueles que são oprimidos pela hierarquia social — até que ficou claro, para mim, que estes grupos não merecem nenhuma simpatia. O último em que eu ainda tinha esperanças era a CNT espanhola. Viajei para a Espanha antes da Guerra Civil e pude conhecer o país, não muito bem, apenas o suficiente para amar este povo irresistível. No movimento anarquista encontrei a expressão natural da grandeza e dos erros, das necessidades legítimas e dos desejos ilegítimos deste povo. A CNT e a FAI eram uma confusão espantosa. Qualquer um era bem-vindo e tinha acesso a elas; como consequência, afloravam contradições inconciliáveis no exíguo espaço destas organizações: de um lado, cinismo, depravação moral, fanatismo e crueldade e, do outro, fraternidade, calor humano e um desejo elementar de dignidade que é próprio dos homens simples. O que impelia os primeiros à ação era o gosto pela desordem e pela violência; os últimos, porém, vinham com o desejo de realizar seu ideal: eles determinaram, segundo me parece, a direção tomada pela CNT.

Em julho de 1936 eu estava em Paris. Não gosto de guerra, e o que sempre me pareceu mais horrível nela é a situação dos que ficam na retaguarda. Quando percebi que moralmente, mesmo a contragosto, eu teria de tomar partido nesta guerra, ou seja, que a cada dia e hora ansiaria pela vitória de um partido e pela derrota do outro, cheguei à conclusão de que Paris, para mim, era a retaguarda. Tomei o trem para Barcelona e me apresentei como voluntária. Isso foi no início de agosto de 1936.

Um incidente obrigou-me a interromper minha estadia na Espanha. Estive alguns dias em Barcelona e depois no interior, em Aragón, às margens do Ebro, a quinze quilômetros de Zaragoza, no mesmo lugar em que recentemente as tropas de Yagüe atravessaram o rio. Mais tarde fui ao palácio de Sitges, que agora serve de enfermaria militar, e depois rumei de novo para Barcelona. Tudo isso em cerca de dois meses. Tive que deixar a Espanha contra a minha vontade. Tinha a intenção de voltar para lá, mas recusei-me espontaneamente a fazê-lo: não sentia a mínima obrigação de participar de uma guerra que de há

muito já não punha mais massas de camponeses famintos contra os latifundiários e seus cúmplices, os padres, mas era um confronto entre potências européias: Rússia, Alemanha e Itália.

Simone Weil

A ESCASSEZ

Durante a formação da segunda coluna para a Frente de Aragón tivemos os primeiros problemas com alguns políticos importantes de nossas próprias organizações anarquistas. Enquanto nós, do Comitê das Milícias, éramos de opinião de que os companheiros mais populares e competentes deveriam ir para a Frente, a fim de poder comandar as unidades, batalhões e colunas, estes políticos defendiam o contrário: queriam guardar os melhores líderes para depois da guerra. Contudo, isso significou que os postos de comando fossem ocupados segundo a lei do acaso, o que por sua vez contribuiu para a queda da força combativa de nossas unidades. Quase não dispúnhamos de oficiais de formação, e os poucos que tínhamos eram colocados como meros ajudantes ou conselheiros técnicos junto aos postos de comando. Nossos milicianos não gostavam e inclusive desconfiavam dos militares de carreira, o que era perfeitamente compreensível depois de tudo o que acontecera antes.

Mas nos altos escalões de quase toda a direção de nossas organizações, a preocupação com o próprio bem-estar era tão grande quanto na direção dos outros partidos, que também não queriam enviar seus líderes para a Frente. Todos estavam esperando para dividir a pele do urso que, no entanto, ainda não fora abatido. Assim, a retaguarda pululava de negociantes da política. Em geral, eles eram muito mais nojentos do que os velhos políticos profissionais de antes da Revolução.

Não podemos deixar este procedimento passar em branco, na medida em que ele é responsável pelo fato de não podermos ter fortalecido a Frente como era necessário. Em Aragón, por exemplo, não tínhamos quase mais nada além de uma fraca linha de observação que, em vista de sua extensão, era extremamente mal armada. Precisamos falar para que fique bem claro: enquanto a Frente de Aragón dispunha de apenas trinta mil

fuzis, as organizações e partidos na retaguarda mantinham escondidos cerca de sessenta mil, além de uma quantidade de munição jamais vista pelas tropas da linha de frente.

Repetidas vezes exigimos de nossas próprias organizações que entregassem o material bélico nas mãos do destacamento que estava na frente de combate e conseguissem homens para a guerra. A segurança da retaguarda podia ser feita por mulheres e até por crianças. Objetaram que era impossível desarmar nossos próprios homens enquanto outros grupos e partidos políticos aguardavam a oportunidade de nos atacar pelas costas. Discutimos também este argumento, afirmando: se nossos homens estiverem dispostos a entregar as armas e ir para o *front*, vamos trabalhar para que todas as outras organizações também sejam desarmadas, e esta tarefa será entregue a quem demonstrar mais desconfiança nos outros grupos. Depois disso tiraremos as armas restantes da Guardia de Asalto, dos carabineiros e da gendarmeria, para enviá-las à frente. Mas não poderemos justificar este procedimento enquanto nós mesmos não estivermos dispostos a cumpri-lo.

As reclamações dos combatentes na frente eram mais do que justas. Toda vez que voltava a Barcelona, Durruti espumava ao ver tantas armas desfilando pelas ruas. Um dia ficou sabendo que em Sabadell havia de oito a dez metralhadoras escondidas. Com amabilidade, exigiu que fossem entregues; mas, quando lhe negaram o pedido, enviou um destacamento a Sabadell para que fossem apreendidas à força. Felizmente ele nos avisou a tempo de intervir e impedir um conflito sangrento. Uma parte das armas foi entregue. Estava nas mãos dos comunistas, mas isso não quer dizer nada quando se sabe que só nossos companheiros de Barcelona mantinham cerca de quarenta metralhadoras escondidas, mais do que todas as que estavam em ação na Frente de Aragón. Isso sem contar a quantidade de metralhadoras nas mãos dos outros grupos e partidos.

Diego Abad de Santillán 3

E, se finalmente lhe enviavam metralhadoras, não havia munição para elas. Quando a munição chegava, as metralha-

doras estavam estragadas. Por isso Durruti telefonava uma, duas, várias vezes, até que resolveu ir pessoalmente a Barcelona apanhar o que precisava, e não só junto ao governo como também à CNT. Ele tirava as pistolas automáticas de nossos bolsos, de nós, que éramos seus camaradas. Também tínhamos de nos defender, mas não!

— Para que você precisa de uma pistola aqui na retaguarda? — gritava. — Vamos, passe para cá ou então venha comigo para a frente de combate, se não quiser entregá-la.

Ele agia assim com os anarquistas, com os próprios companheiros.

Manuel Hernández

A ofensiva de Durruti estancou porque lhe faltava material bélico. No telefone, ele gritava até enrouquecer exigindo mais munição, fuzis, artilharia. Suas intervenções na retaguarda não deram resultado. Se entre julho e agosto pudéssimos ter mandado à Frente de Aragón não só os 25 ou trinta mil homens, mas todos os sessenta ou oitenta mil mobilizados, com todas as armas que estavam escondidas, sem dúvida teríamos vencido a guerra.

Lembro-me de um dia quando Francisco Barnés, ex-ministro da Educação, voltou de uma visita a Durruti, em Bujaraloz. Ali ele presenciara uma tentativa do inimigo de romper as nossas linhas e vira como Durruti chorou de raiva quando a munição acabou e os soldados tiveram que se defender do ataque armados apenas com granadas de mão. Se os inimigos conhecessem a posição da Coluna e soubessem que ela estava sem munição, poderiam tê-la aniquilado ou fazer com que se rendesse. Situações como esta ocorriam diariamente na Frente de Aragón.

Diego Abad de Santillán 1

A CNT pagou todas as armas que adquirimos durante a Guerra Civil. Nós não contávamos de forma nenhuma com o governo de Madri. Mesmo se Largo Caballero quisesse ser mais generoso, não teria adiantado nada, pois era Negrín quem tinha as finanças do Estado nas mãos. Muitas coisas poderiam

ser ditas sobre o papel desempenhado por Negrín. De minha parte, estou certa de que desde o início ele estava do lado dos que queriam impedir por todos os meios que alguma função importante fosse dada aos anarquistas.

Em relação a um ponto, todos estavam de acordo: forneceriam-nos o menor número de armas possível, deixariam-nos com os setores mais difíceis da Frente e tentariam, de todas as formas imagináveis, semear a discórdia em nossas fileiras, colocando-nos diante de problemas insolúveis.

No que toca a Durruti, não alcançaram seu intento. Ele sempre estava de acordo com a linha da CNT, com o Comitê Regional da Catalunha e de Aragón, e até com o Conselho de Aragón. Só houve discussão uma vez. Foi quando Durruti quis invadir Zaragoza a partir de Yelsa. Contra isso se levantou seu velho amigo García Oliver, então secretário do Comitê das Milícias da Catalunha. Durruti ficou fora de si de tanta raiva.

Federica Montseny I

EXORTAÇÃO

Durruti tinha razão quando dizia: “A indisciplina na linha de frente e o aburguesamento na retaguarda levarão à vitória do fascismo se nós não tomarmos medidas urgentes contra isso. Na frente, cada ordem emitida faz nascer uma longa discussão. Ninguém quer obedecer. Na retaguarda, os novos-ricos habitam belas casas burguesas e vão passear em automóveis de luxo. Os cafés, os bares e casas de baile estão sempre cheios, como se estivéssemos vivendo no melhor dos mundos, e até nossos companheiros da FAI tendem cada vez mais a participar desse jogo imundo”.

Jean Raynaud

Durruti fez uma de suas raras viagens à retaguarda no pior carro que podia encontrar. No dia 5 de novembro falou pela rádio de Barcelona. Toda a cidade foi às Ramblas ouvir a transmissão. Antes ele enviara uma mensagem de saudação a Stálin, através da delegação espanhola que iria viajar para a União Soviética em virtude das solenidades do 19º aniversário da Re-

volução de Outubro. Ninguém compreendia a necessidade de unificação das forças melhor do que Durruti. Alguns dos anarquistas doutrinários eram da opinião de que ele, o mais famoso dos líderes revolucionários, estava indo longe demais em suas concessões aos “burocratas stalinistas”, segundo expressão do POUM.

Frank Jellinek

(Primeira versão do discurso de Durruti)

Dirijo-me ao povo catalão, que há quatro meses rompeu bravamente o cerco da soldadesca que lhe queria colocar a bota sobre o peito. Saúdo a todos vocês em nome de seus amigos e companheiros que estão lutando na Frente de Aragón, a poucos quilômetros de Zaragoza, tendo já as torres da catedral diante dos olhos.

Madri está ameaçada. Lembro a vocês que não há nada no mundo que faça um povo revolucionário curvar-se de joelhos! Nós manteremos a Frente de Aragón e pediremos aos companheiros de Madri para que não se deixem abater. As milícias catalãs cumprirão o seu dever, tal como fizeram em julho nas ruas de Barcelona ao expulsarem os fascistas. As organizações da classe trabalhadora não podem esquecer um segundo sequer qual é hoje a sua tarefa: o fascismo tem que ser derrotado.

Exortamos o povo da Catalunha a pôr um fim a todas as intrigas, rivalidades e dissensões internas. Antigos ressentimentos e subterfúgios políticos têm de desaparecer diante de um único pensamento: estamos em plena guerra. O povo catalão não pode ficar atrás dos combatentes no que diz respeito aos seus sacrifícios.

Não nos resta mais nenhuma outra escolha senão mobilizar nossas últimas forças. Ninguém deve pensar que já temos número suficiente, se são sempre os mesmos voluntários que se apresentam. Se os trabalhadores catalães vão para a linha de frente, nada mais justo do que também exigir sacrifícios dos que ficam na retaguarda. Uma mobilização efetiva de todos nas cidades é necessária. Nós, na linha de frente, precisamos saber quem está na nossa retaguarda e em quem podemos confiar.

É verdade que lutamos por um ideal mais elevado. Mas são as Milícias que devem mostrar a vocês por que vieram, e não condiz com a dignidade delas que os jornais tenham que angariar fundos e que cartazes pedindo ajuda sejam pregados nos muros da cidade. Isso não condiz com a dignidade das Milícias porque lemos nos panfletos lançados pelos fascistas listas de mendicância e pedidos iguais a estes. Para dominarmos o perigo, é preciso que sejamos um único bloco, com a resistência do ferro.

Nós, da frente, queremos apenas uma coisa: que a retaguarda se sinta responsável por nós, para que possamos confiar nela. Desejamos que as organizações cuidem de nossas mulheres e crianças.

Quem, no entanto, pensa que a mobilização geral será um meio de nos intimidar e impor uma disciplina de ferro ficará bastante decepcionado. Convidamos para visitar a frente de combate todos aqueles que pensam desta forma: lá terão uma idéia de nossa moral e de nossa disciplina. Depois será a nossa vez de empunhar a lança e vir dar uma olhada na moral e disciplina da retaguarda!

Vocês podem ficar tranqüilos! Na frente não reina o caos nem a falta de disciplina. Sabemos exatamente qual é a nossa responsabilidade e que incumbência nos foi delegada por vocês. Por isso durmam sossegados. De nossa parte, tivemos que pôr a economia da Catalunha em suas mãos. Exigimos que estejam atentos e cuidem da obediência estrita à disciplina. Guardemo-nos de plantar, por culpa de nossa própria incompetência, as sementes de uma segunda guerra civil antes de termos vencido a primeira. Àquele que acredita que o seu partido é o mais poderoso e pode impor-se sobre todos os outros, temos que afirmar mais uma vez: esse é um erro crasso. Temos que combater a tirania fascista com nossa força unida, uma só organização e uma só disciplina.

Em nenhuma circunstância podemos deixar que os fascistas avancem. Nosso lema na Frente é: *¡No pasarán!*

Buenaventura Durruti 3

(Segunda versão)

Neste momento nenhum de nós pode pensar em jornadas de trabalho menores e em aumento de salário! É dever de todo trabalhador, e principalmente dos filiados à CNT, fazer todo sacrifício e trabalhar tanto quanto lhe for pedido.

Dirijo-me a todas as organizações e conclamo-as para que ponham fim às lutas entre facções e às conspirações. Nós, da Frente, exigimos sinceridade, principalmente da CNT e da FAI. Exigimos que nossos líderes sejam sinceros. Não adianta nada enviar-nos cartas que nos exortem à luta; também não adianta enviar-nos roupas, alimentos, armas e munição. Esta guerra é particularmente difícil, pois está sendo levada com os meios técnicos mais avançados. Ela custará caro à Catalunha. Nossos líderes têm de entender que se trata de uma guerra de longa duração. Eles têm de começar a organizar a economia tendo em vista esta preocupação. É preciso reestruturar nossa economia.

Buenaventura Durruti 4

— Podem dormir sossegados — disse ele em Barcelona, mas acrescentou em seguida que — nossa própria incompetência também pode plantar as sementes de uma segunda guerra civil.

De fato, o governo de Largo Caballero em Madri também parecia dormir tranqüilo, embora tivesse que lidar com um perigo muito mais iminente. O estado-maior ou estava impotente ou cometeu traição. Tempos depois, o ministro da Educação, Jesús Hernández, diria que um dos membros do estado-maior, em conversa com Largo Caballero, informou a este que em todo caso as Milícias eram uma boa solução para o problema do desemprego: os milicianos lutavam por apenas dez *pesetas* diárias. Muito em breve os acontecimentos iriam contradizer este cinismo ordinário.

Frank Jellinek

OS CAMPONESES

A LIBERTAÇÃO

Sigamos a Coluna da CNT numa das típicas aldeias do planalto de Aragón. Santa María, por exemplo. Duzentas casas agrupadas ao redor de uma igreja de província, um conselho municipal, uma prisão. Há pouca terra cultivada, e mesmo as pequenas superfícies onde os camponeses podem trabalhar devem sua fertilidade a um riacho que seca quando chega julho. Há ainda algumas oliveiras e até quem sabe figueiras. Segundo os moradores, o clima consiste em três meses de inverno e nove de inferno.

Os habitantes da aldeia são todos antifascistas, com exceção do rico latifundiário (considerado rico porque consegue tirar dois mil marcos anuais de sua propriedade; passa a maior parte do tempo em Zaragoza e deve estar lá desde os primeiros incidentes de julho), um ou dois funcionários, o prefeito e o soldado da Guardia Civil; um "capitalista" que possuía uma pequena fábrica, uma galga de azeite ou um estabelecimento com luz elétrica; e, por fim, o padre. Um destes senhores — certamente não o padre — tem um filho ou dois que compram ternos em Zaragoza, passam metade do dia em algum café e conversam com qualquer rapariga que se aproxime deles. Em Barcelona ou Zaragoza, estes *señoritos* não passarão de peixes pequenos, mas na aldeia aparecem como grandes senhores. Geralmente pertencem à Falange e, na certeza de que a lei e a

ordem estão a seu lado, não fazem muita cerimônia para expressar abertamente suas opiniões reacionárias.

Agora chega a Coluna Durruti, cheia de entusiasmo, mas muito mal armada. Seu primeiro passo chama-se *limpiar*: a proposta é eliminar todos os vestígios do fascismo que ainda possam existir em Santa María. Em outras palavras: quem dos mencionados não conseguiu fugir a tempo para Zaragoza será fuzilado, a não ser que os moradores da aldeia consigam prestar testemunho em favor de algum deles. Neste caso, o acusado é deixado em paz. Depois, a Coluna retira do conselho municipal todos os livros de registro e certificado de propriedade, leva-os para a praça da aldeia e queima-os. Os habitantes do lugar se reúnem, e o comandante da Coluna explica-lhes os princípios do comunismo libertário. Além disso, lança de quando em quando algumas farpas ao stalinismo, alusões que seriam muito bem recebidas num clube conservador. Um sentimento de liberdade se faz sentir na aldeia, e muitos revelam esperanças.

John Langdon-Davies

Se em seu avanço a Coluna Durruti chegava a alguma aldeia, a primeira coisa que seus conselheiros políticos faziam era destituir o juiz. Os problemas do lugar eram resolvidos pelas três perguntas seguintes: "Onde fica o fórum? Onde fica o cartório com os livros de registro de propriedade? Onde é a prisão?". Depois eles incendiavam os processos judiciais e os livros de registro e libertavam os presos.

Manuel Benavides

Em esforços conjuntos, muitas aldeias enviavam caminhões cheios de provisões para a linha de frente. Alguns levavam seu entusiasmo tão longe que abatiam suas melhores cabeças de gado ou as melhores aves de sua criação, ficando assim quase à beira da ruína. Particularmente espantoso era o procedimento dos camponeses de Aragón. Ali o sentimento regionalista quase não era perceptível; mas ninguém ficaria surpreso se os habitantes da região tivessem se armado para impe-

dir que Catalunha e Navarra levassem a luta para o solo de Aragón. Ocorre, no entanto, que os camponeses da província saudaram a chegada das colunas de Barcelona com banquetes suntuosos e os retardatários com uma hospitalidade melancólica, desculpando-se de que agora só podiam oferecer pão e vinho. E teriam ficado ofendidos se as Milícias não aceitassem suas gentilezas.

Frank Jellinek

Vinha com minha motocicleta na direção sul e passava, uma a uma, as aldeias cercadas por barricadas. Em toda parte os camponeses trabalhavam no campo, e eu já estava quase esquecendo as barbaridades que tinha visto ali perto, absorto pelo azul daquele dia e pelas oliveiras, das quais se diz que “só despertam para a vida sob a luz da lua”.

Eu me sentia um pouco perturbado, pois minha moto fazia barulhos estranhos. Na noite anterior eu a havia deixado numa oficina, e milicianos comunistas que tomavam conta do local prometeram consertá-la. Fizeram o serviço tão bem que agora só consigo andar a toda velocidade. Aterrissei em primeira, a trinta e cinco quilômetros por hora, diante das baionetas de uma barricada.

— Bom dia — falei. — Será que aqui na aldeia há algum mecânico que possa me ajudar?

Era uma pergunta supérflua, pois em toda aldeia espanhola há um mecânico que nunca tem nada para fazer, é um entendido no assunto e sempre está disposto a ajudar. Alguns dias mais tarde narrei minha aventura a meu amigo marquês, e ele irradiava alegria ao ouvir que mesmo um miliciano anarcosindicalista numa igreja incendiada permanece sempre um espanhol, um *expert* e um *gentleman*. O guarda da barricada dirigiu-se a um jovem de macacão azul.

— Juan — gritou —, leve o companheiro aqui ao Centro Mecanizado de Indústria e Transporte.

Empurramos a motocicleta até a rua central, Juan e eu. O Centro Mecanizado de Indústria e Transporte ficava numa esquina. Há um mês aqui estava a igreja da aldeia. Agora há um

caminhão estacionado em cada um dos nichos que antes serviam de capelas. Dois homens de macacão retiravam com pás e picaretas os últimos restos da decoração dourada e do mármore falso. O pó dos revestimentos em estuque pairava no ar. Eu observava, enquanto os milicianos tentavam ler no meu rosto o que eu achava do trabalho.

— Eles construíram casas bem sólidas para seus santos — disse por fim um deles, que se esforçava em vão para derrubar uma coluna — e no entanto estes santos jamais existiram. Se fosse uma casa de trabalhador, desabaria com o primeiro golpe de picareta, pois não fazem tanto esforço pelos vivos.

— Em todo caso vocês agora têm uma boa garagem — disse eu.

— Uma estupenda garagem, companheiro.

— Será que vai ficar sendo garagem para sempre? O que vocês acham?

— Para sempre, não. Só até liquidarmos o inimigo. Olhe lá em cima, companheiro.

Olhei. No lado oposto da praça havia homens cavando uma vala com todo o empenho.

— Vamos construir um mercado ali. Agora estão fazendo a canalização. Antes nossas mulheres tinham que vender a mercadoria na rua. Tudo cheio de moscas. Agora vamos construir um mercado bem limpo. Isso é bom para a saúde, como o senhor sabe.

Nesse meio-tempo, os dois mecânicos tinham posto minha moto em funcionamento. Foram com minha cara, pois passaram óleo em todos os parafusos.

— Quanto devo? — perguntei.

— É difícil dizer, companheiro — respondeu o mecânico.

— Foi uma coisinha de nada. Não precisa pagar.

— Mas isso custou duas horas de suas vidas. Não é uma coisinha de nada. Permitam-me que eu deixe uma pequena colaboração para o fundo das Milícias Antifascistas.

Com isso concordaram. Deixei cinco marcos para a caixa da aldeia e segui em frente.

John Langdon-Davies

A COLETIVIZAÇÃO

13 de agosto. Na taberna da cidade ocorre uma assembléia geral dos camponeses: é a continuação da discussão da assembléia de ontem. Um grupo de anarquistas fizera a convocação e declarara Tardienta uma comuna. Ninguém foi contra, mas na manhã seguinte houve desavenças e protestos. Alguns homens foram falar com Trueba pedindo-lhe para que regulamentasse a questão, como comissário de guerra na região.

Hoje estão sendo discutidos problemas essenciais: distribuição da terra e da colheita, formas de cultivo. Em quase toda parte as terras confiscadas aos latifundiários fascistas estão sendo distribuídas entre camponeses e agricultores pobres. As colheitas serão feitas por eles, em conjunto, e depois repartidas de acordo com o trabalho de cada um. Algumas vezes serão observados outros princípios: a divisão será feita a partir do número de pessoas a alimentar em cada família. Mas já bem próximo da linha de frente estão surgindo alguns grupos anarquistas e trotskistas. Eles exigem primeiro: coletivização imediata de toda a economia agrícola; segundo: requisição das colheitas dos latifúndios pelo comitê da região; e terceiro: confisco de propriedades e terras de agricultores médios que possuam cinco ou seis hectares. Por força de ordens e ameaças já surgiram algumas economias baseadas na coletivização.

A sala baixa da taberna, de asscalho de pedra e pilastras de madeira, está completamente lotada. Um lampião a gás fuma, pois a energia elétrica está sendo economizada para a apresentação de filmes. Cheiro forte de couro e tabaco das Canárias. Se não houvesse trezentos bonés à moda basca e se os homens não tivessem abanos de papel, poderíamos acreditar que estamos numa aldeia de cossacos às margens do Kuban.

Com um rápido discurso, Trueba abre a assembléia. Esclarece que a luta é contra os latifundiários fascistas e pela República, pela liberdade dos camponeses e seu direito de organizar a vida e o trabalho como acharem correto. Ninguém poderia impor sua vontade sobre os homens de Aragón. Em relação à comuna, só os próprios camponeses poderiam decidir, e ninguém mais, além ou no lugar deles. As tropas e o comissário de

guerra só poderiam prometer preservar os habitantes contra quaisquer medidas ditatoriais, de onde quer que viessem.

Satisfação geral. Gritos: "*¡Muy bien!*".

Da sala perguntam se Trueba é comunista.

Ele responde: sim, comunista ou melhor, membro dos Partidos Socialistas Unificados, mas isso agora não tem a menor importância, pois aqui representa todas as forças em luta na Frente Popular.

Ele não é alto, mas forte e robusto. Foi mineiro e depois cozinheiro. Já esteve na prisão. Ainda é jovem, vestido meio à militar, com cinto de couro e pistola automática.

Primeiro é feita a seguinte sugestão: só os camponeses e agricultores de Tardienta terão direito de participar da assembléia. Outra sugestão: todos poderão participar, mas só os camponeses poderão ter a palavra. Esta segunda sugestão é aceita.

Fala o presidente do sindicato de Tardienta (liga de agricultores e camponeses de poucas posses, algo parecido com o Comitê dos Sem-Terra). Ele é de opinião que a resolução de ontem sobre a coletivização não foi tirada pela maioria, mas por um pequeno número de homens do campo. De qualquer maneira, é preciso fazer uma nova discussão sobre o assunto.

A assembléia concorda.

Uma voz vinda do fundo da sala comunica que ontem foram feitas críticas ao sindicato na fila para comprar tabaco. O orador exige que os críticos se apresentem. Confusão na sala: protestos e aplausos, assobios, gritos de *muy bien*. Ninguém pede a palavra.

Um camponês de meia-idade aconselha, meio embaraçado, que se deve trabalhar primeiro individualmente e só mais tarde, depois da guerra, voltar a discutir esta questão. Aplausos. Dois outros oradores são da mesma opinião.

Discussão sobre a distribuição da colheita deste ano feita nas terras confiscadas. Alguns exigem divisão igual em cada fazenda; outros, que o sindicato a faça segundo a necessidade e o número de pessoas a alimentar.

Ainda há trigo no campo, não colhido por causa da guerra. Um jovem camponês aconselha que cada um deveria colher

quanto cereal quisesse, pois que para isso correria perigo sob a artilharia inimiga. Quem se arriscasse mais colheria mais. Aplausos. Trueba intervém. Essa sugestão lhe desagrada:

— Somos todos irmãos e não podemos nos expor ao perigo por causa de um saco de trigo.

Aconselha que a colheita nos campos, sob a linha de fogo, deva ser feita em conjunto. Os soldados se encarregariam de dar cobertura aos camponeses. O cereal deveria ser distribuído de acordo com a produtividade e a necessidade de cada um. A assembléia aceita a idéia de Trueba.

Já são oito horas, e logo tudo estará encerrado. Todavia, um novo orador põe em desordem o que já estava assentado. Com palavras comovidas e apaixonadas tenta convencer os camponeses de Tardienta que eles deveriam superar de vez o egoísmo e dividir tudo igualmente. Não é por isso que esta guerra sangrenta está acontecendo? É preciso acatar a decisão tomada ontem e introduzir imediatamente o comunismo libertário. É preciso confiscar a terra não só dos latifundiários, mas dos grandes e médios agricultores.

Gritos, assobios, ofensas, aplausos: “*¡Muy bien!*”.

Depois deste primeiro orador, outros cinco anarquistas passam à ofensiva. A assembléia vira uma confusão: alguns aplaudem, outros se calam. Todos estão cansados. O presidente do sindicato propõe votação. O primeiro anarquista a falar vai contra: será que tais assuntos podem ser decididos através de votação? Neste caso é preciso um avanço de todos, um esforço conjunto, violência, entusiasmo! Na votação, cada um só pensa em si. Votação... é egoísmo! Não é preciso votação!

Os camponeses estão confusos: as frases ameaçadoras os entusiasma. Embora a maioria seja contra o orador anarquista, não é possível recolocar o plenário em ordem para votar. A assembléia tomou o bonde errado.

Agora já não é mais possível pôr um fim à desordem. No entanto, Trueba encontra uma saída. Sugere: como no momento é impensável chegar a um acordo, todos os que querem trabalhar individualmente podem continuar a fazê-lo. No entanto, aqueles que pretendem criar uma produção coletiva de-

vem comparecer aqui amanhã às novê horas da manhã para uma nova assembléia.

A solução agrada a todos. Só os anarquistas saem irritados da reunião.

Mikhail Koltsov

Coluna Durruti. Sexta, 14, e sábado, 15 de agosto.

Conversa com os camponeses de Pina: estariam eles de acordo com a produção coletiva? Primeira resposta (reiteradas vezes):

— Fazemos o que o Comitê determina.

Um velho: de acordo, desde que ele receba tudo o que precisar e não tenha que se esfalfar continuamente para pagar o marceneiro e o médico, como agora...

Um outro:

— Vamos esperar para ver no que vai dar...

É melhor cultivar a terra em comum ou cada um por si?

— É melhor junto. (Não muito convicto.)

Como viviam antes?

Trabalho dia e noite; comida muito ruim. A maioria não sabe ler. As crianças vendem muito cedo sua força de trabalho. Uma garota de quatorze anos trabalha há dois como lavadeira (eles riem enquanto nos contam tudo isso). Salário de vinte *pesetas* por mês (para alguém de vinte anos), chegando a dezessete, dezesseis *pesetas*... Elas vão descalças para o serviço.

Os latifundiários de Zaragoza.

Nada para dar em dízimos, mas ofereciam aves para o padre. Era difícil suportá-lo. Muitos conseguiam. Por que era difícil? Nenhuma resposta clara.

Pessoas de diversas idades com quem conversamos jamais tinham ido à missa. Tinham raiva dos ricos? Sim. Sentimento mais forte entre os pobres.

Isso tudo não será ruim para o trabalho coletivo? Não, pois não haverá mais desigualdade.

Todos se empenharão o mesmo tanto? Quem não se esforçar o suficiente será forçado a fazê-lo. Quem não trabalhar, não terá nada para comer.

A vida na cidade é melhor do que no campo? Muito melhor. Menos trabalho. Mais roupas, mais diversão. Os trabalhadores na cidade estão por dentro do que está acontecendo... Uma pessoa da aldeia arrumou emprego lá e voltou três meses depois com roupas novas.

Invejam os moradores da cidade? Não se preocupam com isso.

Serviço militar: um ano. Prestando o serviço, um único pensamento: voltar o mais depressa para casa. Por quê? Comida ruim. Fadiga. Disciplina: surras (quem se defende é fuzilado). Safanões, golpes com a coronha do fuzil etc. Para os ricos, lingüiça extra. O serviço militar obrigatório deve ser abolido? Sim, não há mal nisso.

Os que eram a favor do padre não mudaram de opinião, mas agora se calam.

Posição dos camponeses: pagam ao latifundiário pela terra arrendada. Muitos foram expulsos das propriedades por não terem condições de pagar os arrendamentos. Tiveram que se empregar como diaristas, duas *pesetas* por dia.

Vivo sentimento de desqualificação social.

Simone Weil

HISTÓRIAS DE ALDEIA

Após a tomada de Monegrillo, alguns milicianos entraram numa casa abandonada e pegaram as roupas dos ausentes. No lugar delas, deixaram seus farrapos. Quando os fugitivos retornaram ao lar, avisaram o Comitê sobre o saque. Os culpados foram identificados. Durruti ordenou que fossem fuzilados. No último instante, salvou-lhes a vida:

— Vocês são meus soldados e por isso vão sair ilesos desta. Mas, se eu os apanhar em outra, vão ser fuzilados. Não preciso de ladrões e bandidos.

Jesús Arnal Pena I

O que meu acompanhante tinha para contar sobre a política da Coluna Durruti era repugnante. Parecia que ela, em

meio ao entusiasmo geral dos camponeses pelas coisas republicanas, tivesse descoberto uma fórmula secreta para se tornar odiada por todos. Até a aldeia de Pina os anarquistas tiveram que deixar, por nenhuma outra razão senão a resistência tácita dos homens do campo, contra a qual nada podiam fazer. A inconseqüência com que faziam as requisições de alojamentos e provisões e executavam “fascistas” reais ou supostos por causa de um fio de cabelo foi manifestamente a causa da revolta contra as Milícias. Mesmo assim, os fuzilamentos não tiveram fim. Agora estão dizendo que fazem parte do dia-a-dia dos homens de Durruti, onde quer que estejam. Eles convidaram meu amigo para presenciar uma execução, como se isso fosse uma atração especial.

Franz Borkenau

18 de agosto é o dia de Santo Agostinho, padroeiro de Bujaraloz. Nesta data acontece a tradicional romaria da cidade. Na noite anterior à festa daquele ano, ninguém sabia ao certo o que fazer. De forma alguma desejariam abrir mão da romaria, mesmo que ela não ficasse bem dentro da nova situação. Por isso foram procurar Durruti para discutir o problema.

— Por mim, tudo bem. Antes vocês festejavam em louvor a Santo Agostinho; a partir de amanhã comemoraremos em louvor ao companheiro Agostinho, e o caso está resolvido.

Quanto a mim, ele também sempre me deixou em paz nas questões religiosas; certa vez chegou até a presentear-me com uma Bíblia em latim que encontrou não sei onde.

Jesús Arnal Pena I

Certa vez alguns camponeses de Monegro apareceram no quartel-general de Durruti. Vinham propor uma troca: açúcar e chocolate por sinos de igreja.

Durruti quase morreu de rir.

N. Ragacini

A calma na frente de combate permitia que Durruti se ocupasse com os problemas da retaguarda. No seu setor, o mais importante era a questão camponesa. No distrito de Los Monegros, ele conseguiu fundar uma grande propriedade rural coletiva em comum acordo com os camponeses. Como também houvesse falta de estradas vicinais de importância em toda a região, Durruti resolveu montar uma brigada de trabalho para a construção dessas vias. Para isso, separou os voluntários enviados à frente que não eram capacitados para o combate. Esta brigada também era encarregada de arar novas terras. Uma das estradas construídas partia da rodovia Lérida—Zaragoza, na aldeia de Pina de Ebro, ia até a isolada aldeia de Monegrillo e ainda hoje é chamada pelos habitantes da região de “estrada dos ciganos”. Isso porque Durruti encontrou alguns acampamentos desse povo nômade na sua zona de operação e conseguiu fazer com que ele se convencesse a colaborar na construção da estrada. O que para alguns parecia um milagre, os ciganos chamavam simplesmente “um castigo de Deus”.

Durruti ajudava os camponeses quando podia. Se caminhões e tratores da Coluna não estivessem sendo utilizados na linha de frente, ele os colocava à disposição para que fosse possível o cultivo de novas terras. Os veículos da Coluna levavam trigo e adubo, além de água para as cisternas, quando estas secavam.

Ricardo Sanz 3

Quando a Coluna Durruti avançou para Aragón, deu com um acampamento de ciganos. Famílias inteiras viviam a céu aberto. Isso era tanto mais desagradável na medida em que essas pessoas não se preocupavam com os deslocamentos das tropas e mudavam de posição a seu bel-prazer. Não está descartada a hipótese de que se deixaram usar como informantes de Franco. Durruti refletiu longamente sobre o problema e depois foi falar com eles:

— Em primeiro lugar, meus caros, vocês devem mudar de roupa e vestir o mesmo uniforme que a gente. — Os milicianos trajavam naquela época aventais e macacões de mecânico. Em

pleno calor de julho! Os ciganos não ficaram muito entusiasmados. — Vamos, tirem estes farrapos! O que trabalhadores vestem também deve ficar bem em vocês. — Os ciganos compreenderam que Durruti não estava para brincadeiras e se trocaram. Mas isso não bastava: — Agora que vocês têm roupas de trabalho, é hora de arregaçar as mangas. — Ouviram-se uivos e rangido de dentes! — Os camponeses daqui fundaram uma propriedade coletiva e decidiram construir uma estrada para que a aldeia tenha uma via de acesso à rodovia. Aqui estão as pás e as picaretas. Mãos à obra!

Nada mais restava aos ciganos senão obedecer. De tempos em tempos, Durruti passava por lá para observar como as coisas iam indo. Alegrou-se furtivamente por ter conseguido fazer com que os ciganos utilizassem suas forças em algum trabalho.

— O *seño*’ Durruti está aí! — cochichavam os ciganos, no seu acento andaluz, e elevavam as mãos para fazer a saudação antifascista: quer dizer, estendiam os punhos cerrados na direção de Durruti, que sabia muito bem o que o gesto significava.

Gastón Leval

UMA ÚLTIMA TENTATIVA

Por volta de setembro, o comitê regional da CNT convocou uma reunião em Bujaraloz, presenciada por militantes de Aragón e delegados das unidades e colunas anarquistas. Ficou decidido constituir um órgão diretivo no qual todos os partidos e organizações fossem representados. Este “conselho” deveria recuperar, unificar e desenvolver de forma racional a economia da região, arruinada pela guerra, opondo-se, desta maneira, ao domínio dos catalães em Aragón e protegendo a população contra os ataques das Milícias, que às vezes pareciam verdadeiros exércitos de ocupação e cujos abusos escapavam a qualquer espécie de controle.

Durruti interveio em favor da fundação do Conselho, que foi aprovado por ampla maioria. Com isso a CNT pretendia também trabalhar contra a propaganda dos marxistas (POUM e PSUC), que afirmavam que as propriedades de terra coletivas

eram ilegais. Joaquín Ascaso foi escolhido presidente do futuro governo revolucionário da província.

Imediatamente os anarquistas aragoneses começaram a negociar com os socialistas e os poucos republicanos da região. Os primeiros mostraram-se reticentes e até mesmo hostis à idéia, enquanto os outros concordaram em princípio, mas acharam melhor esperar um pouco. De qualquer forma a CNT decidiu fundar o Conselho, que se reuniu pela primeira vez no dia 15 de outubro de 1936, em Fraga.

Com isso, portanto, os anarquistas de Aragón tentaram fazer o que seus companheiros catalães sempre haviam evitado: a tomada total e incondicional do poder. Esta tentativa aconteceu apesar da devastação causada pela guerra, da presença armada do POUM, PSUC e dos contingentes nacionalistas catalães, apesar das possíveis repercussões no exterior, em detrimento do governo central de Madri e até mesmo contra a própria vontade da CNT, cujo comitê nacional não fora consultado nem instruído, mas colocado diante de um fato consumado.

Desta forma não é de espantar que o Conselho de Aragón se tenha tornado alvo de reprovação geral: republicanos, socialistas e comunistas condenaram-no como instrumento de uma ditadura anarquista disfarçada e reclamavam de tendências separatistas no seu interior. Até a direção da CNT reforçou o coro dos adversários.

O Conselho foi reconhecido posteriormente, em dezembro de 1936, após longas negociações com os governos de Barcelona e de Madri, embora tivesse que aceitar representantes de outros partidos, limitar seus poderes e respeitar a autoridade do Estado centralizado.

César Lorenzo

PROCLAMAÇÃO DO COMITÊ REGIONAL DE DEFESA DE ARAGÓN

Cada vez mais ouvimos as aldeias reclamando das diversas colunas e unidades. O Conselho de Aragón condena as ações irresponsáveis de certos grupos. Ele pretende impedir que o

camponês de Aragón comece a odiar seus irmãos antifascistas, a quem sempre ajudou com todas as forças. Não podemos suportar que os direitos de nosso povo continuem sendo pisados desta forma.

Muitos líderes de colunas de uma certa facção política entram em nosso território como se fossem combatentes de um exército de ocupação em terreno inimigo. Tentam impingir normas políticas e sociais que nos são completamente estranhas.

Comitês escolhidos pelo povo são simplesmente dissolvidos; homens que deram suas vidas pela Revolução são desarmados e ameaçados com castigos corporais, prisão e fuzilamento; novos comitês são criados de acordo com o credo daqueles que se apóiam no poder das armas; sem reflexão e controle, sem consideração para com as necessidades dos moradores, víveres, animais de abate e mercadorias de toda espécie são confiscados. Precisamos plantar, mas não temos mais sementes, adubo e máquinas. Desta forma nossas aldeias vão sendo sistematicamente arruinadas.

Por isso exigimos dos comandantes de todas as colunas:

1. que façam os pedidos de todas as mercadorias, animais de abate e máquinas diretamente a este comitê de defesa, que os providenciará segundo a disponibilidade, e proibam energicamente todas as requisições por conta própria, a não ser que a posição estratégica não permita adiamento;

2. que impeçam qualquer intromissão das colunas antifascistas na vida política e social de um povo que é, por natureza, livre.

Aos moradores e aos comitês de aldeias, fazemos saber:

1. que não devem entregar as armas guardadas nos depósitos sem autorização do Conselho de Defesa e que não devem permitir, em hipótese alguma, a destituição dos comitês existentes, até que o Conselho decida sobre uma nova formação deles;

2. que não devem aceitar nenhuma requisição sem a rubrica do Conselho de Aragón, a não ser em caso especialmente

urgente, quando o comandante da coluna assumir a responsabilidade por ela;

3. que comuniquem imediatamente qualquer violação destas ordens e anexem os nomes dos responsáveis no comunicado.

Esperamos que todos, sem exceção, sigam à risca estas orientações e exigências. Só assim poderemos impedir que cheguemos ao triste paradoxo em que um povo livre comece a menosprezar a liberdade e seus libertadores, e ao caso não menos triste de um povo completamente arruinado pela Revolução com que tanto sonhou.

Em nome do Comitê Regional de Defesa de Aragón.

O presidente: Joaquín Ascaso.

Fraga, outubro de 1936.

José Peirats 2



Durruti como aprendiz (segunda fila, centro). Provavelmente na oficina de Antonio Mija, em León (por volta de 1912)



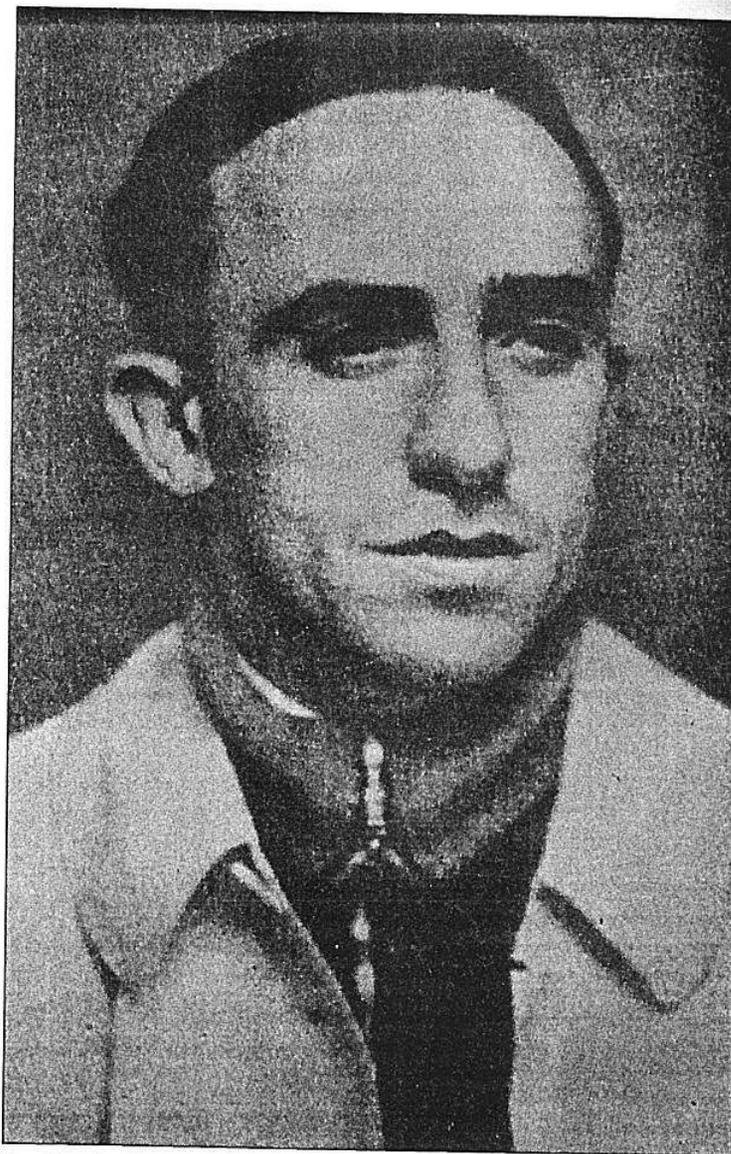
A greve geral de 1917. Intervenção da Guardia Civil em León

Em cima: Anastasia, mãe de Durruti
Embaixo: Santiago, pai de Durruti



Um piquenique no outono (1923)

Em cima: Primeiro exílio na França: 1918 em Vals-les-Bains (Ardèche)
Embaixo: Três trabalhadores espanhóis no estrangeiro. À esquerda, Durruti



Francisco Ascaso

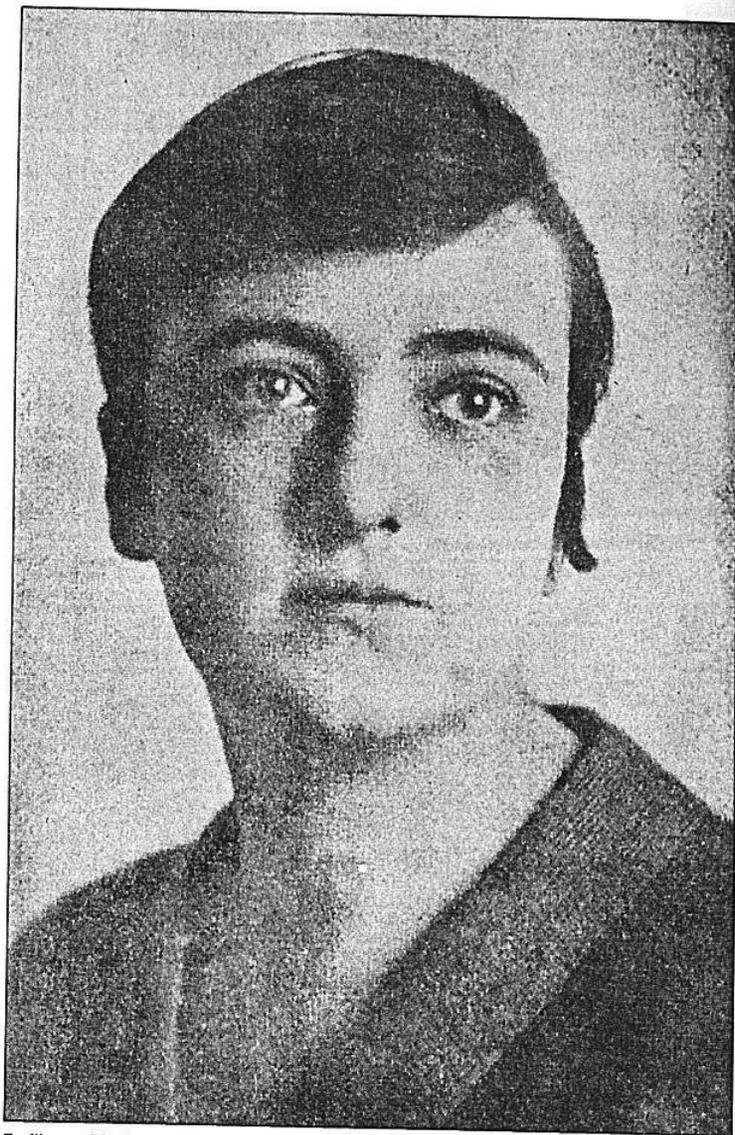


Afonso XIII, rei de Espanha



Cinco anarquistas na prisão de Puerto Santa María (1933). A foto é uma montagem

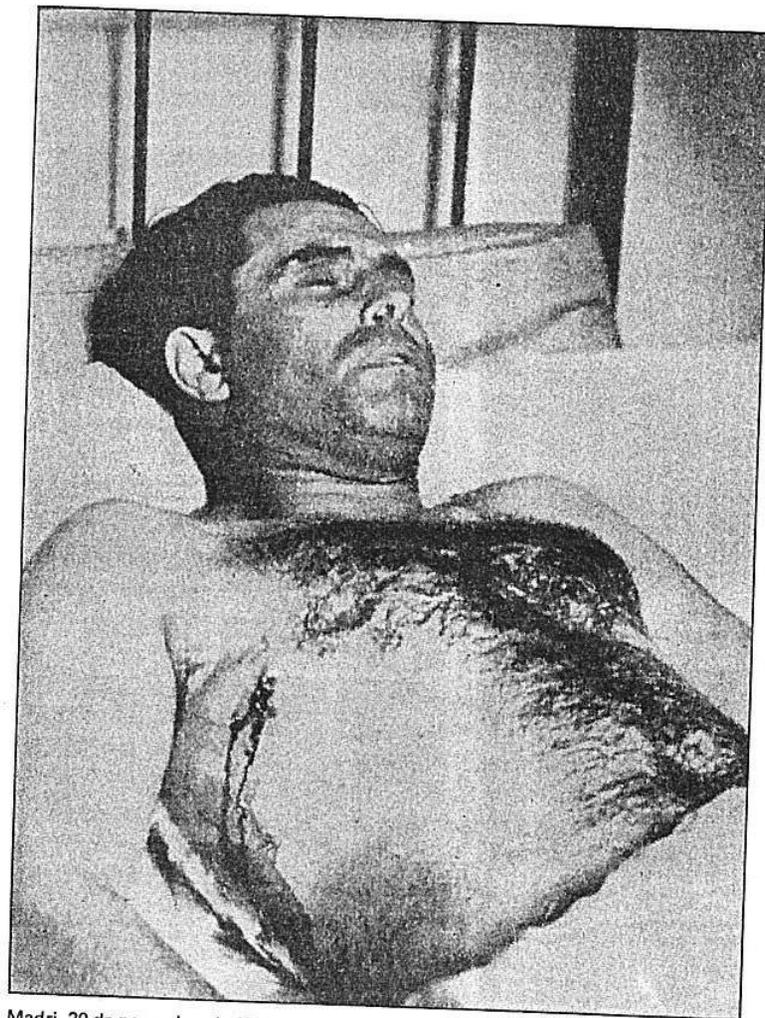
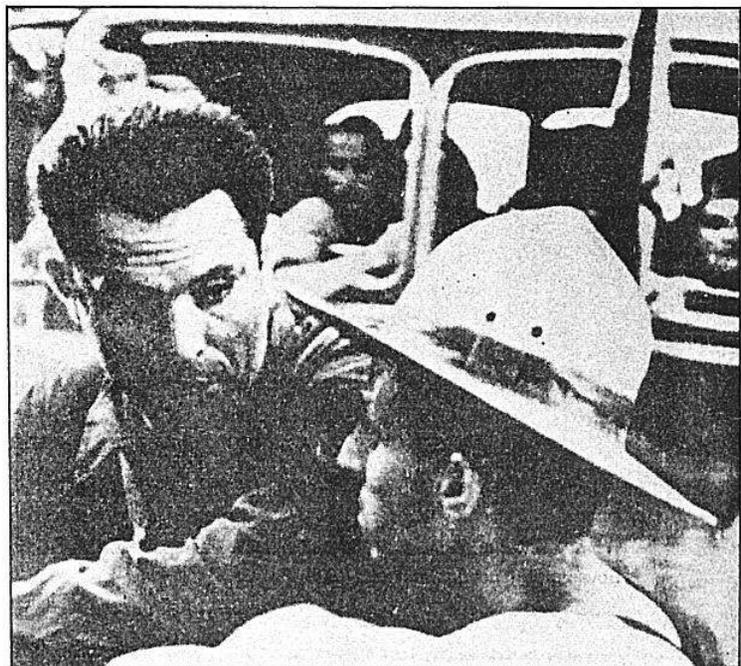
Em cima: Ascaso, Durruti e Jover no tribunal (Paris, 1926)
Embaixo: Juan García Oliver



Emilienne Morin, mulher de Durruti (por volta de 1928)

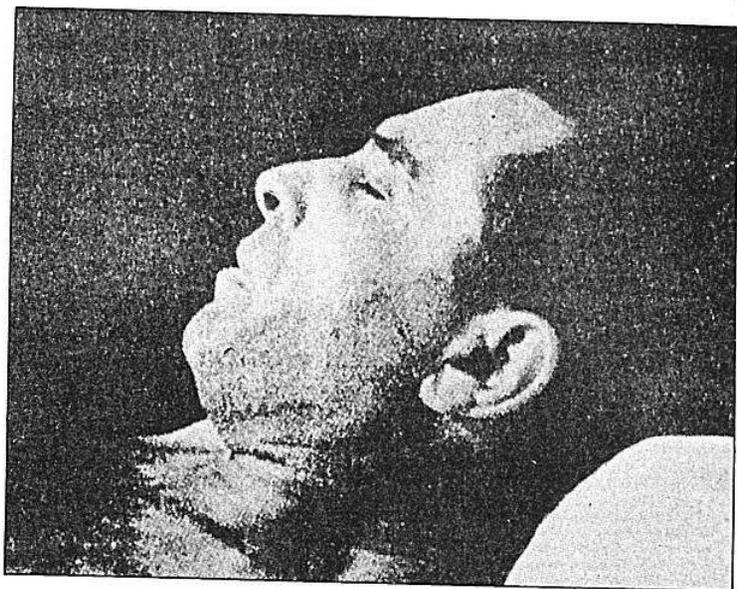


Luis Companys Jover, presidente da Catalunha (1936)



Madrid, 20 de novembro de 1936. Hospital militar no Hotel Ritz

Em cima: na Frente de Aragón (1936)
Embaixo: Madrid, outono de 1936



Um documento da lenda de Durruti: estampa de uma cédula de El Toro, início de 1937

Em cima: Durruti no leito mortuário
Milicianos da CNT-FAI guardam o corpo de Durruti



Cartaz de propaganda da CNT-FAI (1937)

QUINTO COMENTÁRIO DO INIMIGO

Onde está o inimigo? Nesta história ele sempre emerge à margem do campo visual: uma mancha na janela, atrás de uma metralhadora; uma sombra além das barricadas, um velho num escritório, uma silhueta numa trincheira. Ele permanece quase sempre anônimo, mas ao mesmo tempo é onipresente. Não se trata de uma suposição ilusória. Revolução e guerra são duas coisas diferentes. Para quem deseja não apenas vencer um inimigo militar, mas também transformar a sociedade em que vive, não há uma linha demarcatória nítida que o faça distinguir o amigo do inimigo.

A Revolução Espanhola não tinha que lidar apenas com Franco e seu bando de generais fascistas. Desde o primeiro dia os inimigos da Revolução operavam também no terreno da própria Revolução. Em julho de 1936 os anarquistas viram-se forçados a uma coalizão com inimigos mortais. A inconsistência desta ligação era palpável. A CNT-FAI combatia os fascistas lado a lado com os restos de um Exército e de uma polícia que há pouco tempo ainda organizavam batidas contra ela. No palácio do governo, Louis Companys sentava-se diante de homens que manteve encarcerados durante anos. Durante toda a Guerra Civil, a República espanhola alardeou o tema da legitimidade e da fidelidade à Constituição: fazia-se a divisão entre os "rebeldes" (com o que se designavam os generais golpistas) e os "legalistas", ou seja, os defensores da República. No entanto,

para a principal força da resistência, os anarquistas, não havia nada mais estranho do que a lealdade a um Estado que desprezavam profundamente e que sempre tinham combatido com todas as suas forças. O confronto armado só significava uma guerra de defesa para os verdadeiros "republicanos", ou seja, os partidos burgueses de centro e seus coligados, os social-democratas. Contra as pretensões fascistas, republicanos e social-democratas queriam manter o status quo anterior, o poder de Estado em suas mãos e com isso a forma de dominação de classes pela qual eram responsáveis. Para afirmar este estado de coisas não tinham o menor pudor em contrair compromissos, arranjos com o inimigo. Para a CNT-FAI, ao contrário, enquanto vanguarda organizada dos trabalhadores da cidade e do campo, interessava limpar a mesa do jogo. Sua luta era ofensiva; sua meta, uma nova sociedade. Para este objetivo, o Estado da pequena burguesia e de seus partidos, fraco e comprovadamente inviável, precisava ser tirado do caminho. Fiéis a seus princípios, os anarquistas tinham em vista abolir qualquer forma de Estado e erigir na Espanha o reino da liberdade. Neste intento não poderiam contar, naturalmente, com o pequeno Partido Comunista, que desde o início pusera-se resolutamente do lado dos republicanos burgueses. As contradições no próprio terreno não permitiam conciliação: a guerra civil dentro da Guerra Civil era uma ameaça constante. Em contrapartida, Franco conseguiu disfarçar e reprimir as oposições no seu lado (Junta Militar e Falange, partidários dos Bourbon e carlistas). Exteriormente nascia a imagem de uma unidade monolítica: "Um Estado. Um país. Um caudilho".

Os generais achavam impossível que o povo empreendesse uma luta contra eles. Sua confiança fundava-se na superioridade material do Exército. Qualquer contagem do número de tropas e dos recursos econômicos, das armas e munições, dos aviões e tanques levaria inevitavelmente à conclusão de que a resistência a Franco era inútil. Mas qualquer Revolução tem que contar com um inimigo militarmente superior. O povo que se decide a uma tomada de poder pela força sempre terá diante de si um Exército incomparavelmente melhor preparado e equi-

pado. Não haverá a menor chance enquanto as tropas permanecerem "confiáveis" e obedecerem a seus superiores. Para o desenlace da Revolução, a força política dos revolucionários é decisiva. "Não resta a menor dúvida de que o destino de toda revolução é decidido numa determinada etapa, através da mudança no ânimo do Exército", diz Trótski em sua História da Revolução Russa. "Em sua maioria, os soldados são capazes tanto de apontar as baionetas contra o povo como passar para o seu lado com elas, dependendo de quanto estejam convencidos de que os revoltosos realmente se rebelaram; de que não se trata apenas de uma manifestação, depois da qual terão que voltar para os quartéis e justificar-se; de que é uma luta de vida ou morte; e, por fim, de que o povo está em condições de vencer se passar para o seu lado."

Disso decorre que a vitória de Franco não pode ser explicada, ou inteiramente explicada, tão-somente por sua superioridade material, pelo apoio de potências estrangeiras e pelo medo, pela repressão, dentro da própria Espanha. O fascismo também colocou em jogo motivos de forte teor ideológico. O papel desempenhado por este fator na derrota da Revolução Espanhola é freqüentemente negligenciado; no entanto, é preciso tê-lo na mira.

A plataforma ideológica dos anarquistas era simples, quase primária, compreensível à primeira vista por todo aquele que vivia de seu próprio trabalho, mas também racional na medida em que passava uma revisão na práxis. Na verdade ela não só permitia mas até provocava a emissão de um juízo imediato, feito do modo mais ingênuo possível. Os anarquistas sempre estiveram muito longe do tradicional cuidado dos marxistas, preocupados com os incontáveis e insondáveis períodos de transformação. Sua confiança incondicional, a imediatez com que prometiam o salto para o reino da liberdade, fortalece-os e dá asas à imaginação de seus seguidores, isto é, enquanto a prova não sai da fase dos exemplos. Mas ela se mostra politicamente fraca tão logo a Revolução alcança suas primeiras vitórias e defronta-se com as inúmeras dificuldades de efetivar algum projeto. A confiança das massas transforma-se em des-

moralização se as grandes promessas não podem ser cumpridas, se a práxis falseia a ideologia.

Com isso a própria firmeza em relação aos princípios recai como problema sobre os anarquistas. Os líderes da CNT-FAI não eram corruptos: qualquer um podia ver isso. A maioria eram trabalhadores que não recebiam nada da organização. Estavam para além da suspeita de serem pelegos, conchavadores ou burocratas. Mas o imperativo moral incondicional que impunham a si próprios e a seu movimento contribuiu para a sua desgraça: este imperativo recaiu sobre eles como uma dúvida corrosiva, como uma hesitação escrupulosa, tão logo lhes foi exigido o primeiro passo tático na direção do poder. Eles não tinham nascido para os problemas da política de alianças e então se perderam no descompromissado jogo do "ou isso ou aquilo" de sua própria ideologia.

As promessas do fascismo, ao contrário, estavam desde o início para além de toda práxis possível. Qualquer confronto com a realidade social era descartado de antemão: não se pode determinar racionalmente o que a Honra ordena à Nação espanhola, e muito menos quais são os desejos da Virgem Maria. O céu não costuma contradizer os que fazem usufruto de sua ideologia. Quanto mais transcendentos os valores pregados por uma ideologia, tanto maior é, em geral, a falta de escrúpulos de seus defensores. O cristianismo de Franco era e ainda é o pseudônimo para poder armado e fonte de rendas. Seu nacionalismo se manifestava no fato de ele ter internacionalizado a Guerra Civil e colocado os mercenários mouros contra o povo espanhol. Com a palavra "tradição" promovia a modernização terrorista do país com os recursos do fascismo e chamava de "ordem e lei" o aniquilamento de todas as normas e idéias jurídicas.

A total irracionalidade das palavras de ordem foi benéfica para o fascínio ideológico do fascismo. Na Espanha, como antes na Itália e na Alemanha, ele mobilizava forças inconscientes de cuja existência a esquerda não tinha nenhuma idéia: medos e ressentimentos, vivos também na classe trabalhadora. Os anarquistas prometiam (mas não podiam realizar) um mundo inteiramente laico, mundo futuro onde Estado e Igreja, família

e propriedade cessariam de existir. Ora, estas instituições não eram apenas objeto de ódio, mas também se confiava nelas, e o futuro da anarquia despertava não só nostalgia como também medos obscuros de pulsões elementares. O fascismo, ao contrário, oferecia o passado como o burgo de refúgio — um passado que naturalmente nunca existiu. O ódio ao mundo moderno (mundo esse tão mal-recebido na Espanha desde o Iluminismo) podia entrincheirar-se numa Idade Média fictícia, e a identidade ameaçada podia aferrar-se às grades institucionais do Estado autoritário.

Os teóricos anarquistas não estavam em condições de compreender estes mecanismos. Seu horizonte ia só até a próxima barricada. Eles entendiam a estrutura interna do fascismo tão mal quanto o jogo de forças internacionais com o qual ele operava. Embora falassem na revolução mundial desde os tempos de Bakunin e se sentissem internacionalistas, foi com perplexidade e amargura que perceberam como as democracias ocidentais encenavam a comédia da não-intervenção, em comum acordo com Mussolini e Hitler. Também tinham lido a respeito da organização internacional do capital em seus panfletos, mas não estavam preparados para as conseqüências: ao contrário, pode-se dizer que eles próprios sofriam, até certo ponto, de uma mistificação nacional. Afinal, suas experiências de luta ficaram restritas, durante décadas, à aldeia, à fábrica e ao bairro que conheciam. A forma de organização extremamente descentralizada que eles se impunham lhes proporcionava freqüentemente vantagens compradas a custo de uma diminuição sensível do campo visual. Os anarquistas tiveram que assistir, imobilizados, ao jogo da política soviética, que de há muito aprendera a calcular em escala mundial. A ajuda em armas da União Soviética à Espanha republicana era proporcionalmente pequena, embora de extrema importância em alguns momentos. O preço exigido e pago em troca era astronômico. A influência do Partido Comunista aumentava dia a dia, embora jamais tivesse antes lançado raízes no proletariado espanhol. Comissários e agentes soviéticos surgiam em Madri, Valencia e Barcelona e assumiam "cargos de conselheiros" no aparelho

militar e policial. Stálin agia com a Revolução Espanhola como se fosse uma peça de xadrez: transformou-a em objeto da política externa russa. Atrapalhados, os anarquistas tiveram que enfrentar um internacionalismo que não se encontrava nos livros. Quando o compreenderam, já era tarde demais. A CNT-FAI estava com as costas na parede não só sob o ponto de vista militar, mas também sob o ponto de vista político: para uma revolução, é o começo do fim quando ela se deixa desarmar ideologicamente e tem que passar para a defensiva.

AS MILÍCIAS

UM FANTÁSTICO LIVRO ILUSTRADO

A Milícia é o que mais chama a atenção do estrangeiro que vem hoje à Catalunha. Com suas diferentes insígnias e variados uniformes, ela está em toda parte. Juntos, homens e mulheres da Milícia dariam um fantástico livro ilustrado. Cada um tem um aspecto diferente: a monotonia dos exércitos regulares desapareceu. A Milícia parece um enxame dos tipos mais irregulares e multicoloridos.

Seria impossível alcançar uma descrição perfeita da formação e da estrutura da Milícia. Quanto ao antigo Exército espanhol, na Catalunha só restaram a Força Aérea e um número infinitamente pequeno de unidades leais à República. Os regimentos que se puseram contra o povo foram dissolvidos e os soldados mandados de volta para casa. Pouquíssimos eram os oficiais que haviam permanecido leais e que, portanto, podiam ser utilizados na luta contra o fascismo.

A solução era utilizar as diversas tropas da polícia que, em grande parte, foram enviadas à frente. Todavia, a Revolução apoiou-se principalmente nos voluntários. Os sindicatos, os partidos, as organizações dos trabalhadores, o governo, cada um destes órgãos organizava suas próprias colunas. As sedes dos sindicatos e escritórios dos partidos transformaram-se em

postos de apresentação de voluntários. Muitos tiveram que ser recusados. As primeiras colunas partiam lotando caminhões e ônibus em direção ao inimigo. Ninguém sabia onde ele estava, pois não havia ainda nenhum *front*, e só depois de transcorridas vinte e quatro horas foi que alguém se lembrou de que não havia nem munição nem provisões. O material foi enviado posteriormente, em caminhões.

Poucos eram os milicianos com instrução militar, e a maioria estava insuficientemente armada. Muitos carregavam consigo apenas suas pistolas. Os cartuchos ficavam no próprio cinto da calça. Equipamentos para marcha, então, nem se fala: muitos milicianos calçavam sandálias. O clássico boné militar espanhol de duas pontas só apareceria mais tarde: rubro-negro para os anarquistas, vermelho para os socialistas e comunistas, azul para a Esquerda catalã. O macacão azul de mecânico tornou-se também uma espécie de uniforme.

Os postos de oficial, se é que se podia chamá-los assim, eram ocupados pelos líderes dos grupos políticos, líderes aos quais os proletários armados devotavam a mesma confiança de antes, nas greves e assembléias. Naturalmente também faltava instrução militar a estes oficiais: eles não conheciam sequer o ABC da estratégia. A arte de construir trincheiras e cercas de arame farpado, de atirar granadas de mão e procurar abrigo só foi aprendida pelas Milícias no decorrer da campanha. Os instrutores eram geralmente revolucionários estrangeiros com experiência na Primeira Guerra. Em número sempre crescente, estes revolucionários estrangeiros vinham à Espanha para lutar contra o fascismo e pela Revolução internacional.

No início não havia qualquer espécie de estratégia para as operações militares. Os trabalhadores só tinham intimidade com a guerrilha de rua e a tática de barricadas. Só com o tempo aprenderam que um monte de pedras não oferece nenhuma proteção contra armas modernas. Assim, só se sentiam em seu elemento natural quando se tratava da defesa de um povoado, principalmente de uma aldeia aliada. A experiência não lhes mostrara ainda a necessidade de deslocar tropas e desenvolver uma tática móvel.

Não havia quartel-general, postos de comando ou linhas de radiotransmissão. Cada coluna cuidava de sua própria infra-estrutura. Quando precisava de munição ou provisões, enviava delegados a Barcelona para providenciar o material.

Não é difícil supor que no início essas tropas cometeram todo tipo de erro: ataques noturnos iniciados com vivas à Revolução, canhões posicionados geralmente na primeira linha da infantaria etc. Muitas vezes aconteciam incidentes grotescos. Um miliciano contou-me como certa vez toda uma unidade foi ao vinhedo mais próximo chupar uvas depois de ter almoçado: quando os soldados voltaram, o acampamento estava ocupado pelo inimigo. Apesar disso tudo, este exército de voluntários ainda deteve as tropas fascistas, cujo núcleo era o Exército regular da Espanha, e conseguiu conquistar metade de Aragón.

H. E. Kaminski

Os primeiros voluntários chegaram, no início de agosto, da França. Eram anarquistas franceses e italianos que vinham a Barcelona através dos Pirineus para participar da luta contra o fascismo internacional. Inscreviam-se nas unidades espanholas que combatiam na Frente de Aragón. Logo depois foram seguidos por contingentes ainda maiores de antifascistas italianos de todas as tendências políticas: anarquistas, sindicalistas, socialistas e liberais. Estes voluntários italianos fundaram a Brigada Garibaldi, de extrema importância na luta por Huesca. Inúmeros anarquistas e socialistas liberais italianos perderam suas vidas neste combate. Em setembro de 1936, voluntários estrangeiros formaram a Coluna Sacco e Vanzetti, que se juntou às unidades sob o comando de Durruti. O número total de milicianos internacionais dificilmente seria superior a três mil, e pouquíssimos entre eles eram conhecidos no exterior. Também não tinham nenhum vínculo com as brigadas internacionais organizadas pelos comunistas.

De resto, os anarco-sindicalistas não tinham o menor interesse em atrair combatentes estrangeiros para o país: não havia necessidade de contingente, pois os sindicatos anarquistas já recrutavam número suficiente. O mesmo ocorria com a UGT

socialista. As duas centrais sindicais precisavam apenas de armas.

A situação do Partido Comunista era diferente. Os comunistas tinham tão poucos adeptos na Espanha que mal conseguiram formar duas ou três colunas em todo o país. Por isso, tinham interesse em aumentar suas unidades e, assim, sua influência, com o auxílio dos partidos comunistas no exterior.

Nos três primeiros meses que se seguiram ao 19 de Julho, toda a Catalunha se encontrava nas mãos dos anarco-sindicalistas, e a fronteira entre Catalunha e França era vigiada pela FAI. Os homens da FAI deixavam entrar com facilidade os seus companheiros de ideologia estrangeiros, mas punham empecilhos para abrir as fronteiras aos inúmeros militantes comunistas. No entanto, a ordem do organizador da Milícia Antifascista da Catalunha, o anarquista García Oliver (posteriormente ministro da Justiça no governo Largo Caballero), havia sido a de fechar completamente as fronteiras para quaisquer voluntários estrangeiros.

Augustin Souchy 2

A DISCIPLINA

Nas Milícias, pressão e disciplina são quase sempre supérfluas. Todos sabem por que lutam. Não se trata, como nas guerras imperialistas, de um inimigo desconhecido e, por assim dizer, objetivo, mas de um adversário que trabalhadores e camponeses conhecem e odeiam. Além disso, eles sabem também que os fascistas não poupam nem feridos nem prisioneiros, que não há possibilidade de rendição ou acordo. Para este exército político, a Guerra Civil não é uma defesa de valores abstratos, a conquista imperialista de províncias, de colônias ou rotas comerciais, mas a defesa da vida de cada cidadão.

Para o inimigo, quer dizer, para os militares, os membros de organizações fascistas e os capitalistas, não há perdão. A maioria dos soldados feitos prisioneiros, no entanto, sai ileso, pois se considera a seu favor o fato de terem sido usados e forçados a servir. Via de regra, isso é verdade. Não raro falangistas

e oficiais inimigos têm de se posicionar armados atrás de suas próprias tropas para obrigá-las a atacar. E ainda assim todo dia aparecem desertores e trãsufugas dizendo que desejam combater nas fileiras da Milícia. É por isso que a propaganda desempenha um papel muito importante, mesmo e talvez principalmente na linha de frente.

A Guerra Civil tem leis próprias.

H. E. Kaminski

No outono parti de Barcelona com a famosa anarquista Emma Goldmann em direção à frente de combate onde estava Durruti. Naquela altura, cerca de nove mil homens estavam sob seu comando: ele era, por assim dizer, um general anarquista, embora a palavra "general" não o agradasse. Ele nos dizia:

— Fui anarquista durante toda a minha vida, e agora tenho que forçar meus homens a ser disciplinados usando de força? Jamais farei isso. Sei que a disciplina é necessária na guerra, mas deve ser uma disciplina interior, que se origine do objetivo pelo qual se combate.

E por isso Durruti se diferenciava de todos os generais do mundo. Ele vivia com seus homens, dormia sobre a mesma palha, tinha as mesmas botas de cânhamo e comia a mesma comida. Seus soldados diziam: ele é um de nós. Um comandante de tropas saído da academia militar jamais teria conseguido chefiar toda uma divisão sem linha dura. Mas a diferença estava no fato de que Durruti não era um oficial de carreira, e sim um mecânico.

Augustin Souchy 1

Um grupo de jovens milicianos sob o comando de Durruti fugiu da Coluna, tentando regressar a Barcelona. Durruti os encontrou no meio do caminho, parou o carro, desceu e foi ao encontro deles com a pistola na mão. Colocou-os com o rosto contra um muro. Outro miliciano, que casualmente estava por ali, pediu-lhe um par de sapatos.

— Dê uma olhada nos que eles estão calçando. Se algum par servir, pode pegar. Para que vamos enterrar também os sapatos? Para apodrecerem?

Naturalmente Durruti não executou os desertores. Ele costumava dizer:

— Ninguém é obrigado a ficar. Se tiver medo, pode ir embora.

Mas na maioria das vezes bastavam algumas palavras aos que pretendiam voltar para casa e eles logo lhe pediam para que os deixasse permanecer na linha de frente.

España Libre

*O EXEMPLO SOVIÉTICO:
DUAS VERSÕES DE UMA CARTA*

CNT-FAI. Milícias Antifascistas. Coluna Durruti. Comando Geral.

Ao proletariado da União Soviética.

Companheiros: aproveito esta oportunidade para enviar-lhes cordiais saudações daqui da Frente de Aragón, onde milhares de irmãos, tal como vocês há vinte anos, lutam pela libertação de nossa classe, tão oprimida e humilhada durante séculos. Há vinte anos os trabalhadores da Rússia hastearam no Oriente a bandeira vermelha, símbolo da fraternidade operária. Naquela época, vocês puseram suas esperanças na classe trabalhadora internacional, na expectativa de que ela viesse ajudá-los na grande obra que estavam começando a realizar. Os companheiros de todo o mundo não traíram, mas prestaram sua ajuda na medida do possível.

Hoje está nascendo uma Revolução no Ocidente e está sendo novamente desfraldada a bandeira de nosso vitorioso ideal. A fraternidade unifica nossos dois povos oprimidos durante tanto tempo, um pelo tzarismo e outro por uma Monarquia despótica. A vocês, trabalhadores da URSS, confiamos a defesa de nossa Revolução; e não aos políticos que se denominam antifascistas e democratas. Só acreditamos em nossos irmãos de classe. Só os trabalhadores podem defender a Revolu-

ção Espanhola da mesma forma como se engajaram há vinte anos pela Revolução Russa.

Podem confiar em nós: somos trabalhadores como vocês. Jamais negaremos, sob hipótese alguma, nossos princípios e não envergonharemos os símbolos do proletariado, que também são nossos instrumentos de trabalho: a foice e o martelo.

Saudações de todos os que, com armas em punho, lutam contra o fascismo na Frente de Aragón.

Companheiro B. Durruti

Osera, 22 de outubro de 1936.

Buenaventura Durruti 3

Aos trabalhadores russos:

Inúmeros revolucionários internacionalistas que têm sentimentos e pensamentos próximos dos nossos moram atualmente na Rússia. Mas eles não são livres. Estão confinados em celas isoladas, prisões políticas e colônias penais. Muitos dentre eles pediram expressamente para ser libertados na Espanha a fim de combater nosso inimigo comum aqui, na linha de frente. O proletariado espanhol não tem idéia da causa da prisão destes companheiros. Tampouco entendemos por que os reforços e as armas que a Rússia quer enviar à Espanha tornaram-se objeto de um acordo político pelo qual os revolucionários espanhóis devem renunciar à sua liberdade de ação.

A Revolução Espanhola precisa trilhar um caminho diferente da Russa. Ela não pode desenvolver-se seguindo a palavra de ordem "Um partido no poder, todos os outros na cadeia". Ao contrário, a única palavra de ordem que poderá proporcionar a vitória à Revolução é a que não rebaixe a luta na Frente de Aragón a uma mera farsa. Esta palavra de ordem é: "Todas as facções! Avante na luta contra o inimigo comum! O povo deve decidir que regime deseja!".

Buenaventura Durruti 5

14 de agosto de 1936.

Bujaraloz está toda enfeitada com bandeiras rubro-negras e a cada passo encontram-se ordens com a assinatura de Dur-

ruti. Algumas vezes são simplesmente cartazes: "Durruti ordenou...". A praça do mercado chama-se Praça Durruti. O líder e seu comando estão instalados na pequena casa de um vigilante rodoviário à beira da rodovia, distante apenas dois quilômetros do inimigo. Não se pode dizer que isto seja prudente, mas todos aqui padecem, no momento, da mania de dar demonstrações de valentia. "Morrer ou vencer", "Morrer, mas conquistar Zaragoza", "Morrer, mas coberto de glória": palavras de ordem como estas podem ser lidas em bandeiras, cartazes e panfletos.

O famoso anarquista estava um pouco distraído no princípio, mas ficou logo interessado assim que leu as palavras "Moscou, Pravda" na carta de Oliver. Começou imediatamente a fazer um discurso enérgico e polêmico, em plena rodovia, para seus soldados, com o intuito de prender-lhes a atenção. Suas palavras eram carregadas de uma paixão sombria, fanática.

— É possível que apenas algumas centenas de nós sobrevivam, mas estes sobreviventes entrarão marchando em Zaragoza, aniquilarão o fascismo, desfraldarão a bandeira dos anarco-sindicalistas e proclamarão o comunismo libertário. Quero ser o primeiro a entrar em Zaragoza e proclamá-la comuna livre. Não vamos nos subordinar nem a Madri, nem a Barcelona, nem a Azaña e Giral, e muito menos a Companys e Casanovas. Se eles quiserem, poderão conviver em paz conosco; se não quiserem, marcharemos para Madri... Vamos mostrar a vocês, bolcheviques russos e espanhóis, como se faz a revolução e como ela deve ser levada até o fim. Na Rússia, o que vocês têm é uma ditadura e os Exércitos Vermelhos estão cheios de coronéis e generais. Na minha Coluna não há comandantes nem subordinados: todos nós temos os mesmos direitos, pois todos somos soldados. Também eu sou apenas soldado.

Ele está vestindo um macacão de linho azul e um boné rubro-negro de cetim. É alto, de porte atlético. Uma bela cabeça levemente grisalha. Durruti exerce uma atração dominante sobre os circundantes, mas nos seus olhos há um sentimento bastante acentuado, algo quase feminino: ele olha como

um animal mortalmente ferido. Tenho a impressão de que lhe falta coragem.

— Aqui ninguém serve por dever ou disciplina. Todos estão neste lugar unicamente porque querem lutar, porque estão dispostos a morrer pela liberdade. Ontem dois homens vieram me pedir uma licença para visitar seus parentes em Barcelona. Tirei-lhes os fuzis e os mandei embora. De gente assim eu não preciso. Depois disso um deles disse que tinha refletido melhor e que queria ficar. Não o aceitei de volta. Agirei assim com todo mundo, nem que me sobre uma única dúzia de homens! É assim que tem de ser constituído um exército revolucionário, e não de outra forma. A população comprometeu-se a nos ajudar, e nós, a lutarmos contra toda e qualquer forma de ditadura, pela liberdade de todos! Quem não nos ajudar terá que ser morto. Destruiremos todos os que nos bloqueiam o caminho para a liberdade! Ontem dissolvi o conselho da aldeia de Bujaraloz porque ele não dava apoio à guerra e com isso impedia o caminho para a liberdade.

— Mesmo assim, isso cheira a ditadura — disse eu. — Quando os bolcheviques, durante a Guerra Civil, dissolviam ocasionalmente alguma organização do povo fundada pelo inimigo, eram acusados de ditadores. Mas nós não nos entrincheirávamos atrás de palavras sobre a liberdade de todos. Nunca negamos a ditadura do proletariado, mas a declarávamos abertamente. A questão é, então: o que será de seu exército sem comandantes, sem disciplina e sem obediência? Ou o senhor não pensa seriamente em combater e está sendo hipócrita, ou então há aqui alguma hierarquia, só que com outro nome.

— Temos a indisciplina organizada. Cada um é responsável perante si mesmo e perante a coletividade. Covardes e saqueadores são fuzilados. Eles são julgados pelo Comitê.

— Isso não acrescenta nada. De quem é aquele carro?

Todos voltaram a cabeça para onde eu apontava. No pátio, próximo à rodovia, estavam estacionados uns quinze automóveis completamente arrebentados, Fords e Adlers desfigurados. Entre eles, um luxuoso conversível Hispano-Suiza, metálico, com estofado de couro.

— É meu — afirmou Durruti. — Tive que arranjar um que fosse veloz para poder chegar rapidamente a qualquer parte da linha de frente.

— Muito bem — respondi. — O comandante deve possuir um carro melhor, se possível. Seria ridículo se um soldado qualquer andasse neste carro e o senhor tivesse que ir a pé ou aborrecendo-se com a lentidão de um Ford velho. De resto, vi suas ordens afixadas em todos os cantos de Bujaraloz. Todas elas começam com as palavras: “Durruti ordenou...”.

— É verdade. Mas alguém tem que dar ordens — ele respondeu, sorrindo. — É a expressão da iniciativa, a utilização da autoridade que tenho sobre as massas. Isso pode naturalmente não agradar aos comunistas... — Dizendo isso, olhou de soslaio para Trueba, que havia permanecido o tempo todo ali ao lado.

— Os comunistas nunca negaram o valor de personalidades e autoridades individuais. A autoridade pessoal não impede de forma alguma o movimento de massas, mas, ao contrário, até serve como elemento aglutinador, fazendo com que ele se fortaleça. O senhor é o comandante: não fique fazendo o papel de soldado raso, pois isso não traz nada de bom nem eleva a força combativa das tropas.

— Com nossa morte — prosseguiu Durruti — mostraremos à Rússia e a todo o mundo o que significa verdadeiramente a anarquia e quem são os anarquistas ibéricos.

— Não se prova nada com a morte — declarei. — É com a vitória que se prova alguma coisa. O povo soviético deseja de coração a vitória do povo espanhol, ou seja, quer profundamente esta vitória, tanto dos trabalhadores e dirigentes anarquistas quanto dos comunistas e combatentes antifascistas.

Durruti voltou-se para a multidão que nos cercava e gritou, agora não mais em francês, como estávamos conversando, mas em espanhol:

— Este companheiro veio até nós, combatentes da CNT e da FAI, para transmitir a saudação calorosa do proletariado

russo e seus votos de vitória sobre os capitalistas. Viva a CNT e a FAI! Viva o comunismo libertário!

Mikhail Koltsov

A MILITARIZAÇÃO

No dia 1º de agosto, o governo central em Madri anunciou a mobilização dos reservistas dos anos 1933 e 1935. A Generalitat havia dado seu aval à convocação. Imediatamente a Catalunha, ou melhor, a única força política relevante na Catalunha foi contra a decisão do governo: a CNT recusou-se a dar apoio à formação de um exército regular e uniformizado, baseado na forma tradicional de hierarquia. No dia 4 de agosto, dez mil jovens e soldados reuniram-se no Teatro Olympia, anunciando que não seguiriam as ordens das autoridades militares: “Entraremos para as Milícias e iremos para a linha de frente. Mas não seremos soldados servindo nos quartéis. Não nos curvaremos a nenhuma disciplina ou ordem que não emane do povo armado”.

Stephen John Brademas

No dia 4 de setembro, o novo chefe do governo, o socialista Largo Caballero, esclarecia à imprensa estrangeira:

— Primeiro precisamos vencer a guerra; depois ainda haverá tempo para falar da Revolução.

No dia 27 de setembro, o governo catalão sofria mudanças. Ele passava a se chamar Conselho da Generalitat. Na nota explicativa, afirmava-se: “Concentraremos todos os nossos esforços na guerra e faremos tudo para que não falem recursos para que seu final vitorioso ocorra o mais rápido possível. Por isso estabeleceremos: comando de guerra unificado, coordenação de todas as unidades combatentes, formação de Milícias com base no serviço militar obrigatório e maior exigência de disciplina”.

Com a formação do Conselho da Generalitat foi dissolvido o Comitê Central das Milícias Antifascistas.

— A partir de hoje não precisaremos mais do Comitê. Estaremos representados na própria Generalitat — disse García Oliver.

Os motivos para esta mudança de curso foram explicados depois da guerra por Santillán:

— Sabíamos que sem vencer a guerra não haveria vitória da Revolução. Por isso sacrificamos tudo, até a própria Revolução, à guerra, sem perceber que com isso sacrificávamos também os objetivos da guerra... O Comitê das Milícias garantia a autonomia da Catalunha, a legitimidade da guerra e a ressurreição da verdadeira Espanha. Mas diziam-nos e repetiam-nos incansavelmente: enquanto vocês continuarem a apoiar a soberania popular, não enviaremos armas à Catalunha, não daremos dinheiro para que as comprem no exterior e não enviaremos mais matéria-prima para suas indústrias... Por isso deixamos o Comitê das Milícias desabar e entramos no governo da Generalitat. Assumimos o Ministério da Defesa e outros, menos importantes, só para não perdermos a guerra e tudo o que dela dependia.

José Peirats I

Santillán é um dos poucos intelectuais da anarquia espanhola. Ele estudou filosofia em Madri e medicina em Berlim. Sob a República foi preso cinco vezes em dois anos e meio, ficando na prisão por muito tempo.

— A tragédia de minha vida — diz ele — é que tenho que lidar com a guerra e com os resultados dela, mas na verdade sempre fui um pacifista.

Apesar disso, foi um dos líderes mais ativos nos combates de rua de 19 de julho, e a Milícia é em grande parte obra sua. Não obstante, ele me conta:

— A Milícia cumpriu sua tarefa. Ela tem que ser absorvida no novo exército revolucionário. Não existe uma guerra anarquista; só há um único tipo de guerra e é nela que precisamos vencer. Iremos vencê-la, mas a custo de muitos de nossos princípios. A anarquia exclui a guerra ou a necessidade da

guerra, e estas excluem a anarquia: guerra e anarquismo são inconciliáveis.

H. E. Kaminski

Naqueles dias de agosto, os postos de propaganda da CNT-FAI andavam às voltas com a decifração de uma frase de Durruti emitida num discurso pelo rádio do seu quartel-general em Bujaraloz: “Renunciamos a tudo, menos à vitória”. As tropas anarquistas resistiam teimosamente à militarização, enquanto seus adversários usavam de todos os meios para trazê-las de volta à razão. Por isso mesmo as tropas anarquistas afirmavam que com aquelas palavras o grande *guerrillero* se declarava disposto a sacrificar a Revolução à guerra. Esta suposição é absolutamente falsa. Quem conhecia o temperamento e as convicções de Durruti não podia acreditar nela. A transformação revolucionária que ele introduziu no seu setor da linha de frente já é suficiente para provar o contrário.

José Peirats I

O caráter da tropa modificou-se bastante em relação àquela das primeiras semanas e meses da Revolução. Ela já não é mais uma formação de proletários que se armaram da noite para o dia e que consideravam sua unidade mero apêndice do sindicato ou do partido. As *centuria* ou unidades de cem homens converteram-se agora de fato em companhia, e as companhias em regimentos. Os antigos nomes só valem no papel.

Os oficiais ainda são chamados de “delegados”. Cada grupo (pelotão), cada unidade (companhia), cada setor (batalhão) e cada regimento (coluna) escolhe um representante e assim a eleição é feita de baixo para cima: os delegados dos escalões mais baixos escolhem respectivamente os dos escalões superiores. No entanto, a autoridade dos oficiais aumentou, fazendo-se sentir cada vez mais forte. O princípio de elegibilidade parece mais um resquício do passado, pois o sistema eletivo está em franca decadência.

Todos compreendem que não há guerra sem disciplina. Na teoria, a Milícia se apóia, como antes, no princípio do livre-

arbítrio, mas na prática esta liberdade tornou-se uma ficção. Aos poucos vai sendo introduzida a hierarquia, tal como existe em qualquer exército. Nas trincheiras, cheguei a ler os regulamentos: os itens ali contidos levantam a questão da punição automática das infrações. Em sentido rigoroso não deveria haver penas num exército de voluntários; mas, na prática, isso dificilmente poderia ser realizado. Naturalmente os milicianos rejeitam o antigo código militar, posto de novo em vigor provisoriamente pelo governo. Mas já está havendo tribunais de guerra outra vez. Pequenos desvios da ordem são julgados pelos delegados do próprio pelotão; casos mais graves são levados ao chefe da coluna. Já houve casos de pena de morte. Um telefonista que dormiu durante um ataque foi executado.

A questão da deserção ainda não foi teoricamente esclarecida. Deixa-se em aberto se um voluntário tem o direito de voltar para casa. Mas na realidade só os estrangeiros têm esta escolha. Se um espanhol deseja abandonar a linha de frente, primeiro sofre repreensões e ameaças de que vão denunciá-lo junto à sua organização, para que ele tenha dificuldades retornando à terra natal. Se tudo isso não resolver o problema, então ele ficará sem meio de transporte para retornar.

H. E. Kaminski

Com o tempo surgiu uma espécie de exército catalão, mais dependente da Generalitat do que do governo central em Madri. Só por este fato pode-se deduzir que a tão proclamada palavra de ordem da disciplina servia, quando muito, para levantar uma nuvem de poeira diante dos olhos do povo. Os políticos catalães sabiam tirar suas vantagens. No que diz respeito ao governo central, verificou-se que sua promessa de enviar armas às milícias anarquistas assim que elas se militarizassem não passava de manobra para fazer pressão. Mesmo depois que o governo de Madri alcançou seu intento, as unidades anarquistas continuavam, tal como antes, as mais desarmadas de todo o exército.

José Peirats I

O PRINCÍPIO DO FIM

Interlocutores: É verdade que o regulamento e a hierarquia do antigo Exército devem ser reintroduzidos nas Milícias?

Durruti: Não, não se trata disso. Foram convocadas algumas classes de reservistas e foi formado um Alto Comando único. Quanto à disciplina, é claro que a guerrilha urbana é menos exigente em relação a ela do que uma campanha longa e difícil na qual se combate um exército equipado com armas modernas. Era preciso fazer algo neste sentido.

Interlocutores: E em que consiste esta maior exigência de disciplina?

Durruti: Até pouco tempo tínhamos um número incalculável de unidades, cada qual com seu próprio comandante, um contingente que variava da noite para o dia, com equipamento próprio, incluindo bagagens e provisões. Cada uma executava sua própria política em relação à população civil e tinha geralmente uma concepção particular sobre a guerra. Isso não podia continuar assim. Já melhoramos muito e temos que melhorar ainda mais.

Interlocutores: E como ficam as patentes, a continência, as penas e o soldo?

Durruti: Podemos muito bem passar sem isso. Aqui todos somos anarquistas.

Interlocutores: Mas recentemente o governo de Madri pôs de novo em vigor o antigo código militar.

Durruti: De fato. Esta decisão causou um efeito lastimável na tropa. Decretos desta espécie mostram absoluta falta de senso de realidade. Neles domina um espírito que é totalmente contrário às Milícias. Não estamos querendo conflito, mas está claro que essas mentalidades são tão radicalmente diferentes que se excluem: uma ou outra terá que desaparecer.

Interlocutores: Você não acha que se a guerra durar ainda muito tempo a militarização se imporá de tal forma que a própria Revolução começará a correr perigo?

Durruti: Exato. É por esta razão que temos de vencer a guerra rapidamente.

Durruti disse isso com um sorriso e despediu-se de nós com um aperto de mão.

A. e D. Prudhommeaux

A Guerra Civil vai-se tornando cada vez mais um conflito entre dois grandes exércitos que dispõem de todos os recursos da técnica moderna. Ocorre que uma milícia ficará sempre limitada em seus efetivos, pois depende única e exclusivamente de revolucionários conscientes. Por isso verificou-se a necessidade de montar um grande exército regular fora das Milícias, e para este fim foram convocadas várias classes de reservistas do serviço militar obrigatório. Tal mobilização está em franca contradição com a espontaneidade das Milícias. Não se pode conceder, por exemplo, os mesmos direitos a simples recrutas e a voluntários politicamente leais.

A militarização, no entanto, é uma questão muito controversa. Grande parte das Milícias não se deu bem com ela. Principalmente os anarquistas vêem neste desdobramento da guerra o princípio do fim da Revolução. Eles estão obcecados pelo exemplo do anarquista russo Makhno, que como chefe de um exército de voluntários foi obrigado pelos bolcheviques a desfazer sua milícia e emigrar. Com o desterro de Makhno, que morreu em 1934 exilado em Paris, a anarquia russa levou seu último golpe. Os anarquistas espanhóis temem que lhes possa estar reservado o mesmo destino, com a formação do novo exército.

No entanto, eles também foram obrigados a admitir que não se pode fazer uma guerra moderna contando apenas com pequenas unidades de companheiros da mesma ideologia, que cuidam apenas de si, tomam as decisões sozinhos, quase não coordenam seus movimentos com os das outras unidades e estão sempre preocupados em defender sua autonomia com todo o zelo possível.

H. E. Kaminski

Exército do Povo e Conselhos de Soldados.

Por meio deste documento, os companheiros alemães do Grupo Internacional da Coluna Durruti posicionam-se em relação à questão da militarização das Milícias em geral e da Coluna Durruti em particular. Os princípios que instituíram a militarização foram elaborados em detrimento dos combatentes da linha de frente. Por isso consideramos as medidas tomadas como tendo validade provisória, e só assim, isto é, provisoriamente, é que terão vigência. Exigimos uma nova regulamentação, a ser introduzida o mais rápido possível, para pôr um fim à situação atual de confusão e desentendimento. Para que possamos reconhecê-la como tal, esta nova regulamentação terá que preencher as seguintes condições:

1. Abolição da continência.
2. Soldo igual para todos.
3. Liberdade de imprensa nos jornais da linha de frente.
4. Discussões livres.
5. Conselho de Soldados ao nível dos batalhões (três delegados para cada companhia).
6. Nenhum delegado pode ser comandante de companhia.
7. Se dois terços dos representantes de uma companhia desejarem, o Conselho de Soldados terá que convocar assembléias gerais no batalhão.
8. Um Conselho de Soldados deve ser formado também ao nível dos regimentos, cujos representantes poderão convocar assembléias gerais de todos os soldados.
9. Um delegado será destacado como observador junto ao comando de cada brigada.
10. Esta estrutura de representação dos soldados deve ser estendida a todo o exército.
11. O Conselho Geral dos Soldados também deverá ter um delegado junto ao Alto Comando.
12. Os tribunais de guerra na linha de frente deverão ser ocupados exclusivamente por soldados. Só no caso de um oficial ser levado a tribunal é que deverá haver participação de um oficial.

Esta resolução foi tomada por unanimidade em 22 de dezembro de 1936 e aprovada na plenária da FAI em Barcelona no dia 29 de dezembro.

A. e D. Prudhommeaux

A cada dia que passa, torna-se mais urgente responder à questão de se os generais golpistas conseguirão impor sua forma de luta aos revolucionários espanhóis ou se, ao contrário, serão nossos companheiros que conseguirão destruir o militarismo. Ora, mas esta segunda resposta só será possível se lançarmos mão de outros métodos, como a dissolução da "Frente" militar ou da linha de frente principal e a difusão da Revolução social por toda a Espanha.

Os fatores que atuam em favor dos fascistas são os seguintes: superioridade em material bélico, disciplina draconiana nos quartéis, organização do exército sem falhas, terror policial contra a população civil. Eles contam além disso com a tática da guerra de posições, das linhas de frente fixa, dos deslocamentos de tropas e dos ataques maciços em forma de cunha, acarretando derrotas decisivas em pontos estrategicamente escolhidos.

Os fatores que falam a favor do povo são de natureza absolutamente diversa: superabundância de recursos humanos, iniciativa apaixonada e vontade de combater dos indivíduos e grupos politicamente conscientes, simpatia das massas trabalhadoras em todo o país, a arma econômica da greve e da sabotagem nos territórios ocupados pelos inimigos. No entanto, estas forças morais e físicas, muito superiores às do inimigo, só poderão ser desfrutadas por uma guerrilha que tome conta do país com seus ataques e assaltos repentinos.

Determinados setores da Frente Popular espanhola, no entanto, têm interesse (politicamente motivado) em combater o militarismo com o militarismo, em derrotar o inimigo com seus próprios meios e fazer uma guerra regular de exército e batalhas técnicas, interesse este que se oculta na idéia do serviço militar obrigatório, do Comando Superior único e do plano estratégico; em suma, na idéia de que se deve imitar, em maior

ou menor grau, o fascismo. Muitos de nossos próprios companheiros que se deixaram influenciar pelo bolchevismo exigem a formação de um "Exército Vermelho". Este procedimento parece perigoso sob todos os aspectos. Nós não precisamos hoje na Espanha de um exército profissional; o que precisamos é de uma Milícia que faça a guerra de guerrilhas.

L'Espagne Antifaciste

SEXTO COMENTÁRIO

DO DECLÍNIO DOS ANARQUISTAS

Desde sua proclamação, em 1931, até sua queda, em março de 1939, a República Espanhola sempre foi um Estado burguês. Nunca existiu um governo "vermelho" em Madri. A Revolução Espanhola de julho de 1936 nem destruiu nem assumiu o aparelho de Estado existente: primeiro ela o atacou e depois lhe deu um xeque-mate. Sua única força motora organizada era o movimento operário anarquista. As vitórias iniciais na Guerra Civil devem ser atribuídas exclusivamente à sua força de mobilização.

Desde os primeiros momentos, duas posições absolutamente inconciliáveis se defrontaram na parte livre da Espanha. De um lado, o regime da democracia revolucionária: seu braço político eram os conselhos e comitês surgidos espontaneamente; seu braço militar, as Milícias; sua expressão econômica, as produções coletivas na agricultura e indústria. Do outro lado, o velho Estado burguês, com sua administração política, seu exército regular e sua estrutura capitalista de propriedade e produção. Os métodos de realização da guerra eram diametralmente opostos e inconciliáveis, pois cada um dos lados considerava o seu como o único correto. Enquanto o aparelho de Estado tradicional queria uma campanha convencional, com um exército hierarquizado e dirigido por generais de carreira, os vitoriosos de 19 de julho tinham em mente uma guerra popular revolucionária que só poderia ter um desfecho positivo com

as Milícias politicamente motivadas e com o método da guerrilha.

O resultado dessa situação inicial foram os dois poderes que governaram de junho até outono de 1936. Porém, a contradição sobre a qual estes dois poderes se fundavam era antagônica: só podia ser resolvida violentamente. A consequência disso foi a eclosão de uma guerra civil dentro da Guerra Civil, feita primeiro de modo frio e escondido, mas depois cada vez mais abertamente. Nela se defrontaram as seguintes forças: de um lado, a CNT-FAI, apoiada pelo POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), um grupo dissidente à esquerda dos comunistas; do outro lado, os partidos burgueses da República, tendo à frente os social-democratas de Largo Caballero, e o Partido Comunista espanhol, suportado pelo apoio maciço da União Soviética. Através deste apoio, foi possível aos comunistas ultrapassar os social-democratas pela direita e perfilar-se como o verdadeiro partido da pequena burguesia. Com isso, naturalmente, eles só estavam seguindo as ordens vindas de Moscou: os interesses dos trabalhadores espanhóis não desempenhavam nenhum papel nas decisões.

A direção da CNT-FAI não estava preparada de forma alguma para a situação em que se encontrava no outono de 1936. Pressionada de um lado pela ofensiva fascista e de outro pela contra-revolução em seu próprio terreno, ela não podia mais manter-se aferrada incondicionalmente aos princípios simples e tradicionais da doutrina anarquista. Foi recuando passo a passo diante da realidade. É um velho erro dos anarquistas ignorar teimosamente o recurso próprio da política, ou seja, a mediação entre fidelidade aos princípios e necessidade tática. Isso foi comprovado também neste caso. Uma vez desviados do "atalho certo" da imediatez revolucionária, não havia mais como detê-los. As concessões da CNT-FAI a seus adversários políticos, feitas em seu próprio terreno, transformaram-se numa derrota catastrófica. Sua firmeza de princípios converteu-se num oportunismo sem limites. Em poucos meses a essência revolucionária do movimento de massas escapava por entre as mãos dos dirigentes anarquistas. Algumas etapas deste processo galopante podem ser citadas:

8 de setembro de 1936: em Valência, o líder da CNT *Juán López* anuncia a colaboração dos anarquistas no governo central de Madri e seu apoio ao programa de governo.

29 de setembro de 1936: a CNT aceita três ministérios insignificantes no governo regional da Catalunha.

1.º de outubro de 1936: a CNT concorda com a dissolução do Comitê Central das Milícias.

9 de outubro de 1936: na Catalunha, todos os conselhos e comitês locais são dissolvidos por decreto; a CNT declara-se de acordo com esta decisão.

Início de dezembro de 1936: em Madri ocorrem violentos choques entre tropas da CNT e unidades do Partido Comunista.

4 de dezembro de 1936: entrada da CNT no governo central de Madri. Os anarquistas deixam-se saciar com ministérios de segunda importância (Justiça, Saúde, Comércio e Indústria); não alcançam posições reais dentro do poder.

15 de dezembro de 1936: o Conselho Superior de Segurança centraliza as ações da polícia política.

17 de dezembro de 1936: o Pravda de Moscou publica editorial no qual se diz: "Na Catalunha foi iniciada a limpeza de trotskistas e anarco-sindicalistas: ela será executada com a mesma energia que na União Soviética".

24 de dezembro de 1936: o porte de armas é proibido em Madri.

Final de dezembro de 1936: o Partido Comunista inicia uma campanha contra o POUM.

Fevereiro/março de 1937: começa a haver sérias divergências entre a direção e a base da CNT-FAI. A oposição revolucionária no interior do movimento anarquista forma um grupo próprio de combate dentro da CNT; o grupo foi chamado "Amigos de Durruti".

Nos últimos dias de abril de 1937 são reveladas as intenções do governo de desarmar os trabalhadores de Barcelona e restabelecer o monopólio do poder armado pela polícia. Assim se inicia o último ato da CNT-FAI, a "semana sangrenta de maio em Barcelona". Começam os primeiros choques. Trabalhadores e policiais tentam desarmar-se uns aos outros. No dia

3 de maio ocorrem os primeiros combates declarados de rua. Comunistas armados tomam de assalto as centrais telefônicas que estavam nas mãos da CNT. Por isso os operários de Barcelona entram em greve geral sem nem mesmo esperar por alguma convocação. Levantam-se barricadas e os pontos mais importantes da cidade são ocupados por trabalhadores. A direção da CNT hesita. O governo central envia cinco mil homens da Guardia de Asalto, que entram em Barcelona em 7 de maio. O último movimento abertamente revolucionário da classe trabalhadora espanhola até os dias de hoje é derrotado: mais de quinhentos mortos. A CNT explica: "Nós não podíamos fazer mais nada senão esperar pelo desenrolar dos acontecimentos e adaptarmos a eles da melhor maneira possível". (García Oliver)

Com isso estava quebrada a espinha dorsal da anarquia espanhola. A partir daí, a CNT ainda viveria como uma sombra, observando impotente a liquidação dos restos da Revolução Espanhola. Ainda em maio a FAI foi declarada ilegal. O ministro comunista Uribe exigiu a proibição do POUM e desencadeou com isso uma crise governamental em Madri. Largo Caballero foi destituído, pois parecia muito à esquerda para os comunistas. Em seu lugar entrou Negrín, adversário declarado de qualquer forma de coletivização e conhecido defensor da propriedade privada. Em junho de 1937, a direção do POUM foi detida; o assassinato do líder Andrés Nin por agentes da NKWD foi o ápice da caça às bruxas promovida contra os "trotskistas" (por quem, de resto, o próprio Trótski não demonstrava grande interesse). Em agosto, um decreto do governo proibiu qualquer crítica à União Soviética. O novo serviço de segurança do Estado, SIM (Servicio de Investigación Militar), no qual o Partido Comunista mantinha grande parte dos cargos de chefia, construiu algumas prisões e campos de concentração, imediatamente ocupados pelos anarquistas e "ultra-esquerdistas". Ainda no mês de agosto, o governo central ordenou a dissolução do Conselho de Defesa de Aragón, o último órgão do poder revolucionário ainda existente em solo espanhol. Seu presidente, Joaquín Ascaso, foi preso. A 11.ª divisão comunista atacou os comitês das aldeias aragonesas, dis-

solvendo as propriedades agrícolas coletivas. Em setembro de 1937, o edifício do setor de defesa da CNT-FAI é atacado e ocupado por tropas do governo armadas com canhões e tanques.

Durante o ano de 1938, os latifundiários retornaram, exigindo o ressarcimento de suas propriedades. As coletivizações foram anuladas e o controle dos trabalhadores nas empresas catalãs suspenso. Diretores de fábricas e encarregados de inspeção retornavam a seus antigos empregos. O pagamento de dividendos a acionistas estrangeiros foi reiniciado. O soldo de soldados rasos caiu de dez para sete pesetas, enquanto o salário dos oficiais sofria um aumento de 25 para 100 pesetas. Retornaram as insígnias, a continência e os exercícios militares, e foi introduzida a pena de morte por desacato a superiores. Os militantes do POUM e da CNT-FAI cumpriam penas nas prisões. A Revolução estava liquidada, o poder burguês de Estado, restabelecido, e a Guerra Civil, perdida. Nos últimos dias de março de 1939, o governo da República Espanhola foge para a França.

"Qual é, portanto, o resultado de toda a nossa investigação?"

"Tão logo depararam com uma situação revolucionária séria, os bakunistas foram obrigados a jogar no mar todo o seu antigo programa. Primeiro sacrificaram a doutrina do dever da abstenção política e principalmente da abstenção nas eleições. Depois se seguiu o sacrifício da anarquia, da abolição do Estado: ao invés de abolir o Estado, tentaram, ao contrário, erigir um número muito maior de novos Estados menores. E então deixaram de lado o princípio de que os trabalhadores não deveriam participar de nenhuma revolução que não tivesse como fim a emancipação imediata e total do proletariado, e tomaram parte num movimento de caráter confessadamente burguês. Por fim, contradisseram manifestamente seu dogma há pouco proclamado de que o estabelecimento de um governo revolucionário é um novo engodo e traição à classe trabalhadora, na medida em que eles participaram de diversos departamentos governamentais, com muitas regalias, é verdade, mas fazendo também a

figura de minoria impotente, derrotada e arrasada politicamente pela burguesia.

"Portanto, assim que houve necessidade de agir, a gritaria ultra-revolucionária dos bakunistas resultou em conciliação ou em revoltas sem perspectivas, ou ainda em adesão a um partido burguês que se utilizava politicamente dos trabalhadores da forma mais vergonhosa, para depois ainda rejeitá-los a pontapés."

Este juízo foi emitido por Friedrich Engels em 1873. No fundo é uma crítica impiedosa aos anarquistas. Mas a verdadeira ironia desse julgamento reside no fato de que, na Guerra Civil espanhola, o "partido burguês" de que fala Engels não foi nenhum outro senão o próprio Partido Comunista.

A DEFESA DE MADRI

UMA VISITA À CAPITAL

No outono de 1936 eu trabalhava em Madri como correspondente do *Solidaridad Obrera*. Em meados de setembro, Durruti foi até lá pela primeira vez durante a Guerra Civil. Meu irmão Eduardo o acompanhava. À noite, logo depois de sua chegada, foram visitar-me no escritório do jornal, na Rua Alcalá.

Durruti vestia seu típico boné de couro, cujo modelo foi depois batizado com seu nome, uma jaqueta também de couro e um revólver. Era a primeira vez que me via diante do famoso *Gorilla* dos anarquistas. Ele era alto, moreno, de constituição forte; seu olhar era firme e penetrante, sua conduta, determinada e desembaraçada. Apesar de toda a energia, seus gestos tinham algo de infantil. Parecia todo massa e músculos. Estava queimado de sol. Suas mãos eram grandes. Um sorriso afável e bondoso pairava em seus lábios. Por ser tão simples e natural, parecia simpático já à primeira vista. Sua voz era séria e persuasiva. O cabelo, crespo e totalmente preto; a boca, grossa e carnuda. O tronco parecia enorme, e os movimentos das mãos eram calmos, alegres, cheios de expressão. O andar era mais para lento, embora desse a impressão de ser difícil detê-lo. O aspecto era o de um típico filho do planalto da Castela.

Ariel

Muitos dos nossos gostavam de ser fotografados e entrevistados. Nunca era demais sair num jornal. Durruti não via nenhum atrativo nisso. Não desejava nenhuma publicidade para sua pessoa. Odiava aparições teatrais. Mesmo em Madri, manteve-se tão sóbrio quanto antes.

— Estamos mandando fazer bonés e casacos de couro iguais a estes — disse. — Todos vestimos roupas iguais. É como se fôssemos irmãos, não há diferença.

Ele sorria seu sorriso infantil e mostrava seus grandes dentes brancos, como um lobo manso.

— Vim aqui arranjar armas para nossos companheiros em Aragón. Se o governo nos der o que estamos precisando, tomaremos Zaragoza em poucos dias.

“Não é verdade que não há armas. Conheço pessoas que nos oferecem quantas armas quisermos. Só que elas têm um pequeno desejo: querem ser pagas a peso de ouro. Estes burgueses não conhecem o sentimento humano quando se trata de dinheiro. No entanto, nosso governo tem ouro aos montes. E para que todo este ouro? Para ganhar a guerra? É o que eles afirmam. Viemos ver agora se dizem a verdade. Amanhã iremos ao Ministério da Guerra, negociar. Direi a eles onde poderemos encontrar armas, se formos financiados. Para que precisamos de todo este ouro depositado nas agências do Banco da Espanha?”

Fomos almoçar no restaurante da Gran Vía, mantida pelo Sindicato dos Gastrônomos.* Foi uma refeição simples. Durruti falou dos combates em Barcelona e na Frente de Aragón. Ria muito e parecia olhar para o futuro sem muita preocupação.

Depois do almoço fomos ao Ministério da Guerra, onde Durruti conversou com Largo Caballero. Depois foi recebido por Indalecio Prieto no Ministério da Marinha. O governo, por sua vez, depositava suas esperanças na remessa de reforços por parte dos russos. Naquela época, Largo Caballero ainda era

(*) No original: *Gewerkschaft der Gastronomen*. (N. T.)

considerado o “Lênin espanhol”. Durruti ficou decepcionado com as negociações. Foi muito bem recebido, ouviu promessas e todo o tipo de desculpas imagináveis para a falta de armamento dos anarquistas, mas tudo ficou na mesma. Em pouco tempo as promessas se revelaram vazias.

Ariel

Largo Caballero, que pode inclusive confirmar este episódio, chamou um dia Durruti a Madri para oferecer-lhe um ministério em seu gabinete, do qual, aliás, também participavam outros anarquistas. Durruti nunca tinha visto Largo Caballero e por isso não fazia a menor idéia de sua fisionomia. Quando lhe perguntei qual impressão tivera da conversa, respondeu:

— Esperava encontrar um homem de quarenta anos e de repente me vi diante de um senhor de idade. Sempre considereí Largo Caballero um político bastante comum, mas ele estava tão convencido de suas opiniões que por pouco não me causou medo.

Durruti recusou o ministério. Achava sua presença na linha de frente mais importante. E é verdade que continuava insubstituível na Frente. Sua Coluna seguia-o de modo quase fanático, obedecendo-o cegamente.

Antonio de la Villa

Durruti vai a Madri exatamente no momento em que todos dizem que somos incapazes de fazer a guerra, de atacar e até de nos defender, ou seja, exatamente no momento em que nós mesmos estamos quase a ponto de perder a cabeça por nossas próprias derrotas. Durruti, ao contrário, tem como respaldo todo o prestígio de algumas colunas que ainda não recuaram um passo em toda a campanha e até já conquistaram um território de algumas centenas de quilômetros quadrados em Aragón. Este contraste motivou-nos a pedir-lhe uma entrevista.

Durruti falou primeiro de uma questão que não podia ser discutida publicamente na época. Ele tinha ido a Madri intervir pessoalmente no Ministério da Guerra: a questão envolvia dois

milhões de balas de munição de que ele precisava para sua ofensiva contra Zaragoza. Relatou a nosso chefe de redação como tinham sido estas negociações. Ali teriam ocorrido discussões que até hoje não puderam ser inteiramente conhecidas. Depois Durruti falou de seus planos estratégicos, do caráter revolucionário das Milícias e de sua posição fechada sobre o problema da disciplina.

Durruti: Um pouco de bom senso já é o bastante para ter claros quais são os movimentos e as intenções do inimigo. Ele está jogando tudo numa única cartada: a conquista de Madri. O inimigo está embriagado com a idéia de conquistar a capital. Ora, acontece que suas forças se desgastarão em nossas linhas de defesa, e, como ele terá que tirar suas reservas de outras posições para efetuar este ataque desesperado, a defesa de Madri, se apoiada por ataques em outras frentes, permitirá que nós o dominemos e vençamos. É isso.

Na realidade precisamos ter em vista uma coisa: não se defende uma cidade com palavras, mas sim com fortificações. Neste caso, pá e picareta são tão indispensáveis quanto fuzis. Em Madri há muitos ociosos e vadios que têm de ser mobilizados. Também não se pode desperdiçar uma gota de combustível. Nossa força em Aragón provém do fato de que asseguramos imediatamente o menor espaço de terreno conquistado construindo trincheiras. Nossos milicianos aprenderam que durante um ataque inimigo nada é mais perigoso do que tentar bater em retirada, e que o mais seguro é manter a posição. Não é verdade que o instinto de preservação leva à derrota: as pessoas lutam por suas vidas. Este instinto de preservação é tão forte que devemos tirar proveito dele durante o combate. Entre nossos milicianos, este instinto só tem fortalecido a força de resistência. Mas isso pressupõe que se construam fortificações com seriedade. Sou de opinião de que é absolutamente necessário construir um conjunto de trincheiras bem protegidas com cercas de arame farpado e parapeitos também aqui, na linha média de defesa da capital. Madri tem que se transformar numa fortaleza, a cidade tem que se dedicar de corpo e alma à guerra e à defesa. Só dessa maneira conseguiremos fazer com que o ini-

migo consuma suas forças aqui; assim nós também teremos êxito nas outras frentes.

Repórter: Você poderia dizer-nos alguma coisa sobre sua Coluna?

Durruti: Estou muito satisfeito com ela. Meus homens têm tudo de que precisam e quando chega a hora combatem com arrojo. Não quero dizer com isso que a Milícia se tornou mera fábrica de guerra. Não. Eles sabem muito bem por que e para que estão lutando. Sentem-se revolucionários. O que os motiva a lutar não são palavras vazias nem leis mais ou menos recompensadoras. Para eles, o importante é a conquista do país, das fábricas, dos meios de transporte, do pão e de uma nova cultura. Eles sabem que o futuro depende de nossa vitória.

Estamos em guerra e ao mesmo tempo fazendo uma Revolução. Na minha opinião, as circunstâncias exigem estas duas coisas de nós. As medidas revolucionárias, que dizem respeito a todo o povo, não devem ser tomadas apenas na retaguarda, ou seja, em Barcelona, mas têm que valer também na linha de frente. Em cada aldeia que conquistamos, o cotidiano sofre imediatamente uma revolução. Este é o melhor resultado de nossa campanha. Mas para tanto é preciso ter muita paixão. Quando estou sozinho, fico freqüentemente refletindo sobre quanto é difícil o trabalho que nos propusemos a fazer. Então sinto também como é grande a responsabilidade que carrego. Uma derrota de minha Coluna seria terrível, pois nós não podemos simplesmente recuar, como outro exército qualquer. Teríamos que levar conosco os moradores das cidades que ocupamos, todos eles sem exceção. Porque, desde os postos avançados até lá dentro da cidade de Barcelona, todos são combatentes. Todos trabalham pela guerra e pela Revolução. Esta é a nossa força.

Repórter: Passemos então para a questão tão discutida nos dias de hoje, ou seja, a questão da disciplina.

Durruti: Muito bem. Fala-se muito em disciplina, mas são poucos os que acertam o centro do problema. Ter disciplina nada mais significa para mim senão respeitar a sua responsabilidade como também a dos outros. Sou contra a disciplina de

quartel: ela leva apenas à brutalidade, ao ódio e ao funcionamento mecânico, sem a mínima conscientização. Mas também pouco falo aqui a favor de uma liberdade que não passa de um mal-entendido, como a liberdade de que os covardes fazem uso única e exclusivamente para facilitar suas vidas. Na nossa organização há uma perfeita compreensão do que seja disciplina. Devemos agradecer a ela o fato de os anarquistas respeitarem as decisões dos companheiros que receberam o voto de confiança. Em tempos de guerra é preciso obedecer aos delegados escolhidos, senão qualquer operação estará condenada de antemão ao fracasso. Se os combatentes não estão de acordo com estes delegados, têm que destituí-los em assembléia e eleger outros representantes.

Conheço suficientemente as artimanhas que um soldado usa para fugir da guerra, pois tenho minha experiência na Coluna: a mãe doente que está para falecer, a mulher que está esperando um filho, a criança de colo que tem febre... Mas eu tenho meus remédios caseiros para acabar com isso: alguns dias de trabalho extra para o tratante! Cartas que rebaixem o moral, para o lixo! Quem ainda insiste que pode voltar para casa porque veio como voluntário terá que ouvir um dos meus sermões. Mostro-lhe que com isso prejudicará todos nós, que contávamos com ele. Depois, tomo-lhe as armas, já que são propriedade da Coluna. Se ainda assim ele continuar insistindo, poderá ir, mas a pé, pois os veículos são utilizados exclusivamente para a guerra. Isso raramente acontece, pois o miliciano também tem seu amor-próprio. Na maioria dos casos basta que eu diga que sou o chefe da Coluna e que não vou deixar-me enganar assim tão facilmente e os homens voltam à linha de frente e combatem como verdadeiros heróis.

Estou satisfeito com meus companheiros e espero que eles também estejam satisfeitos comigo. Não lhes falta nada. Suas mulheres ou namoradas podem ir visitá-los na linha de frente por dois dias. Depois voltam para casa. Recebemos diariamente nosso jornal, temos uma alimentação muito boa, os livros que queremos, e, quando há calma na frente, fazemos discussões que reanimam o espírito revolucionário dos companheiros. Não

dá para se entregar à preguiça, pois sempre há algo para fazer. As fortificações, principalmente, têm sempre que estar sendo melhoradas. Que horas são? Uma da manhã? Neste momento meus homens na Frente de Aragón estão abrindo trincheiras, e posso garantir a vocês que fazem isso com gosto.

Vamos vencer a guerra.

Durruti 7

Um dia, não sei bem por quê, fomos juntos a Madri no avião de André Malraux. Era um aparelho bem pequeno, um teco-teco que balançava muito. Em Madri passamos pelo presídio da polícia, e Durruti resolveu pedir por brincadeira os papéis que faziam parte do seu dossiê de épocas passadas. A polícia espanhola também demonstrou honrosa deferência para comigo, registrando tudo o que sabia sobre a minha pessoa. Mandaram até buscar meu dossiê de Paris.

Estes papéis nos divertiram muito.

Emilienne Morin

O ENVIO

Hoje devo confessar que fui eu quem provavelmente teve a idéia de que Durruti deveria ir para Madri com sua Coluna, idéia aliás aceita pelo Comitê Nacional da CNT. O secretário do Comitê, Mariano R. Vázquez, disse a Durruti: "Concordo. Chegou o momento de você ir para Madri. Lá o Quinto Regimento está comandando todas as ações, e a chegada da Brigada Internacional é iminente. O que teremos para contrapor? Você terá que colocar seu prestígio e a força combativa de sua Coluna na balança, senão ficaremos politicamente para trás".

Federica Montseny 1

Eu era absolutamente contra o envio de Durruti a Madri. Discuti esta questão com Federica Montseny no automóvel que nos levava a Barcelona. Perguntei-lhe se não seria mais importante para a Revolução mantê-lo vivo, ao invés de enviá-lo à

morte em Madri. Conhecíamos sua ousadia e coragem. Parecia-me verdadeira loucura enviá-lo com tão poucos homens. Teria sido diferente se pudéssemos tê-lo enviado para lá com um corpo expedicionário de cinquenta mil milicianos sob seu comando, mas este número era impensável na ocasião.

Juan García Oliver 2

Durruti foi para Madri a contragosto. Só numa reunião de todos os comandantes da Frente de Aragón é que se tomou a decisão de montar uma coluna sob seu comando para ir em auxílio à capital sitiada. Nesta coluna também deveriam tomar parte socialistas e soldados de outras unidades. Durruti defendeu até o fim a necessidade de uma ofensiva final contra Zaragoza. Mas faltavam munições e armas para isso. Desta forma, a coluna foi enviada a Madri. Era composta por cerca de seis mil homens e dispunha de algumas baterias de artilharia. Durruti teve que se contentar com isso; os social-democratas haviam se recusado terminantemente a combater sob suas ordens.

Diego Abad de Santillán 1

Eu não sei se realmente o general Miaja chamou de covardes as tropas de Durruti, em Madri. Se ele realmente disse isso e se é verdade que estas tropas se deram mal nos combates, mesmo assim é preciso levar em conta uma coisa: a maioria dos soldados era de pessoas sem nenhuma experiência militar, pessoas que de um dia para outro foram mandadas para uma verdadeira caldeira do diabo.

Posso afirmar com toda segurança que o grosso da Coluna Durruti jamais se afastou de seu setor na Frente de Aragón e que as tropas que Durruti levou a Madri eram compostas principalmente por voluntários recrutados e apresentados na última hora pelas organizações anarquistas de Barcelona.

Lembro-me da última noite que Durruti passou com sua Coluna em Aragón. Depois do jantar ele falou de sua partida, e então perguntou:

— Quem vem comigo?

Eu já estava excluído. Durruti disse que queria levar apenas alguns de seus homens de confiança para servirem como chefes de tropas dos milicianos que comandaria em Paris.

Jesús Arnal Pena 2

Eu tinha uma filha que estava se casando e, naturalmente, fui para casa, em Badalona. Tirei um dia de folga para ir até lá. Naquela época não precisávamos de padre: todos os presentes assinavam um papel, e pronto. Preparamos um pequeno banquete, e tive que fazer um discurso que dizia mais ou menos o seguinte: “Espero que vocês se entendam, que sejam amáveis um com o outro e felizes. As perspectivas são boas, pois o povo tomou o poder”. E assim por diante. De repente ouço o barulho de um automóvel. Dois companheiros entram na casa, dizendo:

— Rionda, o que está acontecendo? Precisamos falar com você.

— Ora, não estão vendo que minha filha está se casando?

— Durruti telefonou de Barcelona. Ele precisa de você, pois a Coluna parte ainda hoje para Madri.

— O quê? Para Madri? Não acredito no que estou ouvindo!

O casamento ficou pela metade: levantei-me da mesa, peguei meu revólver, entrei com eles no carro e parti.

Ricardo Rionda Castro

Antes da partida para Madri, Durruti disse a seus homens:

— Lá a situação está muito complicada, quase sem perspectivas. Mas vamos partir, mesmo que seja preciso morrer. Nada mais nos resta senão morrer em Madri.

Ramón García López

Nós nos encontrávamos numa situação horrível: havia pressão de todos os lados. Com o auxílio em armas da União Soviética, os comunistas tinham ganho enorme influência nas decisões. Temíamos que aos anarquistas espanhóis estivesse destinada a mesma sorte que a dos anarquistas na Rússia. Foi

exatamente por isso que Durruti concordou com o plano. Ele entendia que deveríamos estar posicionados em toda parte, evitando qualquer espécie de pacto com os fascistas (desde o primeiro dia da Guerra Civil os republicanos tentavam assinar um armistício). Posso afirmar com segurança que a luta jamais teria se prolongado por três anos sem a nossa presença.

Para o moral dos defensores de Madri, a chegada de Durruti e de sua divisão foi de grande importância. As pessoas ficaram como que eletrizadas quando a Coluna desfilou pela cidade. Todo mundo dizia: “Durruti está aqui! Durruti está aqui!”.

Federica Montseny 1

O PERIGO

Logo após sua chegada, Durruti apresentou-se ao comandante das Forças Armadas, general Miaja, e a seu ajudante-de-ordens, major Vicente Rojas, anunciando para dali a pouco a entrada de suas tropas na cidade.

No mesmo dia, inspecionou a frente dos defensores, erguida a poucos quilômetros do centro. Ficou espantado com o estado das instalações da defesa. De seu posto de comando telefonou para Largo Caballero, dando-lhe uma descrição sem meias-palavras da situação.

— Que Madri ainda não esteja nas mãos inimigas, deve-se apenas à indecisão dos fascistas. A cidade está aberta ao ataque. É certo que em alguns pontos os homens estão lutando heroicamente, mas em outros setores não há nada que possa deter o inimigo. Não é de espantar que ele esteja ganhando terreno, principalmente na Cidade Universitária, em Cerro de los Angeles, em Carabanchel Alto e Bajo.

O ministro prometeu a Durruti todo o auxílio possível por parte do governo e assegurou-lhe plenos poderes. Além disso informou que novas Brigadas Internacionais estariam se aproximando e que os defensores poderiam contar com o envio de aviões e de tanques.

Ricardo Sanz 4

Sugeri ao chefe do governo, o companheiro Largo Caballero, que nomeasse Durruti general e lhe confiasse a defesa da capital. Não acho que se possa fazer algum tipo de censura ao general Miaja; afinal Madri permaneceu nas mãos dos antifascistas e da Revolução. Mas também estou certo de que Durruti não teria tido menos sucesso do que ele.

Juan García Oliver

Quando em 6 de novembro o governo republicano deixou a capital sitiada e fugiu para Valencia deu um golpe duro em seu próprio prestígio. Depois das proclamações de heroísmo que saíam com tanta facilidade da pena do primeiro-ministro Largo Caballero, esta espécie de renúncia soava pelo menos estranha à população. Se os anarquistas desejassem, este teria sido o momento para se libertar finalmente do jugo do governo central e proclamar a Comuna de Madri. Se isto teria sido sábio da parte deles, é uma outra questão. Este passo teria certamente encontrado apoio entre as massas trabalhadoras e os combatentes da linha de frente, mas seria igualmente certo que teriam a Rússia e os grupos controlados pelos russos como adversários.

Mesmo assim, com a partida do governo para Valência chegara a hora da verdade. Em lugar de frases sobre unidade e disciplina, entravam em cena o *élan* verdadeiro, o senso de responsabilidade e iniciativa. De nada valia agora confiar nos ditos heróicos, pois o que estava valendo mesmo era a força convincente do exemplo. Era o momento de trabalhar realmente pela defesa. As massas tinham a palavra. O desaparecimento dos ministros mostrou-se salutar.

A. e D. Prudhommeaux

Nem bem chegou a Madri, Durruti foi à rádio fazer um discurso duro e sem rodeios contra todos os covardes, pseudo-revolucionários e contadores de vantagem. Ofereceu a cada habitante um fuzil ou uma pá, conclamando-os a ajudar na escavação de trincheiras e na construção de barricadas. Da noite para o dia ele conseguiu fazer o que os comunicados e discursos

do governo não haviam dado conta: uma onda de entusiasmo e euforia invadiu a cidade. Até então nem a evacuação da população nem a defesa civil tinham sido organizadas corretamente, pois o governo temia desmoralizar o lugar com tais medidas. Durruti e o Comitê de Defesa da CNT, pelo contrário, tratavam os *madrileños* como homens adultos e responsáveis. O êxito mostrou que tinham razão. A CNT, que abrigava a ala radical da classe trabalhadora em Madri, deu o exemplo, constituindo uma brigada para a defesa civil.

A. e D. Prudhommeaux

Se um soldado duvida da política do governo, sua valentia diminuirá. É por isso que os anarquistas guerreavam mal: eles não tinham nenhuma vontade de lutar por Largo Caballero, Negrín e Martínez Barrio ou pelo governo que estes homens representavam.

Alguns dias após eu ter me apresentado como voluntário, André Marty mandou postar guardas bem armados em frente aos alojamentos das Brigadas Internacionais. Ele tivera a notícia de que Durruti marchava de Barcelona para Madri à frente de uma coluna com dez mil anarquistas e de que já estava chegando a Albacete. Mais tarde se soube que eram apenas três mil homens e que não tinham nenhuma intenção hostil contra nossas brigadas. De fato possuíam um comportamento extremamente temperamental, mas fora isso eram incapazes de fazer mal a um fio de cabelo. O comunista Marty mostrava uma desconfiança doentia em relação a eles.

Louis Fischer

Quando os bandos fascistas se aproximavam de Madri, Durruti foi combatê-los com uma forte tropa de cinco mil homens. Declarou-se disposto a submeter-se incondicionalmente a um comando único e centralizado para a defesa da cidade. Sob a influência das teorias da luta revolucionária na Espanha, Durruti tendia cada vez mais para a linha do Partido Comunista. Numa conversa com um representante da imprensa so-

viética, ele disse: "Sim, eu me sinto um bolchevique. Vou pendurar o retrato de Stálin na parede do meu posto de comando". A carta de Durruti ao proletariado da URSS estava repleta de carinho e de uma profunda crença na força do proletariado organizado.

Communist International

A Coluna entrou em Madri em três trens especiais e um longo comboio de caminhões, dirigindo-se para o alojamento do Quartel Granada. Ela era quase inteiramente composta por voluntários armados com equipamento bélico recém-chegado, principalmente Winchesters de grande poder de fogo, mas sem repetição e de manejo muito perigoso.

Ricardo Sanz 3

A DELIBERAÇÃO

No final da tarde de 13 de novembro, a Coluna Durruti entra em Madri. É saudada calorosamente. As tropas estão exaustas. Alojam-se de imediato na Rua Granada, onde vão se alimentar e descansar da fadiga causada pela viagem.

Nem bem os milicianos se ajeitam, chega a notícia de que o inimigo conquistou a maior parte dos edifícios da Cidade Universitária e de que está pronto para atacar a prisão-modelo e a Praça de Moncloa, onde não encontrará nenhuma resistência significativa.

O general Miaja manda chamar Durruti a seu quartel-general e pede-lhe para que dirija sua Coluna imediatamente à frente de combate, sem levar em conta o cansaço das tropas. Durruti lhe responde que isso é impossível. Ele conhece seus homens. Adverte o comandante para as conseqüências que uma entrada em ação precipitada poderia acarretar. Miaja diz que compreende as objeções de Durruti, mas não vê outra saída. Seu ajudante-de-ordens concorda: a Coluna teria que estar na frente de combate ao amanhecer, a fim de impedir uma estocada decisiva dos fascistas.

Durruti interrompe a discussão e vai para o quartel na Rua Granada, onde reúne seus homens e expõe-lhes a situa-

ção. Na mesma noite, a Coluna se apresenta no pátio do quartel e entra em ação na linha de defesa.

Ricardo Sanz 4

14 de novembro de 1936. A tropa da Catalunha chegou, com Durruti à frente. Três mil homens extremamente bem armados e vestidos, ou seja, pelo menos na aparência nenhuma comparação com os fantásticos soldados que Durruti tinha à sua volta em Bujaraloz.

Ele me abraçou, radiante, como se eu fosse um velho amigo, e logo começou a brincar:

— Está vendo, ainda não tomei Zaragoza, não me mata-ram nem me tornei marxista. Tudo isso fica para o futuro.

Está bem mais magro, com mais porte de soldado e aspecto militar. Com seus auxiliares, não fala mais como se estivesse numa assembléia; agora tem um tom de comandante.

Durruti pediu um oficial como conselheiro. Foi-lhe sugerido o nome de Santi. Pediu referências e, depois de ouvi-las, aceitou-o. Santi é o primeiro comunista da tropa de Durruti. Quando ele chegou, Durruti lhe disse:

— Você é comunista. Muito bem, vamos ver. Ficará sempre ao meu lado. Vamos fazer as refeições juntos e dormir no mesmo quarto. Vamos ver no que vai dar.

Santi respondeu:

— Mas pelo menos terei minhas horas livres? Mesmo na guerra, sempre há horas livres. Peço permissão para poder me afastar nestas horas livres.

— E o que você pretende fazer nestas horas livres?

— Quero aproveitá-las para ensinar seus soldados a atirar com metralhadoras. Eles atiram muito mal. Quero formar alguns grupos e montar um pelotão de soldados com metralhadoras.

Durruti sorriu.

— Isso eu também quero. Ensine-me como se deve lidar com uma metralhadora.

Naquela mesma época García Oliver também chegava a Madri, ele que era então ministro da Justiça. Durruti e Oliver

tiveram uma conversa com Miaja e Rojo. Disseram que as tropas anarquistas tinham vindo da Catalunha para salvar Madri, e iriam salvá-la. Depois disso não ficariam mais aqui; voltariam para a Catalunha, aos muros de Zaragoza. Pediram para que fosse cedido um setor importante da linha de defesa à tropa de Durruti, a fim de que os anarquistas pudessem mostrar do que eram capazes. Caso contrário, alguns mal-entendidos seriam possíveis, inclusive com outros partidos tomando para si os méritos dos anarquistas.

Rojo propôs que a tropa ficasse na Casa de Campo para que pudesse atacar os fascistas pela manhã e os expulsasse do parque, fazendo com que batessem em retirada na direção sudoeste. Durruti e Oliver estavam de acordo com o plano. Conversei com eles mais tarde. Tinham certeza de que a tropa iria cumprir maravilhosamente a tarefa.

Mikhail Koltsov

Eu estava em Madri no dia 15 de novembro. Fui ao Ministério da Guerra falar com o general Goriev, que tinha assumido o comando militar. Perguntei a um ordenança onde estaria o general. O homem fez um gesto para que eu o seguisse. Enquanto caminhávamos pelo corredor, ele gritava a todos que encontrávamos:

— Vocês viram o general russo? Onde está o general russo?

A presença de Goriev aqui era estritamente sigilosa, mas os espanhóis odeiam sigilos.

Já bem tarde da noite estive com Goriev no quartel-general. Ele estava aguardando as últimas notícias da linha de defesa. Durruti e sua Coluna tinham acabado de entrar em ação. Um oficial do Exército Vermelho, um circassiano de elevada estatura, fora designado seu assessor. Os anarquistas montavam a linha de defesa na colina de Garabita, em Casa de Campo, uma posição que dominava todos os acessos ao centro de Madri. Eram tropas inexperientes. Goriev lhes confiara um setor muito importante.

Pouco depois da meia-noite, o circassiano chegou, infor-

mando que os anarquistas tinham batido em retirada, fugindo em pânico frente a uma pequena unidade marroquina. Com isso, o flanco da Universidade estava aberto ao ataque de Franco.

Durruti exigia que seus homens combatessem e isso o tornava impopular. À noite, eu o via freqüentemente no Hotel Gran Vía. Ele andava escoltado por uma forte guarda pessoal, sempre pronta a acionar o gatilho de suas pistolas automáticas.

Louis Fischer

A Coluna Durruti entrou em cena com a pretensão um tanto quanto ostentatória de salvar Madri. Como se não bastasse, pretendia realizar seu intento o mais depressa possível, para poder voltar quanto antes a Aragón. Exigia para si o setor da linha de defesa mais cobijado pelos ataques inimigos: era dali que pretendia rechaçá-los definitivamente. Por isso, a Coluna ficou com o setor de Casa de Campo.

Conheci Durruti no dia 18 ou 19 de novembro. Encontrávamo-nos no estado-maior de Miaja para uma discussão sobre a situação, discussão em que também estiveram presentes alguns comandantes de setores da Frente de Madri. Nesta reunião, Durruti exigiu que suas tropas fossem dissolvidas e enviadas de volta para Aragón. Alguns oficiais, e entre eles também eu, ponderamos que seria desastroso dissolver uma tropa que não estivera nem três dias inteiros em ação. Na linha de defesa, a grande maioria dos soldados estava combatendo desde o início da guerra sem ter tido ou pedido um dia sequer de folga. Mesmo assim concordaríamos que a Coluna se retirasse caso Durruti insistisse. Defenderíamos Madri sem ela, tal como antes de sua chegada.

Imediatamente, Durruti começou a dar algumas explicações sobre o caráter, os costumes e as concepções de disciplina e ordem válidas em sua unidade. Eu entendia perfeitamente a tragédia deste homem forte e bom, deste combatente corajoso que se sacrificava pelas idéias que defendia. A seguir, prometeu que faria de tudo para explicar a seus homens que era necessário continuar defendendo Madri. Nós dois deixamos a reunião

juntos e nos despedimos com toda a cordialidade. Cada um retornou a seu setor.

Enrique Lister

OS BÁRBAROS

Voltando para Madri, o que vemos na rua? Um imbecil qualquer comandando quatro ou cinco tipos: direita, volver! Esquerda, volver! Cada um deles tem um fuzil na mão. Foi demais para nós, que já tínhamos dado um fim nisso.

— Vocês não estão regulando bem. Não é mais hora para exercícios militares. Vamos para a frente de combate!

Mas estas cenas logo nos irritaram. Aí todos começaram a espernear e a gritar, inclusive o governo:

— Não passam de um bando de sem-vergonhas!

Certa vez, quando saíamos do quartel-general, algum de nós disse:

— Ei, vamos tomar um trago antes de almoçar?

— Onde?

— Ali em cima, perto da central de rádio. Lá também tem lagostas frescas.

— O quê, lagosta? — perguntou o dono do estabelecimento. — De onde vocês são?

— Somos da Coluna Durruti!

Ele serviu-nos imediatamente o prato de lagostas da casa. Quando deixamos o lugar, encontramos uma senhora ferida na rua. Alguém havia dado um tiro de alguma janela. Outra mulher gritou para mim:

— Lá em cima tem um soldado, um fascista.

Subimos a escada correndo e encontramos o sujeito, que foi jogado janela abaixo. E o governo:

— Eles são uns bárbaros!

Mas nós o deixamos xingando e seguimos em frente.

Ricardo Rionda Castro

Em Madri, a Coluna Durruti utilizou muito a chamada bomba FAI. Era uma granada de mão bastante pesada, com

cerca de um quilo e grande quantidade de explosivos, própria para combates de rua. Em campo aberto não servia, pois não era possível lançá-la devido ao peso. A maioria das vezes explodia no ar, antes de tocar o chão. Em compensação, prestava bons serviços quando atirada de sacadas e terraços. Em Madri foi empregada até contra tanques inimigos, por causa de sua capacidade explosiva. Durruti empilhou em forma de pirâmide caixas contendo 35 000 bombas FAI na garagem do palácio que servia de quartel-general, na rua Miguel Ángel. Quando os vizinhos souberam do arsenal, fizeram queixa junto ao Ministério da Guerra, alertando para o perigo do depósito de bombas em caso de ataque aéreo. Mas as bombas FAI só puderam ser guardadas em lugar seguro um mês depois.

Ricardo Sanz 3

Em outubro de 1936 eu dirigia um grupo de médicos da Catalunha. O chefe do serviço de saúde de Barcelona incumbiu-nos de ir para Madri instalar no Hotel Ritz o hospital militar nº 21, junto com alguns médicos da capital.

Naturalmente, todos nós éramos, de origem, formação e mentalidade, membros da burguesia. Mas os anarquistas logo ficaram convencidos de que estávamos dispostos a ajudar com o melhor de nosso saber e conhecimento e de que não éramos traidores. A partir daí, começaram a confiar e ter respeito por nós.

Embora eu não partilhe das idéias deles, devo dizer que em toda minha vida encontrei poucas pessoas tão generosas e altruístas quanto os anarquistas. Suas idéias em relação à moral eram bem peculiares. Por exemplo, achavam ruim que um homem tivesse mais do que uma mulher. Dois compromissos ao mesmo tempo era algo imoral para eles. E apesar disso eram inteiramente contra a honra burguesa. Se um homem não se entendesse mais com sua companheira, podia procurar outra. Mas duas ao mesmo tempo não podia. Também tinham suas próprias opiniões sobre a propriedade. Não possuíam nada e eram a favor da expropriação da burguesia; mas tinham ódio ao roubo ou furto. Um dia, por exemplo, fui chamado ao quar-

tel-general da Coluna Durruti em Madri. Ali havia um miliciano morto, deitado no chão. Ainda me lembro o nome dele: chamava-se Valena. Eu devia expedir um atestado de óbito para que pudesse ser enterrado. Perguntei de que tinha morrido. Disseram-me serenamente que tiveram que meter-lhe duas balas na cabeça, pois ele havia roubado um relógio e duas pulseiras durante uma busca. O senhor deve lembrar-se de que esta era uma época em que os fuzilamentos eram freqüentes em Madri e praticamente não existia mais justiça. De resto, estas buscas em residências eram organizadas pelos próprios anarquistas. Era desta forma que pretendiam ganhar dinheiro para a CNT. Mas aí de quem enfiasse no próprio bolso uma parte do saque! Era fuzilado na hora. Esta era a moral dos anarquistas.

Martínez Fraile

Vinte e quatro horas antes da explosão da Ponte dos Franceses, encontrei-me com Durruti em meio à batalha de Madri. Dividimos a refeição de soldado: pão com um pouco de carne. Durruti estava de bom humor, ria e fez, sem ironia, o seguinte comentário sobre o meu cargo, enquanto mordida o sanduíche:

— Um verdadeiro banquete ministerial!

Um miliciano cético lhe respondeu:

— O quê! os ministros jamais comem isso na vida. Eles não têm a menor idéia do que acontece aqui.

Durruti ria cada vez mais alto:

— Olhe bem para este homem. Ele é um ministro!

Mas o miliciano negou-se a acreditar que um ministro pudesse estar numa trincheira comendo pão com carne de conserva.

Juan García Oliver 2

A BATALHA

19 de novembro de 1936. Os golpistas estão atacando furiosamente a Cidade Universitária. É cada vez maior o número de reforços de artilharia e granadeiros que trazem para cá. Os ataques lhes custam muito caro, pois as perdas, principalmente

entre os marroquinos, são muito grandes. Os terrenos entre os edifícios da Cidade Universitária estão repletos de cadáveres. Durruti está muito deprimido, pois foi sua própria tropa quem abriu ao inimigo a possibilidade de entrar na cidade. Mas ele pretende compensar esta derrota com um ataque à mesma posição em que os anarquistas tiveram que recuar. Os incessantes bombardeios, o extermínio de moradores indefesos tornam-no colérico. Seus enormes punhos enrijecem, sua enérgica figura fica como que definhada: ele personifica a imagem de um gladiador romano antigo num arrebamento desesperado em busca da liberdade.

21 de novembro de 1936. Choveu de novo o dia inteiro.

Por volta de meio-dia consegui entrar no hospital universitário e no asilo de velhos Santa Catarina, acompanhando algumas unidades republicanas. Os dois edifícios foram tomados num ataque frontal com granadas de mão e baionetas.

Os marroquinos e os "regulares" recuaram cerca de duzentos metros, não mais. Para chegar aos prédios é preciso agachar-se, pois ainda não foram escavados caminhos de ligação.

Um edifício pertencente ao hospital que fica ao lado de um prédio quase pronto foi totalmente destruído. Os tetos e pavimentos estão vazados por balas e os móveis, despedaçados. As camas ficaram de cabeça para baixo e o assoalho está coberto de cacos de vidro e entulho.

Embaixo, na sala de velórios, encontrei o velho vigia. Ele conseguiu sair são e salvo depois de três ataques e da tomada e recuperação sucessivas do prédio. Pediu aos soldados para levar os mortos para serem velados ali e, como recusassem, ficou bastante ofendido. Era visível que já não estava mais no uso perfeito da razão.

Será que alguém pode imaginar que esta modesta câmara ardente ficaria um dia tão cheia de gente? Quem poderia prever que o recanto científico e acadêmico mais recôndito se tornaria a arena dos combates mais duros e encarniçados?

Pobre Madri! Ela era tida como uma cidade pacata, sem perigos, uma cidade feliz. A Primeira Guerra desenrolou-se em

palcos longínquos, deixando a cidade intacta. Agora, em quinze dias, ela já sofreu mais do que todas as capitais européias em quatro anos de guerra. A cidade tornou-se um campo de batalha!

No momento em que retornávamos engatinhando para a retaguarda (molhados, sujos, calados, mas felizes), alguém veio ao nosso encontro e contou-nos que Durruti tinha sido morto no setor vizinho, no Parque Oeste.

De madrugada eu ainda o vi nas escadarias do Ministério da Guerra. Chamei-o para vir junto conosco ao asilo Santa Catarina. Ele ia preparar as tropas em seu próprio setor e tinha que protegê-las da chuva. Brinquei:

— Por quê? Elas são de açúcar?

Ele respondeu, resmungando:

— Sim, são de açúcar. Elas se diluem em água. De dois homens, sobra um. Vão morrer todos em Madri.

Foram suas últimas palavras. Ele estava de péssimo humor.

Mikhail Koltsov

Entre 13 e 19 de novembro, 60% das tropas levadas por Durruti a Madri tombaram diante do inimigo e, com elas, grande parte de seu estado-maior. Os que sobreviveram estavam totalmente esgotados e sem dormir.

Ricardo Sanz 2

Militarmente tudo foi uma catástrofe. Uma Coluna com tal mentalidade não podia conseguir nada em Madri. Eles não tinham simplesmente o menor senso de disciplina; cada um fazia o que tinha vontade. Quando começaram a perceber seus erros já era muito tarde. As outras unidades, que entraram na campanha com uma ideologia — penso, por exemplo, nos comunistas —, funcionavam de modo completamente diferente. Sua disciplina militar era rigorosa. Entre os anarquistas não havia covardes, a maioria era por sinal extremamente corajosa. Mas militarmente tudo foi uma catástrofe.

Martínez Fraile

SÉTIMO COMENTÁRIO

O HERÓI

Para quem ama a certeza, a história do anarquismo espanhol pode ser uma fonte de desespero. Onde se buscam fatos, serão oferecidas versões. Quantos filiados a CNT tinha em 1919? Setecentos mil, um milhão, quinhentos e cinquenta mil? Três fontes, nenhuma pior do que as outras, dão três informações diferentes. Quando da eclosão da Guerra Civil em 1936, os números oscilam entre um milhão e um milhão e seiscentos mil. Um ano depois a redação do Solidaridad Obrera estraga todo o apetite da investigação acadêmica numa frase: "Chega destas miseráveis estatísticas! Elas congelam nosso cérebro e fazem nosso sangue estancar".

O conjunto dos fatos fica ainda mais confuso quando se aproxima da figura do herói. A biografia de Durruti tem uma característica peculiar. As contradições entre os relatos que nos foram deixados compõem um novelo embaraçado de boatos. Teria Durruti participado pessoalmente do atentado ao primeiro-ministro Dato? Quais países da América Latina visitou e o que aconteceu na viagem? Quem incendiou a catedral de Lérida? Houve uma aproximação entre Durruti e os comunistas no outono de 1936? Estas perguntas ou não têm resposta ou têm várias.

As duas obras de consulta básica sobre a Guerra Civil mencionam Durruti em apenas algumas páginas, e mesmo as escassas datas que fornecem não batem absolutamente umas

com as outras. O inglês Hugh Thomas relata que Durruti foi condenado à morte em quatro países; sua Coluna contava com mil homens no final de julho de 1936; sua morte foi causada provavelmente por uma bala perdida, vinda do lado inimigo. O francês Pierre Broué, ao contrário, fala de uma única condenação à morte, na Argentina; estima em três mil o contingente de sua Coluna e acha possível que Durruti tenha sido fuzilado por seus próprios homens.

Estas discrepâncias não devem impressionar nem servir de censura aos historiadores. Nem mesmo a mais zelosa investigação crítica das fontes poderá desembaraçar este novelo legado pela tradição; em todo caso, com seu auxílio é possível esboçar a árvore genealógica das diferentes versões. Estas esquematizações permitem verificar como um obscuro panfleto de propaganda política é citado num trabalho meio científico e ganha com isso uma certa respeitabilidade. A partir daí ele continua a perambular pelas interpretações sérias, obras de consulta e léxicos. A crença cega na palavra escrita é muito difundida; algo que é citado com bastante frequência passa a valer como fato.

Que a história de uma organização como a CNT e principalmente como a FAI se mova num solo escorregadio não é difícil de explicar. Em geral não se publicam atas de reuniões onde as massas tomam as coisas nas próprias mãos, em vez de deixarem a cargo de políticos "ilustres". O que acontece na rua raramente passa para o papel. Para isso contribuí também o longo exercício da ilegalidade, que se tornou uma segunda natureza na anarquia espanhola. As lutas de classes na Espanha não eram razão para alimentar revistas informativas. Na resistência clandestina, onde atuavam homens como Durruti, não entravam câmaras de televisão. Como os arquivos da polícia espanhola continuam fechados ao público, e certamente por boas razões, ficamos ainda hoje na dependência de duas fontes principais: a propaganda política da CNT na época e as recordações dos sobreviventes. Muitos dos que presenciaram os acontecimentos preferem ficar calados. Quem fala toma certos cuidados, e a própria distância temporal de três a seis décadas

não deixa a memória totalmente fresca. Mas os velhos panfletos, as revistas já meio esquecidas dos anos 1920 e 1930 superaram, e muito, seus objetivos iniciais: elas serviam para a agitação imediata, para o acerto de contas, para a acusação. Ali, as incriminações da polícia eram repudiadas com indignação e a inocência dos companheiros proclamada com toda a convicção. No entanto, já na página seguinte o assunto era a gloriosa ação armada, os atentados e os assaltos executados com êxito.

As contradições entre estes relatos que nos foram transmitidos não devem ser separadas de seu conteúdo. Este material não permite uma leitura passiva. Ler significa aqui diferenciar, julgar, tomar partido.

Esta obscuridade peculiar que paira sobre a história do anarquismo espanhol fica mais forte quanto mais nos aproximamos do objeto deste livro. Mesmo depois de ler tudo o que foi transmitido sobre ele através de experiências pessoais, Durruti permanece sendo o que sempre foi: um desconhecido, um homem da multidão. Salta aos olhos como nos relatos repetem-se afirmações de caráter negativo: "Ele não era um orador". "Não pensava em si mesmo." "Não era um teórico." "Não dava para imaginá-lo como general." "Ele não era vaidoso." "Não parecia um líder de partido." "Não tinha nada de general." "O trabalho de organização não era o seu forte." "Em nosso movimento havia muitos Durrutis." "Ele não era um funcionário, nem um intelectual nem um estrategista." Como e o que ele era realmente nós não ficamos sabendo. Aquilo de que todo o resto depende não pode ser dito de modo manifesto. O específico de Durruti não pode ser apreendido como particularidade individual. O que aparece no detalhe anedótico é um gesto social, mesmo nas ações de caráter privado. As descrições retêm um perfil proletário inconfundível, mas traçam uma personagem sem preenchê-la psicologicamente.

Não se tem empatia com Durruti. É exatamente por isso que as massas se reconheciam nele. Sua existência individual foi inteiramente consumida num caráter social, o do herói. Mas a história de um herói obedece a leis desconhecidas pelo ro-

mance de formação burguês.* A combinação de seus elementos é governada por necessidades mais prementes do que meros fatos. A lenda reúne anedotas, aventuras, mistérios; ela toma para si aquilo de que precisa e deixa de lado o que não utilizará. Desta forma, obtém uma espécie de concordância entre os elementos que a partir daí será defendida tenazmente. O inimigo que pretende destruir esta concordância, "desmascarando" o herói, esbarra na consistência, na consequência e na riqueza de tais narrações coletivas. A refutação científica de uma ou outra particularidade afeta menos ainda a história de um herói. Esta imunidade empresta a ele um peso político específico que deve ser levado em conta até pelos melhores enxadristas da Realpolitik: estes jamais se oporão a Durruti; tentam, ao contrário, tirar dividendos de sua autoridade, principalmente quando ele já está morto e não pode mais se defender.

A dramaturgia da lenda do herói está dada em seus traços principais: a origem do personagem é modesta. Ele sai do anonimato como um combatente exemplar. A fama vem ligada a sua coragem, honestidade e solidariedade. Consegue se preservar mesmo em situações mais adversas como a perseguição e o exílio, salvando-se sempre enquanto outros morriam, como se fosse à prova de balas. No entanto, ele só será o que é com a morte. Uma morte como esta sempre tem em si um componente enigmático: no fundo, só pode ser explicada por alguma traição. O fim do herói tem o efeito de um presságio, mas também de um compromisso. É só neste momento que se cristaliza a lenda. Seu enterro se transforma numa manifestação. Ruas são batizadas com seu nome, sua foto aparece em muros e cartazes: tornou-se um talismã. A vitória de sua causa leva à canonização de sua pessoa, ou seja, a um novo absurdo e traição. Durruti também poderia ter-se tornado um herói oficial, nacional. A derrota da Revolução Espanhola preservou-o deste destino. Ele permaneceu sendo o que sempre fora: um herói proletário, um homem entre os explorados, reprimidos e perseguidos. Ele faz parte da Anti-história que não se encontra nos livros. Seu tú-

(*) *Bürgerliches Entwicklungsroman*, no original. (N. T.)

mulo fica na periferia de Barcelona, à sombra de uma fábrica. Sobre a laje simples, sempre há algumas flores. Seu nome não se encontra gravado em nenhum canteiro. Só quem prestar muita atenção poderá decifrar o que um desconhecido rabiscou sobre a lápide, utilizando-se de uma faca: a palavra Durruti.

A MORTE

A NOTÍCIA

Eu estava voltando da linha de frente com meus homens quando alguém me chamou, na Praça Moncloa:

— Rionda, venha cá.

— O quê, eu?

— É, você!

Fui até lá, e ele disse:

— Rionda, venha rápido, Durruti está à beira da morte.

Ele era Ramón García, um dos milicianos da guarda pessoal de Durruti, um homem baixo, míope e de rosto pequeno.

Ricardo Rionda Castro

Eu estava trabalhando em minha máquina de escrever. A tarde já ia bem avançada quando vi chegar o motorista de Durruti. Ele se chamava Julio Graves, um jovem de estatura mediana que andava sempre bem-vestido. Perguntou por meu irmão Eduardo, amigo dele dos tempos da luta revolucionária em Barcelona. Disse-lhe que Eduardo estava descansando no quarto ao lado. Não prestei muita atenção no motorista, mas lembro que parecia agitado e tinha o ar triste. Atribuí isso aos dias difíceis por que estávamos passando.

Quando meu irmão acordou, ouvi-os trocar algumas palavras. De repente, começaram a chorar. Levantei-me rapidamente e fui ter com eles.

— O que está havendo? — perguntei.
— Durruti está gravemente ferido. Talvez até já esteja morto.

— Mas é melhor que ninguém saiba de nada — acrescentou o companheiro Julio Graves.

Eram cinco da tarde.

Nós três fomos correndo ao Hotel Ritz, onde estava instalado o hospital militar das Milícias catalãs. Ainda eram poucos os que tinham ouvido a notícia. No hospital, encontrei o dr. Santamaría, um médico anarquista que acompanhara as tropas de Durruti da Frente de Aragón até Madri. Alto e magro, em seu avental branco de cirurgião, ele me informou sobre o estado do ferido. Não tinha mais esperança na vida de Durruti.

Uma enfermeira saiu do quarto em que ele estava. Conversaram sobre uma sonda que fora introduzida duas vezes.

Fui ao Subcomitê Nacional da CNT. Alguns boatos já tinham vazado. Os companheiros falavam da necessidade de manter silêncio. Até altas horas da noite eu não tive coragem de telefonar para Barcelona e dar a notícia.

A direção dos anarquistas reuniu-se para deliberar; tínhamos que esperar a decisão. Tratava-se, antes de mais nada, da defesa de Madri. Mesmo depois de morto, Durruti era um homem que, como El Cid, podia vencer uma batalha apenas com seu nome.

Ariel

Não me lembro mais da data exata. Mas uma tarde, por volta de três e meia, levamos o líder dos anarquistas espanhóis para o hospital militar, na minha opinião já mortalmente ferido. Naquela época não havia ainda a moderna cirurgia de coação, com método e tecnologia adequada. Informei meus colegas. O caso não tinha saída: era esperar pela morte. Mandeí meu diagnóstico para um médico capacitado, o dr. Bastos, que confirmou minha opinião, desaconselhando uma intervenção.

O ferimento estava localizado na altura do tórax, entre a sexta e a sétima costelas. As lesões internas eram muito graves,

especialmente na região do pericárdio. Não havia mais dúvidas de que o paciente iria morrer por causa de uma hemorragia interna.

Martínez Fraile

Quando cheguei, ele ainda estava vivo. Reconheceu-me. Sentia dores, queria falar, mas o médico proibira. Depois ainda disse alguma coisa que não entendi muito bem. Algo sobre comitês. Comitês! Comitês demais! Era o que sempre afirmava desde que chegáramos a Madri. Havia um comitê em cada esquina. Era preciso fechá-los a tiros. Comitês demais! Foi a última coisa que disse.

Ricardo Rionda Castro

Como morreu nosso companheiro Durruti.

Por volta de oito e meia da manhã, nosso infeliz companheiro encaminhava-se em direção à linha de defesa para inspecionar os postos avançados de sua Coluna. No caminho encontrou alguns milicianos que voltavam da linha de defesa. Quando estava saindo do carro, ouviu-se o estampido de um disparo. Supõe-se que partiu da janela de um pequeno hotel na Plaza de la Moncloa. Durruti tombou ao solo, sem dizer uma palavra. O projétil assassino perfurou suas costas. O ferimento foi mortal: não havia chances de salvá-lo.

Solidaridad Obrera

A SUSPEITA

A atmosfera nessa noite foi extremamente perturbada, agitada e cheia de emoção. A morte iminente de Durruti deixava as pessoas sem saber o que fazer. Aumentava o receio de possíveis dissensões e lutas internas dentro das organizações.

Martínez Fraile

O saguão do Hotel Ritz ficou cheio de membros da CNT. Muitos choravam. Não sabíamos como responder às perguntas.

Depois de algum tempo Manzana e Bonilla saíram para fazer com que nossas tropas fossem evacuadas da linha de defesa, pois previam que haveria brigas se tivessem notícia da morte de Durruti. Nossas tropas foram alojadas num quartel no bairro de Vallecas e receberam ordens para permanecer ali.

A morte de Durruti só foi anunciada oficialmente no dia 21. Neste mesmo dia nós, as testemunhas, fomos convocados para nos apresentar a Marianet, que fez com que jurássemos manter silêncio sobre as circunstâncias em que Durruti morrera.

Ramón García Castro

A morte de Durruti foi um golpe terrível. Ele estava voltando da frente de defesa para a cidade, desceu do carro e caiu mortalmente ferido. Na primeira versão oficial transmitida pela CNT dizia-se que um policial da Guardia Civil, um franco-atirador inimigo, o havia atingido com uma Mauser de cima de uma sacada. Isso pressupunha uma precisão incrível, pois o tiro quase atingira o coração. Era difícil acreditar. Além disso, ele não estava sozinho, mas cercado por seu corpo de guardas, por seus amigos. Como o projétil poderia ter acertado o alvo? Tínhamos nossas dúvidas.

Jaume Miravittles I

No mesmo dia de minha chegada a Madri, fui inspecionar o quartel Granada, onde os soldados sobreviventes da Coluna descansavam. Todos eles se reuniram no espaçoso saguão. Comigo viera também a ministra Federica Montseny, a primeira a falar. Ela informou à tropa que eu fora designado para substituir Durruti.

Houve um grande alvoroço. No dia anterior, além da morte de Durruti, dois outros companheiros da Coluna tinham sido mortos em plena rua enquanto passeavam. Os soldados gritavam:

- Não, Sanz. Isso é impossível.
- Qual o problema? — perguntei.

Um dos soldados respondeu-me:

— Companheiro Sanz, não precisa ficar preocupado se nós estamos nervosos. Todos temos certeza de que não foram os fascistas que mataram o nosso Durruti. Foram inimigos em nossas próprias fileiras, inimigos nossos dentro da República. Assassinarão-no porque sabiam que Durruti era incorruptível e não pactuaria com interesses suspeitos. E o mesmo acontecerá com você, se não tomar cuidado. Quem defender idéias revolucionárias terá que ser liquidado. É o que está acontecendo aqui. Existem pessoas com medo de que a Revolução vá muito longe. Ontem dois companheiros foram mortos pelas costas enquanto passeavam. Eles também vão matá-lo, se ficar em Madri. Queremos sair daqui o mais rápido possível; queremos voltar para Aragón. Lá sabemos com quem temos que lutar, pois não há inimigos que nos atacam pelas costas.

Todos eram mais ou menos da mesma opinião.

E, de fato, uma parte considerável da Coluna retornou a Aragón. O resto ficou em Madri.

Ricardo Sanz 3

Assim que ele morreu, começaram as mentiras. Os comunistas o assassinaram, foi o fulano de tal quem disse. Vocês não ouviram no rádio? Já era quase impossível deter os milicianos da Coluna Durruti que queriam largar as armas e voltar para casa, todos temendo também ser assassinados. Foi a rádio dos fascistas que espalhou todas essas mentiras. Primeiro anunciou que tinham sido os comunistas. Quem fez tal afirmação foi Queipo de Llano, aquele fascista que aprontava berreiros no rádio. De repente ele mudou a cantiga: não teriam sido mais os comunistas, mas a própria guarda de Durruti. Foi uma verdadeira confusão! Em Madri, todo mundo — os comandos, o governo — dizia estes disparates e repetia os boatos mais fantasiosos. Isso nos irritou bastante. Eu mesmo fui aos nossos jornais, aos jornais da CNT, e disse: nós estamos em guerra e isso não pode continuar assim. Vocês têm que escrever uma nota,

rápido, para pôr um fim nesta onda de boatos! Logo depois, a nota foi publicada.

Ricardo Rionda Castro

No primeiro momento não estava descartada a hipótese de que poderia ter sido um atentado bem planejado. Em favor desta hipótese falava a rivalidade arraigada entre os diversos partidos e grupos. Com Durruti, eliminava-se um dos poucos homens de destaque da Revolução que exerciam influência sobre as massas. Toda a sua vida tinha algo de legendário. Justamente pelo fato de o povo ter um sentimento muito forte em relação a ele foi que se passou a acreditar num assassinato, embora esta suposição fosse vaga naquelas circunstâncias.

A rádio dos militares, naturalmente, aproveitava de todas as formas a desmoralização e a confusão do nosso lado. Os comitês da CNT e da FAI consideravam estas transmissões manobras maquiavélicas e responderam a elas em 21 de novembro com o seguinte comunicado:

“Trabalhadores! Os intrigantes da assim chamada Quinta Coluna espalharam o boato de que nosso companheiro Durruti teria sido morto num assassinato pérfido e traiçoeiro. Advertimos todos os companheiros contra semelhantes calúnias. Esta invenção nojenta deve ser destruída pela poderosa unidade do proletariado em suas ações e em seu pensar, unidade essa que é nossa arma mais forte na luta contra o fascismo. Camaradas! Durruti não foi vítima de um ato traiçoeiro. Como outros soldados da liberdade, ele tombou em combate, cumprindo heroicamente o seu dever. Repudiamos estes boatos ordinários, espalhados pelos fascistas para romper nosso bloco indestrutível. Nada de temor ou vacilo! Nada de dar ouvidos a linguarudos irresponsáveis cujos boatos só podem nos levar ao fratricídio! São os inimigos da Revolução que espalham estes boatos!

Comitê Nacional da CNT. Comitê Peninsular da FAI.”

José Peirats I

Valencia, 23 de novembro. O Comitê Nacional da CNT e da FAI fez comunicar o seguinte esclarecimento:

Em relação à morte de nosso companheiro Durruti foi anunciada uma série de boatos e suposições que o Comitê, conhecendo as circunstâncias reais do fato, tem de rejeitar. Nosso companheiro foi atingido por um disparo fascista e não, como muitos poderiam crer, por manobras de determinada facção.

Não podemos esquecer que nos encontramos em guerra contra o fascismo, cujos bandos o proletariado espanhol combate com todos os antifascistas e forças unificadas.

Por isso, o órgão supremo da classe trabalhadora anarquista da Espanha conclama todos a deixar de lado observações que possam comprometer o sucesso de nossas operações ou até destruir a liga sagrada da classe trabalhadora espanhola contra as bestas da reação.

Esperamos que este esclarecimento possa convencer todos os nossos companheiros e os leve a manter seus postos. Avante! Eliminemos o fascismo na Espanha!

O Comitê.

Solidaridad Obrera

AS SETE MORTES DE DURRUTI

Estou certo de que foi um atentado. Assim que Durruti morreu, os líderes mais importantes da anarquia espanhola desapareceram de Madri. O clima político modificou-se da noite para o dia.

De súbito, muitos anarquistas se viram perseguidos. Inútil dizer por quem: pelos comunistas, é claro. Naquelas noites era mais perigoso andar pelas ruas de Madri com uma carteirinha de filiado da CNT-FAI no bolso do que com uma de filiado a um partido de extrema direita.

Martínez Fraile

Durruti morreu na linha de defesa alguns dias após a derrota dos anarquistas na colina de Garabitas. Ele recebeu um tiro pelas costas. Admite-se a explicação de que foram seus próprios soldados que o teriam assassinado, pois Durruti era pela

participação ativa dos anarquistas no comando da guerra e pela colaboração com o governo de Largo Caballero.

Naquela época muitos anarquistas estavam interessados, antes de mais nada, em fundar uma república libertária ideal na Espanha. Não tinham nada para negociar com os socialistas, comunistas ou republicanos burgueses. Eles não pensavam em expor a cabeça pelo governo de Largo Caballero. A seus olhos, isso não era "importante".

Louis Fischer

Durruti foi sem dúvida vítima de sua imprudência. Ele chegou à linha de defesa da Cidade Universitária à tarde. O lugar estava calmo. Exatamente por isso o momento era perigoso, na medida em que os homens se movimentavam com total despreocupação.

O grande Packard ficou estacionado próximo à linha de combate. Em frente ficava o hospital da Universidade, um edifício de seis ou sete andares que oferecia um ótimo campo de tiro. O inimigo ocupava os pavimentos superiores, os nossos soldados, os inferiores.

Quando o inimigo, certamente bem vigilante, viu parar o carro a menos de um quilômetro, teve apenas que esperar até que os ocupantes descessem. Como estavam a céu aberto, sem nenhuma proteção, algum guarda inimigo disparou sua metralhadora, que feriu Durruti mortalmente e dois de seus acompanhantes com menor gravidade.

Ricardo Sanz 3

No dia seguinte corria o boato de que Durruti fora morto por um de seus homens quando tentava impedir que suas tropas, tomadas de pânico, batessem em retirada. Quando mais tarde foi confirmada a notícia de sua morte, as circunstâncias em que tinha morrido aumentaram ainda mais a nossa dor pela perda deste valente oficial. Quanto à sua unidade, ela não só não foi capaz de tirar o inimigo de suas posições como, ao contrário, foi o próprio inimigo quem a fez recuar ainda mais. De-

pois da morte de Durruti estas tropas tiveram que ser imediatamente dissolvidas. Elas eram um verdadeiro perigo para toda a Frente de Madri.

Enrique Lister

O motorista de Durruti contou-me como tudo aconteceu. Ele foi comigo até o escritório do *Solidaridad Obrera* em Madri, para que pudéssemos conversar sem que ninguém nos interrompesse.

— Diga-me toda a verdade — pedi ao companheiro Julio Graves.

— Não há muito o que dizer. Depois do almoço fomos para a frente de defesa na Cidade Universitária. O companheiro Manzanas nos acompanhou. Chegamos à Praça Cuatro Caminos. Entrando na Avenida Pablo Iglesias dei toda a velocidade. Passamos em frente aos pequenos hotéis no fim da avenida e viramos à direita.

“Depois das pesadas perdas sofridas na Praça de Moncloa e nos muros da prisão-modelo, as tropas de Durruti haviam mudado suas posições. Estava claro, um sol de tarde de outono pairava por sobre as ruas. Atravessávamos um cruzamento quando um grupo de milicianos apareceu, vindo na direção contrária. Durruti logo percebeu que eram jovens querendo abandonar a linha de defesa. Ordenou para que eu parasse o carro.

“Paramos em pleno campo de tiro do adversário: as tropas mouras que haviam ocupado o hospital universitário tinham pleno domínio sobre o lugar. Por precaução, parei o carro na esquina onde fica um daqueles pequenos hotéis. Durruti desceu e foi ter com os soldados que estavam fugindo. Perguntou-lhes para onde iam, e eles não souberam o que responder. Durruti deu-lhes instruções com sua voz rouca e ordenou, num tom cortante, que retornassem a seus postos. Os soldados obedeceram. Fizeram meia-volta.

“Durruti virou-se de novo em direção ao carro. O fogo dos fuzis aumentava. A gigantesca massa vermelha do hospital fi-

cava imediatamente à nossa frente. Ouvimos balas passarem assobiando. Durruti já esticava a mão para alcançar a maçaneta da porta quando caiu. Tinha sido atingido no peito. Manzana e eu saímos correndo do carro e o pusemos no banco de trás.

“Manobrei o mais rápido que pude e voltamos voando para a cidade, para a enfermaria das Milícias catalãs. O resto você já sabe.”

Ariel

No fundo, ficamos na dependência de hipóteses. Eu só sei que, embora não seja de primeira mão pois foi um conhecido que me contou, um conhecido aliás muito bem-informado, eu só sei que Auguste Lecoeur, um dos homens mais importantes do Partido Comunista francês, na verdade depois de Thorez o segundo na hierarquia até sua expulsão por causa das discussões em torno de Stálin — enfim, este Lecoeur, hoje um anti-stalinista, disse abertamente a seu amigo que teriam sido os comunistas, os comunistas teriam matado Durruti.

Gastón Leval

Noite de São Bartolomeu promovida pelos anarquistas em Barcelona. ep. Paris, 23 de novembro.

Segundo o *Eco de Paris*, o líder anarquista catalão Durruti, a alma da resistência em Madri, não foi morto em combate contra as tropas nacionalistas, como informaram os bolcheviques, mas foi *assassinado por comunistas*.

Em Madri houve por diversas vezes conflitos entre comunistas e anarquistas durante a divisão da pilhagem conseguida nos saques aos palácios de nobres. Numa dessas brigas Durruti teria ameaçado os comunistas de voltar para Barcelona com seus anarquistas, deixando Madri à própria sorte. Nessa mesma noite Durruti teria sido atacado e morto em frente à porta de seu apartamento por um grupo de comunistas.

Ainda segundo o enviado do *Eco de Paris* a Barcelona, os anarquistas teriam instaurado um governo de terror na capital catalã: assim que foi divulgada a notícia do assassinato do líder

pelos comunistas madrilenhos, os anarquistas promoveram uma espécie de noite de São Bartolomeu em Barcelona.

Os terríveis excessos cometidos teriam por fim parecido *demasiado abusivos até mesmo para a direção da liga anarquista* (!), que em comunicados ameaçadores exigia a suspensão do terror sanguinário.

Volkischer Beobachter*

Telegrama do secretário-geral do Partido Comunista da Espanha.

“Foi com muito pesar que tomamos conhecimento da gloriosa morte do nosso companheiro Durruti, este filho abnegado da classe trabalhadora, este defensor entusiasta e enérgico da unidade do proletariado. A bala criminosa dos bandidos fascistas roubou-nos uma vida jovem, mas cheia de sacrifícios. Agora mais do que nunca estaremos unidos na defesa de Madri, até o aniquilamento dos bandos fascistas que sujam nosso país de sangue! Pela luta unida em todas as frentes da Espanha! Vingança a nossos heróis! Pelo triunfo da Espanha do povo! José Díaz.”

Solidaridad Obrera

Algum tempo depois, a viúva de Durruti — ou foi o Comitê Central da CNT? — enviou-me para uma exposição em homenagem a Durruti, a camisa que ele usava no dia de sua morte. Fiquei observando o buraco por onde a bala passara e mandei chamar um *expert* no assunto. Chegamos à conclusão de que a bala só podia ter sido disparada de muito perto, pois o tecido da camisa apresentava sinais visíveis de material queimado e pólvora.

Ora, nós conhecíamos muito bem a mentalidade dos anarquistas. Sabíamos que em Madri Durruti já não era mais o velho *guerrillero*; tornara-se um militar regular. Sabíamos tam-

(*) Significa “Observador do Povo”. (N. T.)

bém que ele tomava medidas enérgicas e inapeláveis contra comandantes anarquistas que não cumprissem seu dever. Chegou até a mandar fuzilar alguns deles. Então concluímos que talvez pudesse ter sido um ato de vingança.

Jaume Miravittles 1

Passado um ano da morte de Durruti, foi inaugurada na Plaza de Cataluña uma exposição em homenagem aos heróis de Madri. Entre outros objetos estava exposta a camisa que Durruti vestia quando morreu. Ela ficava numa caixa de vidro. As pessoas se aglomeravam, tentando observar melhor o buraco causado pela bala no tecido. Fiquei ali por perto, até que de repente ouvi alguém dizer que era impossível que aquele buraco tivesse sido feito por um disparo de uma distância de sessenta metros. Na mesma noite incumbi especialistas do Instituto Médico Legal de examinar a camisa. Eles chegaram ao resultado unânime de que a bala só poderia ter sido disparada a uma distância não superior a dez centímetros.

Alguns dias mais tarde encontrei-me para jantar com a mulher de Durruti, que era francesa.

— Como foi que ele morreu? — perguntei. — Certamente a senhora sabe a verdade.

— Eu sei de tudo. — Olhou diretamente nos meus olhos. — Até o dia de minha morte ficarei com a versão oficial: um policial da Guardia Civil acertou-o de uma janela de um edifício. — E com a voz um pouco mais baixa acrescentou: — Mas eu sei quem o matou. Era um dos que o acompanhavam. Foi um ato de vingança.

Jaume Miravittles 2

Durruti era um homem que vivia e respirava o ar da anarquia do século XIX. Ele via a si mesmo como um herdeiro de Bakunin e, com isso, como um dos adversários mais convictos dos marxistas. Além disso, era um homem de grande inteligência, um homem que queria levar a República à vitória sobre os seguidores do general Franco.

Na Frente de Aragón não havia muita luta. Na vã esperança de poderem afirmar-se depois sobre os comunistas, os anarquistas mantinham guardada em Barcelona uma grande quantidade de armas automáticas, que teriam sido de grande utilidade na luta em Madri. A posição ideológica dos anarquistas já estava meio abandonada desde o momento em que aceitaram a co-responsabilidade pelo governo. Mas sua posição militar permanecia inabalada: tal como antes, eles tinham condição de vencer os combates de rua, ocupar estações de rádio e outros centros de comunicação ou — se os princípios antiautoritários o exigissem — abrir todas as portas ao inimigo para impedir que os comunistas assumissem o controle sobre a República (os comunistas, no entanto, não tinham condições para isso, pois a vitória na Espanha certamente desencadearia um conflito mundial indesejável para Moscou).

Assim surgiu uma situação em que os “ideólogos puros” de ambos os lados — dos herdeiros de Marx e dos herdeiros de Bakunin — se viram constrangidos a negociar com pessoas menos puras cuja intenção principal era ganhar a guerra.

Durruti tem a seu favor o fato de ter-se prontificado a ir para Madri tentar acertar um acordo com o Partido Comunista e com o governo central. Acompanhados pelo retinir de suas armas, ele e seu corpo de guarda freqüentavam as tabernas da Gran Vía, enquanto granadas das tropas de Franco explodiam lá fora, nas ruas. Os moradores de Madri nunca tinham visto antes combatentes como estes: o pensamento de que estes homens tão bem armados vinham para ajudá-los enchia-os de entusiasmo. A certa altura, Durruti deixou sua guarda pessoal e foi sozinho para um encontro com os comunistas. Quinze minutos depois foi fuzilado em plena rua por agentes de um grupo de anarquistas que se chamava justamente Os Amigos de Durruti.

Os historiadores da Guerra Civil apresentam este episódio de maneira inteiramente falsa quando se contentam com a versão segundo a qual Durruti teria ido para a linha de frente, sendo morto ali por um desconhecido. Por razões fáceis de entender, esta versão foi divulgada na época pelo governo repu-

blicano e pelo Partido Comunista, ambos interessados em minimizar o conflito entre anarquistas e comunistas. Chegou-se até a afirmar que Durruti teria sido vítima de uma bala perdida vinda das trincheiras de Franco. Nenhuma dessas versões corresponde à realidade. Ele foi morto em plena rua, pelas costas. Muitas pessoas puderam presenciar seu fim. Sua morte pode ser entendida como uma das demonstrações mais extremas do modo de pensar dos anarquistas. Em último caso, ela nos fornece um testemunho de que o conflito entre anarquistas e comunistas é insolúvel.

Os Amigos de Durruti haviam-se organizado muito tempo antes do assassinato. O grupo deveria representar o espírito do “verdadeiro” anarquismo e a oposição contra as tendências autoritárias do comunismo. Deste ponto de vista, o assassinato de Durruti pelos próprios “amigos” é um fato muito lógico. Sua morte foi o último ato na disputa entre Bakunin e Karl Marx.

Anônimo 2

Se em meio a uma guerra um homem é morto a tiros em plena rua, não é muito difícil responsabilizar tanto o lado inimigo quanto o próprio aliado pela morte. A bala fatal foi disparada num bairro onde as tropas nacionalistas estavam sendo expulsas. É improvável que o atirador responsável pela sua morte o tivesse reconhecido e estivesse ciente, ao atirar, de que tinha Durruti à sua frente. Buenaventura Durruti não trazia nenhuma insígnia no uniforme. O soldado abria fogo contra qualquer miliciano atacante que encontrasse: o atirador responsável devia, portanto, estar nas tropas de Franco. O problema é que Durruti foi morto pelas costas. Mas a bala veio do alto, de um daqueles edifícios que ainda estavam nas mãos do inimigo.

Mais tarde houve entre os republicanos controvérsias sobre esta questão. Muitos anarquistas deram a entender que Durruti fora morto pelos comunistas. Isso é inverossímil. Verdadeiro nisso tudo é, no entanto, o fato de que sua morte trouxe vantagens táticas consideráveis para os comunistas. Com Dur-

ruti, desapareceu a única figura do movimento anarquista cujo prestígio teria sido suficiente para impedir a crescente influência dos comunistas.

O grupo dos Amigos de Durruti só nasceu vários meses após sua morte. Isso fica claro pelo próprio nome. É uma tradição entre os anarquistas colocar em seus grupos o nome de alguma personalidade morta do movimento, um filósofo ou líder político — mas nunca o nome de alguém vivo. O primeiro grupo com esse nome foi formado em Paris. Um segundo surgiu na Espanha. Ele combatia a política de compromissos e o recuo da CNT ante as pressões dos comunistas. Não é verdade que Durruti estava disposto a “fazer certos arranjos” com os comunistas. Quando de sua morte, os comunistas não tinham a menor condição de exercer uma forte pressão sobre os anarquistas. Isso só foi possível depois da morte de Durruti, quando aumentou muito a influência russa na Espanha. Nas entrevistas concedidas por Durruti, pouco antes de sua morte, à veterana anarquista Emma Goldmann, ele tornou clara a sua posição. À questão de saber se não era muito confiante, respondeu: “Se os trabalhadores espanhóis tiverem que escolher entre nossos métodos libertários e a espécie de comunismo que a senhora conhece por suas experiências na Rússia, tenho certeza de que saberão fazer a escolha certa — não tenho o que me preocupar quanto a isso”. Emma Goldmann perguntou-lhe o que aconteceria se os comunistas ficassem tão fortalecidos que não sobrassem mais escolha para os trabalhadores. Durruti: “Nós daremos um jeito nos comunistas assim que tirarmos Franco do caminho — se for necessário daremos um jeito neles até antes”. Talvez isso ocorresse se ele tivesse vivido.

Albert Meltzer

Se há uma coisa em que nunca acreditei e contra a qual sempre lutei é a suspeita de que Durruti teria sido morto pelas costas por sua própria guarda pessoal. Esta é uma mentira infame. Nenhum dos seus homens teria sido capaz de tal crime. Depois, falou-se aqui e ali que teriam sido os comunistas. Digo

ao senhor com toda a sinceridade que também não acredito nesta versão. A mentira de que os anarquistas mataram Durruti foi inventada por alguns jornalistas e historiadores, todos marionetes dos comunistas. Naquela altura os comunistas faziam de tudo para pôr o movimento anarquista em descrédito. Os outros repetiam essas mentiras. Há pessoas que engolem tudo o que lhes dizem.

Federica Montseny 1

A TESTEMUNHA OCULAR

Hoje já se passaram trinta e cinco anos, e apesar disso ainda lembro exatamente não só o dia e a hora mas também todos os detalhes.

Tínhamos estacionado na Rua Miguel Ángel 27, onde ficava o quartel-general de Durruti. Este palácio era a residência na cidade do duque de Sotomayor, sobrinho do rei Afonso XIII. Era dia 19 de novembro. À tarde veio um mensageiro da linha de defesa. O Hospital das Clínicas tinha caído nas mãos do inimigo. Entramos rapidamente no automóvel. Eram quatro horas da tarde, talvez dez para as quatro ou quatro e dez. Fomos direto para a linha de defesa, o mais perto que pudemos do hospital, para examinar a situação. Na frente estava o motorista Julio e ao lado, como sempre, Durruti: ele não suportava o banco traseiro. Por isso, Manzana, Bonillo e eu ficamos sentados atrás.

Atravessamos a cidade e chegamos à Praça Moncloa pelo passeio Rosales, bem em frente à esquina da Rua Andrés Beyer. Ouvimos o assobio das balas. Paramos o carro, pois não dava para continuar. O automóvel oferecia um alvo demasiado fácil para os atiradores inimigos. Por isso, Julio parou e desceu para se informar sobre a situação. Durruti tentou segui-lo: pega seu fuzil-metralhadora, um Naranjero, abre a porta do carro e bate com a arma no estribo. O gatilho dispara e a bala o acerta, atravessando o peito.

Eu também já estava descendo do carro; só um de nós havia ficado dentro dele. Levantamos Durruti, todo ensanguentado, mas consciente. O sangue escorria-lhe pelo peito. Tenta-

mos limpá-lo, em vão. Conseguimos colocá-lo no automóvel, entramos e voltamos o mais rápido possível para o Hotel Ritz, onde ficava o hospital das Milícias.

Deixamos Durruti com os médicos, que fizeram de tudo para salvá-lo. Até as duas horas ele ainda estava consciente. Não sei se ainda disse alguma coisa, pois não fiquei mais ali. Lembro-me, porém, de que faleceu por volta das quatro da manhã, onze ou doze horas depois do acidente.

A morte de Durruti causou-nos uma tal impressão que não podíamos acreditar nela, nós que tínhamos sido testemunhas. Ninguém ousou divulgar a notícia, ninguém queria dizer a verdade. Por isso, no comunicado oficial foi dito que a causa tinha sido uma bala inimiga. Isso era perfeitamente plausível, só que na realidade não ocorrera assim. Depois, naturalmente, surgiram os boatos, alguns dizendo que os comunistas seriam os culpados, outros que nós, a sua guarda pessoal, o teríamos matado, e alguns outros ainda imputavam a culpa na Quinta Coluna. Ninguém descobriu a verdade de que havia sido um acidente no qual Durruti atirara em si mesmo.

Ramón García López

Antes eu defendia a teoria de que Durruti havia sido vítima de um atentado. Chegara a esta conclusão porque tinha em mãos uma espécie de *corpus delicti*: a camisa mostrava que o disparo só podia ter sido feito de muito perto. Além disso, eu sabia que a viúva de Durruti também tinha suas dúvidas quanto à versão oficial. Desde então conversei com muitas pessoas, inclusive com amigos de Emilienne. Parece que foi tudo diferente: quando Durruti estava descendo do carro, seu fuzil automático Naranjero (nunca entendi por que estas armas são chamadas de "pé-de-laranja") teria disparado sozinho, atingindo-o mortalmente.

Se foi realmente assim, o procedimento da CNT também se explica. Este tipo de morte teria um ressaibo de ironia: as massas não aceitariam nem acreditariam nesta versão. Um homem que tinha tanta familiaridade no trato com armas quanto

uma secretária com sua máquina de escrever! É natural que os anarquistas não tivessem a mínima vontade de destruir o mito que se construía em torno de Durruti com uma explicação tão banal. Isso seria impensável, não poderia acontecer.

Jaume Miravittles I

Ninguém jamais soube a verdade porque todos nós tivemos que fazer um juramento. Devíamos ficar calados até o fim da guerra e não dizer nada a nossos pais, nossas mulheres e amigos; primeiro porque esta morte tinha algo de ridículo para um anarquista, e segundo porque despertaria a suspeita de que Durruti teria sido morto por seus próprios homens. O juramento foi pedido por Federica Montseny, que ocupava uma pasta ministerial na época, e por Marianet, ou seja, Mariano R. Vázquez, o secretário do Comitê Nacional da CNT.

Doutor Santamaría, com quem conversei depois, não sabia dizer de onde poderia ter vindo o tiro. Mas confirmou que teria sido disparado de uma distância de no máximo quinze centímetros.

Jesús Arnal Pena 3

Muitas pessoas hoje não querem mais saber dessa história porque não têm mais interesse nela, embora conheçam a verdade tão bem quanto eu. Nós ouvimos os companheiros que estavam com ele, ou seja, Manzana, que era chefe do seu estado-maior em Madri, o motorista Estancio e um outro que o acompanhava. E o que eles disseram? Que o fuzil o atingira por descuido. Ele estava sentado nesta posição (*Rionda encena o gesto*) e segurava o fuzil com o cano apontado para cima. Ele o toma em suas mãos e tenta descer do carro, mas o gatilho dispara quando a arma toca o estribo, a bala escapa e atravessa-lhe o pulmão.

Eu conheço armas de fogo muito bem. Desde os 22 anos jamais saí de casa sem minha pistola. Nunca se sabe o que pode acontecer, principalmente à noite. Nunca fui a uma assembléia sem meu revólver, que ficava sempre na mão ou no cinto. É im-

portante ter como se defender, a qualquer hora. Mas Durruti sempre foi imprudente: este foi seu erro. Eu sempre lhe dizia isso. Ele era muito descuidado. Manzana também tinha a mesma opinião. Quando se anda ou quando se desce do automóvel, não se deve deixar a arma apontada para si mesmo. A Naranjero é uma espingarda terrível: dispara sozinha. Eu a conheço bem, pois mais tarde fiquei com a arma de Durruti, a mesma do acidente. Fiquei com ela até vir para a França: durante a fuga tive que deixá-la na fronteira.

Ricardo Rionda Castro

O ESPÓLIO

Era simplesmente inacreditável: ele não possuía nada, absolutamente nada. Tudo o que tinha era também de todos. Quando morreu, fiquei procurando algumas peças de roupa com as quais pudéssemos enterrá-lo. Por fim encontramos uma velha jaqueta de couro já inteiramente puída, uma calça de brim cáqui e um par de sapatos cheios de remendos. Em suma, ele era um homem que doara tudo o que possuía, não tinha mais nem um botão de camisa. Não possuía absolutamente nada.

Ricardo Rionda Castro

Na bagagem de Durruti foram encontrados os seguintes pertences: um jogo de roupas de baixo, duas pistolas, um binóculo e um óculos de sol. Este era todo o seu inventário.

José Peirats I

Em Madri, a morte de Durruti despertou profunda comoção. O cadáver foi levado pelos camaradas até a sede do Comitê Nacional da CNT, onde foi velado. Às quatro da manhã de 21 de novembro, o caixão foi tirado de lá num automóvel, e uma grande comitiva acompanhou o transporte até Valencia. Nas cidades por onde passava, a comitiva era esperada pela população. Em Chiva, o corpo foi recebido pelos ministros García

Oliver, Alvarez del Vayo, Just, Esplá e Giral. Em todas as aldeias, a população se manifestava com bandeiras rubro-negras e coroas de flores colocadas junto ao caixão. Em Valencia, os representantes do Comitê Regional levantino da CNT depositaram coroas de flores no carro que levava os restos mortais do camarada falecido.

Também na região do Levante e na Catalunha, todas as aldeias levavam seu último adeus ao morto. Pouco antes de uma da manhã de 22 de novembro, o caixão chegou à sede da CNT-FAI em Barcelona. Foi velado no vestíbulo da casa, sob flores e bandeiras rubro-negras. Acima dele, na bandeira que depois o cobriria, estavam gravadas as letras que continham o objetivo de sua vida e o ideal pelo qual também tinha morrido: CNT-AIT-FAI.

Durruti 6

O enterro foi realizado em Barcelona. O dia estava nublado, acinzentado. A cidade entrou numa espécie de histeria coletiva. Algumas pessoas se ajoelhavam na rua quando o féretro passava, acompanhado por uma guarda de honra de anarquistas em uniforme de campanha. Choravam. Nas ruas havia meio milhão de pessoas. Todos tinham os olhos rasos d'água. Durruti era para Barcelona o símbolo da anarquia e parecia inacreditável que tivesse morrido.

Naquele dia, um silêncio estranho pairou sobre a cidade. As bandeiras rubro-negras estavam hasteadas nos mastros. O sol não se mostrou. Eu jamais presenciara um dia tão silencioso, solene e triste como aquele.

Jaume Miravittles 2

A enorme casa da ex-federação dos empresários espanhóis, hoje Casa da CNT-FAI e sede do comitê regional catalão da CNT, fica na Vía Layetana, esta larga e moderna avenida que liga o porto de Barcelona à cidade nova. Nos últimos meses de sua vida, Durruti manteve um contato íntimo com esta casa: foi

no rádio dela que fez seu último discurso ao povo espanhol, e é por esta avenida que seu ataúde será levado até o Montjuich.

A pedido da Federação local da CNT em Barcelona, esta avenida se chamará doravante Buenaventura Durruti.

Durruti 6

Quando ele foi para Madri, eu ainda o levei ao aeroporto. Foi a última vez que o vi. Conversava todo dia com ele em Madri, pelo telefone. Uma noite, disseram-me que não estava. Depois fiquei sabendo que já se encontrava morto.

Eu não estava lá, por isso não posso afirmar nada ao senhor. Mas, naturalmente, não podíamos dizer às pessoas que havia sido um acidente, pois ninguém acreditaria. Portanto, decidiu-se dizer que ele morrera na linha de frente. Uma baixa a mais, e pronto. Um homem como Durruti não morre mesmo em seu leito.

Sim, eu tive minhas dúvidas. Mas afinal eram seus amigos, García Oliver e Aurelio Fernández, que me diziam que fora um acidente. Eles eram seus companheiros de luta: por que deveriam mentir? Então, que fique assim. Também não há mesmo jeito de mudar.

Emilienne Morin

OITAVO COMENTÁRIO

O ENVELHECIMENTO DA REVOLUÇÃO

Passaram-se 35 anos desde a derrota da Revolução Espanhola. Quem quiser seguir seus passos, dia após dia, deve ler o Solidaridad Obrera, na época o maior diário de Barcelona. Num porão do Herengracht, em Amsterdã, o interessado encontrará as suas folhas amarelecidas em grandes pastas empoeiradas; e, nos quatro andares acima deste porão, tudo o que foi escrito, impresso e compilado sobre a Revolução Espanhola. O Instituto Internacional de História Social guarda suas vitórias e suas derrotas. Cartas, panfletos, relatos de testemunhas, papéis que quase se desfazem ao menor toque: uma imortalidade melancólica. Mas não são só as letras mortas que habitam o prédio. Ali também se encontram as pistas para os sobreviventes: currículos, recordações, endereços. Indicações que nos levam muito longe: aos tristes subúrbios da Cidade do México, a aldeias afastadas no interior da França, a águas-furtadas em Paris, cômodos de fundo nos bairros operários de Barcelona, sórdidos escritórios na capital argentina, granjas na Gasconha.

No exílio francês, o marceneiro Florentino Monroy muda de castelo para castelo com seus 75 anos. Não tem aposentadoria. Vive do conserto de armários embutidos dos velhos aristocratas da região onde mora.

No pacato subúrbio parisiense de Choisy-le-Roi, mais exatamente na Rue Chevreuil, n.º 6, fundos (atrás de uma drogaria), os anarquistas montaram uma pequena gráfica. Ali imprime-

mem cartazes para os cinemas dos bairros, convites para bailes de máscara, mas também, é claro, seus próprios jornais e panfletos.

Em algum lugar da América Latina, Diego Abad de Santillán, outrora um dos homens mais poderosos da Catalunha e depois um dos críticos mais encarniçados da CNT em suas próprias fileiras, está trabalhando numa pequena editora: um homem prestativo e de confiança, que nunca larga seu cachimbo.

Ricardo Sanz, trabalhador têxtil de Valencia e um dos antigos Solidários, vive de uma renda de duzentos marcos, totalmente só numa sombria casa de camponês na Garona. Há mais de trinta anos ele comandou uma divisão das Milícias anarquistas como substituto de Durruti. Para quem for visitá-lo, ainda mostra as relíquias da Revolução: a máscara mortuária de Durruti, fotos sobre a cômoda, a estante de parede, repleta de exemplares de seus livros, publicados em edições financiadas por ele próprio.

Mas a maioria já deve ter morrido. Gregorio Jover ainda deve estar vivo em algum lugar da América Central. Outros desapareceram.

Num velho galpão de fábrica em Toulouse pode ser visto o quartel-general da CNT no exílio. Por duas escadas gastas chega-se ao Secretariado Intercontinental. Ao lado de uma pequena livraria, onde podem ser encontrados panfletos raros dos anos 1930 e 1940 e curiosos romances edificantes da Biblioteca Ideal, está instalado o escritório de Federica Montseny, e é ali que ela escreve seus discursos e artigos, incansavelmente, como há décadas.

Este é um mundo fechado em si, bem espalhado geograficamente e, no entanto, limitado: um mundo com suas regras próprias, tácitas, seu código de preferências e aversões, onde cada um sabe do outro, mesmo sem tê-lo visto durante anos. Este mundo dos velhos companheiros não foi poupado pela frustração e pela inveja, por inimizades e afastamentos, estigmas de qualquer emigração. A média de idade é elevada. Boatos e notícias correm fácil e resistem aos anos. A recordação já

de há muito se cristalizou: cada um aprendeu de cor o seu papel nos anos decisivos. A teimosia e as lacunas na memória por causa da idade também pagam seu tributo.

Mas esta Revolução derrotada e envelhecida não perdeu nada de seu comportamento íntegro. O anarquismo espanhol, pelo qual lutaram estes homens e mulheres durante toda a sua vida, não foi jamais uma seita periférica à sociedade, uma moda intelectual, uma maneira burguesa de brincar com fogo. A anarquia espanhola foi um movimento de massas do proletariado. Muito menos do que os manifestos e palavras de ordem deixam transparecer, ele não tem nada a ver com o neo-anarquismo dos grupos estudantis de hoje. É com um sentimento confuso que estes octogenários observam a renascença de suas idéias em Maio de 68 em Paris e em outros lugares do mundo. Quase todos eles trabalharam e viveram de suas próprias mãos. Ainda hoje, muitos deles vão todos os dias à construção ou à fábrica. A maioria trabalha em pequenas oficinas. Com certo orgulho, observam que não dependem de ninguém, que ainda podem ganhar sozinhos o seu pão. Cada um é um expert em seu ofício. As palavras de ordem da "sociedade do tempo livre" e as utopias do ócio lhes são estranhas. Nada é superficial em seus pequenos apartamentos. Desperdício e fetichismo de mercadoria são desconhecidos. Só o valor de uso conta. Vivem numa parcimônia que não os oprime. Silenciosamente, sem polêmica, ignoram as normas do consumo.

A relação dos jovens para com a cultura é motivo de inquietação entre eles. Não entendem o desprezo dos situacionistas em relação a tudo o que cheira a "cultura". Para estes velhos trabalhadores, cultura é algo bom. Isso, aliás, não constitui nenhuma surpresa, pois pagaram com sangue e suor para conseguir dominar o alfabeto. Lançar ao mar a ciência e as artes, mesmo que de origem burguesa, é coisa que não passa por suas cabeças, nem em sonho. Assistem sem entender ao analfabetismo de uma "cena" cujo propósito deliberado é determinado pelo comics ou pelo rock. Passam em silêncio pela "liberação sexual" que toma ao pé da letra os mais que antigos teoremas anarquistas.

Estes revolucionários de uma outra época envelheceram, mas não parecem cansados. Não sabem o que quer dizer a friabilidade. Sua moral é muda, mas não dá margem à ambigüidade. Ela já não entende mais o mundo. Conhecem de perto a violência, mas o prazer pela violência é profundamente suspeito. São solitários e desconfiados, mas nem bem passamos pelo umbral que nos separa deles, o umbral de seu exílio, e um mundo de presteza, generosidade e solidariedade se abre. Quem os conhece fica espantado ao ver como são pouco indecisos e como carregam tão pouca amargura, muito menos do que seus visitantes mais jovens. Eles não são melancólicos. Sua cortesia é proletária e a dignidade, de pessoas que jamais capitularam. Não têm que agradecer a ninguém. Não foram "promovidos" por ninguém. Não tomaram nada para si, nem consumiram bolsas de estudo. O bem-estar não lhes interessa. Têm a consciência intacta. Não são tipos acabados: sua disposição física é extraordinária. Não são viciados, nem neuróticos nem necessitam de drogas. Não lamentam nada. Suas derrotas não serviram para ensinar-lhes algo ruim. Sabem que cometeram erros, mas não voltam atrás. Os velhos homens da Revolução são mais fortes do que tudo que veio depois deles.

A POSTERIDADE

Para muitas pessoas, a morte de Durruti significou o fim das esperanças. Enquanto os homens acreditavam, ainda lutavam pela Revolução e seu moral mantinha-se elevado. Quando viram que se tratava apenas de vencer a guerra e que tudo voltaria a ser como antes, foi o fim. Muitos viam a esperança de uma nova sociedade personificada em Durruti. A morte dele foi horrível, pois com Durruti acabou também a atmosfera revolucionária nas fábricas e nas comunas coletivas do campo.

Federica Montseny I

Duas versões do discurso de Luis Companys no enterro de Durruti.

Companheiros, neste momento de tensão eu conclamo todos vocês à união, à disciplina, à austeridade e à coragem.

Por um momento, sentimos lágrimas virem a nossos olhos. Mas por que chorar? Devemos chorar a morte de um homem que cumpriu com seu dever e ao qual devemos pagar com o tributo de nossa admiração? É preferível chorar pelos covardes ou perversos. Sequemos nossas lágrimas, elevemos nossos braços e sigamos em frente. O nome de Durruti deve nos servir de exemplo. O caminho que temos pela frente é difícil e penoso. Avante! Avante!

Solidaridad Obrera

Durruti morreu como só os covardes ou heróis morrem: pela mão de um covarde que ataca pelas costas. A morte só chega à traição para aquele que dela foge ou para aquele que, como Durruti, não encontra nenhum assassino com a coragem de lhe encarar nos olhos. Durruti, como saudamos a tua coragem! Teu nome penetrou fundo no sentimento do povo. Nós ficamos aqui com a única divisa: Avante! Todos nós devemos ir para onde o dever nos chama, mais unidos que nunca na luta contra o fascismo e pela liberdade! Avante, sem olhar para trás!

El Pueblo

Independente de estarmos de acordo ou não com as idéias de Durruti, é preciso insistir no fato de que ele teve uma vida de absoluta fidelidade a seus princípios. Foi inclusive um anarquista que tombou como membro disciplinado do Exército Popular da Espanha.

A história da vida de Durruti corresponde exatamente ao desenvolvimento do anarquismo espanhol em sua totalidade. Da mesma forma que a polícia reacionária sempre tratou Durruti como um criminoso comum, a imprensa de direita tem a propensão de falar da CNT e da FAI como se fossem bandos de assassinos, saqueadores e incendiários. Na realidade, o movimento anarquista na Espanha carrega traços fortemente idealistas. Muitos anarquistas não fumam ou são vegetarianos. Alguns não gostam de beber. Toda espécie de excesso é inadmissível. Em Madri podem ser vistos em toda parte grandes cartazes da FAI ou da CNT exigindo o fechamento de todos os bares e cafés (que sirvam como sala de espera para bordéis). A concepção anarquista da abnegação pessoal é realizada com a máxima energia, nestes dias em Madri.

A concepção de mundo marxista é fundamentalmente diferente da dos anarquistas. Mas isso não significa que o idealismo sincero da CNT-FAI não possua seu lado positivo e que ela não tenha se empenhado com toda a sua força na luta contra o fascismo, luta que está exigindo enormes sacrifícios no momento. A morte de Durruti é uma perda muito importante para toda a Espanha democrática.

Durruti foi energicamente a favor da unificação das duas centrais sindicais da indústria espanhola. Era um dos defensores mais importantes de um exército popular disciplinado. Todos os partidos da Frente Popular, o governo e a população da Espanha republicana receberam sua morte como um golpe duro.

Hugh Slater

Quem era Durruti, seu líder? Em Montevidéu, ele foi reconhecido como gângster internacional. Sua ficha criminal registra a participação no assassinato do bispo de Zaragoza e um assalto a banco em Gijón, de onde levou 550.000 *pesetas*.

As polícias espanhola e chilena o procuravam por toda a parte. Os chilenos por causa de um assalto a uma filial do Banco do Chile. A polícia cubana também o procurava por um crime parecido.

Em 1925 praticou um assalto em Buenos Aires. Depois do êxito da fuga, os franceses começaram a procurá-lo em seu país por causa da participação na tentativa de assassinato do rei Afonso.

Quando da proclamação da República, Durruti retornou à Espanha. Mais tarde foi morto traiçoeiramente a tiros por seus próprios homens. Tratava-se da divisão do produto de uma pilhagem, e a Pasionaria, esta mulher horrível do governo de Madri, saudou-o como sendo o modelo do libertário durante o enterro, onde não faltaram as pompas fúnebres.

Foram sem dúvida seres desumanos que soltaram o camarada Dimitroff e outros na Espanha. Ao lado deles estavam os criminosos da Coluna de Ferro e da Divisão Karl Marx, que dilaceravam seus prisioneiros de guerra com balas de dundum.

Karl-Georg von Stackelberg

Em novembro de 1936 viajamos, um pequeno grupo de sindicalistas anarquistas, para a União Soviética. Os sindicatos daquele país queriam mostrar-nos o que tinham feito desde a Revolução, e nós estávamos interessados em explicar a nossos

anfitriões e ao povo russo a difícil situação a que nos tinham levado a Guerra Civil e o fascismo internacional.

Já em nosso primeiro encontro com representantes da URSS pudemos constatar que Durruti não era nenhum desconhecido por lá. As reportagens publicadas sobre ele na imprensa soviética não tratavam apenas de seus feitos na Guerra Civil, mas iam bem além nos anos que precederam o 19 de Julho. Desde então, jornalistas russos o procuravam nas fábricas de Barcelona e publicavam entrevistas com ele. O povo russo sabia até que Durruti era anarquista — um caso único, pois os russos não escreviam uma palavra sobre outros anarquistas. Por outro lado, comunistas como a Pasionaria, Díaz e Mije eram mais populares na Rússia do que em seu próprio país. Isso é perfeitamente compreensível, pois lá só existem jornais comunistas. Todos os outros são proibidos. Eles sempre elogiam os seus. Só com Durruti abriram uma exceção.

Em Kiev, as autoridades civis e militares, os representantes das universidades e das escolas ofereceram-nos uma recepção no salão do melhor hotel da cidade. Toda a Ucrânia oficial se fez presente. O chefe da guarnição de Kiev, um velho bolchevique, fez o discurso de saudação. Depois de desejar boas-vindas aos visitantes, comunicou a notícia da morte de Durruti e pediu a todos os presentes um minuto de silêncio em honra do “grande *guerrillero* espanhol”.

Mas Durruti não era admirado apenas pelos oficiais que encontramos ali. Durante a nossa estada em Moscou visitamos alguns trabalhadores que moravam no bairro proletário da cidade. Numa pequena casa de madeira conhecemos um metalúrgico que tinha participado das lutas em 1918. Ele tinha uma grande família para sustentar e vivia miseravelmente. Acompanhava a guerra na Espanha com muita atenção. Fez-nos sinal para chegarmos até um canto do seu quarto, e então apanhou um velho livro dentro de uma cômoda. Era uma edição amarelada das obras de Korolenko. Dentro do livro havia colocado alguns recortes de jornal: uma foto publicada no *Pravda* e uma reportagem com a biografia de Durruti.

— Por que você guarda tudo isso? — perguntamos.

— Porque eu confiava nele. Ele fez tudo com boas intenções. Não era um desses mentirosos que enganam a classe trabalhadora.

Continuou folheando seu livro e encontrou outro recorte de jornal. O papel era mais velho ainda. Na foto malfeita reconhecemos o velho líder anarquista Nestor Makhno. O trabalhador narrou os feitos de Makhno na época da Revolução Russa e explicou-nos o seu fim.

— Makhno foi um dos grandes revolucionários russos, e agora querem fazer-nos crer que era um bandido. Prestem atenção para ver se não farão o mesmo com Durruti, agora que está morto.

Prometemos a ele que faríamos o que nos pedia.

Anônimo 3

Agora que Durruti morreu, há toda uma série de pessoas, da burguesia e até de dentro da Igreja Católica, que começa a aceitá-lo como se fosse um filho perdido. De repente descobrem nele aspectos positivos, desejando utilizá-lo para seus objetivos pessoais. Os padres espanhóis querem fazer dele um Cristo vermelho. Quando ainda estava vivo, o que faziam era atirar nele. Entrincheiravam-se nas igrejas de Barcelona, verdadeiras fortalezas, e de lá atiravam em nós e em tudo que se movesse. Daí a pouco, a burguesia armou um berreiro: os anarquistas incendiam igrejas! O que fazíamos era só para defender nossa pele. E as mesmas pessoas que o caçaram como um criminoso quando ainda era vivo querem agora transformá-lo num santo!

Emilienne Morin

Vejo seu heroísmo não tanto no que foi publicado nos jornais, mas principalmente em sua vida diária. Naturalmente, são poucos os que sabem desta vida, na verdade só aqueles que o conhecem do café da esquina, de casa ou da prisão.

Pelas mãos de Durruti passaram quantias altíssimas, e no entanto eu o vi remendar as solas de seus sapatos, pois não tinha dinheiro para levá-los ao conserto. Algumas vezes ele não

tinha nem para o café, quando nos encontrávamos em algum bar.

Quando íamos à casa dele, quase sempre o encontrávamos de avental, descascando batatas. Sua mulher trabalhava, mas ele não se importava em fazer o serviço doméstico, pois não conhecia nenhuma dessas tolices masculinas nem se sentia ferido em seu orgulho por ter que fazer as tarefas de casa.

No dia seguinte armava-se com a pistola e ia para a rua combater o mundo da repressão social. Mas na rua era tão natural como quando trocava a fralda de sua pequena filha Collette.

Francisco Pellicer

Muitas pessoas dizem que teríamos ganho a guerra se Durruti não tivesse morrido. Este é um grande engano. A nossa não foi uma guerra entre um partido e outro, foi um conflito internacional, e os militares não teriam se insurgido, não teriam tido a mínima chance se já não soubessem que o fascismo internacional (italiano e alemão) iria ajudá-los.

Ricardo Sanz I

Víamos nele um herói, um messias; não precisamos nem de chefe nem de caudilho. Isso não existe entre anarquistas.

O papel de Durruti não pode ser explicado como uma espécie de culto a herói. Ele demonstrava simplesmente uma certa dignidade e uma certa coragem, sem as quais não se pode viver. Em nossos dias, Che Guevara desempenhou papel semelhante. Durruti não era um teórico que se senta à escrivaninha enquanto os outros combatem. Ele era um homem de ação que foi para as ruas e lutou. Ele sempre podia ser encontrado onde o perigo era maior.

Federica Montseny I

Uma coisa eu logo percebi: Durruti era um anarquista nato. A primeira impressão que causava era a de que vinha do interior e tinha algo de provinciano. Ficava meditando e refle-

tindo com freqüência. Certamente não era um intelectual: só conseguiu ter alguma formação teórica mais tarde, em Barcelona.

Veio de León, na região montanhosa de Castela, e ainda guardava algo da força e energia de seus conterrâneos. Era um homem do caráter de Padilla e Pizarro, os velhos conquistadores.

Em Barcelona ele leu muito, principalmente os nossos clássicos anarquistas: Anselmo Lorenzo, Elisée Réclus, Ricardo Mella, mas sobretudo Sébastien Faure, o filósofo francês do anarquismo. Seu horizonte cultural sempre permaneceu um pouco limitado, mas mesmo assim ele tinha uma base sólida.

De resto, sempre foi um homem pronto para tudo quando sua causa estava em jogo. Suas idéias não eram um passatempo: queria torná-las realidade. Isso explica o que posteriormente foi chamado de heroísmo. É certo que ele agia por instinto, talvez fosse até um obcecado, mas seu temperamento era o de um homem bom. Com isso quero dizer: seu primeiro e último impulso vital era a solidariedade.

Sua riqueza interior era enorme, sob todos os aspectos. Isso ficava claro, por exemplo, nas prisões, quando sempre sabia como ajudar os que porventura estivessem abatidos. Durruti não conhecia depressões nem em sentido físico nem moral. Não importa quão crítica estivesse a situação em que se encontrava, seja nas greves, na guerrilha de rua, sob os golpes da repressão: ele encarava cada situação com decisão e quase sempre obtinha êxito. Quando fracassava, porém, não ficava abatido. Pensava imediatamente na próxima etapa, na próxima tentativa.

Falamos aqui o tempo todo de Durruti como se não tivessem existido outros. Tivemos milhares de Durrutis anônimos em nosso movimento. Alguns ficaram conhecidos, outros não. Muitos foram mortos, mas ninguém fala deles. Não foram menos corajosos, menos decididos ou se arriscaram menos do que Durruti e Ascaso. Quantos companheiros perdemos na guerra, quantos tombaram em 1919 e 1920, e a quantos não custou a vida a repressão de Martínez Anido! Só naquela época foram

feitos pelo menos quinhentos mortos, o que havia de melhor entre nós. Se nos puséssemos agora a chorar e a venerar nossos mortos teríamos muito o que fazer. É melhor que os tomemos como exemplo e continuemos levando adiante nossa causa. Quanto mais fizermos por ela, melhor.

Acho que não há outra solução. Não importa se somos muitos ou poucos, pois temos a razão e a justiça do nosso lado. Através da palavra, da escrita e da ação, temos que mostrar isso a cada dia que passa. Mas nossas publicações não alcançam as massas, pois as tiragens são pequenas. Atuamos no exílio, não falamos a língua do país, e por isso nossa influência na França é mínima. Temos que superar esta situação. Temos que sair dessas dificuldades.

Juan Ferrer

Durruti viveu para suas idéias, e isso é maravilhoso. Algumas vezes tenho inveja dele. Sua vida é que era uma verdadeira vida. Não creio que tenha vivido em vão.

Naturalmente, agora que está morto, todos querem tê-lo para si. Enquanto viveu, caçaram-no como um criminoso. Agora até a burguesia consegue encontrar alguma coisa boa nele e os padres querem embalsamá-lo. Um revolucionário morto é sempre um bom revolucionário.

Colette Marlot

Eu não sei, mas se ele estivesse aqui, conosco, iria mandar-nos calar a boca. Não nos deixaria falar dessa maneira, pois era muito modesto. Teria dito: "Fale da CNT, fale do que estamos planejando fazer, mas não fale de mim". Teria dito isso se estivesse aqui.

Manuel Hernández

Durruti era ao mesmo tempo violento e bondoso. Mas isso não é uma contradição. Nós todos estamos sujeitos a essa condição. Nossas idéias são justas, ninguém pode refutá-las. Discutimos com as pessoas mais inteligentes, e no final elas sempre

afirmavam: sim, suas idéias são maravilhosas, mas não podem ser realizadas. São utópicas.

Mas nós dizemos que isso não é verdade: é possível efetivar um pouco destas idéias aqui e agora. Para isso, precisamos levar em conta o poder do capitalismo e o aparelho coercitivo de Estado, na medida em que este poder continua existindo também no comunismo. Ou abdicamos ou o encaramos. Mas quem encara de frente o poder de Estado tem que prever as consequências. Uma pessoa pode ser muito bondosa e no entanto tem que lutar como um animal selvagem. É uma briga imposta pela situação. Nós não fomos atrás dela.

Juan Ferrer

Tenho vontade de voltar tão logo quanto possível à Espanha. Não, não pela família, mas porque quero continuar trabalhando. Hoje, com 75 anos, a luta é a mesma que tínhamos quando jovens. Pode ser uma idéia fixa, só minha, mas quero voltar para León.

O fascismo é apenas um incidente, uma interrupção. Não tenho ilusões. Se Franco morrer, virá um próximo e não será melhor. Talvez até bem pior. Vocês sabem por que estou falando isso? Porque na História sempre foi assim. Não importa que seja um governo de direita, de esquerda ou de centro: você o derruba porque é um mau governo, e o que recebe em troca? Um outro, pior. Se fosse diferente a Terra seria um paraíso. Mas eu digo que é o oposto. Só que as pessoas não percebem isso, embora até um cego possa ver. Elas votam, votam, continuam votando. É sempre a mesma coisa. Mas quando Franco, que eu considero culpado pela morte de um milhão de pessoas, quando Franco tiver desaparecido, volto para León e aí veremos o que há para fazer e o que ainda posso realizar.

Florentino Monroy

Sim, é verdade. Os imigrantes espanhóis são muito organizados. Eles pagam mensalmente sua cota de filiação. O jornal ainda está sendo publicado, digo, aquela folha dos anar-

quistas. Gostaria de poder acreditar em tudo o que está escrito ali, mas muita coisa me parece tão simplista, tão ingênua. Ingênua talvez seja uma palavra pesada, mas eu digo o que penso: não posso segui-los. A maioria acha que é só voltar para a Espanha quando chegar a hora e começar tudo de onde pararam em 1936. O que passou, passou. Não se faz a mesma Revolução duas vezes.

Emilienne Morin

FONTES

Devo uma parte importante do material deste livro aos entrevistados, cujos nomes são apresentados na lista a seguir. Tenho de agradecer, além disso, à CNT em Toulouse e aos senhores Ángel Montoto e Luis Romero, de Barcelona. No que diz respeito aos documentos escritos, fui auxiliado com a maior paciência pelos membros do Instituto Internacional de História Social de Amsterdã. A possibilidade material de fazer longas pesquisas foi obtida graças à Westdeutsche Rundfunk (Radiodifusora da Alemanha Ocidental), de Colônia, para a qual tive oportunidade de fazer um filme sobre Durruti na primavera de 1972. Uma parte das entrevistas utilizadas aqui provém do material deste filme. Christoph Busse foi o encarregado das gravações e Rubén Jaramillo da transcrição. Em Paris, o biógrafo de Durruti, Abel Paz, ajudou-me com inúmeras indicações. Seu livro sobre Durruti, que ao contrário do meu tem pretensões científicas e consegue satisfazê-las, deve surgir em breve na França. Ele será indispensável para todo aquele que pretende continuar trabalhando com Durruti.

Quando o tradutor não é citado na lista das fontes, as versões alemãs foram feitas por mim mesmo. O tratamento recebido pelo material vai desde a citação literal, passando pela paráfrase, até a narrativa livremente reconstruída. As indicações de páginas devem ser revistas por quem quiser saber o trecho exato; tais indicações não constam na lista quando se trata de panfletos e textos de menor tamanho.

Luz D. Alba. *19 de Julio. Antología de la Revolución española*. Montevideo, 1937, p. 94. (Reunião de propaganda política anarquista.)

Anônimo 1. *La persécution religieuse en Espagne*. Poème-préface de Paul Claudel. Paris, 1937, p. 78. (O autor, um ex-deputado por Corte, pertence à ala extrema direita dos católicos.)

Anônimo 2. *Anarchism. The Idea and the Deed*. In *The Times Literary Supplement*. Londres, 24 de dezembro de 1964. (Extrato de resenha. O crítico, presumivelmente Claude Cockburn, é um ex-comunista.)

- Anônimo 3. In *iCampo!* (Ver abaixo.)
- Ariel, *¿Como murió Durruti? s/d* (ver abaixo). (Provavelmente Toulouse, por volta de 1945; panfleto de um comitê regional da CNT no exílio que reproduz o ponto de vista "oficial" da organização na época. Ariel é naturalmente um pseudônimo.)
- Jesús Arnal Pena 1. Entrevista concedida a Ángel Montoto Ferrer e publicada no *Heraldo de Aragón*. Zaragoza, 4 e 11 de dezembro de 1969. (Arnal Pena é hoje páfoco em Ballobar; durante a Guerra Civil, serviu no escritório de controle da Coluna Durruti.)
- Jesús Arnal Pena 2. *Memórias*. Manuscrito inédito, pp. 91-99, 106.
- Jesús Arnal Pena 3. Comunicações feitas oralmente ao jornalista Ángel Montoto Ferrer em Barcelona, no outono de 1970.
- Manuel D. Benavides. *Guerra y revolución en Cataluña*. México, D.F., 1946, pp. 189-191, 222, 259-260. (Político do Partido Socialista Unificado da Catalunha, PSUC; adversário dos anarquistas e próximo da linha do Partido Comunista; pinta um quadro bastante romanceado dos eventos.)
- Franz Borkenau. *The Spanish Cockpit. An Eye-Witness Account of the Political and Social Conflicts of the Spanish Civil War*. Foreword by Gerald Brenan. Ann Arbor, 1963, pp. 69-71, 75, 90-92, 94-95, 108-111. (Para o Terceiro Comentário: *passim*. Relato indispensável de um emigrante alemão. Borkenau fazia parte do Partido Comunista alemão antes de 1933; depois deixou a agremiação e tornou-se anticomunista; era sociólogo. Seu livro apareceu pela primeira vez em Londres, no ano de 1937.)
- Stephen John Brademas. *Revolution and Social Revolution. A Contribution to the History of the Anarcho-Syndicalist Movement in Spain: 1930-1937*. Datilografado. Oxford, 1953, pp. 161, 171-172, 263, 281-284, 289, 297. (Minucioso trabalho acadêmico.)
- Gerard Brenan. *The Spanish Labyrinth. An Account of the Social and Political Background of the Civil War*. Cambridge, 1943. (Para o Segundo e o Terceiro Comentários: capítulos IV, VII e VIII. Apesar das inúmeras predileções idealistas do autor, é ainda a melhor exposição da história social espanhola de 1874 a 1936. Bibliografia útil.)
- Pierre Broué e Émile Términe. *Revolução e Guerra na Espanha*. Frankfurt/Main, 1968. (Para o Quinto Comentário: *passim*. Obra *standard* em dois volumes, onde deve ser destacado o relato de Broué sobre o processo político. A tradução alemã é preferível à edição original francesa, pois contém acréscimos fundamentais.)
- Manuel Buenacasa. In *Durruti 4* (ver abaixo). Líder da CNT nos anos 1920.
- Manuel Buizan. Trabalhador aposentado de Barcelona. Relato de segunda mão (história sobre Francisco Ascaso). Entrevista em 26/5/1971 em Choisy-le-Roi.
- Liberto Callejas. In *Durruti 4* (ver abaixo). Um dos poucos intelectuais do movimento anarquista espanhol nos anos 1920.
- Léo Champion. *Ascaso et Durruti*. Flémale-Haute, s/d (Panfleto de um anarquista belga.)

- S. Cánova Cervantes. *Durruti y Ascaso. La C. N. T. y la Revolución de Julio*. Toulouse, s/d (por volta de 1946). (Panfleto de propaganda da CNT.)
- Communist International*. Moscou, dezembro de 1937, pp. 736-738 (Órgão dos Kominterns).
- iCampo! Organó de la Federación Regional de Campesinos de Cataluña*. Barcelona, 20 de novembro de 1937. (Edição especial do jornal camponês sobre Durruti.)
- Crónica de la Guerra Española*. Buenos Aires, s/d. Número 44, p. 78. (Obra popular em série.)
- Durruti 1. In *iCampo!* (Ver acima.)
- Durruti 2. Entrevista concedida a Pierre van Paasen. In *Toronto Daily Star*. Toronto, 28 de outubro de 1936.
- Durruti 3. In *Communist International* (ver acima.)
- Durruti 4. *Durruti. Sa vie. Sa mort*. Paris, s/d (provavelmente 1938). (Antologia de textos de e sobre Durruti; editado pelo serviço de informação e imprensa da CNT.)
- Durruti 5. In Guérin (ver abaixo.)
- Durruti 6. *Buenaventura Durruti*. Editado pelo serviço de informação alemão da CNT-FAI, Barcelona, 1936. (Brochura.)
- Rosa Durruti. Irmã de Buenaventura. Vive em León. A partir da fotocópia de um escrito enviado a Ángel Montoto Ferrer no outono de 1969.
- Encyclopaedia Britannica*. 11ª edição. Nova York, 1911. Tomo 16, p. 444.
- Friedrich Engels. *Os bakunistas no trabalho*. In MEW (*Obras completas de Marx e Engels*). Tomo 18, pp. 491-493. (Quinto comentário.)
- Ilya Grigorievitch Ehrenburg 1. *Liudi, gody, zisn'*. Edição alemã: *Menschen, Jahre, Leben (Homens, anos, vida)*. Autobiografia. Primeira parte. Tradução para o alemão de Alexander Kaempfe. Munique, 1962, p. 141. (Primeiro comentário), pp. 142-143. (Ehrenburg foi correspondente na Espanha durante a Guerra Civil.)
- Ilya Grigorievitch Ehrenburg 2. *¡No pasarán! A luta dos espanhóis pela liberdade*. Londres, 1937, pp. 33-36.
- L'Espagne Antifaciste*. Paris, 1936/1937, número 4. Reproduzido em: Prudhommeaux (ver abaixo). (Revista ligada ao POUM.)
- Juan Ferrer. Tipógrafo de Barcelona. Vive em Paris. Entrevista de 26 de maio de 1971 em Choisy-le-Roi.
- Ramón García López. Operário de Barcelona. Entrevista em 5 de maio de 1971.
- Alejandro G. Gilabert. *Durruti: Un anarquista integro*. Barcelona, s/d (Brochura).
- Daniel Guérin. *Ni Dieu ni Maître. Anthologie de l'anarchisme*. Paris, Tomo 4, pp. 138-139, 156.
- Manuel Hernández. Carpinteiro de Barcelona. Vive em Dreux. Entrevista em 25 de maio de 1971 em Paris-Aubervilliers.
- Josefa Ibañez. Viúva de um marceneiro de Barcelona com quem Durruti trabalhou de 1932 a 1934. Vive em Paris. Entrevista em 25 de maio de 1971 em Paris-Aubervilliers.